



UM RASTRO DE FUMAÇA

UM MISTÉRIO DE HANNAH VOGEL

REBECCA CANTRELL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Um Rastro de Fumaça

Rebecca Cantrell

Traduzido por Liliana Hage Costa

“Um Rastro de Fumaça”

Escrito por Rebecca Cantrell

Copyright © 2014 Rebecca Cantrell

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

Traduzido por Liliana Hage Costa

Design da capa © 2014 Kit Foster Designs

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Um Rastro de Fumaça

por Rebecca Cantrell

Da mesma autora (ainda sem tradução para o português):

A Night of Long Knives

A Game of Lies

A City of Broken Glass

Os personagens e acontecimentos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, terá sido mera coincidência sem nenhuma intenção.

Nenhum trecho deste livro poderá ser reproduzido, armazenado, ou transmitido sob qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico, mecânico, de fotocópia ou gravação, ou qualquer outra, sem autorização expressa e por escrito da autora.

© 2013 por Rebecca Cantrell

Capa © 2013 por Tobias Olney

Todos os direitos reservados.

Índice Analítico

[Página do Título](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[Um Rastro de Fumaça](#)

[11](#)

[Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença](#)

[Procurando outras ótimas leituras? | Seus livros, seu idioma](#)

Para meu pai, meu marido e meu filho

Os ecos dos meus passos silenciaram no ar úmido da ala dos mortos não identificados quando parei para olhar a fotografia emoldurada de um homem. Ele estava deitado na margem de um rio, com um limo escuro enrolado a seus braços e pernas esculturais. Mesmo na palidez e rigidez da morte, seu rosto era bonito. Uma pinta pequena e escura enfeitava o lado direito da covinha em seu queixo. Suas sobrancelhas escuras arqueavam-se por toda a testa como as asas de um pássaro.

A luz úmida da manhã que entrava pelas janelas altas iluminava o bem organizado painel de fotografias em preto e branco que cobria a parede da delegacia de polícia da Alexanderplatz. Uma centena de molduras mostravam os rostos e as posturas dos mais recentes mortos não identificados de Berlim. Toda segunda-feira, a polícia substituía as fotografias mais antigas, abrindo lugar para as versões mais recentes daqueles que não tinham documentos de identificação, como era frequente em Berlim, desde a Grande Guerra.

Meus olhos fixaram-se nas palavras abaixo da fotografia que havia chamado a minha atenção. Retirado da água por um barco turístico na manhã do sábado, 30 de maio de 1931 - anteontem. Causa aparente da morte: facada no coração. Entre as características descritas, estava uma tatuagem em forma de coração na coluna lombar, em que se lia "Pai". Nenhuma identificação presente.

Eu não precisava de nenhuma. Conhecia o rosto tão bem quanto ao meu próprio, ou o de minha irmã Ursula, com nosso maxilar quadrado e covinha no queixo. Meu cabelo louro-escuro, eu usava em um corte em estilo chanel, mas ele usava longo, como nossa mãe, como qualquer mulher de uma certa idade, embora ele não fosse nem mulher, nem de uma certa idade. Era meu irmão caçula, Ernst.

Meus dedos tocaram o vidro frio que cobria a imagem, desejando tocar o próprio rapaz. Eu não o via nu desde que lhe dera banho, na infância. Tirei do pescoço minha echarpe de seda verde com estampa de pavão para cobri-lo, logo percebendo a loucura naquele

gesto. Em vez disso, apertei a echarpe na minha mão. Um presente dele.

Sabia que o procedimento padrão ditava que o corpo fosse enterrado no prazo de três dias. Talvez até já estivesse em uma cova sem identificação, enrolado em um trapo de tecido grosseiro. Quando saiu de casa e começou a ganhar seu próprio dinheiro, Ernst jurou que apenas seda e cashemere tocariam seu corpo. Encostei a palma da mão no vidro. Aquela cena não podia ser real.

"Hannah!", gritou uma voz estridente. Sem me virar, reconheci o barítono de Fritz Waldheim, policial da Alexanderplatz. Uma voz que nunca havia me assustado antes. "Está aqui em busca dos relatórios?"

Afastei minha mão da fotografia e limpei a garganta. "Claro", respondi. Minha saia úmida arranhava minhas panturrilhas enquanto eu me arrastava pelo corredor até o seu escritório no Departamento de Investigações Criminais, lutando para manter minhas emoções sob controle. Não sinto nada agora, disse a mim mesma. Pode sentir depois, mas não até deixar a delegacia.

Fritz segurou a porta para eu passar e agradei com a cabeça. Ele era o marido gentil de uma velha amiga e temi que também reconhecesse a fotografia se a analisasse com mais atenção. Ele não podia suspeitar que Ernst estava morto. Meus documentos, assim como os de Ernst, estavam em um navio a caminho dos Estados Unidos com minha amiga Sarah e o filho dela Tobias.

Sarah, uma conhecida agitadora sionista, estava proibida de viajar por ordem do governo alemão. Nós havíamos emprestado a eles nossos documentos para que pudessem se passar por Hannah e Ernst Vogel, irmãos alemães em férias. O navio deles iria aportar em breve, e nossos documentos seriam devolvidos, mas até lá ninguém poderia perceber nenhuma movimentação de Hannah e Ernst em Berlim, ou a vida deles estaria em perigo. Mesmo tendo agido com frieza comigo nos últimos seis meses, Ernst havia concordado com o plano.

"Vejo que ainda está chovendo", Fritz apontou para o meu guarda-chuva, que pingava. Esqueci que ainda o segurava. Ele fechou a porta.

"Bom para lavar o cocô de cachorro das calçadas", forcei uma risada que cortou meus pulmões. O tempo ainda era nossa piada favorita, minha e de Fritz. Rimos daquilo e de seu cão pastor alemão, Caramel. "Como vão Bettina e as crianças?", tentava ser sempre simpática com ele. Fazendo-o sentir-se tão à vontade ao me passar os relatórios policiais, que nem passasse pela sua cabeça que não precisava fazer isso.

"Você está chorando?", perguntou, com preocupação nos olhos cinza. Ninguém passava para trás o experiente detetive Fritz.

"Um resfriado", enxuguei o rosto molhado com a mão molhada. Detestava mentir para ele, mas Fritz conduzia tudo conforme as regras. Jamais entenderia ou perdoaria que eu tivesse emprestado meus documentos, ainda que para salvar Sarah. "Um resfriado e a chuva".

Ele tirou um lenço branco limpo do bolso do uniforme e me ofereceu. Cheirava a goma de passar roupa, um trabalho cuidadoso de Bettina como dona de casa. "Obrigada", disse, secando minhas bochechas. "Algo de interessante?"

Como fazia toda segunda-feira, eu tinha vindo à delegacia de polícia para folhear os relatórios policiais do fim de semana, à procura de uma história para o *Berliner Tageblatt*, um conto de horror para atizar nossos leitores. Segunda-feira era o melhor dia para relatórios frescos. As pessoas se envolviam mais em encrencas nos fins de semana e em noites de lua cheia. A fotografia de Ernst ficava piscando na minha cabeça. Ele também havia se envolvido em encrenca no fim de semana. Engoli meu sofrimento e devolvi a Fritz seu lenço.

Fritz balançou a cabeça. "Encontramos alguns corpos boiando no fim de semana". Ele andou por trás do balcão de madeira que separava sua área de trabalho do público. "Basicamente mendigos, eu acho. Provavelmente consequências de novas disputas entre guetos criminosos, mas não temos como provar".

Mantive minha expressão impassível, com o sorriso educado que era minha especialidade na infância. Era grata às surras, aos tapas e beliscões que recebi dos meus pais. Eles haviam me ensinado a fazer essa cara, não importando quais fossem meus reais

pensamentos ou sentimentos. Ernst me desprezava por isso. Tudo o que ele pensava ou sentia era demonstrado em seu rosto no instante em que passasse por sua cabeça. E agora ele estava morto. Engoli em seco, mais uma vez lutando para me controlar. Fritz coçou a sobancelha. Suspeitava que algo estava errado, apesar de meus melhores esforços.

"Nada que valha o meu tempo?", perguntei apenas, pois era o que teria feito em qualquer outro dia.

"Um grupo de nazistas espancou um comunista quase até a morte, mas isso não é notícia".

"Não é notícia", repeti. "Mas vale notícia, embora o *Tageblatt* não vá publicar. Alguém deveria se preocupar com o que os nazistas estão fazendo".

"Nós nos preocupamos", respondeu Fritz. "Mas os tribunais deixam que eles escapem mais depressa do que conseguimos prendê-los".

Fritz virou-se e caminhou até um grande arquivo de madeira. Enquanto ele organizava as pastas, respirei, tentando me acalmar.

"Aqui está", ele puxou uma pilha de papéis.

Inclinei-me sobre o balcão e tentei parecer equilibrada.

Ele me entregou os relatórios de ocorrências com seus dedos curtos e grossos. "Mas acho que não é muito".

"Ei!", gritou uma voz masculina aguda atrás dele. "Você não pode entregar a ela esses relatórios". Um homem pequeno com uma postura militar ereta correu em nossa direção e arrancou os papéis da minha mão. "Quem é você?"

Fritz parecia preocupado. "Ela é Hannah Vogel, do *Berliner Tageblatt*".

"Você tem identificação?", ele me encarou com olhos negros de corvo. Seus cabelos negros e grossos estavam perfeitamente arrumados, seu uniforme, meticulosamente bem passado.

"Claro", respondi. Meus documentos estavam na bolsa de Sarah, num navio no meio do oceano. Remexi na minha bolsa carteira fingindo procurá-los, com o sofrimento agora substituído novamente pelo medo.

"Conheço-a desde que ela tinha 17 anos", disse Fritz.

O homem o ignorou e estalou os dedos em minha direção. "Documentos, por favor".

"Eles devem estar aqui em algum lugar", disse, e meus joelhos ameaçaram tombar. Fui tirando as coisas da minha bolsa: um caderno verde, um lenço limpo, uma caneta-tinteiro cor de jade que Ernst havia comprado para mim quando saiu de casa.

"O que você faz no *Tageblatt*?", seu tom de voz soou acusatório e ele se inclinou para perto de mim. Fiz menção de me afastar, mas forcei-me a permanecer imóvel, como alguém que não tinha nada a esconder.

"Sou repórter policial", respondi, de cabeça erguida. "Com o codinome de Peter Weill".

"O Peter Weill?", perguntou, mudando de tom. Ele era um fã.

"Pelos últimos anos", respondi. "Tenho trabalhado de perto com a polícia todo esse tempo".

Tirei meu crachá de imprensa da bolsa carteiro e mostrei a ele, depois abri meu caderno de desenho na página de um esboço de tribunal que havia sido publicado no jornal uma semana antes.

Seu rosto se abriu em um sorriso. "Lembro-me deste desenho. Seu traçado é muito caprichado". Ele me devolveu meu crachá, que guardei de volta na bolsa.

"Obrigada", disse. "É tão raro alguém notar. Tem um olhar observador".

Fritz conteve um sorriso quando o homem se levantou, com a coluna ainda mais ereta, e estendeu a mão.

"Kommissar Lang", apresentou-se.

Limpei a palma da mão na minha saia antes de cumprimentá-lo. "Prazer em conhecê-lo".

"O prazer é meu". Ele se balançou sobre o salto dos sapatos bem engraxados. "Suas matérias têm observações muito inteligentes sobre a mente criminosa. E as medidas necessárias para que possamos proteger os bons alemães dos maus elementos".

"Tento fazer um trabalho bom e honesto, buscando as informações com a fonte", lancei um olhar para os relatórios em sua mão.

Ele se curvou e me entregou de volta. "Tantos repórteres hoje em dia falam apenas com as vítimas. Ou os criminosos".

"São fontes importantes também". Peguei os relatórios com a mão tremendo um pouco. "Um deve ser suficiente".

"Tem uma ótima percepção da mente masculina. Você e seu marido devem ser bem próximos".

"Ela nunca se casou", disse Fritz, contraindo os cantos da boca em um sorriso contido.

"Poderia autografar uma matéria para mim?" Kommissar Lang apertou as mãos atrás das costas e curvou-se para a frente. "Tem alguma matéria sua no jornal de hoje?"

Eu ainda não tinha lido o jornal e respondi: "Não tenho certeza".

"No de ontem", disse Fritz. "Na primeira página".

"Vou buscar uma cópia", disse Kommissar Lang, deixando a sala. Fritz voltou à sua mesa sem dizer uma palavra. Seus ombros se contraíram como se risse, mas seu rosto se manteve sério. Foi difícil para mim, mas dei-lhe o esperado sorriso de advertência.

Quando passei os olhos pelos relatórios, enxerguei palavras sem sentido. Linhas de caracteres pretos enchiam o papel, mas a minha mente não conseguia transformá-los em palavras. Minha mão tremeu quando fingi fazer anotações, mas torci para que Fritz não pudesse ver de sua mesa. Forcei-me a não pensar em nada além de números e mantive o olhar fixo no ponteiro de segundos do meu relógio, contando cada passo. Ao se passarem três minutos, pus os relatórios no balcão sem ler. "Tem razão, Fritz", disse. "Não tem muita coisa aqui".

Eu não iria encontrar nenhum relatório de assassinato sensacionalista ou assaltos em cadeia para a coluna de Peter Weill hoje. E, sobre o assassinato que eu mais queira investigar, não podia fazer sequer uma pergunta. As atenções não podiam se voltar para mim ou Ernst em hipótese alguma. Se Sarah e seu filho ainda estivessem em trânsito, poderiam ser presos. Devido ao seu ativismo político, sua imigração para os Estados Unidos havia sido negada três vezes. Mas, até mesmo para judeus sem envolvimento com a política, estava se tornando difícil deixar a Alemanha. Caso os Socialistas Nacionais, os nazistas, ganhassem a maioria no

Reichstag, o Parlamento alemão, era possível imaginar o que aconteceria. O anti-semitismo, com sua busca por bodes-expiatórios, crescia por toda a Europa. Por mais que eu achasse a ideia repugnante, tinha que admitir que Hitler era muito inteligente ao usar isso com fins políticos. As coisas ainda iriam piorar antes de começar a melhorar.

Virei-me e caminhei a passos firmes pelo corredor, forçando-me a não olhar para a fotografia. Se eu não olhasse, talvez não seria verdade.

"Fraulein Vogel", chamou Kommissar Lang. Ouvi-o correndo atrás de mim.

Algo dera errado. Será que ele pediria novamente meus documentos, que eu ainda não tinha? Imaginei-me fugindo pela porta da frente da delegacia de polícia, mas em vez disso virei-me para ele, pronta para contar uma história de perda de documentos.

"Esqueceu meu autógrafo", disse ele, sem fôlego.

"Peço desculpas", respondi, aliviada. "Realmente me passou. Estou tão atrasada para o julgamento do caso Becker".

Kommissar Lang concordou com a cabeça. "O estuprador que atacava estudantes colegiais no parque?".

"Esse mesmo". Qualquer outro dia eu teria lhe perguntado sobre seu envolvimento no caso, mas hoje precisava ir embora antes que eu desabasse.

Ele me atirou o jornal.

"Peço desculpas antecipadas caso haja algo impreciso. Meu editor tem uma mão pesada".

Ele me emprestou uma caneta e disse: "Venha até o meu escritório para assinar". E apontou para o fundo do corredor, passando pela fotografia de Ernst. Se o seguisse, sabia que me presentearia com histórias das prisões que já efetuara, e depois ficaria ofendido caso eu não escrevesse sobre nenhuma delas para o *Tageblatt*. Já havia passado por isso com inúmeros policiais, e depois eles deixam de funcionar como fontes.

Apoiei o jornal na parede e assinei. "Preciso chegar cedo ao tribunal. É melhor observar o acusado chegar e se sentar. Isso diz muito".

Ele concordou com a cabeça e disse: "Pode-se aprender muito ao se observar o andar das pessoas".

Devolvi-lhe o jornal e saí pela porta da frente, tentando não deixar o tremor nos meus joelhos me trair.

Do lado de fora, uma rajada de vento tentou arrancar o guarda-chuva das minhas mãos, mas segurei firme, xingando e meio chorando, tropeçando no calçamento de pedrinhas em direção ao metrô. Corri pelas escadas de concreto, cortando a multidão que seguia para o trabalho. Eles conversavam e riam alegremente dos detalhes mundanos de suas vidas. Eu só queria ir para casa e ficar sozinha.

As imagens de Ernst vinham como lampejos na minha mente. As mais dolorosas eram as de sua infância. Ele tinha sido uma criança maravilhosa e, mais tarde, um grande amigo. Apoiei-me na parede da estação de metrô, com o rosto virado para os ladrilhos, e soluzei, sentindo-me segura, sozinha na multidão. Quando consegui, levantei-me e voltei a caminhar.

Dentro do trem, desabei sobre o assento de madeira e respirei profundamente. Passei os dedos sobre as ripas de carvalho do banco. A madeira era clara como os cabelos de Ernst. À minha frente, com suas cabeças escondidas por jornais, estavam sentados dois homens de chapéus pretos. Um deles lia o *Berliner Tageblatt* e o outro, o *Völkische Beobachter*, aquele tablóide nazista sensacionalista.

Um golpe de ar úmido bateu no meu rosto quando dois adolescentes abriram subitamente as portas do trem em movimento. O trem havia entrado em um túnel e os garotos desafiavam um ao outro a esticar o braço para fora na escuridão, sem saber se se estariam inteiros na volta. E seus pais pensavam que estavam em segurança na escola. Fechei os olhos e não voltei a abrí-los até perceber que o vagão havia saído do túnel para a luz.

O trem parou na estação Kaiserhof, tinha perdido minha conexão na Friedrichstadt. Deveria ter descido e tomado o ônibus para Moabit para acompanhar o julgamento, mas, em vez disso, viajei em sentido oeste, em direção ao luxuoso bairro de Wilmersdorf. Enfim, este trem me levaria ao Jardim Zoológico de Berlim, a apenas alguns quarteirões do prédio de Ernst. Permaneci a bordo, sem capacidade para nada.

Quando desci do trem no Bahnhof Zoo, subi as escadas como se fosse uma velha, parando a cada degrau. Menos passageiros esbarravam em mim agora. Cumpri minha caminhada pelos prédios elegantes quase sem olhar para as torres neo-góticas da Igreja Memorial Kaiser Wilhelm.

Enquanto hesitava em frente ao prédio de Ernst, Rudolf von Reiche apareceu, alto, magro e aristocrático, em um terno cinza e uma camisa tão branca que ardia nos olhos. Ele carregava uma caixa de papelão do tamanho de uma mochila escolar e quase me derrubou da escada. "Ah, Hannah, Rainha da Burguesia", disse, com um tom gelado, cumprimentando-me com seu chapéu-coco.

"Olá, Rudolf, Corruptor de Menores", retruquei. Curvei-me para trás para olhar para Rudolf. Trinta centímetros mais alto que eu, ele sempre estava perto demais. Ele jamais havia me perdoado por tê-lo desprezado, e eu jamais o havia perdoado por ter seduzido meu irmão de dezesseis anos, levando-o para fora da minha casa e para dentro da sua vida depravada. Uma semana após conhecer Rudolf, Ernst abandonou a escola, saiu de casa e começou a cantar no novo El Dorado, um bar gay na Motz Strasse.

"Ele não é mais uma criança", disse Rudolf. A porta da frente bateu atrás dele. "Na verdade, ele próprio já começou a corrompê-

las".

"O que você está fazendo aqui, visitando Ernst?", perguntei. Eu sabia que ele não estava, mas uma mentira vinda dele poderia ser esclarecedora.

"Ele não está", disse Rudolf, franzindo seus finos lábios. "Você fica abatida vestida nesse casaco horroroso, Hannah. É da cor de um saco de papel. E o corte é todo errado. Você pega suas roupas no lixo?"

"Onde ele está?" Um peso frio se alojou no meu estômago.

"Divertindo-se por aí com aquele garoto nazista com quem ele tem se encontrado, sem dúvida", disse, examinando a rua.

"Garoto nazista?", perguntei, gaguejando.

"Alguém com idade mais próxima à dele. Um jovem exuberante", disse Rudolf, apoiando a caixa em seu quadril estreito. "Alguém que você aprovaria".

"Quando você viu Ernst pela última vez?" Tentei lembrar a data que estava na fotografia. O corpo havia sido encontrado no sábado.

"Sexta à noite", disse, fungando. "Não que isso a interesse. Ou a mim, já que ele me deixou por aquele rapaz".

"Você deixou que ele saísse do bar com um estranho?", questionei, sentindo-me como uma velha desesperada ao ouvir as palavras saírem da minha boca.

Rudolf riu, soando como um cavalo relinchando. Ele desceu a rua e respondeu: "Seu irmão faz o que quer".

"O que tem na caixa?", perguntei, seguindo-o. Olhei de relance, por sobre os ombros, para a escada na porta do apartamento de Ernst, imaginando-o varrendo os degraus e xingando Rudolf e eu por brigarmos por causa dele como dois cães lutando por um osso. Um osso delicioso, ele acrescentaria, arqueando as sobrancelhas. Mordi meu lábio. Ele nunca mais desceria aqueles degraus.

"Tem apenas quinquilharias que dei a seu irmão para mostrar meus sentimentos. Quando ele ainda se importava", respondeu, jogando a cabeça como um cavalo, sem, no entanto, desarrumar seus cabelos espessos. Contive um sorriso diante de um gesto tão feminino. Certamente ele não faria aquilo quando estava com seus ricos clientes do escritório de advocacia.

"Posso ver essas quinquilharias?", perguntei, tentando alcançar seus passos largos.

"Por que? Não pertencem a você".

"Nem a você", argumentei. "Se deu a Ernst".

Rudolf apertou os olhos e parou de caminhar. Uma multidão de operários de bonés e camisas abertas no pescoço espremiavam-se por entre nós, a caminho da estação de metrô.

"Você está roubando, Rudolf?"

Ele suspirou, e seu rosto marcado por crateras afundou-se, cedendo ao peso dos seus 50 anos. Além de estar com raiva, ele também estava magoado. "Ele as jogaria fora na rua", disse ele. "Se já não significam nada para ele, melhor que fiquem comigo".

"Talvez tenham valor financeiro?"

"Não tenho necessidade de me curvar a um roubo tão banal", reagiu. "Pode levar. Entregue a ele quando o vir". E atirou a caixa nas minhas mãos.

Um retalho minúsculo de seda vermelha escapava por debaixo da tampa da caixa, e meus dedos o tocaram. Era um dos lenços de Ernst. Eu o havia ensinado a costurar. Havíamos feito muitos lenços juntos, sempre vermelhos e, sempre que ele podia pagar, em seda.

Um vento frio bateu no meu rosto e levantei a gola do casaco. Enfiei a ponta de seda vermelha de volta na caixa, onde não pudesse ser vista, e perguntei a Rudolf, "Você sabe o nome ou o endereço do garoto nazista?"

"Com certeza, não", respondeu, novamente fungando.

Imaginei se ele estivera cheirando cocaína no apartamento de Ernst.

"Não me junto a esse bando", completou.

"Seu nariz está sangrando". Procurei um lenço na minha bolsa.

Rudolf tirou do bolso um lenço com barra bordada e levou-o ao nariz. Uma mancha vermelha encharcou o tecido branco. "Maldita alergia", reclamou. "Preciso ir. Avise a Ernst que temos muito o que resolver". E levantou a mão para chamar um táxi, acrescentando, "Que ele esteja ciente das consequências".

"Quais são?"

"Muito desagradáveis", respondeu. Imediatamente um táxi parou à sua frente, como sempre deve acontecer na sua vida. Ele entrou no carro sem olhar para trás, e o táxi partiu como um besouro preto gigante.

Minha mente se encheu de pensamentos sobre Ernst e o garoto nazista. Sempre quis que ele namorasse um rapaz de idade próxima à sua, mas não um nazista. Eu era socialista e desprezava os nazistas por muitos motivos, entre os quais tentar forçar as mulheres a voltar a ficar em casa—filhos, cozinha e igreja deveriam ser nossos únicos reinos. Um conjunto de escolhas particularmente ruins para aquelas de nós que não tinham nem queriam marido ou filhos. E eu não queria nem pensar no que aconteceria aos judeus e aos comunistas se os nazistas ganhassem poder. Suspeitava que filhos, cozinha e igreja eram alternativas bem melhores do que aquelas que os nazistas os dariam.

Mesmo assim, Ernst achava aquelas camisas marrons e aqueles shorts cor de chocolate encantadores. Ele namorava apenas homens bem mais velhos. Eu esperava que, no fim, ele fosse terminar com uma boa garota. Amar homens era perigoso, e eu o teria protegido disso se pudesse, ou o teria feito escolher não seguir por aquele caminho. Mas eu sabia que ele não tinha escolha. Ele era exatamente daquele jeito desde muito novo. Ainda assim, ele poderia ter escolhido um homem menos predatório de que Rudolf. Talvez esse garoto já tivesse sido um progresso na vida dele. Engoli um soluço. Um pouco tarde demais. Pelo menos, enquanto namorava Rudolf ele estava vivo. Esfreguei o rosto com as mãos, tentando não pensar em Ernst morto.

Será que Ernst trocaria um bom partido como Rudolf por um jovem rapaz? Ele se importava tanto com seu próprio conforto. Quando traía Rudolf, no passado (e o fizera com frequência), havia tido o cuidado de disfarçar seus casos. Rudolf era um homem ciumento e poderoso.

O sino da Igreja Memorial Kaiser Wilhelm bateu dez badaladas; eu estava atrasada para o julgamento. Se não fosse até lá, poderia perder meu emprego, perder tudo. Pensei em tentar convencer a proprietária do apartamento de Ernst a me deixar entrar, mas achei

que não seria capaz de encarar seus aposentos depois de tudo, com suas roupas e seus perfumes.

Arrastei-me de volta à estação de metrô. Uma placa com um *U* branco sobre um fundo azul-escuro indicava a entrada. Ernst chamava aquelas placas de sorrisos vazios. Ele preferia o aprisionamento de um táxi com um parceiro rico ao aperto e barulho de um trem do metrô. E agora ele estava para ser enterrado sozinho, sem a pompa de que ele tanto gostava. Segurei a caixa de Rudolf e caminhei até a plataforma.

Enquanto esperava o trem, passei a mão pela caixa, ansiosa para saber o que havia dentro, mas sem ousar tirar nada ali. E se Rudolf tivesse recheado a caixa com jóias caras? Ou cocaína? Ou um instrumento sexual bizarro?

Tomei o metrô em direção ao tribunal, olhando para meu próprio reflexo na janela de vidro, enquanto o trem seguia pela escuridão.

Subi a interminável escadaria do tribunal e abri as portas absurdamente altas, projetadas para fazer com que sentíssemos que a lei era um grande processo e a justiça, algo mais que as habilidades do nosso advogado. O julgamento já havia começado, e o juiz me lançou um olhar de reprovação de seu banco de madeira entalhada, herança de tempos mais ricos anteriores à guerra. Em qualquer outro dia, teria me importado, mas hoje devolvi o olhar sem me desculpar.

Cerca de cem espectadores lotavam a sala do tribunal. Passei por todos eles e me espremi no banco da imprensa, ao lado de Philip Henker, do *Berlin Börsen Courier*. Ele me cumprimentou com a cabeça, com suas bochechas caídas como as de um cão mastim.

O julgamento estava chegando ao fim, portanto os curiosos estavam lá para conhecer o veredicto. Felizmente, estava menos cheio que o julgamento do caso Kürten, que eu havia coberto recentemente em Düsseldorf, em que as pessoas abarrotavam os corredores do lado de fora da sala.

Apoiei a caixa no colo e automaticamente apanhei meu caderno, passando as páginas por esboços que eu havia feito do suspeito de estupro no início do julgamento. Redondo e gordo como uma bola, ele parecia mais patético do que sinistro, mas tentei achar um

ângulo mais ameaçador. Ele parecia um velho comerciante acomodado, nada que valesse a pena desenhar. Enxuguei o suor da minha testa com as costas da mão, tomando cuidado para não me sujar com carvão. Todas aquelas pessoas lotando a sala do tribunal serviam para manter o ambiente confortavelmente aquecido no inverno, mas no verão o calor era opressivo.

Examinei os espectadores, procurando por Boris e sua filha Trudi. Eu os havia conhecido no tribunal na sexta-feira passada, quando minha vida ainda seguia por trilhos conhecidos. No dia seguinte, Boris e eu havíamos saído para um encontro e ele me deu um beijo rápido, mas eletrizante, ao me deixar na porta de casa. Era difícil acreditar que aquele beijo tivesse acontecido apenas dois dias atrás. Agora, parecia fazer parte de uma outra vida.

Como se pudesse sentir meu olhar, Boris virou-se para me ver. Ele apertou os olhos e me lançou um olhar com tanto veneno, que até recuei no meu assento. Era a mesma expressão de fúria que ele manifestara quando o estuprador fora trazido para a sala do tribunal na sexta-feira.

Na sexta-feira, antes de conhecê-lo, eu havia feito um esboço de Boris no tribunal. À primeira vista, ele parecera doce, quando se curvou para falar com Trudi. Seu olhar fora tão tocante, que eu passei para uma página em branco. Desenhei traços largos com meu lápis de carvão vegetal, tentando capturar o arco protetor de seu braço envolvendo os ombros da menina, a inclinação de sua cabeça em direção a ela. Seu terno de alfaiataria azul-marinho lhe caía como uma segunda pele. Imaginei que ele fosse banqueiro ou advogado, alguém acostumado ao dinheiro. Alguém que esperasse que o sistema desse atenção aos seus problemas.

Lembrei-me de como, quando o suspeito entrou na sala, Boris olhou para ele com tanto ódio, que eu passei novamente para uma página em branco e registrei sua fúria. Imaginei o que ele faria caso o suspeito fosse absolvido. Ele parecia pronto para atacá-lo e fazer justiça com as próprias mãos.

Ao final do dia, eu saíra correndo do tribunal, ansiosa para chegar ao jornal, e cumprir meu prazo da reportagem. Escorregara nas escadas molhadas e caíra. Uma mão forte surgiu e agarrou meu cotovelo; meu caderno voou das minhas mãos.

"Cuidado", disse uma voz preocupada.

"Obrigada", respondi, apoiando-me em um braço vestido de azul-marinho. Olhei nos olhos de Boris pela primeira vez. Eram castanhos, com um brilho dourado. De perto, ele era ainda mais bonito. Pulei para trás e tropecei novamente.

"Parece determinada a se jogar escada abaixo", disse ele, segurando-me com facilidade e abrindo os lindos lábios em um longo sorriso. "Certamente, as coisas não devem estar tão ruins assim, mocinha".

Ninguém me chamava de mocinha desde antes da guerra. "Fácil dizer isso de dentro de um terno tão caro", sorri de volta.

Ele recuperou meu caderno esfarrapado, aberto na página do desenho que tinha feito dele olhando para o estuprador. "Uma

semelhança magistral", disse. "Embora eu não faça ideia de por que você me desenharia".

"Faço desenhos de tribunal", respondi, para acalmar suas suspeitas. "Para o jornal".

"Pareço tão...", fez uma pausa, olhando para o desenho. "Tão cheio de ódio?"

"Desenho o que vejo", respondi. "Mas é compreensível..."

Levantou as sobrancelhas e minha voz foi sumindo.

"Por que seria compreensível?", questionou, com a voz calma e controlada.

"A maioria das pessoas odeia um homem que comete esse tipo de crime".

"Não seriam todas?", perguntou, fechando o caderno. "Existe alguém que não odeie quem pega uma criança e a desonra, machuca, prejudica, apenas por um capricho?"

A filha dele desceu as escadas em nosso encontro. "Está tudo em ordem, vati[1]?"

Ele sorriu e tocou delicadamente seu braço. "Claro".

E virou-se para mim: "Fraulein...", fez uma pausa, esperando.

"Vogel. Hannah Vogel", completei. Felizmente, eu escrevia sob um pseudônimo e ele não sabia que eu também era repórter. Ele poderia ser uma boa fonte e, se não fosse, era um homem muito atraente. A maioria dos homens não desejava uma mulher que fizesse o meu trabalho: entrevistar criminosos, relacionar-se com pessoas do mundo do crime, investigar crimes, e usar tudo isso para escrever histórias como se fosse um homem. Não havia necessidade de ele saber que eu era repórter, por enquanto.

"Fraulein Vogel estava aqui, parada, quando eu quase a derrubei. Ela é uma artista bem talentosa", disse, devolvendo-me meu caderno. "Venha", disse para a filha, e eles começaram a descer as escadas.

Eu me virei para ir embora, mas meu instinto jornalístico falou mais alto que os bons modos. Talvez eles soubessem mais sobre o caso. As melhores reportagens demandavam as maiores apurações. Ou, quem sabe, quis enganar a mim mesma e desejei ter mais contato com um homem bonito que não usava aliança. Seja qual

fosse o motivo, falei para a garota, "Tenho um lindo desenho de você, Fraulein".

Quando ela se virou, folheei o caderno e arranquei a página com o desenho dela. Parecia jovem, perdida e linda, sentada no tribunal ao lado do pai. Estava de frente para as janelas que ficavam atrás do juiz, e a luz banhava seu rosto. Desenhara seus olhos grandes e bem espaçados e seus cabelos longos e vistosos, que ela provavelmente logo cortaria. Devia ter uns 14 anos, quase crescida o suficiente para pedir um corte chanel.

"Pareço tão linda", exclamou a garota, com um tom de surpresa.

"Você é linda", respondeu o pai. "É de uma semelhança impressionante".

"Pode ficar com o desenho", eu disse.

Ela pegou calmamente o desenho de minhas mãos e perguntou, "Podemos pagar por ele?"

"Não é necessário pagar nada".

"Mas é claro que sim", respondeu o pai. "Sou Boris Krause, e esta é minha filha, Trudi. Gostaria de jantar conosco?", convidou.

Ele me estendeu a mão, sua palma e seus dedos longos estavam quentes. Segurei sua mão demoradamente. "Eu adoraria", respondi.

Boris escolheu um restaurante movimentado, a meio quarteirão do tribunal. Nós três atravessamos a rua juntos, desviando de um ônibus e de uma carruagem. Nem me lembrava qual a última vez em que havia comido em um restaurante. Os aromas eram exuberantes: salsicha, salada de batatas, cerveja e arenque. Normalmente, eu comia apenas um pão no jantar, e, se estivesse me sentindo rica, uma maçã ou uma banana. Meu estômago roncou, lembrando-me de que eu não comera nada desde o meu pobre almoço.

Na frente do restaurante, um velho enrugado tocava seu realejo, com um macaco pulando na ponta de uma longa corrente. Quando Trudi jogou algumas moedas na caneca do macaco, o tocador sorriu em agradecimento, sem diminuir o ritmo. O macaco tirou seu minúsculo chapéu fez roxo, em uma reverência para Trudi, que acenou de volta para ele.

Escolhemos uma mesa ao ar livre, rodeada por uma cerca simples de ferro que acompanhava o arco da calçada e nos separava

dos transeuntes. Na rua, um cavalo de tiro mastigava aveia de seu embornal, enquanto abanava a cauda cortada, em uma vã tentativa de espantar as moscas.

Pedimos salsichas e batatas fritas a uma eficiente garçonete que usava um chapéu branco engomado. Boris e eu escolhemos uma cerveja pilsener Schultheiss, um pouco mais forte do que eu gostaria, porém melhor do que água mineral para acompanhar as salsichas. Quando Trudi pediu uma limonada, notei marcas escuras sob seus olhos. Seria ela uma das vítimas do estuprador? Seus nomes haviam sido omitidos na imprensa.

"O que os trouxe ao julgamento?", perguntei.

Trudi começou a falar, mas Boris a interrompeu, apoiando a mão sobre a dela, e respondeu, "Viemos ajudar uma pessoa amiga. E você?"

"Como disse, trabalho no tribunal", respondi, sem que fosse uma completa mentira. Afinal de contas, muito do meu dia de trabalho, eu passava dentro do tribunal. "E o que você faz, Herr Krause?"

"Sou banqueiro, no Dresdner Bank".

"Trabalho estável".

"Por enquanto".

A garçonete chegou com nossa comida, que foi servida em pratos simples de cerâmica com um ramo de salsa. O aroma de carne vindo da salsicha bratwurst[2] me deu água na boca. Concentrei-me para comer com modos de uma dama, em vez de devorar tudo como minha fome mandava.

"Qual escola você frequenta?", perguntei a Trudi, tomando um gole da cerveja amarga.

"Büllo Gymnasium", respondeu, servindo-se da salsicha com o garfo. "Mas quero largar a escola e me tornar uma chapeleira. Quero aprender um trabalho de verdade, em vez de trigonometria".

"Por que não ir à universidade e conhecer um bom homem?", perguntou o pai.

"Vati, nenhuma garota esperta quer mais fazer isso".

"Minha amiga Sarah é chapeleira", disse eu. "Ela adora trabalhar como estilista, em meio a todos aqueles coloridos feltros e penas".

"Viu, vati?", exclamou Trudi, sorrindo pela primeira vez. Ela tinha lindos olhos castanhos, como o pai. "É um trabalho maravilhoso".

Ela parecia tão empolgada, que procurei pensar em algo para manter aquela animação. Descrevi filmes para os quais Sarah havia produzido chapéus: *Hocus Pocus*, *Three from the Gas Station*, e *Storm Over Mont Blanc*^[3] com Leni Riefenstahl.

"Eu quero mesmo ser chapeleira", disse Trudi ao pai. "Especialmente agora, que penas e pássaros estão voltando à moda nos chapéus".

"O horário é puxado", argumentei, pois não queria ser a responsável por influenciar aquela garota a abandonar a escola para passar o resto da vida debruçada sobre formas de chapéus e penas. "Ela trabalha até bem tarde da noite".

"Essa Sarah tem marido?", perguntou Boris, dando a última mordida em sua bratwurst e sorrindo. "Alguém que concorde com o horário puxado?"

"Ele morreu na guerra", respondi. "Junto com o meu noivo. Por isso, agora, nós duas precisamos trabalhar".

"Sinto muito pela sua perda", disse Boris, voltando a ficar sério. "Perdi a mãe de Trudi no parto. Era uma mulher maravilhosa. Forte, como Trudi. Bonita como ela também". Trudi sorriu. Um sorriso tímido, mas que prometia ficar radiante quando ela ficasse feliz novamente.

"Não é fácil perder uma pessoa amada", disse eu.

Boris concordou com a cabeça. "E para aquela guerra. Foi uma guerra terrível. Tive sorte de ter sobrevivido, por acaso, enquanto muitos outros, não".

Fez-se um longo e desconfortável silêncio. Um ônibus de dois andares passou roncando, cheio de operários voltando para casa. Eu precisava voltar para o jornal para escrever sobre o julgamento, mas não me levantei.

"Quantos chapéus sua amiga faz por dia?", perguntou Trudi, afinal.

"Para saber isso, terá que perguntar à sua patroa, Frau Charmain".

"Mas é a famosa estilista!", exclamou Trudi, boquiaberta.

"E uma boa mulher. Manteve Sarah no emprego, mesmo quando alguns de seus maiores clientes, de grandes lojas de departamentos, exigiram que empregasse apenas alemães, e não judeus".

"Isso me faz ter vergonha de ser alemão", reagiu Boris. "Esse tipo de absurdo".

Bonito e não nazista, pensei, e sorri para ele. "De fato".

Trudi desviou o olhar de Boris para mim e disse: "Preciso passar pó no rosto".

"Quer que eu vá com você?", perguntei.

"Consigo achar o caminho", disse secamente. "Tenho catorze anos, pelo amor de Deus".

"Praticamente uma velha senhora", brincou Boris, piscando para ela.

Ela caminhou, segura de si, com os ombros para trás e a cabeça erguida, mas evitou passar perto das mesas ocupadas por homens.

"Obrigada por ter vindo", disse Boris, que também observava Trudi. "Você tem jeito com ela".

"Talvez seja ela que tem jeito comigo", respondi, virando para ele, ciente de que ela nos havia deixado a sós de propósito.

A garçonete veio retirar nossos pratos, notando que Trudi não tocara sua refeição.

"Gostaria de mais uma salsicha?", perguntou Boris, ao ver meu prato vazio.

"Não, obrigada", respondi, envergonhada por ter comido tão depressa.

A garçonete recolheu nossos pratos e voltou rapidamente pelo caminho feito por Trudi, sem dar atenção às mesas dos homens.

"Trudi não come muito", observei.

"Sabe como são as garotas", respondeu. "Passam fome num dia, e, no outro, comem apenas doces".

"Sei apenas sobre garotos", disse eu. "São diferentes".

"Você tem filhos", perguntou.

"Nunca me casei", respondi. "Criei meu irmão, mas não deu tão certo quanto esperava".

Ele levantou a sobrancelha, "Por que?"

"O caminho que trilhou não é o que eu teria escolhido para ele. Não é o que teria escolhido para ninguém", disse, pensando nos garotos que o atacavam na escola, notando sua diferença desde então.

"É uma pena", disse Boris, segurando a minha mão por cima da mesa. Eu mal o conhecia, mas aquele gesto pareceu natural. "Não podemos proteger as crianças de tudo, por mais que queiramos".

"Por que não?"

Ele suspirou, "Porque não controlamos o mundo".

Forcei um sorriso e disse, "Você está certo, claro".

Faíscas saíram dos seus olhos, como em uma pintura. O calor de sua mão provocou uma corrente de eletricidade que subiu por todo o meu braço, uma reação tão forte que eu não sentia desde quando estava com meu noivo, Walter, anos atrás. "Quem sabe poderíamos sair para jantar qualquer dia?", perguntou.

"Quem sabe", respondi. Meu coração vibrou, vibrou de verdade, como em uma história de amor. Mordi a bochecha para não sorrir com aquele pensamento.

"Vou lhe dar meu número de telefone", disse ele, puxando um cartão de uma caixinha de prata. E logo senti a falta de sua mão na minha. Com seus dedos finos, escreveu elegantemente um número no verso do cartão. "O número da frente é o do banco, o do verso é o da minha casa".

Mal pude ouvir as palavras, pois observava seus lábios enquanto ele falava. Guardei o cartão na bolsa e balbuciei, "Eu—"

Ele riu, "Não diga não, de imediato. Dê um tempo a si mesma para pensar".

Tirei os olhos de seus lábios e bebi da minha cerveja. Eu tinha uma regra de não sair com homens que conhecesse no tribunal, mas Boris parecia ser alguém de grande caráter, alguém com quem eu pudesse me envolver. Então, lembrei a mim mesma de que Peter Kürten, o Vampiro de Düsseldorf, tinha testemunhas de seu caráter também, e estavam todas erradas. "Agora é um momento difícil para mim".

"Agora nem sempre é o melhor momento para ninguém", disse, e observou Trudi surgir por uma porta. "Às vezes, os piores

momentos são exatamente aqueles em que você deve estar ao lado de outras pessoas".

Havia verdade naquilo.

"Amanhã?", sugeriu. "Posso pegá-la às sete".

Antes que eu pudesse pensar melhor, escrevi meu endereço em uma folha do meu caderno. Arranquei e entreguei a ele, com meu coração pulando.

"Olá", disse Trudi, sentando-se novamente.

"Peço desculpas, mas preciso ir", disse eu.

Boris levantou-se quando eu fiquei em pé para sair. "Vejo você em breve", disse ele, curvando-se para a frente para beijar minha mão. Senti um formigamento subir pelo meu braço até o estômago, e eu, a repórter durona, corei ali mesmo no restaurante, diante de uma sala cheia de clientes famintos.

"Foi muito agradável conversar com você, Trudi", disse eu. "E com você também, Herr Krause".

Saí correndo do restaurante, com meu coração disparado e minha mão beijada envolvendo cuidadosamente o caderno.

Cheguei ao jornal tarde naquela noite, pois nem me preocupei com a hora enquanto estava com Boris e Trudi no restaurante. No ônibus, comparei Boris a Walter, o homem com quem teria me casado se ele tivesse sobrevivido à Grande Guerra. Fiquei imaginando que tipo de pai Walter teria sido e perdi a minha parada na Koch Strasse. Walter adorava crianças. Ele fora maravilhoso com Ernst, embora meu irmão tivesse apenas seis anos quando Walter morreu. Mas a guerra trouxe à tona um lado furioso de Walter, que às vezes se derramava em violência. O que ele teria feito se tivesse visto Ernst cantar no El Dorado? Eu jamais saberia.

Caminhei de volta os dois quarteirões, admirando a fachada moderna do prédio do jornal, o Mosse House, quando o avistei. Revestido com ladrilhos pretos brilhantes e voluptuosas janelas curvas, o prédio se arqueava para acompanhar a rua e subia alto e reto como um elegante bolo moderno. Após a construção original ter sido danificada, durante a rebelião espartaquista no final da guerra, o velho Herr Mosse contratou o famoso arquiteto expressionista Erich Mendelsohn para fazer a reforma. O Mosse House não era tão

curvilíneo e provocativo quanto a torre que ele construía para Albert Einstein, mas, ainda assim, era chamativo o bastante para incomodar os demais donos de jornais.

Atravessei apressada o amplo lobby até o elevador, e cumprimentei o ascensorista, "Olá, Xavier".

Com luva na sua mão, ele segurou a porta para mim, "Fraulein Vogel".

"Cinco, por favor".

O quinto andar era uma decepção, depois da linda fachada e do elegante elevador. Mosse havia decidido que não merecíamos mobília nova, e apenas trouxe a antiga do prédio velho. Escritaninhas de madeira surrada juntavam-se a cadeiras que rangiam. A redação era abarrotada de gente. Os ruídos das conversas misturavam-se à batida das máquinas de escrever,

Apressei-me para abrir a janela e deixar sair as nuvens espessas de fumaça de cigarro.

Roubei uma cadeira de uma mesa vazia, e enfiei uma folha de papel em branco na pesada máquina de escrever preta, apreciando minha parte preferida de ser repórter: o momento em que a página em branco se abria para receber todas as possibilidades. Trabalhava no jornal há tempo suficiente para que ninguém ousasse me interromper naquele momento próximo ao fechamento. Saboreei o momento, compondo a história na minha mente.

O estuprador me parecia culpado, portanto escolhi uma manchete que começasse com "Certeza de Veredicto Culpado". Havia testemunhas que haviam visto o homem desaparecer com as garotas, depoimentos escritos das meninas, além de laços de cabelos encontrados em seu apartamento. Eu pareceria tola na segunda-feira de manhã caso ele fosse inocentado, mas até o final da semana ninguém se lembraria mais.

Comecei a matéria ressaltando a inocência e confiança das estudantes colegiais de Berlim, caminhando de volta para casa sob a luz do dia. Abertas e amáveis, prontas para procurar um cachorrinho perdido. Nenhuma delas poderia suportar a ideia de um filhotinho perdido pelo parque, sozinho, em meio a tantos automóveis. Assim como Chapeuzinho Vermelho, elas saíam da trilha, para longe da rua

segura com suas calçadas de pedra, e para dentro das sombras do bosque. Ali, perdiam sua inocência, figurativa e literalmente. Alguma delas conseguiria voltar a apreciar um dia de sol novamente?

Suspirei. Era uma boa reportagem, mas desta vez senti uma ligação com Trudi e seu pai. Será que ela era uma das vítimas, ou apenas a amiga de uma delas, como o pai havia sugerido? Quando escrevi sobre como as garotas ficavam incapazes de comer, lembrei-me de Trudi empurrando sua salsicha no prato, sem comer. De como ela se sentava, olhando para as altas janelas, banhada pela luz do sol que, afinal, não a lhe dera proteção. O bicho-papão nem sempre vive nas trevas.

Havia escrito fervorosamente. O texto fluía bem. Retirei a última folha de papel e corri para a impressão. Mas havia perdido o prazo, e a matéria não seria publicada antes do domingo de manhã.

E eu encontrara Boris no sábado. Foi um encontro maravilhoso. Ele estava encantador, espirituoso, a atração entre nós era inegável. Eu havia prometido ir velejar com ele e Trudi em breve. E então demos aquele beijo maravilhoso na escada em frente a minha casa.

Lembro de ter dado uma última espiada nele antes de fechar a porta. Ele me olhara de uma maneira tão carinhosa, como nenhum outro havia feito por muito tempo.

Agora, na sala do tribunal, os olhos de Boris já não eram carinhosos. Movi-me no banco, esbarrando a caixa de Rudolf em Philip. Ele virou os olhos, e eu sorri em um pedido de desculpa. Do canto do olho, vi que Boris ainda me observava. Ele deveria estar com raiva pela reportagem, por eu ter entrado em detalhes sobre Trudi e sua perda de apetite.

Tentando evitar o olhar enfurecido de Boris, esbocei os dois resultados possíveis: "Homem Absolvido em Erro Judiciário" e "Estuprador Condenado". As duas hipóteses renderiam matérias simples, entediadas. Felizmente, já havia escrito cada uma delas uma centena de vezes, pois minha mente não parecia estar funcionando direito. Por mais que eu evitasse, meus pensamentos voltavam-se para a fotografia que tinha visto na ala dos mortos não identificados naquela manhã.

Fechei os olhos e tentei escutar, mas não ouvi muito até que o veredicto foi anunciado.

Inocente.

Um mal-estar tomou conta da sala do tribunal.

Olhei para Trudi. Ela parecia atordoada, como uma criança depois de cair e antes de começar a chorar, desacreditando que o mundo pudesse provocar tamanho sofrimento. Lembrei-me da expressão de Ernst na infância. Boris envolveu seu ombro com o braço e puxou-a para perto de si.

Corri para usar o telefone público e também para fugir de Boris. Com sorte, Maria, a mais rápida do jornal, estaria esperando pela notícia. A cabine telefônica estava ocupada. Andei de um lado para o outro em frente à porta de vidro, querendo encerrar meu trabalho e seguir para casa, longe de tudo, ficar quieta, sozinha no meu apartamento. A caixa de Rudolf estava apoiada no meu quadril.

"Olá, Herr Weill", disse uma voz atrás de mim. Era Boris.

Estremeci e me virei. Ele estava perto o bastante para que pudesse tocá-lo, e senti o calor vindo de seu corpo. Mesmo furioso, ele era extremamente atraente.

"Herr Weill", repetiu.

Não havia porque negar que eu era Peter Weill. Ele provavelmente havia lido minha reportagem, incluindo a parte sobre as garotas não conseguirem comer. "Olá, Herr Krause".

"Tem uma ótima história agora", disse. "'Pobre Lobo Enganado pela Chapeuzinho Vermelho'".

"As pessoas querem saber o desfecho do caso". Mesmo a contragosto, cedi minha vez a Philip para que utilizasse a cabine, agora vazia, para passar a notícia.

"As pessoas. Querem. Saber", repetiu Boris, em um volume normal, embora qualquer um pudesse perceber que ele gostaria de gritar. Ele se inclinou para perto de mim, com um perfume que cheirava a limão e cedro, com um toque almiscarado. "Para você, trata-se apenas de uma história para a hora de dormir?"

"Não é minha culpa que ele tenha sido absolvido", argumentei. Olhei dentro de seus olhos, com raiva por ele ter me acusado, com raiva por ele se inclinar para tão perto de mim, com raiva por ele cheirar tão bem. "O que eu fiz?"

"Mentiu para mim". Seus lábios comprimiram-se em uma linha fina. "Explorou a dor das vítimas dele para vender jornal. E o tornou glamouroso", acusou.

Eu não podia acreditar naquilo. "De forma alguma eu fui solidária a ele".

"Ele não precisava de sua solidariedade, precisava de sua voz", argumentou. "E você deu isso a ele. Você tem um dom, você sabe, e o está desperdiçando".

"Do que você está falando?", perguntei, desviando o olhar para Philip, que conversava dentro da cabine telefônica, contando sua história. Ele gesticulava como se a pessoa do outro lado da linha pudesse vê-lo.

"Ele estava falando sobre sua reportagem hoje pela manhã, quando o trouxeram para a sala. Você não ouviu? É seu maior fã".

Senti um nó no estômago. Estava horrorizada, mas tentei não aparentar. "Eu não sou responsável—"

"Você tem os ouvidos do público, e os está enchendo com histórias do mal, veneno", disse, abaixando o tom de voz e

chegando mais perto. "Veneno que contaminará a todos nós".

"Meu trabalho é informar o público sobre o que acontece".

"Por que não fazer do seu trabalho mostrar justiça? Mostrar integridade?"

"Preciso comer", disse, sentindo-me uma idiota. Mas não me deixaria intimidar por ele. Meu trabalho era escrever as notícias de uma forma que vendesse jornal. "Ninguém paga por integridade".

"Mas—"

"E, por falar no assunto, você não está lutando por justiça. Você é um banqueiro, bancos podem distribuir dinheiro, mas não de forma justa". Passei minha bolsa carteiro para o braço esquerdo.

"As pessoas retiram da conta aquilo que depositam", disse, balançando a cabeça. "O que é mais do que posso dizer sobre o sistema judiciário penal".

"Os ricos depositam dinheiro", disse eu. "E retiram. Normalmente é assim que o sistema judiciário penal funciona também. Mas não desta vez".

"De todos—"

"Vati". Trudi, aproximou-se e tocou o braço do pai com sua mão com luva. "Vamos".

"Em breve", respondeu tocando sua mão. "Tenho mais algumas coisas a dizer a Herr Weill".

Trudi pareceu confusa. "Esta é Fraulein Vogel", disse ela. "Vocês saíram para jantar na semana passada, lembra?"

Boris olhou para mim como se me visse pela primeira vez. Apertou os olhos como se não gostasse do que via. "Eu me lembro", disse. Trudi o levou embora.

Pisquei para disfarçar as lágrimas, andando de um lado para o outro em frente à cabine telefônica, esperando para fazer meu trabalho. Boris era apenas um homem com quem havia saído uma vez. Não deveria me importar com o que ele pensava. Mas eu me importava. Hoje, mais que em qualquer outro dia, eu queria me jogar nos braços de alguém e ser reconfortada. Philip desligou o telefone, eu sacudi a cabeça. Não receberia conforto da parte de Boris hoje ou qualquer outro dia. Como sempre, estava sozinha.

Philip saiu da cabine à minha frente e segurou a porta. "Boa matéria no domingo", disse. Balancei a cabeça, evitando seu olhar.

Entrei na cabine telefônica, coloquei minhas moedas e disquei o número já conhecido. A telefonista me transferiu diretamente para Maria, o que foi uma bênção, pois ela escrevia bem e depressa.

"Qual o resultado?", ela perguntou. Era possível ouvir o barulho de outras pessoas datilografando ao fundo.

"Inocente", respondi, olhando pela porta de vidro para a frente do tribunal. O acusado desceu as escadas e abraçou seu advogado, que estava visivelmente desconcertado. Virei-me de volta para o telefone.

"Sério?", disse ela, surpresa. "Ele parecia culpado na sua última matéria".

"Eu acho que ele era", respondi, enrolando o fio áspero do telefone em volta do dedo.

"Me passe a manchete", ela disse, e eu lhe dei a história, estendendo-me sobre os absurdos do advogado da defesa, destacando como ele havia garantido vitória apenas com uma defesa teatral. Sua atuação apaixonada, andando de um lado para o outro e falando de maneira inflamada, havia feito toda a diferença.

"Terei de abaixar o tom". O som das teclas batendo ao fundo fizeram-me lembrar que ela estava em uma mesa desgastada, envolta em uma nuvem de fumaça. "E se esse advogado tiver alguma influência? Você sabe o quanto Neumann adora receber aqueles telefonemas enfurecidos".

"Deus nos livre de escrever algo que dificulte o trabalho de Neumann". O advogado da defesa apareceu na rua e chamou um táxi. Ele corria como um homem que foge da prisão.

"É ele quem faz nossos cheques", lembrou Maria. "E eu me lembro bem de como é ficar desempregada, ainda que para você pareça algo remoto. Sabe como estão os índices de desemprego no momento?"

"Em torno de cinco milhões, acho. Eu sei, Maria, há homens qualificados por aí, prontos para fazer o meu trabalho por menos dinheiro".

"Por que este caso é tão pessoal para você?, perguntou. "Já passou por outros piores sem piscar".

"Não estou piscando agora", respondi. "Estou bem".

"Sua última matéria estava ótima", ela disse. "Mas não era Peter Weill. Era alguém mais suave, mais generoso. Alguém que não irá garantir seu emprego se continuar escrevendo assim".

"Neumann publicou na primeira página".

"Porque era notícia, não porque ele gostasse". Ela inspirou, provavelmente puxando uma baforada de fumaça de seu cigarro.

"Então por que ele não fez nenhuma mudança?"

Maria fungou. "As pessoas gostam de ver uma postura suave de vez em quando, mas na maioria das vezes querem detalhes sangrentos".

"Existe o equilíbrio", respondi. E, de repente, senti muita fome e a falta do almoço que poderia ter tido com Boris, se as coisas tivessem sido diferentes. Ele foi o primeiro homem, em muito tempo, com quem senti uma ligação. E, assim como Ernst, ele se foi.

"Bem, volte-se para o outro lado", disse Maria.

"Mas as pessoas deveriam se sentir insultadas por esse estuprador estar livre".

"Você é uma repórter", argumentou. "Não um algoz".

"Mas alguém se importa de ele estar livre? Além das vítimas? E quem se importa com elas?" A imagem dos olhos de Boris, feridos e cheios de raiva, veio a minha mente.

"Hannah", disse ela, vagorosamente. "Você pode estar se sentindo assim, mas as pessoas não querem que Peter Weill seja um maricas. Ele deve ser hábil e durão".

"Parece que você vem estudando sua personalidade em detalhes", disse eu. "Devo me preocupar?"

"Oh, pelo amor de Deus". Ela desligou o telefone.

Afundi-me no canto da cabine como um cãozinho que teve suas correntes cortadas. Havia terminado meu dia, e agora meu tempo era só meu novamente.

Um repórter que não reconheci bateu no vidro, e eu saí, pedindo desculpas e evitando seus olhos. Ele também tinha um prazo a cumprir.

Virei a esquina, desejando apenas chegar em casa. Um homem e uma mulher que deviam ser irmãos, de tão parecidos, caminharam em minha direção. Ele falou alguma coisa e sorriu maliciosamente. Aquela risada feliz me cortou. Aquilo, era aquilo que eu nunca mais teria novamente. Na minha mente, veio a visão da fotografia de Ernst, largado sozinho na margem de um rio.

Algum tempo depois, encontrei-me na porta de casa, olhando para aquela superfície preta como se nunca a tivesse visto antes. Meu corpo havia me trazido até aqui, enquanto meu cérebro não funcionava.

Destranquei a porta, mas gelei na soleira, com medo de entrar. O que antes era familiar, agora parecia estranho. A forte luz do dia derramava-se por entre as cortinas azuis na cozinha. A mobília, desgastada, porém limpa, estava disposta da mesma maneira de sempre. Meus olhos pousaram no fogão de ladrilho branco ao lado de duas cadeiras de encosto quadrado e uma minúscula mesa bastante usada. Não podia acreditar que já houvera tempos em que calmamente limpei as migalhas do carvalho macio da mesa e ajeitei as cadeiras. Embora não parecesse, devia ter feito isso todas as manhãs antes de sair para a delegacia de polícia.

Uma porta bateu no andar de cima, e eu estremei. Entrei na cozinha e empurrei a porta atrás de mim. A porta se fechou. Eu estava sozinha. Lágrimas quentes molharam minhas bochechas. Coloquei a caixa de Rudolf na mesa da cozinha, joguei o guarda-chuva molhado no gancho do corredor e tirei meu sobretudo.

Entre no quarto e me joguei de cara na minha estreita cama, que me acompanhava desde a infância. Quando éramos crianças, Ernst costumava correr para mim, nesta cama, com medo de monstros e das crises de bebedeira de papai. Esta cama foi a única peça da mobília que nossa irmã Ursula não pegou para si quando nossos pais morreram.

Ela levou a cama de mamãe. "Eu nasci nessa cama", dizia, convenientemente, esquecendo-se de que eu também havia nascido nela, assim como Ernst. Na verdade, nossa mãe também havia nascido naquela cama. A cama da família agora ficava orgulhosamente localizada no pequeno quarto de nossa irmã em

Schöneberg, entulhando o restante da mobília, e esperando em vão outra criança para nascer nela.

O nome de nossa família vai morrer com esta geração. Nenhum de nós teve filhos: eu, solteira aos 32 anos, Ursula, casada mas sem filhos aos 38, e Ernst, morto aos 20. O nome de papai já estava desaparecido, felizmente. Ele não merecia um legado, não depois de tudo o que havia feito a mim e a Ernst.

Passei a mão sobre a colcha velha e usada. Catorze anos atrás, essa roupa de cama fez parte do meu enxoval. Ernst e eu havíamos bordado rosas vermelhas por todo o barrado dos travesseiros bege e o topo da colcha. Com o tempo, as rosas desbotaram e sua cor tornou-se rosa pálido.

Eu tinha um baú inteiro desses atavios quando obedientemente fiquei noiva de Walter, um integrante do exército alemão. Sabia que precisaria daquelas coisas na minha vida de casada, que seria avaliada pelas esposas dos outros soldados pelo tecido dos meus lençóis e pela minha habilidade com as agulhas. Preocupava-me com esses assuntos naquele tempo, assim como Walter, e conversávamos com frequência sobre a casa que montaríamos juntos quando a Grande Guerra acabasse.

Quando Walter morreu nas trincheiras, senti-me desobrigada do meu dever a papai e nunca me casei. Em vez disso, saí da casa dos meus pais e fiz minha vida como jornalista. Nenhum dos meus colegas de trabalho sabia que eu era capaz de bater suspiros à perfeição, esticar os lençóis tão bem que não se notasse uma marca, ou engraxar as botas de um soldado até que eles parecessem feitas de vidro. Eu já não fazia coisas desse tipo.

Segui com o dedo indicador a linha de rosas pálidas da colcha, que era do tamanho de uma cama de casal e, por isso, caía no chão dos dois lados. Mamãe balançaria a cabeça em desaprovação. Ela se esforçara para me preparar para a vida de dona-de-casa, uma vida que nunca levei. Papai se esforçara mais ainda para preparar Ernst para a vida de soldado, uma vida que ele jamais poderia levar; e, agora, jamais levaria. Meu dedo parou nos pontos desiguais da rosa que eu tinha deixado Ernst bordar. Ele queria muito, mas eu não queria que os dele aparecessem junto aos meus pontos cuidadosos,

então fiz com que ele trabalhasse no canto. Acariciei cada um daqueles pontos tortos.

Vendi o restante do meu enxoval em 1923, o pior ano da inflação. Ganhei milhões, bilhões e depois trilhões de Reichmarks por semana escrevendo poesia e, ocasionalmente, substituindo o Peter Weill original no jornal, mas não era mais suficiente para comprar comida. Tomar o metrô custava 56 bilhões naquela época.

Ernst e eu vivíamos a base de ovos e sopa de peixe. Eu recolhia as cabeças e as vísceras no mercado, cozinhava tudo e depois coava nas meias de seda velhas de mamãe. O odor era terrível. Em dias melhores, também comíamos nabo e pão. Ernst esculpia elaborados barcos no pão dormido, e nós os colocávamos para navegar no nosso caldo de peixe, com destino à Inglaterra, aos Estados Unidos e a lugares onde se comia bem. Mesmo aos 12 anos de idade, de alguma maneira, Ernst fazia de cada refeição uma festa. Ele era tão divertido e querido.

Por sorte, eu logo consegui um trabalho escrevendo cartas de amor para um homem de negócios americano chamado Jim O'Donnell, que estava apaixonado por Greta Hansi, a atriz de teatro. Ernst e eu citávamos Goethe e Rike como loucos, e ele nos pagava em dólares americanos. Cada carta pagava duas boas refeições, carne, batatas, chocolates e itens secos, como ervilhas e farinha. Escrevemos para Greta a cada duas semanas, quando Jim O'Donnell viajava a Hamburgo a negócios.

Precisávamos de comida, pois Ernst comia sem parar. Cresceu meio metro naqueles primeiros anos, tornando-se alto e desengonçado. Esforçava-se nos estudos na escola. Estava a caminho de conseguir seu diploma Abitur, para depois entrar na universidade, quando conheceu Rudolf von Reiche.

Apertei a rosa com o punho fechado. Eu tinha fontes, em função de minha experiência no jornal. Não era nenhuma mulher indefesa, feita apenas para a maternidade, a cozinha ou a igreja. Iria encontrar quem havia feito aquilo. Se Rudolf tinha assassinado Ernst, ele iria pagar por isso.

Esfreguei minhas pálpebras grudentas. Era terça-feira de manhã.

Uma velha me encarava de volta no espelho do banheiro. Meu rosto estava inchado e pálido, meus olhos vermelhos se apertaram com a luz. Estremeci. Eu me parecia com papai quando estava de ressaca. Lavei o rosto, alisei meus cabelos loiros em estilo chanel, com a mão molhada, e esperei por tempos melhores. Não podia encarar aquela mulher no espelho novamente.

Era um novo dia. O próximo passo era o café da manhã. Alonguei a coluna e caminhei a passos firmes para a cozinha. O que tinha em casa? Alguns pães, um pedaço de queijo, dois ovos, uma cebola e um litro de leite, a maior quantidade de comida que já tivera na minha cozinha em muito tempo. Peguei um pão amanhecido do canto da cesta. Cortei-o na metade e joguei as migalhas em uma xícara de chá. Poderiam ser acrescentados a sopas.

Espalhei manteiga pelo pão com uma faca de prata que Ernst havia surrupiado de Ursula. Sua favorita ladainha soou nos meus ouvidos. "Deixe o papai arrancar isso dele a tapas", ela sempre dizia, com um profundo suspiro. "Se ele continuar assim, vai acabar morto na sarjeta um dia. É o que acontece. Você vai ver". Eu ainda tentei protegê-lo, mas fracassei.

Meu apetite sumiu. Embrulhei o pão com manteiga para o almoço. Meu estômago não queria, mas coloquei-o na minha bolsa carteiro juntamente com meu caderno de desenho, meu bloco de anotações e minhas canetas. Recolhi algumas moedas do pote de açúcar. Era pouco, mas teria de chegar para as despesas do dia.

Parei nos degraus da entrada e olhei ao redor, observando os prédios vizinhos, cheios de fuligem. Meu bairro não era um lugar em que me sentisse segura de caminhar à noite. A descrição mais otimista para ele era "de classe operária", e eu me lembro de como minha irmã Ursula estremecia à simples menção do meu endereço. Senhoras de classe média não visitavam Hallesches Tor sozinhas, quanto mais morar lá, ela dizia. Eu morava naquele apartamento há mais de uma década e minha irmã nunca havia me visitado.

Durante o dia, eu me sentia bastante segura de caminhar até a banca de jornal. Schmidt estava sentado, como sempre, equilibrando-se em um banquinho, com os cotos de suas pernas apontando para os lados.

"Dia, Fraulein Vogel", ele tocava seu boné de operário respeitosamente. Eu o via quase todos os dias desde que ele abrisse aquela banca, após voltar da Grande Guerra sem as pernas.

"Bom dia, Schmidt". Peguei quatro diferentes jornais e entreguei-lhe algumas moedas.

"Será um bom dia", disse, jogando minhas moedas em uma lata, com um tilintar. "Como não?"

Concordei com a cabeça e corri para tomar o ônibus. Schmidt estava convencido de que cada dia longe uma trincheira era um bom dia. Imaginei que Walter e os outros dez milhões de homens que morreram nas trincheiras concordariam com ele. Tantas jovens vidas perdidas. Assim como Ernst, sem nenhum rastro do que se tornariam. Haveria rastros de Ernst no mundo? Haveria rastros da minha vida? Quem choraria por mim caso eu morresse amanhã? Boris não, com certeza. Nem minha irmã Ursula. Sarah estava distante. Fritz e Bettina chorariam. E também Paul, um amigo de confiança que trabalhava no jornal.

Escutei os sotaques ásperos dos operários de Berlim de boné e roupas de algodão grosseiro, a caminho da fábrica para o trabalho que eles eram gratos de poder manter. Quantos deles teriam alguém chorando sua morte?

Afastei meus pensamentos daquele tema tão mórbido e tentei pensar em algo prático. E se Maria estivesse certa sobre a opinião de Herr Neumann das novas histórias de Peter Weill? Ele poderia me demitir. E eu voltaria a tomar sopa de vísceras de peixe.

Precisava aparecer com uma matéria para hoje, mas antes teria de voltar à delegacia de polícia para ver o arquivo de Ernst e descobrir o que pudesse sobre os últimos minutos de sua vida.

O sol forte de junho desenhava minha silhueta no chão enquanto eu caminhava até a delegacia de polícia, olhando para baixo e examinando a calçada. Eu temia, mas precisava vê-lo novamente, e, assim, fazer minha mente convencer meu coração de que ele estava

morto. Arrastei-me pela ala dos mortos não identificados. O dia estava apenas começando para muitos dos funcionários; um bando de datilógrafas, coloridas como papagaios, conversavam à minha volta. Eram jovens, a maioria não passava dos 20 anos. Senti-me velha e ultrapassada.

Cheguei até o local onde havia visto a fotografia. Não podia levantar a cabeça, fiquei olhando para o piso de carvalho dourado até que o corredor ficasse vazio.

Quando, finalmente, olhei para ela, nem mesmo o coração pôde negar. A imagem trazia uma realidade gelada. As lágrimas escorreram pelo meu rosto. Era um desperdício. Um terrível desperdício de vida, amor e alegria. Sua linda voz silenciara. Centenas de músicas por ser cantadas. Horas de conversas por acontecer. Fechei os olhos e inclinei a testa contra a fotografia de Ernst. Ele partira. Para sempre.

Estiquei-me e sequei minhas lágrimas. Eu iria encontrar o homem que fizera aquilo. Ele não poderia matar meu irmão impunemente. Talvez eu o levasse à justiça, como fizera Boris, ou talvez eu mesma resolvesse o assunto. Mas, no mesmo momento em que me imaginei matando um homem imaginário, voltei atrás. Ernst não gostaria que eu me tornasse uma assassina.

"Fraulein Vogel", chamou uma voz estridente já conhecida. "Você está bem?"

Virei-me. A figura diminuta do Kommissar Lang estava à minha frente, com preocupação nos olhos, tão pretos quanto suas botas. Sem conseguir dizer uma palavra, fiquei parada entre ele e a fotografia de Ernst. Estava claro que eu estava chorando. Por quanto tempo ele estaria me observando?

Ele me ofereceu um lenço impecável e me tocou no ombro, com o olhar passando direto pela minha cabeça e fixando-se nas fotografias. "Reconheceu alguém nesses murais? Um amigo, talvez?", perguntou.

"Não", respondi, odiando a mim mesma por não conseguir dar uma resposta inteligente. Precisava de uma história, uma resposta em que ele pudesse acreditar. "Acabei de receber uma péssima notícia".

"Venha até meu escritório", disse, conduzindo-me pelo corredor vazio como se estivéssemos dançando. À medida em que me distanciava da fotografia, consegui relaxar um pouco.

"Não precisa se complicar por minha causa", eu disse, assim que ele fechou a porta da sala. "É apenas uma fraqueza da minha parte. Esperava encurtar caminho pelo prédio e chegar em casa mais cedo, até fazer esse papel de ridícula e começar a chorar. Obviamente, sou mais ridícula do que eu imaginava".

"Que notícia você recebeu?", perguntou com uma voz amável, puxando a cadeira de visitante para eu me sentar. Sentei-me e ele se ajoelhou perto de mim, perto demais, mais uma vez. Não me afastei, para não levantar mais suspeitas.

"Eu—", antes que eu conseguisse saber o que dizer, vi o símbolo com o duplo raio brilhante da SS, Schutz Staffel, tropa de elite de Hitler, espetado à sua lapela. Precisava ser muito cuidadosa. Engoli em seco. "Cruzei com uma das vítimas de Becker e—".

"Você conhecia as vítimas?"

"Uma", menti, e minha história começou a ganhar força. "Uma garota maravilhosa. Acabei de vê-la, e tentei ser forte por ela, mas...". Abaixei a cabeça, incapaz de olhá-lo nos olhos, e chorei convincentemente. Senti-me uma completa idiota, chorando diante de um membro da SS, mas não podia parar.

"Você é uma alma gentil". Ele segurou minha mão com sua mão gelada. "Importa-se tanto com seus amigos".

Esbocei um sorriso fraco. "Não sei o que há de errado comigo, dando tanta importância a isso. Sou uma mulher adulta".

"Mulheres adultas são emotivas também". Ele acariciou minha mão. "Qual delas era a sua amiga?"

"Não posso lhe dizer seu nome", disse, desejando puxar minha mão para longe da dele.

"Mas eu tenho uma lista de todos os nomes", ele disse. Provavelmente conversei com ela".

Seria um teste? Ele estaria suspeitando da minha história? "Ela já foi violentada o bastante", respondi, tentando soar determinada, mas sem o desafiar. "Não me faça violar a confiança dela ainda mais".

"Não era a judia, era?", perguntou. "Nunca confiei no depoimento dela. Sabe como eles são".

Puxei minha mão de volta. "Preciso ir, Kommissar Lang. Obrigada pela gentileza".

"Deixe-me acompanhá-la até a saída", disse, levantando-se.

"É muito generoso". Levantei-me também, notando como seu escritório era organizado.

No corredor, forcei-me a não olhar ou me demorar quando passamos pela fotografia de Ernst. Mas Kommissar Lang diminuiu o passo e seus olhos fixaram-se naquele conjunto de imagens.

Coloquei minha mão em seu braço, odiando o que eu estava para fazer, mas precisava distraí-lo. "Obrigada por sua preocupação". Olhei dentro de seus olhos escuros. "Foi muito gentil de sua parte acalantar meu acesso de tolice".

Os olhos dele deixaram as fotografias e encontraram os meus. Caminhamos juntos até a porta.

"Fraulein Vogel". Ele se aproximou de mim, mantive minha mão no seu braço, embora quisesse arrancá-la de volta e acertá-lo. Por que eu estava tão brava com ele? Ele havia feito apenas um simples comentário anti-semitista. Eu ouvia coisas piores o tempo todo. "É maravilhoso ver uma repórter que se importa tanto com suas pautas".

"Um bom texto deve vir do coração".

Ele levantou a mão e passou uma mecha do meu cabelo para trás da minha orelha. "Então você deve ter um coração extraordinário".

Olhei para baixo recatadamente para esconder meu desgosto. Queria correr pela porta e lavar meu cabelo. Não queria o toque de um homem da SS em mim. "Kommissar Lang, eu—"

"Talvez esteja livre para jantar?"

"Preciso correr para o jornal", respondi. "Um outro dia, quem sabe".

"Obrigado". Ele inclinou a cabeça e abriu a porta. Eu escapei para a luz do dia.

Havia recebido apenas a ira de Boris, um homem com quem pensei que pudesse me abrir. Enquanto aquele que tentara me

confortar era Kommissar Lang, um integrante da SS, uma organização que supostamente não possuía sentimentos. E meu irmão estava enterrado em uma cova de indigentes. Nada fazia sentido.

No jornal, servi uma xícara de café e abri caminho pela sala enfumaçada até chegar a uma janela e abrí-la. Nunca ajudava muito, mas eu o fazia todos os dias.

"Nosso ar não é puro o suficiente para você?", perguntou Maria, com um cigarro entre os dedos. Jogou a cabeça de um jeito que seus cabelos castanhos em corte chanel roçaram seu rosto sisudo.

Coloquei um sorriso educado no rosto. Maria não me perdoava por ter conseguido o trabalho de escrever como Peter Weill, e eu abominava a forma como ela tratava meu amigo Paul. Ainda assim, ela era boa para escrever as últimas notícias quando eu telefonava, portanto tentava me relacionar bem com ela. "Tem certeza de que ainda existe algum ar aqui?"

"Não para aqueles que não fumam", respondeu Paul, o pacificador, aparecendo por trás de Maria. "Seus pulmões delicados não são resistentes como os nossos".

Paul me ajudara a conseguir meu primeiro trabalho no jornal e foi mais que um ombro amigo para chorar quando Walter morreu, pelo menos por um tempo. Atualmente, ele saía com Maria, e aquilo estava terminando mal.

"Com licença", disse, dirigindo-me a uma mesa vazia. "Preciso cumprir o prazo".

Uma forma encobriu a luz que vinha da janela. "Olá", disse eu e me virei. Era Herr Neumann, meu editor. Ele era alto e magro, com dedos que pareciam de um esqueleto.

"Ótima matéria no domingo, sobre o julgamento". Ele sacudiu o cigarro marrom em minha direção, com os dedos manchados pela nicotina.

Esse tipo de elogio vindo de Herr Neumann era fora do comum. Esperei pelo que viria depois.

"Obrigada". Tomei um gole do café e tentei não fazer cara feia, pois Herr Neumann era o único que gostava do café do escritório.

"Mas perdeu o prazo". Ele soltou uma nuvem de fumaça no meu rosto e riu quando eu tossi.

"Desculpe-me, Herr Neumann". Normalmente, ele queria ouvir um pedido de desculpas humilhante, mas eu não consegui achar o tom adequado.

"Não parece sincera".

Apertei o maxilar e abaixei o olhar. Queria jogar meu café no rosto dele. "Estou com um resfriado".

"E eu posso achar outros escritores para fazer o papel de Peter Weill", disse, passando os dedos por seus cabelos ralos. "Está na hora de você se lembrar disso".

Ele jogou o cigarro dentro da minha xícara de café e saiu, com seu paletó de tweed abrindo-se atrás dele como a cauda de um pássaro.

"Isto foi o melhor que poderia ter acontecido a esse café", disse Paul, aparecendo de repente ao meu lado.

Ri e esvaziei a xícara na pia, e depois removi a bituca de cigarro encharcada, para que não entupisse o ralo.

"Ele tem uma outra forma de se expressar?", questionou Maria, escorregando a mão de forma possessiva pelo braço de Paul.

"Muito freudiano isso", disse Paul, enquanto eu jogava o cigarro mole no lixo e lavava as mãos.

"Tudo para você é freudiano", argumentou Maria, com um risinho abafado. "Freud é apenas um judeu excêntrico".

Não sei como ela conciliava seu anti-semitismo com o fato de Paul ser filho de mãe judia, embora tivesse pai cristão. "Talvez fosse melhor você reler seus capítulos sobre o ego", respondi.

Maria me lançou um olhar irônico, e um sorriso passou depressa pelo rosto de Paul.

"Paul", alguém o chamou da sala.

"Um momento". Paul balançou a cabeça para nós duas e saiu. Ele havia sido ferido na perna durante a Grande Guerra, e sentia mais dores do que deixava transparecer. Às vezes, eu desejava ter estado pronta para ele quando ele estava pronto para mim, mas estava sofrendo muito pela morte de Walter quando Sarah nos

apresentou. Nunca deu certo. Sacudi a cabeça, tudo aquilo acontecera anos atrás.

"É melhor você ter uma boa matéria para hoje", Maria interrompeu meu devaneio. "Se perder o prazo novamente, ele poderá achar outro Peter Weill", disse, com um sorriso de satisfação.

De volta à mesa, datilografei uma análise desconexa do julgamento do caso Becker. Nada brilhante, mas funcionava. Estiquei o papel e tentei ler a matéria novamente, mas nada fazia o menor sentido.

Paul voltou, sem Maria. "Tem algo errado?"

Olhei para ele, analisando. Ele sabia que Sarah estava com meus documentos. Talvez eu pudesse contar a ele a verdade.

Ele inclinou a cabeça para um lado, esperando resposta.

Abri a boca para contar tudo a ele, mas mudei de ideia. Uma vez que começasse a falar, onde eu iria parar? E a redação do jornal não era o lugar certo para falar de segredos pessoais. "Você pode ler esta matéria para mim?", perguntei, em vez disso. "E ver se faz sentido?"

Ele pegou o texto, mas pude perceber por sua expressão de desapontamento que ele sabia que eu estava escondendo algo. Leu rapidamente todas as páginas.

"Não é sua melhor produção", disse, devagar. "Mas tem coerência".

"Hoje, a coerência será o bastante". Peguei o texto de volta.

"Achei uma carta na sua caixa". Ele retirou um envelope do bolso do paletó de tweed. "Para Peter Weill/Hannah Vogel".

Nós dois esperávamos que a carta fosse de Sarah, mas fingimos não dar muita importância, para não levantar muita curiosidade na redação.

"Obrigada". Peguei o envelope. "Vou abrir agora mesmo. Quer esperar para ler depois que eu acabar?"

"Sim, eu gostaria", respondeu.

Peguei um abridor de cartas de bronze da primeira gaveta da escrivaninha e cortei o envelope para abrir. Não era a escrita cuidadosa de Sarah, mas talvez ela tivesse contratado alguém para escrever.

*Minha cara Fraulein Vogel,
Minhas mais sinceras desculpas por meu comportamento
abominável no tribunal.*

"Oh", disse eu, confusa.

Paul limpou a garganta.

"Não é de Sarah", respondi rapidamente.

Paul levantou as sobrancelhas. "É de Boris?"

Eu corei. Tinha cruzado com Paul e Maria quando saí com Boris no sábado. E, agora, provavelmente toda a redação sabia. "Talvez", respondi, apenas.

"Gostei dele", disse Paul. "Ele me pareceu muito forte, mas também encantador. Exatamente o tipo de homem com quem você deveria sair".

"Não imagino que vá sair com ele novamente".

"E por que não?"

"Eu o conheci no julgamento de Becker. A filha dele—"

"Ele é uma fonte?" perguntou, com um tom incrédulo. "Você conhece um homem como esse e não consegue pensar em nada melhor para fazer com ele do que usá-lo como fonte?"

"Era uma matéria e tanto", argumentei. Obviamente, Paul tinha razão.

Maria acenou do outro lado da sala, Paul assentiu com a cabeça e marchou em sua direção.

Desci do prédio com pressa para ficar sozinha e ler a carta de Boris. Sua escrita era firme e masculina, produto de uma professora rígida no passado, sem dúvida.

Fiquei muito exaltado com a absolvição. Embora eu, certamente, não tenha me comportado de acordo na ocasião, entendo que não foi sua culpa. Você e Trudi entenderam-se tão admiravelmente bem durante o almoço, e eu gostei muito de estar com você no domingo. Por favor, venha encontrar-se conosco no Wannsee na sexta-feira. Estaremos no Potsdam Yacht Club às 13:30.

Meus sinceros cumprimentos, Boris

Dobrei a carta e guardei-a de volta no envelope. Que curioso, Boris queria me ver novamente.

Procurei o desenho que tinha feito dele durante o julgamento, antes de conhecê-lo. Os músculos de seu maxilar eram salientes como cordas no seu rosto finamente esculpido. Ele parecia um ator de cinema, mas não tão impotente. Linhas douradas marcavam seus cabelos escuros ondulados; seu maxilar era firme e quadrado; seus olhos, grandes e expressivos; e seu lábio inferior era carnudo e sensual; lábios de beijar, como diríamos na escola.

Meu coração bateu acelerado. Queria vê-lo novamente, claro. Era o homem mais atraente que eu havia conhecido em anos. Não fazia ideia do que ele queria, mas achava difícil conseguir ir. Precisava descobrir quem matara Ernst, não podia me deixar distrair por um par de olhos castanhos.

Aquela noite, peguei meu único vestido de festa de dentro do meu alto guarda-roupa de carvalho. Ernst me dera depois de sair de casa, para que eu pudesse assisti-lo cantar, sem o envergonhar por estar usando "um vestido saco qualquer".

O barulho do chiffon sussurrou no meu ouvido quando passei o vestido pela cabeça. Passei as mãos cuidadosamente sobre os quadris, evitando desfazer o entrelace dos círculos de contas prateadas. O vestido caía reto dos meus ombros até logo abaixo dos joelhos, um estilo em alta nos anos 20. Ernst dizia que o visual melindrosa era bom para pessoas com seios e traseiro pequenos, como eu. Ele me criticava quando eu argumentava que minha aparência esguia devia-se a uma imposição econômica, e não a uma escolha de moda.

Acaricieei as suaves contas de vidro. Quando eu exclamara que as contas me remetiam a armaduras medievais, Ernst teve um acesso de raiva e disse que eu havia perdido a noção da minha feminilidade. Insisti que as armaduras medievais eram bonitas, mas ele se recusou a acreditar que aquilo fosse um elogio.

Calcei minhas meias finas Elbeo até as coxas, e as preendi. Alisei novamente o vestido, tinha de admitir que ele me fazia parecer mais jovem, atraente e sofisticada.

Era uma pena que Boris jamais iria me ver assim, pensei. Ele sempre se lembraria dos meus sapatos de trabalho e do meu casaco marrom sério. O que Boris tinha de mais? Não era o único homem no mundo e, ainda assim, algo me atraía a ele. O carinho com que tratava a filha era lindo, além daqueles lábios e olhos incríveis, mas isso não justificava meus sentimentos. Havia uma ligação entre nós.

Esqueça os lábios de Boris, disse a mim mesma, duramente. Existem outros homens atraentes em Berlim. Paul tinha lábios bem bonitos, mas eu não ficava querendo beijá-los toda vez que estava com ele. Passei um pente nos meus cabelos loiros e lisos. O corte chanel não mudava nunca, o que era um alívio.

Não era como se Boris fosse o único homem por quem me sentira atraída. Tive relações íntimas com Walter, e também com alguns poucos homens depois que ele morreu, apesar de Ernst sempre ter me considerado a última freira fora de um convento em Berlim. Mas nenhum daqueles homens havia produzido em mim tamanha corrente de eletricidade e calor com um simples olhar, como acontecera com Boris. Passei pó no rosto e batom cor-de-rosa nos lábios, quase pronta para sair.

Kommissar Lang também produziu fortes emoções em mim. Fez meu coração disparar, mas de raiva e repulsa. Será que ele suspeitara de algo? Será que levaria as fotografias do local onde eu estava parada para mostrar a Fritz? Esperava que não. Fritz identificaria Ernst.

Chega de homens.

Dei uma última olhada no espelho. Ernst ficaria orgulhoso de mim. Juntei minhas poucas moedas do pote de açúcar. Os drinques no El Dorado seriam caros, eu teria de ficar sem jantar por uma semana para poder pagar. Mas, por outro lado, não perderia tempo cozinhando.

Vesti meu casaco marrom, lembrando de como Ernst se contorcia ao ver aquele casaco tocando seu vestido. Coloquei meu chapéu marrom, um presente de Sarah. Prático e feito para durar, combinava com o casaco, não com o vestido. Ernst nunca entendera que eu me sentisse mais segura nas ruas parecendo pobre do rica.

Mitzi não estava nos degraus quando cheguei à porta. Sentia sua falta. Ela aparecera quando Ernst mudou-se para minha casa, logo após a morte de nosso pai, em 1923, e um ano depois da morte de mamãe. Eu não tinha dinheiro para alimentar Mitzi naquela época, mas ela parecia se virar bem com os ratos lá fora. Agora, eu lhe dava leite toda noite, e ela dormia no meu travesseiro. Caso um rato aparecesse, ela o caçava e deixava o rabo e as patas no chão do banheiro. Estávamos envelhecendo juntas, amigavelmente.

Eu a chamava de Mitzi, mas Ernst a chamava de Mademoiselle Zee e afirmava que ela incorporara o espírito de uma cartomante cigana. Por um tempo, ele fez para ela uma série de coleiras roxas, usando um dos pares de sapatos velhos de mamãe. Todo dia, ela

perdia uma coleira, e toda noite ele fazia uma nova. Ele dizia que ela as entregava aos ciganos em troca da liberdade de seus filhotes. Enfim, acabou o couro para a produção das coleiras e ele declarou que todos os filhotes da gata estavam livres. Tempos bons aqueles.

Observei da porta antes de descer os degraus. Os automóveis passavam, com os rostos dos homens escondidos pelas abas de seus chapéus em estilo Panamá, atrás de janelas levantadas. O filho do padeiro estava recostado ao lado da padaria, com as rodas de fumaça passando por seus ombros estreitos. Me estiquei para ficar o mais alta que pude e fui para a rua. Detestava sair sozinha à noite. Lera reportagens sobre estupros e assassinatos, e frequentara julgamentos demais para acreditar que estivesse em segurança.

Percorri apressada o último quarteirão da estação Nollendorfplatz até o El Dorado. Ernst tinha orgulho de trabalhar no distrito Schöneberg, a região em que nascera a agora famosa Marlene Dietrich. Era uma área mais segura que a do meu apartamento, mas não ficava perto das boates.

Quando cheguei à esquina da Motz Strasse, parei. Um mural gigante cobria a parede de fora da boate. Começava com uma mulher trajando um vestido longo formal, dançando com um homem que usava smoking e um monóculo. Perto deles, havia dois homens de smoking dançando juntos, um deles com uma marca de nascença feminina e lábios vermelhos, mas cabelos e ombros sem dúvida masculinos. A alguns centímetros de distância, duas mulheres dançavam de rosto colado, de costas para um homem maroto, também de smoking, dançando com outro homem e uma mulher rindo.

O mural avisava que entrar no El Dorado era como passar através do espelho. Lembrei-me da minha primeira visita, não muito tempo depois que Ernst começou a trabalhar lá.

"Olá, minha velha", dissera Ernst, enxotando-me para adiante da chapelaria e levando-me por um conjunto espesso de cortinas de veludo, para dentro do ambiente enfumaçado do clube. "É simplesmente divino ver você".

As franjas do seu vestido vermelho balançavam a cada passo. Ele usava o cabelo mais curto naquela época, em um corte chanel com

uma onda, como todas as melindrosas. Seus lábios vermelhos brilhavam e seu peito parecia maior que o meu.

"Olá, Ernst". Respirei fundo. Nunca o tinha visto com seios antes, mas estava determinada a não me chocar.

"Venha conhecer meu confidente. Oliver, o *barman*". Ernst caminhou afetadamente até o bar, segurando meu cotovelo com sua mão em uma luva vermelha. "Ele cuida tão bem de todos nós, não é mesmo, Oliver?"

Oliver sorriu de trás do balcão. Com sua barba preta muito bem aparada e silhueta corpulenta, ele parecia um panda. "Faço o melhor que posso, criança".

"Vou tomar um absinto", disse Ernst. "E Hannah também".

Abri a boca para protestar, mas ele me cortou. "Não me diga que você quer uma cerveja Berliner Weisse. Isso é tão *passé*".

Fiquei de boca fechada e observei o ambiente. Uma dúzia de mesas redondas cercavam a pista de dança de piso de madeira. Cada uma estava colocada em um nicho pintado com uma cena estilizada de um antro de ópio chinês. Entre cada mesa, havia uma cortina vermelha ou um grande gongo de bronze manchado. De tempos em tempos, alguém soava o gongo com uma garrafa de champagne, e a banda parava de tocar e começava uma outra música.

"Aqui está, Fraulein". Oliver colocou à minha frente, sobre o balcão, um copo com líquido verde-esmeralda, uma garrafa com água, uma colher com furos e um cubo de açúcar.

Coloquei o cubo de açúcar na colher, apoiei-a na boca do copo e despejei a água gelada por cima. À medida em que a água escorria através do açúcar, o líquido verde se tornava branco anuviado. Eu já havia provado absinto com Walter no passado, quando ainda era liberado. A bebida havia se tornado ilegal na Alemanha anos atrás, porque se dizia que a erva destilada em sua composição provocava loucura. Mas ainda era servida no El Dorado, onde a clientela obviamente não estava preocupada com a lei ou com a sanidade mental.

"Tome um gole primeiro, se você não está acostumada", Oliver recomendou.

Concordei com a cabeça e tomei um gole do líquido leitoso. Exatamente como eu me lembrava, tinha gosto de licor com um sabor final de graxa de sapato, e deixou minha boca dormente. Apertei os dentes para não ficar enjoada com o gosto amargo. Ernst bebeu o dele de um gole só, com os anéis que usava por fora das luvas batendo no vidro do copo. "Mais um", pediu.

"Como você está?", perguntei. Pronto para voltar para casa?"

Ele gargalhou alto e afetadamente, de um jeito que eu nunca havia visto antes. "E abrir mão de tudo isso?" Ao gesticular pela sala, a luz refletiu com brilho nos seus anéis.

Tomei um outro gole do absinto, o gosto ainda era horrível. Do fundo do bar, um homem gordo, com a cabeça raspada, vestido com uma roupa branca com miçangas, piscou para Ernst.

"Oh, Lola". Ernst acenou para ele com dois dedos. "Ele não é adorável?"

"Esta não é a primeira palavra que me vem à mente".

"Você deveria provar cocaína". Ernst abriu o estojo de prata de pó compacto de mamãe. "É divina".

"Não", respondi, perdendo a batalha para evitar me chocar. "Simplesmente, não".

Ele enfiou de volta o estojo em sua bolsinha bordada com miçangas, contrariado.

"Como vai Herr von Reiche?", perguntei.

"Por aí. Ernst olhou para o palco, onde um garoto de pele escura aparentando ter doze anos cantava uma música no estilo jazz. "Preciso me apressar para o meu show". Beijou o ar próximo à minha bochecha e saiu correndo, cruzando a pista de dança e desaparecendo por uma porta lateral.

Empurrei meu absinto sobre o balcão na direção de Oliver. "Quer uma Berliner Weisse?", ele perguntou.

Fiz que não com a cabeça. "Ouvi dizer que é *passé*".

No último acorde da música, o garoto escuro abriu a frente do seu smoking, revelando peitos decididamente femininos. O garoto, ou garota, deixou o palco sob aplausos gerais.

O palco ficou escuro e, por um momento, sem som. O pianista começou a tocar uma música romântica lenta. Um ofuscante

holofote cortou a escuridão da boate. No meio do círculo de luz, a perna pálida de Ernst apareceu da cortina, e ele chutou seu sapato de salto alto para o teto. E então se insinuou através da cortina para o palco. Todos bateram palmas.

Seu vestido vermelho brilhava como brasa na luz do palco. Ele usava tanta jóia, que reluzia como um candelabro quando se movia. Quando os aplausos sossegaram, ele levantou uma mão com luva acima da cabeça e começou a cantar uma música de amor com a voz rouca. Toda a dor do mundo fluía de seu corpo junto com a sua voz. As conversas silenciaram. Ninguém sequer bebia. A platéia ficou extasiada.

Eu olhava para Ernst cantando tão lindamente naquele vestido vermelho, que nem percebi que segurei minha respiração até que ele parasse e os aplausos caíssem sobre ele como uma chuva. Cantou apenas mais duas músicas, agradeceu e jogou beijos emblemáticos para a platéia que o aplaudia em peso, antes de sair do palco saltitando.

Alguns minutos depois, voltou ao bar, esquivando-se dos admiradores pelo caminho.

"E então?", perguntou.

"Impressionante!", exclamei, lembrando-me das vezes em que eu e minha professora de canto o deixamos cantar durante minhas aulas. "Honestamente. Frau White iria se orgulhar dessa voz".

"A não ser pela roupa", disse ele, com um sorriso malicioso. "Agora, conte-me tudo. Greta continua desprezando Jim? Como vai Mademoiselle Zee? Ela sente minha falta?"

"A gata está inconsolável", menti.

Oliver colocou uma bandeja de taças de champagne à nossa frente. "Todas para você, meu querido", disse para Ernst. "Posso citar o nome de cada um de seus admiradores, se você quiser".

Ernst deu um risinho. "Não precisa. Não vou conseguir me entender com todos eles".

Ele se virou para mim. "A gata não está inconsolável. Mas e as cartas de amor? E toda aquela poesia louca do jornal?"

"Fui promovida", contei-lhe. "Estou escrevendo em tempo integral como Peter—"

"Olá, *liebchen*", interrompeu uma voz que vinha por trás do meu ombro. Os olhos de Ernst vibraram ao ver quem falava. Ele arregalou os olhos como quem acabara de ganhar um presente de Natal, e depois bateu os cílios como uma coquete profissional. Seus talentos para representar com certeza haviam melhorado.

"Rudolf", disse ele. "Você perdeu minha apresentação, garoto malvado".

"Nunca perco uma apresentação sua". Rudolf passou o braço sobre o ombro de Ernst. "Apenas não consegui vencer a multidão de admiradores que o cobiçava".

"Tente com mais afinco, querido", disse, fazendo beicinho.

"Seu desejo é uma ordem". Rudolf desceu o braço para a cintura de Ernst e o levou até a pista. Dançaram juntos, com os corpos tão colados que temi que as franjas do vestido de Ernst se soltassem. Rudolf massageava o traseiro de Ernst com as duas mãos. Ganhei, pareciam me dizer os olhos de Rudolf. E você perdeu.

Quando me virei de volta para o balcão, uma Berliner Weisse apareceu à minha frente.

"Por conta da casa", disse Oliver. "É bom que consiga acabar antes que eles parem de dançar".

Terminei aquela e mais outra cerveja, antes que Ernst voltasse e me beijasse a bochecha, desta vez com os lábios me tocando. "Preciso ir", disse ele. "Volte amanhã".

Ele e Rudolf deixaram a boate de mãos dadas, e Oliver os seguiu com os olhos. Ernst se virou para acenar para os seus vários admiradores e também para mim, afastando seus cabelos loiros do rosto, com um gesto gracioso que lembrava tanto a nossa mãe, que me encheu os olhos de lágrimas.

Tremi, ainda parada do lado de fora, em frente ao mural. Caminhei até a cena final—um homem e um poodle com cílios longos, usando um tutu cor-de-rosa dançavam o foxtrote. Brinquei com o poodle de estilo coquete, estiquei os ombros e entrei através do espelho.

Lá dentro, a moça da chapelaria usava uma saia curta preta que mostrava tornozelos bem torneados, mas as mãos que tiraram meu casaco eram grandes.

"As mesas ficam após as cortinas, madame", disse, com uma voz profunda e abafada.

"Obrigada, mademoiselle", devolvi, e ele me lançou um sorriso tímido. Enganar-me era o seu trabalho, afinal de contas, e eu não podia deixá-lo perceber que não me enganara.

Passei pelas grossas cortinas, sentindo seu cheiro de mofo e fumaça. Elas barravam o barulho, impedindo que chegasse à rua e seguravam o aquecimento no inverno.

Metade das mesas continham grupos de farristas sentados ao redor de um balde de prata festivo com uma garrafa verde de champagne. Balões brancos do El Dorado flutuavam sobre os baldes, ancorados pelas alças. A maioria dos clientes estavam vestidos como mulheres, mas quantos ali eram fêmeas de fato, ninguém sabia.

Segui para o canto do longo balcão de teca, perto da pia, o lugar onde os *barmen* podem parar por um minuto e conversar, enquanto lavam os copos. Oliver mantinha tudo de forma impecável. Ele passava boa parte do tempo na pia. Tinha estado ali apenas algumas vezes, mas ele devia se lembrar de mim.

A fumaça ficou mais espessa e eu contive uma tosse, subindo em um banco do bar, projetado para acomodar uma pessoa alguns centímetros mais alta que eu, assim os homens poderiam empoleirar-se sem amassar seu vestido de festa. Oliver perambulava com seu paletó garboso de *barman*. Ele podia parecer um panda, com sua barba preta e paletó branco, mas Ernst dizia que ele era um perfeito lutador de rua, que jogava para fora da boate, pessoalmente, a maioria dos bêbados encenqueiros. Uma vez, ele

expulsou uma gangue inteira de vândalos nazistas que tentaram destruir o lugar.

"Senhorita?", ele perguntou.

"Uma Berliner Weisse com uma dose", disse. "Verde".

Ele serviu uma pequena dose de xarope de aspérula em um copo, abriu uma garrafa de cerveja de trigo e misturou. Era cerveja para crianças e turistas, mas eu adorava, de qualquer jeito.

Passei seu pagamento sobre o balcão com uma pesada gorjeta. "Está certo", disse, quando ele tentou me devolver o troco. "Estou procurando pelo meu irmão".

"E não estamos todos?", disse ele, com uma risada explosiva. Serviu um líquido claro em dez pequenos copos alinhados em uma bandeja.

"Seu nome é Ernst Vogel, e ele canta aqui".

"O passarinho?", perguntou, passando o pano sobre o balcão impecável. "Você é irmã do Rouxinol?"

"Hannah Vogel". Estiquei a mão para ele. Ernst adorava quando as pessoas o chamavam de Rouxinol.

"Hannah", ele disse, apertando minha mão. Sua mão era firme e estava úmida, por causa da toalha. "Lembro de você, fazia tempo que não a via".

Concordei com a cabeça. "Ernst está aqui hoje?"

Oliver respondeu que não com a cabeça. "E Winnie está furioso. Com licença".

Levou a bandeja cheia daquelas doses para uma mesa de homens de negócios. Pelo menos, pareciam ser homens. Oliver cumprimentou-os e distribuiu os drinques. Embora todos os copos estivessem cheios até a boca, ele não derramou uma gota.

Mexi o xarope verde na minha cerveja.

Oliver voltou com a bandeja de copos vazios e começou a lavá-los na pia. O vapor levantava da água.

"Quando foi a última vez que o viu?"

Depois de sua apresentação na sexta-feira. Oliver passou as costas das mãos nas sobancelhas. "Ele faltou a todas as apresentações do fim de semana".

Engasguei com um nó na minha garganta e fingi que esse era o motivo de minhas súbitas lágrimas.

"Você está bem?", perguntou Oliver, com preocupação.

Tossi mais algumas vezes e depois disse, "Perfeitamente. O que Ernst estava fazendo na sexta-feira?"

"Ele e Rudolf discutiram por causa do garotinho nazista".

"Garoto nazista?", perguntei e tomei um gole da cerveja. Adorava a mistura da cerveja amarga com o toque doce do xarope, transformando a cerveja de adulto em bala.

Oliver apontou, com o dedo cheio de espuma de sabão. Virei-me e vi um adolescente loiro, sentado a uma mesa próxima ao palco. Seu uniforme nazista bem passado era marrom como as folhas de outono. "Rudolf e Ernst discutiram, mas Ernst foi embora com o garoto, ao final. O rapaz está encantado pelo seu irmão. Aproximou-se de Ernst quando ele deixou o palco e eles se beijaram como se tivessem passado anos sem se ver".

"Qual o nome dele?"

"Wilhelm".

"Qual o sobrenome?", quis saber, pois ele parecia conhecido.

"Não sei o sobrenome", respondeu, olhando para os copos que acabara de lavar. "Não sei o sobrenome de ninguém".

"O meu é Vogel".

"Já esqueci". Enxaguou os copos e secou-os com uma toalha branca como a neve.

Joguei algumas moedas que tilintaram no balcão e disse, "Sirva um drinque ao garoto por minha conta".

"Não faz o seu tipo, querida", disse Oliver com um sorriso. "Mas ele faz o maior sucesso aqui. Quase tanto quanto Ernst já fez, um tempo atrás. Antes de ficar velho".

"Ernst só tem vinte anos!"

"Não fique tão chocada. Os homens que vêm aqui gostam dos jovens".

Lembrei-me de quando Ernst foi me visitar, um ano atrás. Ele chegara ao meu apartamento às sete horas da manhã e ainda não tinha dormido. Ainda estava de vestido, e com a maquiagem dos olhos borrada nos cantos.

Eu já estava vestida e pronta para sair, mas fiz o chá para ele, enquanto ele reclamava do trabalho.

"Com certeza, já sou um ancião", disse, puxando os cantos dos seus olhos jovens, enquanto os examinava no espelho do estojo de pó compacto.

Eu rira. "Você não tem nem vinte anos. Nem eu, que estou na casa dos trinta, sou velha de verdade ainda".

"Para o seu mundo, talvez", respondeu, com os lábios de carmin. "Mas, agora, todos esses homens ricos e bonitos estão de olho nas grandes novidades. Ou, melhor, nas pequenas novidades com algo grande, se você me entende".

"E todas aquelas jóias adoráveis? Não vieram de admiradores?"

"Não são verdadeiras", disse. "Ninguém me dá mais jóias de verdade".

Eu balançara a cabeça, discordando, e saíra apressada para tomar o ônibus, dizendo a ele que estava exagerando. Mas ele estava certo.

Oliver limpou a garganta, e eu abaixei os olhos em direção à minha cerveja. "Por favor, sirva a ele um drinque em meu nome".

Fingi que analisava um porta-copos do El Dorado enquanto Oliver levava uma dose de uísque para o garoto. O porta-copos era cor de creme, com os dizeres "Aqui, pode!", impressos com letras enfeitadas.

Depois que Oliver entregou o o drinque a Wilhelm, fui até sua mesa e me sentei, sem ter sido convidada. Wilhelm levantou seu estojo de tartaruga até seus lábios sensuais e retirou um cigarro. Atikah, fumo da Turquia. Ernst já havia fumado desses uma vez também.

"Boa noite", disse eu. Ele me fitou com os olhos azuis cheios de espanto. Será que teria me confundido com um homem, quando me viu do outro lado da sala?

"Olá". Ele bateu as cinzas do cigarro no cinzeiro de prata. "Obrigado pelo uísque".

"Estou procurando uma pessoa", comecei.

"Não estou interessado", interrompeu, sem me olhar nos olhos. "Não faço com garotas, nem por dinheiro, não importa quanto".

"Estou procurando por Ernst Vogel", prossegui, imaginando por que ele não olhava para mim.

O rapaz continuou sentado, ereto como uma vara, em sua cadeira. Vi seu porte nazista, estava ciente de sua juventude e força, e sabia que deveria ter cuidado. "Estou procurando por ele também. Ele disse que viria, mas nunca apareceu. Então tenho vindo aqui desde sábado, e fico esperando". Ele tropeçava nas palavras. "Esperando".

"Quando foi a última vez que o viu?" Antes que ele pudesse responder, alguém tocou um gongo, e a banda passou a tocar "*Yes, We Have No Bananas*", um antigo sucesso. Ele bateu palmas ao ritmo da música. Suas mãos eram grandes demais para o seu corpo, e bem formadas, como o Davi de Michelangelo.

Deixei-o cantar por alguns minutos, e então peguei a garrafa de champagne fechada que estava no centro da mesa e usei-a para soar o gongo. A banda parou imediatamente e começou a tocar outra música. Wilhelm parou de bater palmas e olhou para mim.

"Sábado de manhã cedo", respondeu. "Ele pulou a janela do meu quarto para que o meu pai não o visse, e disse que me encontraria naquela noite aqui na boate, mas ele não veio. Esperei a noite toda".

Meu Deus, Ernst, pensei. Wilhelm ainda morava com os pais. Exatamente como você morava comigo até conhecer Rudolf. Tomei um grande gole de cerveja e procurei acalmar a voz. "Você esperou aqui a noite toda de sábado?"

"E domingo e segunda-feira", disse. "Os três dias, caso você esteja contando, pois eu estou".

Por trás da cabeça dele, vi Rudolf entrar no ambiente, sozinho, vestido com o terno cinza que era sua marca registrada. Caminhou até o bar, sem olhar para nenhum dos lados. Virei de costas para ele, pois não queria que soubesse que eu estava perguntando por Ernst, checando o que ele me contara. E se ele fosse o assassino? Vi seu reflexo no balde de champagne e torci para que ele não me reconhecesse de costas.

"Quantos anos você tem?", perguntei a Wilhelm, fazendo um enorme esforço para manter meu tom de voz.

"Dezessete. E você?" Ele tragou novamente o cigarro e esticou o queixo.

"Trinta e dois". Passei o dedo pela borda fria do meu copo de cerveja e observei o reflexo de Rudolf checando o relógio.

Wilhelm soltou a fumaça surpreso. "Tudo isso?"

Apesar de preocupada com Rudolf, sorri. "Meu nome é Hannah Vogel", disse, esticando a mão.

"Wilhelm", ele disse, apertando com firmeza. "Wilhelm Lehmann".

"O garotinho da escola?", perguntei, surpresa. Mais de cinco anos atrás, Ernst havia trazido um garoto esquisito, de doze anos de idade, para nosso apartamento. Agora que sabia, vi o fantasma do menino no rosto do jovem à minha frente. Obviamente animado com tanta atenção, Ernst contou que Wilhelm o seguia pela escola como um cachorrinho. Aposto como Ernst havia ficado muito mais lisonjeado agora, que Wilhelm estava crescendo e encorpado.

Wilhelm balançou a cabeça. "Naquele tempo, ele vivia tentando me convencer a desistir de gostar dele".

"É mesmo?" Eu não conhecia esse outro lado de Ernst. Nunca soube que ele recusasse amor ou adoração. Nunca era o suficiente para ele.

"Ele me mandava encontrar uma boa garota. Dizia que eu era jovem demais. Mas não na sexta-feira quando eu vim até a boate. Aquela noite ele viu que eu era um homem. Todos viram". Wilhelm virou seu uísque como o astro do faroeste Tom Mix, e bateu o copo de volta na mesa. "Eu poderia ficar com qualquer um deles. Mas escolhi Ernst, porque pensei que ele se importasse".

"Oh", disse, usando minha habitual exclamação quando não sabia o que dizer. Wilhelm agora era um homem, e nazista. Ele tinha sido um garoto gentil, jeitoso com Mitzi. E agora sua missão era vencer os comunistas e os judeus.

"Mas daí Ernst desapareceu. Sem me dizer uma única palavra. Ele não veio trabalhar". Wilhelm afundou-se em sua cadeira, e fez um bico de contrariedade, perdendo a aparência máscula. "Não sei, mas acho que ele deve ter fugido com aquele soldado rico de quem ele falava".

"Um soldado?", perguntei, inclinando-me para a frente. "Qual o nome dele?"

"Alguém famoso. Alguém mais importante do que eu".

Contive um suspiro de impaciência e perguntei: "Sabe algo mais sobre ele?"

Wilhelm franziu a sobrancelha. "Ernst disse que tinha medo dele, mas que gostava disso".

Nunca soube de Ernst ter medo de alguém, mesmo quando ele deveria ter. "Por que ele tinha medo?"

"Ele dizia isso como se estivesse brincando, mas acho que era de verdade". Ele me olhou e continuou, "Mas quem sabe o que ele quer dizer".

"E você não teve mais notícias dele desde então?" Dei uma rápida olhada no balcão. Rudolf se inclinava em direção a Oliver, que encolheu os ombros e apontou para a porta do palco. Será que ele estava perguntando sobre Ernst? Se estivesse, Oliver não estava lhe respondendo que Ernst não estava lá.

"Não, mas não sou o único procurando por ele. Dois integrantes da SA estiveram aqui ontem. Disse a eles que não o via há dias, mas continuaram fazendo perguntas e mais perguntas".

Por que será que integrantes da Sturm Abteilung - a florescente tropa de assalto, como era conhecido o exército particular de Hitler - estavam interessados em Ernst? Rudolf espiou pela porta que dava nos bastidores do palco. Virei minha cadeira para que Wilhelm ficasse entre mim e o palco, o melhor que poderia fazer a não ser fugir dali. "Eles disseram por que queriam encontrá-lo?"

Wilhelm negou com a cabeça. "Talvez ele esteja se escondendo deles. Ou talvez esteja se escondendo de mim", acrescentou, ficando triste de repente. Ele tirou um lenço de seda vermelho do bolso e deu leves toques nos olhos. O tipo de toque expressamente proibido pelo Código de Masculinidade, uma série de regras que eu havia inventado para Ernst, com o objetivo de protegê-lo.

Wilhelm passou a mão distraidamente pelas bochechas. Colocou a seda vermelha cuidadosamente de volta no bolso da camisa marrom, sem deixar nem uma mínima ponta à vista. "Você acha que

Ernst não teve coragem de vir me falar que me odeia, afinal? Que ele está se escondendo, para não ter de me enfrentar?"

Ernst não estava se escondendo de Wilhelm, mas eu estava me escondendo de Rudolf. E se ele me encontrasse ali? Se ele tivesse matado Ernst, alguém que ele amava, não teria problema algum em se livrar de mim, a quem ele odiava. Senti um arrepio na nuca.

"Não acho que ele iria se esconder de você", disse, tentando ser convincente.

"Apenas covardes se escondem", disse Wilhelm, com raiva. "Papi diz..." Sua voz falhou.

"O que o seu pai acha de seus novos amigos?" Tempos atrás, Ernst me contara que Wilhelm não se entendia bem com o pai.

"Papi?" Wilhelm deu uma longa tragada no cigarro e respondeu, "Ele tenta me arrumar com garotas. Ele odeia o que eu sou".

"O que você é?"

"Gay. Ele não gosta de homens gays. Diz que somos uma praga na nossa raça, e que Hitler pensa o mesmo. Que um dia Hitler irá recolher a todos nós e nos matar. Mas ele está errado, pois o melhor amigo de Hitler não é Röhm? Röhm é tão gay quanto eu, e ninguém o irá recolher".

"E se algo acontecesse a Röhm?" Tomei o último gole da cerveja, o mais doce de todos, pois quase só havia xarope, e coloquei cuidadosamente meu copo de volta na mesa de madeira.

"Hitler não pode se dar ao luxo de perdê-lo. Eles irão protegê-lo, é o único que pode liderar a tropa de assalto. É por isso que Hitler o implorou para que voltasse da Bolívia".

Levantei a sobrancelha. Hitler não era do tipo que implorava.

"Röhm é muito mais durão do que Hitler. Os homens o seguiram em uma batalha na guerra, pagaram com suas vidas em Verdun, e outros ainda foram atrás dele". Seus olhos brilharam e ele passou o dedo indicador sobre os lábios.

"Isso diz mais sobre ele, ou sobre os homens que o seguiram?"

Wilhelm balançou a cabeça loira e disse, "Röhm é um herói. Uma vez ele liderou em marcha 65 prisioneiros franceses de volta da linha de frente. Ele tinha sido atingido no peito. O tiro atingira de raspão o seu pulmão. Mas ele os levou de volta à base, tropeçando pelo

caminho com outros três soldados alemães feridos. Sua autoridade era tão forte, que nenhum dos prisioneiros fugiu, embora a única arma que tivessem fosse o revólver de Röhm, com apenas seis balas".

"E como você sabe dessas proezas?" Atrás de Wilhelm, os músicos fizeram um intervalo, deixando seus instrumentos brilhantes e marchando para o bar como pinguins.

"Meu pai me contou, e ele deve saber, pois é o principal tenente de Röhm em Berlim".

"Ele se incomoda com o fato de Röhm ser gay?"

Wilhelm riu, sem acreditar na pergunta. "Ele o venera. Röhm pode ser o que quiser. Só eu que não posso. Além do mais, eu não demonstro masculinidade suficiente".

"O que isso quer dizer?"

"Ernst costumava me ensinar formas de agir com maior masculinidade perto do meu pai".

Eu estremei. Ernst certamente tinha experiência nisso.

"Ele chamava de o Código da Masculinidade. Você deve saber bem, pois ele disse que foi você que inventou".

"Fui eu mesma, fiz isso para protegê-lo de nosso pai".

"O tirano".

"Era assim que Ernst o chamava?"

"Isso foi o melhor que ele falou sobre ele". Wilhelm riu e continuou, "Teria de me desculpar para dizer, diante de uma dama, tudo o que ele dizia".

"Isso é bem típico dele", disse eu, sorrindo.

Um homem alto, corpulento, com um vestido em estilo melindrosa mal-feito, com franjas pretas, aproximou-se de nossa mesa, cambaleando. Parecia uma tenda de circo prestes a desabar. "Olá, querido", disse ele a Wilhelm. Eu me lembrei dele da minha primeira visita ao El Dorado. Era Lola.

Wilhelm puxou uma cadeira e observou o homem, com olhos atentos.

"Muito bom seu enchimento", disse o homem para mim, com seu batom coral. "É uma mulher bem convincente".

"E você é um homem bem convincente", respondi. "O que acho que não era sua intenção".

Ele corou e me deu um sorriso verdadeiro. Senti o odor floral de talco Vasenol para o corpo. "Perdoe-me, respeitosa dama", disse ele. "Minha visão não está muito boa e pensei que você fosse, bem, você sabe".

Ri e estendi minha mão para ele, "Hannah".

Ele tomou minha mão com a sua bem hidratada. "Sou Adorável Lola".

"Sente-se, por favor", apontei para a cadeira vazia.

O homem sacudiu a cabeça, e sua peruca preta remexeu de um lado para o outro. "Eu vim convidar seu amigo...", disse, apontando o dedo com a unha pintada de coral para três pequenas portas na parede preta. A parede e as portas eram pintadas com um mural de um porto chinês. As portas era imperceptíveis, exceto para quem soubesse o que havia atrás delas.

Wilhelm já iria recusar com a cabeça, mas depois olhou para mim com uma postura desafiadora e respondeu, "Adoraria entrar na sala escura com você. E quanto a você, Hannah, pode contar isso a Ernst quando o vir".

Então ele se levantou e apertou minha mão, com a mão firme e seca, própria de um homem jovem e destemido. "Foi muito bom ver você, Hannah. Se encontrar Ernst, por favor diga-lhe que estou procurando por ele. Sinto muito sua falta e quero corrigir o que quer que o tenha deixado aborrecido. Posso fazer tudo o que aquele soldado fizer, e ainda melhor".

Adorável Lola sorriu.

Eu virei um dos porta-copos do El Dorado de costas e escrevi meu nome e o telefone do jornal, usando minha caneta-tinteiro cor de jade. "Telefone para mim caso o veja".

Ele escreveu um endereço no seu porta-copos e me entregou. "Não temos telefone, mas aqui está nosso endereço. É perto da fábrica de garrafas".

"Obrigada". Observei sua escrita confusa antes de guardar o porta-copos na minha bolsa.

"Diga a ele para aparecer e dizer olá. Ou qualquer coisa. A qualquer hora. E que eu não estou esperando por ele. Não mesmo".

Wilhelm segurou a mão de Adorável Lola e o conduziu até a porta mais à esquerda. Eu sabia por Ernst que atrás daquelas portas havia pequenas salas com apenas um banco de madeira em cada, para a pessoa se apoiar quando... quando estivesse em relações íntimas com alguém. Se é que se pode chamar assim. Encolhi os ombros e deixei a mesa. Sabia que eu era uma completa puritana, mas não aguentava pensar em Wilhelm, jovem e cheio de vida, dentro daquela salinha com aquele travesti velho. Não queria vê-los novamente quando eles saíssem dali, ruborizados e suados como os homens que eu já havia visto surgir daquelas salas antes.

Não ajudava muito saber que Ernst já havia estado com Lola, ou que Wilhelm estava fazendo aquilo apenas para provocar Ernst. Se eu não estivesse lá para testemunhar, nada disso teria acontecido. Sentindo-me enauseada, engoli em seco e voltei para o bar.

No caminho de volta para o balcão do bar, uma voz feminina animada vibrava em holandês. Do canto do olho, vi dois casais. As mulheres pareciam mulheres, pois davam risinhos, tentando não apontar para as "mulheres" nas outras mesas. Os homens pareciam deslumbrados.

"Obrigada, Oliver". Coloquei meu copo vazio no balcão e me sentei em um banco alto. "Você sabe de algum soldado rico que Ernst possa ter mencionado? Wilhelm acha que eles viajaram juntos".

Oliver fez que não com a cabeça. "Seu irmão menciona muitos homens, inclusive soldados. Mas nunca o ouvi mencionar um em específico". Ele poliu um copo e o colocou em uma fileira atrás de si.

"Oh", suspirei. Isso seria parte do esquecimento seletivo de Oliver? Como sobrenomes, ou flertes? O perfeito *barman*.

"Não se preocupe. Ele vai aparecer em breve. Ele já perdeu um ou outro show sem que você soubesse".

"É mesmo?", perguntei, surpresa, pois Ernst era responsável com suas apresentações.

"Quando Rudolf foi visitar um parente doente para checar se ainda estava no testamento, seu irmão desapareceu por uma semana", disse, apanhando seis copinhos e os enchendo habilmente. "E ele não estava com Rudolf".

"Você sabe aonde ele foi?" Apoiei os cotovelos no balcão de teca acetinado.

"Pode ter sido em qualquer lugar". Colocou copos em uma bandeja redonda vermelha e continuou, "Seu irmão nunca recusa propostas".

"Obrigada pela informação". Segundo minha experiência, uma fonte só dava essa quantidade de informação se quisesse algo em troca. O que será que Oliver queria? "Aquele era Rudolf?"

Os lábios de Oliver sorriram, mas seus olhos permaneceram impassíveis. "Ele também estava fazendo perguntas sobre seu irmão".

"Você disse que ele não está aqui?"

"Disse a ele para verificar nos bastidores. Neste momento, ele deve estar escutando um longo discurso de Winnie", disse, lançando um olhar para a porta do palco. Um cliente levantou a mão com os dedos todos esticados e a outra com o polegar e o indicador. Sete.

"Ele parecia estar com pressa", disse eu.

"Winnie irá fazê-lo desacelerar". Oliver pegou mais um copinho, encheu-o e o acrescentou à bandeja.

Levantei-me para sair. Seria bom ir embora do El Dorado antes que Rudolf me visse.

"Não vai ficar para o show?", perguntou. "Eles estão usando Francis no lugar do seu irmão. Uma boa oportunidade para um homem ambicioso. Ele é um dançarino talentoso, e, ao final do espetáculo, ele fica apenas com um chapéu fez e uma tanga".

"Quem é Francis?"

"Preciso entregar isso". Ele atravessou a pista de dança e foi até um grupo de homens de bigode dividindo uma mesa no canto. Pareciam tanto com homens, que suspeitei que fossem mulheres.

Oliver voltou e jogou algumas moedas dentro de uma caneca de barro vazia que ficava atrás do balcão. "Nunca ouviu falar do arquirrival?", respondeu. "Francis tenta tirar a apresentação de Ernst, e também suas calças, há um ano. Essas férias de Ernst são a melhor coisa que aconteceu a ele desde que chegou aqui".

"Onde está Francis?"

Oliver apontou para um homem pequeno, de cabelos cacheados, tomando absinto na outra ponta do bar. Seus cabelos negros, sua pele e olhos escuros faziam dele um tipo exótico. Ele usava calças no estilo harém muito finas e uma túnica preta que parecia cobrir seios pequenos, um chapéu fez e sapatilhas douradas com pontas longas e curvas. Parecia pequeno demais para atacar Ernst, mas fui até ele mesmo assim. Chegando bem perto, poderia ter matado Ernst.

"Posso lhe pagar uma bebida?", perguntei.

"Por favor", ele sorriu sarcasticamente, olhando para mim com olhos vermelhos. Seu hálito cheirava fortemente a álcool. "Sei que

você passou horas ajustando esses quadris, mas ainda assim não faz o meu tipo".

"Hannah", disse eu, estendendo-lhe a mão.

"Uma mulher de verdade", disse ele, ignorando a minha mão. "Como suspeitei. Um travesti jamais usaria um sapato desses com esse vestido. Esses sapatos são um verdadeiro desastre. E o seu vestido, a propósito, estava na moda quatro anos atrás".

"É pegar ou largar", disse, gesticulando para Oliver para abastecer o copo de Francis, mas Oliver balançou a cabeça.

"Não aceito drinques de mulheres", respondeu, bêbado e sacudindo o dedo com a unha longa e esmaltada para mim. "Passa a ideia errada".

"E qual é a ideia?"

"Eu conheço você?"

"Estou procurando pelo meu irmão", respondi. "Ernst Vogel".

"Quando o encontrar", disse, tentando levantar-se do bar. "Diga a ele para voltar aqui".

"Por que?"

"Escute, Anna", disse ele. "Esse negócio de glamour está acabando comigo".

"Ele virou de costas e foi cambaleando em direção aos banheiros. Eu estava tentando decidir se iria ou não atrás dele, quando Oliver se aproximou. "Ele vai ficar sóbrio antes da apresentação. Sempre faz isso".

"Ele disse que meus sapatos eram horríveis", eu disse. "Mas gostou dos meus quadris".

"Você tem quadris muito femininos", disse Oliver. "A maioria dos homens aqui seria capaz de matar para ter quadris assim".

Eu ri e perguntei, "Francis seria?"

Oliver sacudiu a cabeça. "Os dele também não são maus".

"Ele está sempre tão bêbado assim?"

Oliver esfregou o balcão com uma toalha branca impecável. "Está sempre um pouco, mas nem tanto".

"Para mim, ele não está nada bem".

"Ele tem bebido desde o fim de semana".

"Por que será?", pensei em voz alta. Talvez ele tenha feito algo de que se arrependeu na sexta-feira. Tinha raiva suficiente para isso.

"Acho que seu amor o deixou. Oliver dobrou a toalha cuidadosamente na metade e pediu licença para ir atender duas figuras de smoking feitos sob medida, que pareciam femininas, mas não me importei de adivinhar. O jogo perdera a graça.

Olhei para a porta do banheiro. Francis ainda estava lá dentro. Será que Ernst confiava nele o suficiente para deixá-lo chegar perto com uma faca?

Wilhelm saiu da sala escura ajeitando a camisa marrom. Um homem grande, vestindo um uniforme bem passado da SA, entrou marchando e agarrou seu braço. O homem era forte e quadrado, tinha a nuca grossa como a de um búfalo, e claros cabelos curtos, que cobriam sua cabeça pontuda.

Wilhelm lutou contra ele, com o rosto vermelho.

O homem segurou o braço do rapaz para trás e lhe deu um tapa no rosto. Fiquei boquiaberta.

E então, o homem chegou bem perto dele e falou com a voz baixa e pausada em seu ouvido. Wilhelm abaixou a cabeça como um cão que apanhara, enquanto o homem resmungava com ele. Sua cabeça quase raspada mostrava o couro cabeludo vermelho de raiva.

Enfim, Wilhelm concordou com a cabeça, o homem agarrou seu cotovelo e levou-o para fora da boate. Lola saiu da sala escura, esticando a faixa de seu vestido, e os observou saírem, sem qualquer expressão no rosto.

"Oliver", sussurrei quando ele voltou. "Você viu aquele homem bater em Wilhelm?"

Oliver respondeu sem me olhar nos olhos, "Vi. Aquele homem é o pai dele. Não quer que Wilhelm venha aqui. E que pai iria querer?"

Antes que eu pudesse responder, Francis saiu do banheiro, tropeçando e pálido, porém parecia mais coerente do que quando conversei com ele. Ernst não imaginaria que o rapaz fosse uma ameaça, mas ele nunca levou em conta a inimizade mesmo.

Rudolf abriu com força a porta que dava para os bastidores e saiu apressado, derrubando Francis pelo caminho. Ele ajudou Francis a se levantar e a se limpar, abaixando a cabeça para sussurrar

alguma coisa para ele. De início, imaginei que fosse um pedido de desculpas, mas Francis empalideceu, portanto presumi que, em vez disso, fosse algo ofensivo. Virei meu rosto em direção ao bar e, quando espiei por cima do ombro, minutos depois, vi a ponta de seu casaco cinza desaparecer pelas cortinas vermelhas em direção à chapelaria.

O que será que Rudolf encontrara nos bastidores do palco, que o fez sair com tanta pressa? Talvez algo sobre Ernst? Corri atrás dele, determinada a descobrir para onde ele tinha ido. Tentei ser paciente com o rapaz da chapelaria, que foi procurar meu casaco, caminhando arrogantemente.

"É o casaco marrom", disse eu. "O único marrom".

Enfiei o casaco e levantei a gola. Abaixei o chapéu para que a aba cobrisse meu rosto e escapei pela porta principal. Não era exatamente um disfarce, mas fiz o possível. Com sorte, Rudolf não olharia em minha direção.

A forte luz da lua fazia brilhar a rua coberta pela fina camada de gelo. Respirei fundo, saboreando o ar limpo. A rua parecia segura. Um casal bem-vestido desceu de um automóvel Hanomag. A meio quarteirão de distância, um homem vomitou na calçada. Duas mulheres entraram em um prédio do outro lado da rua. Ninguém parecia ser um assassino ou estuprador.

Rudolf entrou num táxi e bateu a porta. Observei-o partir sem poder fazer nada para impedir. Eu o perdera de vista. Como iria descobrir por que ele estava tão furioso? Caminhei em direção a Nollendorfplatz para tomar o metrô para casa, mas dei apenas alguns passos até ouvir a porta do El Dorado bater com um estrondo. Encostei-me no muro e virei para olhar.

Francis se balançava pelos degraus e seus cabelos faziam sombra na luz. Ele passou por mim sem olhar em minha direção. Por que será que ele estava indo embora da boate, se tinha um espetáculo para apresentar? Eu o segui. De todos os homens no bar, Francis era quem mais se beneficiava da morte de Ernst, pois ele agora era a estrela.

Mas e se o assassino fosse um estranho? Ernst havia saído da casa de Wilhelm vivo, se o garoto estivesse falando a verdade.

Depois disso, meu irmão estivera vagando pelas ruas até sabe-se lá que horas, provavelmente vestido com suas roupas de festa. Uma presa fácil para os bandos de nazistas que varriam as ruas colando cartazes e assediando qualquer um que não aparentasse ser da raça ariana.

Se os nazistas, o tivessem assassinado, eu jamais saberia. Eles se aproximavam das vítimas, espancavam-na até a morte e desapareciam. As testemunhas raramente se apresentavam. E, mesmo que se apresentassem, as gangues nazistas não passariam muito tempo na prisão. Pensei no livro *Four Years of Political Murder*^[4], publicado em 1922 pelo estatístico Emil Gumbel. A análise que o autor faz dos registros de tribunal mostra como os juízes apoiavam a violência política de direita. Gumbel ressalta que as sentenças prisionais médias para assassinatos de esquerda foram de quinze anos ou de execução, enquanto as sentenças para assassinatos de direita ficaram, em média, em quatro meses. E esse quadro piorou a partir de 1922.

Mas Ernst era bom de briga e um corredor veloz. Depois que saiu de casa, matriculou-se para tomar aulas de boxe. Papai iria se revirar no túmulo se soubesse que Ernst praticava um esporte de classe tão baixa, mas ele conseguiria se defender. Se tivesse sido atacado por uma gangue nazista, teria contusões pelo corpo. Mas seu rosto e seu corpo apareciam sem qualquer marca na fotografia.

Francis percorreu os poucos quarteirões para Wittenbergplatz em tempo recorde. Ele estava mais em forma do que parecia e caminhava com uma elegância auto-confiante. Devia ser um dançarino maravilhoso. Fui mancando atrás dele, desejando estar calçando sapatos mais práticos.

A Wittenbergplatz estava deserta, a não ser pelas prostitutas paradas sob os postes de luz que iluminavam a rotatória ao redor da estação de metrô. Algumas poucas luzes estavam acesas no prédios altos, mas a maioria dos apartamentos estavam escuros. Afinal de contas, era tarde. Seguindo na direção oeste, apareciam as torres da Igreja Memorial Kaiser Wilhelm, quase invisíveis no escuro, mas ainda assim confortadoras.

Francis desacelerou o passo e se aproximou de uma mulher muito magra. Mesmo recostada no poste, ela era mais alta que ele. Seus cabelos eram pretos como piche; seus olhos, pesadamente maquiados; e ela usava botas brilhantes amarradas na perna, até os joelhos. Eu não conseguia identificar a cor de suas botas àquela distância, mas sabia que elas indicavam sua posição no ramo da prostituição em Berlim. Havia critérios que descreviam os tipos de perversões indicados pelas botas e pelos cadarços, mas eu nunca havia lido detalhes sobre eles.

Eu me abaixei na soleira de uma porta, pressionando minhas costas desconfortavelmente contra a superfície gelada. Deveria permanecer sem ser vista. Não queria que ninguém soubesse que eu tinha estado ali. Como repórter, aprendi que é sempre bom saber mais do que sua fonte pensa que você sabe.

Um automóvel passou ali perto, e eu os perdi de vista. Como poderia chegar perto o bastante para ouvir o que eles conversavam? O automóvel parou, e alguém gritou para Francis e a mulher. Ela riu e sacudiu a cabeça, apontando para o próprio braço, como se tivesse um relógio de pulso.

Ela ficou de pé, próxima ao poste, e cruzou os braços na frente do peito. Era maior que Francis, mas, mesmo assim, ele não se acovardou e apontava o dedo para ela em riste. Pude perceber a urgência no seu tom de voz, mas não consegui identificar uma única palavra do que ele dizia.

Ela enfiou os longos cabelos para trás das orelhas e sacudiu a cabeça. Seus braços eram brancos como de um fantasma, mas movimentavam-se com confiança. Ela não tinha medo de Francis.

Ele se esticou e agarrou o braço dela, seus sapatos dourados brilhando na luz. Depois, levantou o outro braço para trás, como se fosse acertá-la. Ela, então, empurrou-o com a palma da mão, fazendo com que ele caísse sentado, e provavelmente sujando suas caras calças harém. Com sua bota, ela pôs um pé sobre as pernas dele. O que será que Francis queria que ela fizesse?

Ele entregou a ela um pequeno pacote. Seria dinheiro? A mulher se afastou sem olhar para trás, Francis parou um táxi, que partiu

acelerando e cantando os pneus, levando-o de volta pelo mesmo caminho de onde viemos.

Como eu não podia segui-lo, resolvi seguir a mulher. Ela andou apressada pela calçada, olhando para a frente. Quando virou à direita e entrou em um beco escuro, recuei, com medo de ir atrás. Aquela rua, à noite, ficava tomada por traficantes de drogas, prostitutas e suas disputas. Nos dois lados da rua, prédios se agigantavam, com janelas escuras por trás de minúsculos terraços quadrados.

A mulher surgiu com um homem ainda mais esquelético do que ela própria. Apesar do frio da noite, ele usava apenas uma fina camiseta manchada e calças justas de luta. Depois de olhar disfarçadamente para cima e para baixo da rua, ele estendeu a mão suja, e ela lhe entregou o pacote que havia recebido de Francis. O homem passou alguns segundos dedilhando o conteúdo do pacote e movendo os lábios. Imaginei que o pacote tivesse dinheiro, e ele estivesse contando.

Ele fez um sinal com a cabeça e mostrou um envelope gordo. Ela o arrancou de sua mão saiu em disparada em direção à estação de metrô. Corri atrás dela e vi quando ela escorregou pela porta dos banheiros públicos.

Mais uma vez, desejei estar usando sapatos mais velhos. Os banheiros na Wittenbergplatz já não eram nada limpos mesmo durante o dia. Eu ía segurar a maçaneta de metal, quando uma mão grande e peluda me esmagou contra a parede lateral.

"Quanto custa?", perguntou uma voz.

Tentei falar, mas fiquei sem respiração. Agitei a cabeça e tentei me soltar dele. Mesmo sem conseguir, insistia e tentava me livrar, ou lutar com ele.

"Não", disse, atirando-me para longe da parede. "Não estou à venda".

"Orgulhosa demais para fazer com um aleijado?" Ele me olhou com malícia. Não tinha a orelha esquerda. Era uma pena que não fosse aleijado de fato, o que teria me garantido vantagem.

"Doente demais para fazer com qualquer um", disse eu. "Tenho gonorréia".

"Isso não me impede". Seu hálito de cerveja queimou meu rosto quando ele empurrou sua virilha contra meu corpo.

Pensei em uma lista de ações que eu podia tentar e escolhi aquela que parecia ter a maior chance de fazê-lo baixar a guarda. Dei um sorriso sedutor e disse, "Um dólar por uma chupada. Americano".

Ele deu um passo para trás e pôs a mão em seu bolso traseiro, ainda segurando meu braço.

Cravei meu joelho na sua virilha o mais forte que consegui. Ele se dobrou, soltou-me e caiu no chão, gemendo.

Corri em direção ao sinal *U* branco que brilhava na luz da rua, sem nem pensar na prostituta de Francis. Desci as escadas em disparada, corri para o primeiro trem que achei e fiquei agachada abaixo do nível da janela até que o carro partisse.

Minhas costas doíam e um hematoma já podia ser visto no meu braço, onde o homem me agarrara. Mas sabia quanta sorte tivera. Se ele estivesse um pouco menos bêbado e fosse um pouco menos estúpido, eu ainda estaria lá com ele. Apertei os dentes com força, pois eles já começavam a bater, tremendo. Aliviada por estar sozinha no trem, enrolei os braços em volta de mim mesma.

Quando o trem saiu de um túnel, um cartaz de cinema mostrando um braço esticado com a letra *M* na palma da mão chamou minha atenção. Era um cartaz do último filme de Fritz Lang. Um drama sobre um assassino de crianças solto nas ruas de Berlim, com Peter Lorre no papel do assassino que não consegue parar de cometer crimes hediondos. Eu estava na avenida Kurfürstendamm, passando pela fachada neoclássica do Teatro des Westens, e seguindo na direção contrária.

Subi, mancando, as escadas até o meu apartamento, tomando cuidado com os ferimentos que os sapatos de festa haviam feito nos meus calcanhares. Mitzi urrou atrás de mim, brava por causa do atraso do seu jantar. Passava da meia-noite, um horário absurdamente tarde para mim, e absurdamente cedo para Ernst.

Atrapalhada com a chave, senti-me agradecida pela pequena lâmpada no corredor de entrada.

"Saudações indígenas", falou uma vozinha. "O guerreiro tem uma mensagem".

Girei meu corpo em sua direção, com um braço levantado em defesa, pernas afastadas, pronta para lutar ou fugir.

Um garotinho loiro estava de pé à minha frente, segurando um envelope. Tinha o tamanho de uma criança de três anos, mas aparentava ter um pouco mais, talvez cinco. Olhei ao redor, procurando por um adulto, mas não vi ninguém mais. O que ele estaria fazendo sozinho na rua àquela hora da noite?

"Para a senhora", disse ele, com uma voz firme. Seus dedos encardidos seguravam um envelope branco coberto de sujeira.

"Por que você não está em casa?" Peguei o envelope de suas mãos sem pensar. "Quem cuida de você?"

"Docinho", respondeu, sem um pinga de sarcasmo. "Docinho de Coco".

"Já me entregou o envelope", disse eu. "Pode voltar para casa".

Ele não se mexeu. Será que estava esperando uma resposta para o que havia no envelope, fosse o que fosse?

Rasguei o envelope com a ponta da chave de casa. Havia duas folhas de papel. retirei um bilhete escrito em um papel amarelado com tinta verde da cor de bÍlis. Foi difícil decifrar a escrita ruim naquela luz fraca. Li silenciosamente.

Caro Ernst,

Para mim, chega. Você não pagou esta semana, nem pela comida. Portanto, Anton é seu. Fique com ele. Não irá me encontrar para devolvê-lo. Com carinho, Docinho.

Virei a página. Nada mais.

Retirei a outra folha de papel. Era uma certidão de nascimento, e dizia que Anton Vogel havia nascido no Hospital Steglitz em 10 de junho de 1925, o que significava que ele tinha quase seis anos de idade. O nome do pai era Ernst Vogel. Li duas vezes para ter certeza. Ernst teria tido um filho aos 14 anos de idade? Era impossível. Mas talvez ele tivesse passado por mais experiências do que eu soubesse.

Olhei fixamente para a parte do documento que citava a mãe. Com que mulher Ernst teria farreado aos 14 anos? Lembrava-me de algumas garotas, mas ele nunca pareceu interessado em nenhuma delas. Sacudi a cabeça. Não importava, eu iria encontrá-la e devolver esta criança para ela, que provavelmente já estaria preocupada com a sua ausência.

Li duas vezes o nome da mãe. Não conseguia fixar os olhos nas palavras, que pareciam dançar à minha frente. O nome da mãe era Hannah Vogel - meu nome. Não podia ser, deveria ser uma outra Hannah Vogel.

O endereço mencionado era o meu. Alguém havia mentido. Alguém havia falsificado meu nome naquela certidão de nascimento. Meus joelhos tombaram e escorreguei pela parede. As miçangas do meu vestido de noite despencaram no chão sujo do corredor. Mitzi se atíçou, soltou um miado e se afastou.

"Está passando mal?", perguntou o garotinho. "Se abrir a porta, posso buscar aguardente. Costuma ajudar a minha tia".

"Estou bem". Usei a parede como apoio e levantei. "Obrigada".

Ele assentiu com a cabeça e seus cabelos emaranhados agitaram-se contra os ombros.

"Você é Anton?" Observei seu queixo pontudo. Ursula, Ernst e eu herdamos o queixo quadrado de nossa mãe. Anton não se parecia conosco em nada.

"Esse é meu nome de homem branco", respondeu. "Meu nome indígena é Pequena Águia".

"Entendo", disse eu, embora não entendesse coisa nenhuma. Destranquei a porta de casa e acendi a luz. "Vamos entrar".

Anton apanhou um ursinho de pelúcia surrado e passou pela porta, atrás de Mitzi. A gata contorceu sua longa cauda branca, aborrecida com a presença do menino. Ele não tinha nenhuma mala, nem trazia roupas de qualquer espécie. E cheirava a cabelo sujo e urina azeda.

"Conte-me sobre a sua mãe". Dobrei novamente o bilhete e a certidão de nascimento falsa e os coloquei de volta no envelope.

"Você é a minha mãe", disse ele, de forma tão direta, que minha cabeça se confundiu.

"Oh", fechei a porta.

"Docinho disse que você vai tomar conta de mim. Que você é minha mãe. Ela sempre disse que me levaria até a minha mãe um dia. E aqui estou".

"Aqui está". Mal conseguia respirar. "Onde você mora?"

"Em uma cabana alta", respondeu. "Com tia Docinho".

Senti como se estivesse conversando com *Flying Deer*, do livro *Emil e os detetives*, de Erich Kästner. Ele também falava como se estivesse saindo de um filme de caubói americano. Tentei ignorar a fantasia e me concentrei no meu objetivo principal: devolvê-lo à sua mãe verdadeira. "Qual o nome completo de Docinho?"

"Docinho", disse ele, pausadamente. "De Coco".

"Onde Docinho de Coco trabalha?" Descalcei os sapatos e os alinhei perto da porta de entrada. Tirei o casaco, dobrei-o cuidadosamente ao meio e pendurei no encosto de uma cadeira da cozinha. De repente, organização pareceu ser importante.

"Trabalha à luz da lua", respondeu. "Ela me tranca no armário, junto com Winnetou. Não podemos sair ou fazer qualquer barulho até de manhã".

"Oh", disse eu.

"Não importa o que ouvirmos", recitou com monotonia. "Nunca saímos ou fazemos barulho. O guerreiro sabe a importância do silêncio".

"Quem é Winnetou?"

Ele me mostrou o urso, levantando-o por uma pata engordurada.

Decidi fazer apenas perguntas que me levassem a encontrar sua mãe e levá-lo em segurança para fora do meu apartamento. "Como

é a sua tia?"

"Ela tem olhos azuis e pinta os cabelos de preto, como um corvo. Usa botas verdes altas para trabalhar. Com cadarços dourados".

Uma garota de botas, como aquela que tinha visto com Francis. Não sabia o que significavam as botas verdes, mas sabia que era um código para alguma perversão horrorosa, na qual nem queria pensar. Será que Ernst dormira com uma prostituta quando tinha 14 anos? Ele ameaçara, uma vez, na tentativa de se fazer parecer mais com um homem. Dissera isso após uma surra brutal na escola. Talvez o garoto fosse seu filho, de algum encontro nefasto e provavelmente rápido.

Será que a prostituta que eu vira com Francis a conhecia? Havia muitos lugares para se comprar uma garota de botas em Berlim. A prostituição estava em alta desde a Grande Guerra. Tinha amigas de classe média que venderam o corpo para poder comer, em 1923. Tive sorte de ter escapado disso, graças ao jornal e às cartas de amor do americano.

A mãe dele devia ter um cafetão. "Você tem um tio?"

"Não". Ele abraçou o urso apertado. "Thomas tem um tio, mas eu não. O tio bate na mãe dele".

"Você sabe chegar em casa?"

Ele olhou para os sapatos sujos e balançou a cabeça. "Tomamos muitos trens".

Era tão pequeno, pálido e enfraquecido. Ernst nunca fora tão magro. Senti pena, embora soubesse que me arrependeria, provavelmente em breve. "Comeu alguma coisa hoje?"

"Comi ontem". Mordeu o lábio, mas me olhou com firmeza nos olhos.

"Posso dar-lhe um pouco de comida". Mas depois precisarei mandá-lo embora, pensei. Certamente, sua mãe virá procurá-lo. Caso contrário, como irei encontrá-la? Como encontrarei uma mulher com quem meu irmão deve ter dormido seis anos atrás?

Levei-o até a pia e o instruí a lavar as mãos. Ele molhou as mãos com água fria e esfregou vigorosamente meu sabonete Elida Queen entre elas, levantando-as de tempos em tempos até a boca, para

soprar espuma na pia. Apertava o sabonete, passando-o de uma mão para a outra, sorrindo.

Acendi o fogão e, enquanto esperava esquentar, corri para o banheiro e troquei meu vestido de noite por um de usar em casa. De tão esfarrapado, eu me senti ainda pior.

Servi leite para Mitzi e Anton, e preparei um omelete para o garoto, com a cebola, o queijo e os ovos da minha despensa. Esperava fazer com eles duas ou três refeições para mim. Servi o omelete e um pão em um prato e peguei o pedaço de manteiga de onde eu deixava resfriando, no peitoril da janela.

"Já terminou de lavar as mãos?", perguntei.

Ele soltou o sabonete de volta na saboneteira com um ruído abafado e secou as mãos. Ficou com uma marca divisória de pele branca e limpa até a metade do braço, que contrastava com a imundície do restante. "Sim, senhora".

Apontei em direção à mesa. "Sente-se e coma".

Olhando-me fixamente com olhos cheios de ansiedade, o menino engoliu a comida como se temesse que eu fosse tomar dele. Suas mãos tremiam. Era de cortar o coração. Pensei nas tantas crianças malnutridas que havia em Berlim. Ele parecia uma litogravura de Käthe Kollwitz, de uma de suas séries sobre crianças e mães que passavam fome.

"A comida é toda sua, Anton", disse-lhe delicadamente. "Coma mais devagar, ou vai passar mal".

Ele passou a comer exageradamente devagar.

Quis abraçá-lo e dizer-lhe que estava em segurança. Mas, em vez disso, peguei minha velha tina de madeira para lavar roupas e enchi com água morna. Busquei um paninho e a minha barra de sabonete, que havia encolhido após sua sessão de lavagem de mãos.

Ele arregalou os olhos.

"Hora do banho", avisei.

"Na bacia?", perguntou, apontando para a tina de madeira no chão. Eu a colocara próxima ao fogão, para que ele não pegasse friagem.

"Chama-se tina", expliquei. "Por favor, tire sua roupa e entre".

"Vou escorregar e morrer? O guerreiro não sabe nadar".

"Não", disse. "A tina é muito pequena, e vou segurar sua cabeça até que você se sinta seguro".

Tirou suas calças e camisa imundas. Havia picadas de pulgas por todos seus braços e pernas. Suas roupas também deveriam estar infestadas. "Vou ter de queimar suas roupas".

Ele nem pareceu se preocupar, apertando o sabonete de uma mão para a outra. "Você tem roupas novas para mim?"

"Acharemos alguma coisa".

Ele entrou na tina e eu esfreguei a sujeira agarrada nos seus pulsos, cotovelos e joelhos. Ao passar meus dedos pelos seus cabelos oleosos, vi lêndeas. Ele tinha piolhos. "Molhe aqui", orientei. "Tem piolhos mordendo sua cabeça".

Joguei suas roupas no fogo e, depois, lavei sua cabeça com querosene, que eu tinha em casa para usar no lampião de emergência. "Fique com os olhos fechados, Anton", disse eu. "Isto vai queimar, mas matará os piolhos".

Sabia que queimara sua cabeça, mas ele não resistiu, nem reclamou.

Enxaguei seus cabelos várias vezes, tirei-o da água e o enrolei em uma toalha aquecida pelo fogão, lembrando-me dos tempos em que Ernst era um garotinho. Franzi os lábios; eu não era a mãe dele. E o máximo que podia fazer era cuidar dele e mandá-lo de volta para ela. Era o que eu tinha o direito de fazer.

Coloquei-o sentado em uma cadeira e cortei seus cabelos rentes ao couro cabeludo, e então levei os fios cortados para o fogão e queimei.

"Posso segurar Winnetou?", pediu. "Por favor".

"Ele também precisa de um banho". Mergulhei-o na tina, encharquei-o com querosene e deixei de molho. Depois, enxaguei-o completamente. Quando o cheiro do querosene saiu um pouco, coloquei-o próximo ao fogão para secar.

"Ele vai ficar secando à noite", expliquei. "E estará limpo e renovado amanhã".

"Mas como eu vou dormir?", perguntou.

"Na cama".

"Não posso dormir sem Winnetou", choramingou. "Ele me protege".

Levantei seu corpo magro e leve e o coloquei no colo. "Vamos esperá-lo secar, Anton", disse. "Bem aqui".

Ele virou o rosto para o meu vestido e soluçou. "Obrigado", disse, fungando. "Não quero ser um menino mal-educado. Por favor, não me bata".

Afastei-o para olhar para seu rosto tomado por lágrimas. "Não vou bater em você", disse. "Nunca. Eu não bato em crianças".

Ele arregalou os olhos, incrédulo.

Comecei a contar a história da Chapeuzinho Vermelho, enquanto retirava as léndeas de seus cabelos com o pente. Ele pegou no sono antes que a Chapeuzinho chegasse à casa da vovozinha. Retirei todas as léndeas e o levei carregado para minha cama. Vesti seu corpo mole, adormecido, com uma camisa velha de Ernst, que estava na minha sacola de costura. Ficou absurdamente longa, bem abaixo dos seus joelhos, mas tinha cheiro de limpa.

Eu não queria mais surpresas, mas chegara a hora de abrir a caixa que Rudolf havia me dado na segunda-feira à tarde. Esfreguei os olhos, que pareciam ter areia. Queria dormir.

Mas, em vez disso, abri a tampa de papelão. Dentro da caixa, estava a caixinha de jóias de laca chinesa de mamãe. Quando abri, vi um longo colar de contas vermelhas, do tipo que as melindrosas enrolam em volta do pescoço. Ernst o tinha feito, com miçangas de diferentes tons de vermelho, do tom mais profundo de vinho até o rosa pálido. Achei uma gargantilha que parecia ter grandes diamantes presos em miçangas quadradas de ônix. Bem geométrico. Havia também quatro pulseiras pequenas; uma, com grandes diamantes e ônix; as outras, com diamantes simples. Se fossem verdadeiros, poderiam ter alimentado Ernst por anos. Qualquer peça daquelas poderia ter pago as passagens de Sarah e Tobias para os Estados Unidos. Eram luxuosas, mas desconfiei que fossem falsas. Da mesma forma que adorava preciosidades, Ernst sempre as perdia.

Embaixo da caixa laqueada, havia um vestido de seda cuidadosamente dobrado, roupas íntimas femininas cor de vinho, e

um lenço vermelho. Encostei o lenço no nariz e senti o cheiro de lavanda e laranja de Água de Colônia. Ernst borrifava o perfume nos seus lenços para ficarem sempre com cheiro de limpos. Um soldadinho de chumbo caiu da dobra do lenço.

Segurei o capitão gelado na palma da mão. Era parte do seu batalhão feminino, embora eu não soubesse que ele havia guardado este. Ernst o pintara, aos sete anos, e colara retalhos de tecido para fazer um vestido. O soldado do Kaiser usava um vestido roxo por cima do seu uniforme habitual, e um chapéu de palha de aba larga cobria seu elmo prussiano. Já naquela época, Ernst tinha excelentes dotes artísticos.

Lembrei-me do que acontecera quando papai achou seus soldados, muito tempo atrás. Eu havia saído de casa após a morte de Walter, levando comigo meu enxoval novíssimo e também a desaprovação dos meus pais. Naquele tempo, eu ainda os visitava todo domingo à noite, preparava o jantar para a família e tentava ajudar a manter mamãe sóbria o suficiente para comer.

Da cozinha, escutei papai rosnar, "O que você fez?"

Ocupei-me jogando a massa na água fervente. Papai tinha o direito de gritar com Ernst, de bater nele, assim como fizera com Ursula e comigo.

"Não se deve desonrar os soldados", berrou. E eu fiquei imaginando o que podia ter acontecido de errado. Ernst não tinha nenhum interesse em soldados.

Ouvi a batida do cinto de papai acertando Ernst, até que não pude mais suportar e saí em disparada pelo corredor, sem saber ao certo o que faria ao chegar ao quarto.

Ernst estava deitado de bruços na cama e papai acertava seu traseiro nu com o cinto. Meu irmão se mantinha em um silêncio estóico. Ele aprendera bem cedo a receber calado as suas punições. No entanto, se tivesse olhado para ele alguma vez, papai teria visto o ódio que queimava seus olhos.

"O general Heinrich está chamando", menti. "Precisa se reportar a ele imediatamente".

Papai colocou seu cinto de volta e saiu pela porta de casa sem olhar para trás. Não podia ignorar uma ordem direta do seu general.

Enrolei Ernst na roupa de cama malcheirosa de mamãe e levei-o comigo para meu apartamentinho. Ele continuou sem dizer uma palavra. Ao colocá-lo na minha cama, notei que trazia três soldadinhos de chumbo pintados agarrados na mão. Mais tarde, ele me contou que o de vestido roxo chamava-se Mirabelle.

Até que papai viesse resgatá-lo, na semana seguinte, Ernst passou a maior parte do tempo deitado de bruços no meu apartamento, usando uma das minhas roupas de baixo velhas e recortando fotografias de estrelas de cinema da revista *Film Woche*. Seu traseiro estava tão inchado, que ele não podia vestir calças ou ir à escola. Enquanto ele recortava as gravuras, eu lia para ele seus livros de Karl May, sobre o Far Oeste Americano. Papai adorava o personagem Winnetou, um guerreiro Apache forte e fiel. Até papai morrer, ele dava a Ernst um livro de Karl May com capa de couro, todos os anos, em seu aniversário e no Natal. Eram livros famosos entre os garotos alemães, e papai esperava, em vão, que lê-los ensinaria Ernst a ser um homem.

Inventei o Código da Masculinidade e treinei Ernst de acordo com ele todos os dias. Tentei fazer uma lista de tudo aquilo que ele deveria ou não fazer para levantar a ira de papai. Ensinei-o como brincar com soldadinhos como um menino. Ele aprendeu tudo, mas não acreditava em nada daquilo.

Analisei Mirabelle, segurando-a de frente e de costas na minha mão. Quanto tempo Ernst deve ter levado para transformá-la de soldado prussiano em uma verdadeira dama? Imaginei seus dedos gordinhos cortando o tecido roxo para fazer o vestido, e me perguntei onde ele teria achado aquele chapéu de palha minúsculo. Coloquei Mirabelle na mesa. Ele a guardara por doze anos, até que o soldadinho de chumbo sobrevivera a ele. Eu sobrevivera a ele também, apesar de ser a irmã mais velha, aquela que deveria ser a primeira em tudo, principalmente na morte. Sentia sua falta, e isto era tudo que eu teria agora: sua ausência. Chorei com o rosto no lenço de seda, sentindo o perfume reconfortante de meu irmão.

Mas, enfim, tinha de me levantar, arrumar a cozinha e depois cair na cama. Segurar o corpinho adormecido de Anton me fez lembrar dos tempos em que segurava Ernst, nesta mesma cama, depois de

ele chorar para dormir, em noites em que papai chegava em casa bêbado e enfurecido.

Apertei meus braços em volta de Anton. Sabia que ele não deveria ficar comigo, bastava ver como Ernst tinha acabado, morto na sarjeta. Eu falhara em protegê-lo de papai, assim como falhara em protegê-lo de seu assassino. Talvez a verdadeira mãe de Anton estivesse sentindo sua falta, e voltasse para buscá-lo, de qualquer modo. Talvez aquilo fosse um plano para extorquir dinheiro de Ernst, que certamente seria tão pai do menino, quanto eu era a mãe. Ao ver Anton comer, não sabia como eu poderia sustentá-lo. Encostei meu queixo no alto de sua cabeça e senti o cheiro do querosene. Eu não tinha qualquer direito sobre aquela criança, mas eu queria ter.

Papai sempre acusava a mim e a minha irmã quando éramos crianças. "Vocês nunca carregarão meu nome. Tudo o que sou irá morrer comigo".

Mas, quando eu tinha onze anos, mamãe engravidou pela terceira vez, e papai sentiu esperança novamente. Ele a mimava com suas comidas favoritas e diluía o xerez para ela beber. "Será um menino", berrava ele, no mesmo tom que usava para gritar as ordens no desfile militar. "Esperei tempo demais".

Eu torcia por uma irmã mais nova, mas não o contradizia. Mais tarde, seguia mamãe pelo pedacinho de terra que ela transformava em jardim em qualquer lugar para onde o exército enviasse papai. O sol brilhava e ela usava um chapéu de palha de aba larga com laço azul, combinando com seu novo vestido de grávida. Podou um galho de sua roseira vermelha favorita. "Deve-se sempre cortar os primeiros brotos antes que eles desabrochem", ensinava. "Ou a roseira não dará novos brotos".

Concordei com a cabeça e peguei cautelosamente o caule espinhoso de sua mão.

"Como papai sabe que o bebê é um menino?", perguntei, cheirando o forte perfume da rosa e o odor mais suave e verde do caule cortado.

Ela riu, um som que eu raramente ouvia. Levantou-se e acariciou a própria barriga com a mão branca e graciosa. "Ele não sabe", respondeu. "Ele apenas tem esperança. Ele disse o mesmo quando

eu estava grávida de Ursula e de você. Como se ele só pudesse produzir filhos machos".

Olhei para ela em choque. "Então, papai está errado?"

"Com relação a tudo", disse ela, agora não mais rindo. Passou seus lindos cachos dourados para trás das orelhas e voltou-se para suas rosas. "Tudo o que importa".

A barriga de mamãe crescia, e papai se exibia em volta dela como um galo, arriscando nomes de meninos. Ernst, Konrad, Hans, Adolf.

Mal podia esperar pela irmãzinha que eu estava convencida de que o bebê seria. Queria conduzi-la para um mundo que não fosse totalmente determinado por papai. Mas quando o dia chegou, ele me mandou para a casa da minha amiga Bettina. Ursula foi autorizada a permanecer em casa com nossos pais, e nossa avó veio de Heidelberg para ajudar. Eu adorava Bettina e sua família tranquila e feliz, e sempre desejara em segredo ir morar com ela, mas agora tudo o que eu queria era estar em casa. Todos os dias na escola eu interrogava minha irmã por notícias do bebê.

Papai estava certo. Eu queria conhecer meu novo irmãozinho, mas não me deixaram voltar para casa por um mês inteiro, não antes de nossa avó ir embora para cuidar de nosso avô, fraco e rabugento.

Corri para o quarto de nossos pais, meus pés deslizando sobre o chão de madeira encerado. As cortinas de veludo verde estavam fechadas, e levei um momento para ajustar meus olhos à escuridão do quarto. Não conseguia enxergar Ernst, mas podia ouvi-lo. Ele chorava tão alto, que não dava para acreditar que aquele som viesse daquela trouxinha de flanela azul que mamãe segurava.

Peguei o bebê de seus braços esticados e segurei-o junto ao meu rosto para conseguir enxergá-lo naquela luz fraca. Eu me apaixonei perdidamente por Ernst naquele primeiro instante. Era a criatura mais linda que eu já tinha visto. Já tinha cabelos loiros e longos, e olhos azuis misteriosos, que mais tarde escureceram para um castanho claro, como os de um pônei. Ele sabia que eu o amava como ninguém. Acalmou-se, agarrando meu dedo mindinho e me olhando nos olhos em total confiança.

Mamãe estava pálida, fraca e bêbada. Mais um de seus maus momentos, provavelmente provocados por alguma atitude cruel de papai. "Leve-o daqui". Ela virou para o lado e dormiu.

Levei-o para fora daquele quarto que cheirava a suor e xerez.

"Papai", disse eu. "Ele precisa de uma enfermeira para quando Ursula e eu estivermos na escola".

Papai pareceu surpreso, pois eu não costumava exigir nada, mas respondeu apenas: "Claro".

Sabia que ele iria encontrar uma e pagar bem. Percebia que Ernst deveria ser protegido da falta de cuidados de mamãe, de uma forma que não importava para nós, meninas. Nós precisávamos apenas aprender a cuidar da casa e fazer um bom casamento. Deveríamos nos casar com militares, se conseguíssemos, ou então comerciantes. Era um plano simples, e precisávamos de poucos cuidados para conseguir realizá-lo. Mas Ernst, tinha um grande futuro pela frente - seguir os passos de papai. Deveria entrar para o exército, destacar-se em uma batalha, agir de forma honrada e levar adiante o nome de papai. Ele tinha grandes planos para Ernst no início.

A cama estava vazia. Meu coração bateu acelerado. A mãe tinha vindo e levava a criança.

"Anton", chamei, levantando-me.

"Estou aqui", respondeu, da cozinha. "Quietinho".

Vesti o velho roupão de banho de Walter, presente da mãe dele após sua morte, e fui até a cozinha. Anton estava sentado em uma cadeira da cozinha de pernas cruzadas, segurando seu ursinho. Seu rosto bem lavado estava pálido, e seus cabelos recém aparados estavam espetados para todos os lados, como a penugem de um pintinho recém-saído do ovo.

"Bom dia", disse eu.

"Índio dá bom dia", respondeu, com uma cara séria.

"Já comeu alguma coisa?", perguntei.

"Nunca toco a comida sem permissão". Abraçou seu ursinho. "Isso é roubo, e um guerreiro não rouba".

"Pode comer qualquer coisa neste apartamento sempre que quiser. Entendeu?", falei, tentando manter um tom de voz calmo, para disfarçar a raiva que sentia de uma vida que o privava da alimentação.

Arrumei a mesa com dois pratos, duas facas, meus dois últimos pães, leite e duas xícaras. Achei até guardanapos. Esquentei água para o meu chá com mel, e leite para Anton.

"Pronto", disse eu. "Uma mesa para Anton, Hannah e ursinho".

"Winnetou", disse ele.

Anton engoliu o café-da-manhã ainda mais depressa do que o jantar da noite anterior. Comeu o pão sem parecer mastigar.

"Estou satisfeita". Ofereci a ele o restante do meu pão. Se não tivesse visto Ernst comer quando criança, jamais acreditaria que Anton seria capaz de aguentar tudo aquilo no seu pequeno estômago.

"Obrigado, senhora".

"Quando sua tia virá buscá-lo?", perguntei.

"Nunca", respondeu. "Ela disse que meu pai e minha mãe verdadeiros iriam cuidar de mim de agora em diante. Para sempre".

Lágrimas enormes derramaram-se sobre a metade restante do pão. "Docinho disse que não ficaria mais comigo. Não importava a minha vontade".

Estiquei o braço e acariciei seus cabelos finos e macios. "Quanta bobagem. Iremos encontrá-la".

Ele levantou a mão espalmada e disse: "Pare. Ela falou que iria me bater se eu voltasse para casa. E disse que estava de mudança para Munique para fugir do tio de Thomas".

Suspirei. Não tinha tempo para iniciar uma discussão complicada sobre a mãe dele e seu paradeiro. Se não entregasse uma matéria a Herr Neumann, eu perderia o emprego. Mas o que fazer com Anton? "Preciso ir trabalhar hoje".

Ele examinou minuciosamente minha figura, em pé, descalça e com meu velho e desgastado roupão. "Onde estão suas botas?"

"Existem muitos tipos de trabalho", expliquei. "Meu trabalho é escrever histórias".

"Como a da Chapeuzinho Vermelho?"

Pensei nas histórias de estupros, assassinatos e espancamentos em série que eu produzia para o jornal e respondi: "Um pouco".

Ele se levantou e caminhou até o meu quarto. Ouvei a porta do guarda-roupa se abrir com um rangido e depois fechar.

Abri a porta. Lá estava ele, sentado na base do guarda-roupa, segurando seu ursinho. Meus sapatos pretos de festa e minhas botas de inverno estavam cuidadosamente afastados para um lado.

"Estamos prontos", disse ele.

"Para quê?"

"Para você ir trabalhar", respondeu. "Ficaremos bem quietinhos".

"Nunca trancarei você em um guarda-roupa", disse a ele. "Vou levá-lo para a casa de uma amiga. Ela tem outras crianças, com quem você pode brincar".

Limpamos a cozinha e nos vestimos. Pus um vestido cinza de mangas compridas, quente demais para o clima, mas que escondia os ferimentos no meu braço. Anton parecia patético, com uma

camisa grande demais, os calções que Ernst usava na infância, e seus próprios sapatos sujos, sem meias.

Descemos as escadas apressados, para tomar o ônibus até o apartamento de Bettina. Senti o olhar de Schmidt, o jornaleiro, quando passamos correndo para o ponto de ônibus. Ele nunca havia me visto com uma criança.

Bettina morava no andar térreo de um prédio de apartamentos. Construído cerca de dez anos atrás, tinha linhas limpas, em vez dos tijolos enferrujados do meu edifício. Uma jovem mãe, com um vestido curto elegante, empurrava um carrinho de bebê e acenou educadamente para nós.

Levantei a argola de metal e bati na porta.

"Hannah", exclamou Bettina, ao abrir a porta imediatamente. Ela usava um vestido azul impecável e um avental branco. "Que bom ver você. Entre, venha tomar um chá".

"Obrigada", disse.

Anton se agarrou a mim com uma mão e ao seu urso com a outra.

"Este é Anton", apresentei. "Anton, esta é tia Bettina".

Bettina levantou as sobrancelhas castanhas perfeitas. "Prazer em conhecê-lo, Anton. Entrem, por favor".

Passando pela porta, entramos no corredor. Seu apartamento era maior que o meu e se parecia muito mais com um lar. A mobília era nova e confortável, e as cortinas abertas deixavam a agradável luz da manhã entrar. Inspirei fundo. O apartamento de Bettina sempre tinha um cheiro que dava vontade de comer. Hoje, o cheiro era de canela e baunilha.

"Sophia", chamou. "Tia Hannah trouxe um amiguinho para você brincar".

Bettina tinha três filhos. A mais nova, Sophia, tinha quatro anos. Ela apareceu, perfeitamente vestida e penteada, como uma boneca em uma vitrine, com cabelos de longos cachos castanhos e olhos azuis redondos em um rosto de porcelana. Sob uma aparência encantadora, ela era levada e geniosa.

"É hora do chá". Ela estendeu a mão rosa rechonchuda. "Você e seu urso podem participar. Minha boneca Claudette irá servir".

Anton segurou sua mão com sua mão ossuda e branca e seguiu-a para fora da sala, com seu queixo pontudo levantado.

"E então?", Bettina falou. "Está se sentindo melhor? Fritz disse que você esteve na delegacia na segunda-feira".

"Estou bem", respondi. "À exceção disso". Apontei com a mão na direção de Anton.

"Sim". Ela me levou até a pequena cozinha e me serviu uma xícara de chá. "Conte-me".

Eu sorri. Éramos amigas desde a infância. O pai dela era do exército também, embora de um nível mais alto que o meu. Ele não gritava, batia ou bebia. O marido de Bettina, Fritz, era divertido e atencioso. Ela sempre tivera a vida com que eu sonhara.

"Pode ser filho de Ernst", contei.

"Ernst?", disse ela, em choque. "Mas isso não significaria que, em algum momento ele teve de... com uma mulher?"

Concordei com a cabeça. "É o que eu entendo".

"Mas o menino parece ter quatro anos", completou. "Ernst teria 16!"

"Biologia e matemática", disse. "Você é um gênio. Mas Anton tem cinco, quase seis anos, o que significa que Ernst deveria ter 14 quando ele foi concebido".

Bettina sorriu. "É melhor você perguntar a Ernst". Ela colocou um bolinho quente em um prato e me ofereceu.

Peguei o bolinho. Queria contar tudo a ela, mas sabia que Bettina poderia contar a Fritz. E Fritz, sendo Fritz, iniciaria uma investigação de imediato, antes que Sarah e Tobias estivessem a salvo. Não podia pedir a Bettina que mentisse para seu marido por minha causa.

"O pequeno Anton vai visitar tia Hannah por muito tempo?"

"Não faço a menor ideia". Entreguei a ela o bilhete e a certidão de nascimento, e comi o bolinho doce com passas. Tinha acabado de sair do forno e eu estava com fome, pois só havia tomado metade do meu café-da-manhã. "A mãe dele o deixou na porta da minha casa ontem".

Ela ficou boquiaberta ao ler a certidão de nascimento. "Ele é seu?", perguntou, olhando para mim com os olhos arregalados.

"Claro que não", respondi, sem paciência, tomando um gole do chá preto forte para limpar minha garganta. "Você me conhece há tanto tempo. Não teria percebido uma gravidez e uma criança?"

Bettina riu. "Você sempre foi essa coisinha miúda".

"Que bom que você se lembra".

Ela me ignorou. "Meu Deus. O que você vai fazer? Entregá-lo a Ernst? Ele não tem condições de criar um filho. Ele não para em casa. E as pessoas com quem ele anda..."

"Eu também não tenho condições". Apoiei a xícara de chá no seu delicado pires com um tilintar. Não me encaixo no papel de mãe".

"Bobagem. De onde você tirou essa ideia? Não é verdade que você não se encaixa no papel de mãe".

"Claro que é verdade. Veja o que aconteceu com Ernst". Quis acrescentar, "morto na sarjeta".

"Ele é um bom rapaz, Hannah". Seus olhos me fuzilaram, era uma discussão conhecida. "Ele ama você e sabe se cuidar".

"Sabe?" Pensei novamente na sua fotografia na ala dos mortos não identificados. Ele não se cuidou. E eu não o ajudara.

"Claro que sabe. É um cantor de destaque no El Dorado, é um bom emprego. Mora em um apartamento maravilhoso e nunca lhe pediu dinheiro".

"Rudolf é quem paga pelo apartamento".

"E? Fritz é quem paga paga por este apartamento, minha cara".

Ri. "Você é casada".

Bettina sacudiu a cabeça. "Bem, talvez Ernst se casasse também, se pudesse".

"Não posso criar esse menino, Bettina", repeti.

"E a mãe dele?"

"É uma prostituta", disse, e contei a ela tudo o que havia ouvido de Anton.

"Não acredito que Ernst engravidou uma prostituta aos 14 anos. Ele sempre foi precoce, mas não nesse sentido".

"Uma vez—", limpei a garganta. "—ele disse que iria atrás de uma prostituta e tentar... tentar ser normal".

"Oh, coitadinho", disse Bettina. "Você não deixou que ele fosse, deixou?"

Lancei-lhe um olhar furioso. "Claro que não. Mas eu também não o segui cada segundo de sua vida. Se ele quisesse, poderia ter ido sem o meu conhecimento".

Comemos os bolinhos em silêncio.

"Bem, não importa quem seja o pai dele, você não pode mandá-lo de volta para morar com uma prostituta". Bettina começou a limpar a mesa, ela nunca conseguia ficar parada por muito tempo.

"Nem tenho como encontrá-la para mandá-lo de volta", respondi. "Mas existem orfanatos".

"Meu Deus, Hannah". Ela tirou mais uma bandeja de bolinhos de dentro do forno, e senti o perfume reconfortante. "Esses lugares são um horror. Melhor deixar que Ernst o crie do que você fazer isso".

"Ernst está desaparecido", disse eu.

"Ele sempre está por aí, em algum lugar". Ela retirou cada um dos triângulos perfeitos e colocou na bancada da cozinha para esfriar. "Ele vai aparecer antes do que você pensa".

Não podia confiar nem em Bettina, mas, ah como eu gostaria. Mordi o lábio. Quem sabe o que ela poderia deixar escapar para Fritz?

"Posso deixar Anton aqui hoje?", perguntei. "Posso precisar deixá-lo aqui de vez em quando até que eu consiga organizar algumas coisas".

"Ele precisa de continuidade", afirmou. "E não ficar pulando de casa em casa".

"Vou ficar com ele apenas por uns dias. Uma semana, talvez. Depois disso, devo achar um lugar para ele".

"E se não achar?"

Olhei para minhas mãos, com os dedos entrelaçados, como se estivesse rezando. "Eu vou".

Ela suspirou e balançou a cabeça. "Não pode prometer".

"Você fica com ele hoje?"

"Para evitar que o pequeninho seja arrastado para as perseguições favoritas de Peter Weill por aí?", disse sorrindo. "Fico".

"Obrigada". Fui em direção à porta. "Preciso ir".

"Ah, não. Não faça isso", Bettina me repreendeu. "Esse menino já passou por muita coisa. Não pode abandoná-lo assim".

"Acho mais fácil se eu sair sem falar nada".

"Mais fácil para você, talvez. Agora, vá e se despeça dele, e prometa que você vai voltar", ordenou, com as mãos nos quadris arredondados e me olhando firme.

Abri a boca para discutir, mas Bettina cruzou os braços na frente do peito e me lançou um olhar insistente. "Hannah", falou, soando como a mãe dela.

"Eu vou". E a segui até o quarto de Sophia, enfiando o bilhete de Docinho e a certidão de nascimento de volta na minha bolsa carteiro.

Anton estava sentado em uma cadeirinha branca no quarto de Sophia, virando a boneca dela de uma mão para a outra. Acho que ele nunca havia visto uma boneca antes. Winnetou estava no chão, próximo aos pés do menino. Caramel, o cachorro, estava estirado próximo à porta, montando guarda. Levantou-se quando entramos e balançou o rabo. Passei a mão no seu pêlo marrom espesso, comparando seu porte calmo de agora com a efervescência de quando era um filhotinho. Anton não tinha nada daquela efervescência.

"Anton", chamei, e ele largou a boneca e ficou em pé em um pulo, como uma ovelhinha obediente. Pegou seu ursinho. "Vou sair por um tempo, mas voltarei antes do anoitecer, para buscá-lo".

Seus olhos encheram-se de lágrimas e ele abraçou tão forte o ursinho, que achei que fosse rasgá-lo.

Abaixei-me para abraçá-lo. Ele largou o ursinho e me envolveu pela nuca com os dois braços, apertando-me tão forte que eu mal podia respirar.

Bettina afastou-o de mim delicadamente e segurou-o em seus braços, acariciando-lhe as costas com a mão firme.

"Vejo você mais tarde", disse eu.

Ele me encarou com seus grandes olhos e sacudiu a cabeça.

"Não acredita em mim?", perguntei, surpresa.

Fez que não com a cabeça.

Olhei para Bettina, pedindo socorro.

Ela vai voltar, querido", disse Bettina, cantarolando e se balançando de um lado para o outro, como se Anton fosse um bebê

de colo. "Ela jamais me deixaria ficar com uma coisinha fofa como você para mim. E ela vai querer alguns biscoitinhos".

"Biscoitinhos?", Anton olhou para ela, desconfiado.

"Os biscoitinhos que vamos fazer agora mesmo". Bettina passou a mão pelos cabelos dele, alisando-os. "Biscoitinhos amanteigados. Os preferidos de Hannah. Ela dá uma passadinha aqui para comer toda vez que eu faço".

"Vai voltar por causa dos biscoitinhos?", Anton me perguntou.

"Vou voltar por causa de você", respondi. "E dos biscoitinhos".

Anton relaxou o corpo e olhou para Bettina. O rosto dela era branco como giz e o queixo, bem definido. "Dê um beijo nele", murmurou.

Beije a bochecha macia de Anton. "Prometo", disse. "Que vejo vocês mais tarde, Anton, Bettina e Sophia".

"E Winnetou", completou Anton.

"Winnetou também".

Assim que saí do quarto, Sophia falou. "Tia Hannah cumpre suas promessas, mesmo que ela às vezes seja estranha".

Contive minha risada. Era o melhor elogio que alguém fizera sobre mim em um bom tempo.

11

Ernst conhecia apenas uma pessoa que poderia ter falsificado aquela certidão de nascimento, e eu iria visitá-lo. Mas depois, precisava inventar alguma matéria para satisfazer Herr Neumann antes do *deadline* do jornal.

Agarrei o corrimão gelado de metal enquanto o elevador me levava até o escritório de Rudolf, no quarto andar. O ascensorista, de uniforme azul-marinho, estava mais bem vestido do que eu, e tinha uma expressão impassível. Provavelmente, já havia visto todo tipo de gente ali. Passei a mão pelos meus cabelos e segurei minha bolsa carteiro.

Quem seria a mãe de Anton? Tentei lembrar-me das amigas de Ernst dos tempos de escola. Muitas garotas o visitavam, tanto no nosso apartamento, quanto, antes disso, na casa dos nossos pais. Papai nutria esperanças de que aquilo fosse prova da natureza máscula de Ernst, mas eu sempre presumi que as garotas eram amigas dele justamente porque ele não era muito masculino. Era brincalhão e animado e não dava motivo para que elas se preocupassem com possíveis interesses sexuais. Embora, obviamente, uma garota deve ter se preocupado. Ou talvez houvesse sido uma prostituta e eu jamais saberia quem ela era.

Se Rudolf soubesse, será que ele me contaria? Ele não era de passar informações, mas eu tinha provas de que ele havia transgredido a lei. Ele colocara sua carreira em risco ao ajudar Ernst, falsificando a certidão de nascimento. Eu não pensei que ele fosse capaz de um ato tão altruísta. Aquilo significava que havia mais coisas envolvidas em suas atitudes do que eu sabia. Se cavasse mais fundo, poderia encontrar um motivo mais obscuro.

A porta do elevador se abriu para uma sala de espera luxuosa, bem diferente do cercadinho no jornal, como era de se esperar. A ampla sala tinha um piso de *parquet* em carvalho dourado, marchetado com um desenho de cestaria, e um pesado tapete persa cor de vinho. Atrás de uma mesa imponente, estava sentado um homem de cerca de 20 anos, vestindo um terno impecável, num tom de cinza mais claro do que o que Rudolf usava.

"Posso ajudá-la?", perguntou, sorrindo e mostrando dentes brancos perfeitos.

"Vim para falar com Herr Rudolf von Reiche", respondi. "É assunto de uma certa urgência".

Levantou as sobrancelhas em direção ao seus cabelos com brilhantina. "Herr von Reiche primeiro ou Herr von Reiche segundo?"

"Segundo", respondi, lembrando-me que o pai de Rudolf ainda trabalhava lá. Senti um certo prazer em perceber que Rudolf seria sempre o segundo.

"E qual o seu horário?", perguntou, olhando para o relógio marchetado na parede.

"Não tenho hora marcada", respondi. "Mas ele irá me receber".

"Nome?"

"Hannah Vogel".

Se ele reconheceu o nome por causa de Ernst, não deixou transparecer. "Por favor, sente-se", disse. "Poderia lhe servir uma xícara de café?"

"Seria ótimo". Eu sabia que a etiqueta mandava que se recusasse a oferta, mas precisava fazer o homenzinho gelado me servir, ainda que só por um momento.

"Espere aqui", disse ele, desaparecendo por uma pesada porta de madeira. Pulei para trás de sua mesa e folheei a agenda de Rudolf, mas havia apenas iniciais escritas. Naquele momento, ele estava com alguém chamado J.L. Os compromissos agendados começavam a partir de hoje, portanto, não poderia descobrir o que ele estivera fazendo por volta do horário em que Ernst morreu.

Quando o secretário voltou, já estava sentada inocentemente em minha cadeira de couro, lendo os documentos de Anton. Pareciam totalmente autênticos.

"Herr von Reiche irá vê-la em alguns minutos", disse ele, parecendo surpreso.

"Claro", respondi, tentando não parecer chocada. Não pensei que fosse ser tão fácil.

Ele me entregou uma xícara de porcelana, pintada com o desenho de uma cena chinesa, e um pires tão delicado, que chegava a ser translúcido. A xícara deveria custar mais que o meu aluguel. O café tinha um sabor excelente, forte e encorpado. Tomei um gole, feliz por estar dando alguma despesa a Rudolf.

Ele me fez esperar meia hora. Tomei do seu ótimo café e admirei os retratos pintados a óleo de seus estimados ancestrais nas paredes. Um bando engomado e empertigado. Observei o tapete caro e as janelas limpíssimas. Rudolf tinha uma grande herança a receber, imaginei. E pensei na que eu tinha: minha cama de infância. Enfim, a pesada porta de mogno se abriu e Rudolf apareceu.

"Olá, Hannah", falou, estendendo a mão. Não apertávamos as mãos um do outro desde que Ernst saíra de casa.

"Herr von Reiche", cumprimentei com a cabeça, comedidamente. Não apertei sua mão. Não iria fingir que gostava dele na frente de seu secretário ou de quem quer que fosse.

"Por aqui, por favor". Ele me conduziu pela porta, por um corredor revestido com lambri escuro. Quando entramos em seu escritório, cheirava a café.

Um outro tapete persa cobria o chão, ancorado por uma mesa de madeira maciça e um conjunto de cadeiras. Curiosamente, não havia nenhum papel sobre a mesa, como se ele pensasse que eu fosse espiar se tivesse uma chance, o que eu faria, sem dúvida.

"Sente-se, por favor". Apontou para uma cadeira de madeira com aparência desconfortável, em frente à sua mesa. Ao me sentar, confirmei que era tão desagradável quanto eu imaginava, e exatamente como era Rudolf.

"Que mesa grande", disse eu, com um sorriso. "Compensa alguma coisa?".

Rudolf bufou e tamborilou os dedos, fazendo com que sua abotoadura de ônix fizesse um ruído no tampo da mesa de mogno.

Entreguei a ele os documentos de Anton. "Onde está a mãe dele?"

Rudolf examinou os papéis, esticando-os sobre a mesa, e depois me devolveu, sem qualquer expressão em seu rosto. "A mãe dele está sentada à minha frente. E que draminha feio esse".

"Essas falsificações foram feitas pessoalmente por você? Ou por alguém que você emprega?", questionei, tentando manter meu tom de voz natural.

"Tsc, tsc, Hannah". Os cantos de seus lábios se curvaram em um sorriso contido. "São completamente legítimos, posso lhe garantir. Obtidos quando o garoto tinha dois anos, com todos os papéis exigidos pela lei, incluindo os documentos de identidade da mãe e uma bela assinatura também, devo acrescentar". Deu um risinho.

"Com a ressalva de que eu não sou a mãe dele", senti o sangue subir-me ao rosto.

"Uma trivialidade". Tamborilou os dedos novamente. "Será mais difícil desmentir do que provar".

"Rudolf", falei. Ele tinha o controle da conversa e eu não gostava nada disso. Queria apenas encontrar a mãe verdadeira. "Você forjou a lei. Quem são os pais verdadeiros?"

Ele inclinou a cabeça para o lado e disse, "A certidão diz Ernst e Hannah Vogel".

"O que você e eu sabemos ser mentira, talvez sobre as duas partes".

Ele deu aquele sorriso fino, com os lábios apertados. "Acha mesmo?"

"Há quanto tempo sabe da existência do garoto?", perguntei.

"Desde que conheci Ernst". Seus olhos se escureceram de uma aparente tristeza, embora eu não acreditasse naquilo vindo dele. "Ele já chegou a confiar plenamente em mim, no passado. Mesmo em relação a um assunto tão esse delicado".

"Por que?"

"Precisava tirar os documentos do garoto, ele já tinha quase dois anos". Rudolf retirou um lenço bordado do bolso do paletó. "E precisava de dinheiro para sustentá-lo".

"Ele sustentava o garoto?", perguntei, surpresa. "Por que?"

"Porque ele era um garotinho sem pai". Rudolf limpou o nariz. "E seu irmão é uma boa alma, lá no fundo".

"Você já esteve com o garoto?" Mudei de posição na cadeira desconfortável.

"Uma ou duas vezes". Rudolf dobrou o lenço em quatro e colocou-o de volta no bolso. "Como o cãozinho vira-lata está lidando com a morte?"

Olhei para ele, boquiaberta. Ele sabia que Ernst estava morto. Estava fingendo o tempo todo. Meus olhos voltaram-se para porta fechada. Será que ele pretendia me matar também?

"Não fique tão chocada", exclamou. "Você não sabia que a mãe dele morreu? A noite passada".

"Eu- eu-", gaguejei. Aparentemente, não sabia de nada. Mas sabia o bastante para mentir. "Nunca a conheci, nem ao garoto".

"Ela era uma prostituta", disse ele. "Identifiquei seu corpo no necrotério hoje de manhã".

"Por que você?"

"Ela estava com um cartão meu quando morreu".

A noite passada, eu vira Francis entregar um pacote a uma prostituta. Talvez tivesse sido ela quem morrera. Rudolf teria sido descuidado a ponto de colocar um cartão de visitas no pacote de Francis? "E por que?", perguntei, "Você deu um cartão a ela?"

Rudolf ignorou minha pergunta. "Poderia ter sido um escândalo, mas eu estava jantando com o Conde Nessler e amigos a noite passada, portanto meu álibi é impecável".

"De fato", disse eu, feliz por ele não ter me visto no El Dorado na noite passada. Então ele estava mentindo para mim, embora eu não fosse notar por seu comportamento. Analisei-o. Às vezes, aprende-se mais sobre uma fonte pelas mentiras que ela conta do que pela verdade que ela esconde. Por que ele estava mentindo? Será que Francis estava cumprindo uma missão para Rudolf, ou agindo por conta própria? Será que a mulher que eu vira a noite passada era a mãe de Anton?

"Sair com prostitutas femininas faria bem à minha reputação, meu pai aprovaria". Os cantos dos seus lábios se curvaram.

"Como ela morreu?", quis saber, pois Francis a deixara viva, mas poderia ter voltado depois.

"Overdose de cocaína, é o que acham". Ele olhou para a porta. "Não contei à polícia sobre o garoto, pois isso não ajudaria a ninguém. Alguém o entregou a Ernst?"

"Não, Ernst não vê o garoto há dias. Ou mais".

"Irão entregar. Os amigos dela sabem de onde vem o dinheiro". Ele fez uma pausa. "Como você conseguiu a certidão de nascimento?"

"De uma fonte", respondi, escondendo a verdade. Não queria dar a Rudolf nem um pinga de informação. Não era necessário.

"De seu irmão, quer dizer". Rudolf encolheu os ombros. "Diga a Ernst para trazê-lo para mim imediatamente, e podemos conversar. Agora", disse ele, levantando-se. "Onde está o seu irmão? Ele o mandou até aqui para me chantagear com esses documentos?"

Sorri. "Por que, Herr von Reiche, como pôde pensar uma coisa dessas?"

"Não vou pagar por isso". Tirou seu relógio de bolso de ouro. "Vou arrastar seu nome para a lama com isso. Um filho incestuoso. É o que você quer que seus amigos do jornal fiquem sabendo?"

Mantive minha voz calma ao responder, balançando a mão pelo escritório que o dinheiro de seu pai sustentava. "Acho que você tem mais a perder do que eu".

"Nem tanto quanto você pensa". Fechou o relógio fazendo um estalido. "Não me provoque. E oriente Ernst a vir pessoalmente fazer essa troca. Ou será que ele está com medo de me encontrar?"

"Por que ele teria medo de você, Rudolf?" Apoiei minhas mãos espalmadas em sua mesa fria e acetinada e me inclinei em sua direção. "Existe algum perigo?"

"Sempre existe perigo, meu tesouro", respondeu, inclinando-se para perto o bastante para me beijar. "Como Ernst bem sabe".

Senti um frio na espinha, mas sorri para Rudolf e deixei seu escritório de cabeça erguida.

Mantive minha fachada de coragem até chegar à rua e fora da vista de Rudolf. Lá fora, recostei-me no muro frio de pedra e respirei fundo algumas vezes. Rudolf era um homem poderoso demais para se enfurecer.

Passei os dedos pelos meus cabelos enquanto caminhava até a estação de metrô. Então, de acordo com Rudolf, Ernst tinha um filho com Docinho de Coco. Mas por que Rudolf havia ajudado a dar uma mãe legítima para a criança, ainda que fosse eu? Por que Anton precisaria de uma certidão falsa?

Talvez a mãe dele ainda estivesse viva. Era meu dever perante o garoto descobrir isso. Rudolf estava envolvido em mentiras demais para que eu pudesse aceitar como verdade o que ele dizia.

Tomei o metrô para a Alexanderplatz, onde, apenas anteontem, eu havia começado a viver este pesadelo.

Chegando à delegacia de polícia, passei apressada pela ala dos mortos não identificados, sem olhar para o local onde havia visto a fotografia de Ernst, e esperando não encontrar o Kommissar Lang. Ele certamente iria querer renovar o convite para jantar que eu havia recusado. Caminhei olhando apenas para a frente, concentrada na porta que estava ao final do corredor e no chão encerado.

Hoje, não perguntaria pelas fotografias, mas depois que recuperasse meus documentos e encontrasse o assassino de Ernst, faria uma reportagem sobre a ala dos mortos não identificados para o jornal. Fritz não era o responsável por publicar as fotografias, mas ele saberia dizer quem era. O povo de Berlim precisava ser lembrado da existência dessa ala, de como ela funcionava e por que era necessária. Alguns talvez viessem e encontrassem pessoas queridas. Outros talvez tentassem mudar um mundo que permitia que tantas pessoas morressem sozinhas, sem identificação.

Parei em frente à porta robusta do escritório de Fritz. Não ajudaria em nada invadir a sala com a aparência de alguém que acabou de concluir uma prova de ciclismo Madison. Ajeitei os

cabelos, sequei o suor da testa com um lenço, e esperei até que minha respiração voltasse ao normal. Estiquei os ombros e entrei, com meu sorriso educado.

Atrás do alto balcão que percorria toda a frente da sala, havia uma fileira de mesas e máquinas de escrever, onde alguns homens produziam relatórios. Parecia a redação do jornal, com a diferença de que os datilógrafos eram todos homens. E usavam ternos mais novos, pois burocratas ganhavam melhor do que repórteres.

Verifiquei cada um deles, observando que o Kommissar Lang não estava lá. Respirei aliviada.

"Hannah", chamou Fritz ao me ver. "Já de volta?"

Fechou a porta de um arquivo e caminhou até o balcão, com seu charuto de cheiro forte pendurado no canto da boca. Bettina detestava seus charutos, por isso ele só fumava no trabalho. Fiquei pensando em como ele iria reagir quando chegasse em casa mais tarde e descobrisse que eu havia deixado uma criança ilegítima para passar o dia e brincar com sua filha. Mas não ousei mencionar o assunto com ele. Não estava segura de que pudesse mentir para ele, principalmente se ele começasse a fazer as perguntas certas. Portanto, não falei nada, mesmo sabendo que ele poderia nunca mais confiar totalmente em mim.

"Sabe que não posso ficar muito tempo longe de você, Fritz".

Ele balançou a cabeça grande e quase careca, analisando-me. "Sentindo-se melhor, não?"

"Muito", respondi, feliz por ter recuperado a respiração antes de entrar. "Precisava de repouso".

"E canja de galinha", completou. "Bettina faz uma canja de galinha com massinha maravilhosa. Levanta a gente".

"Sou uma péssima cozinheira", menti. Bettina usava a minha receita de canja de galinha, mas tinha de guardar seus segredos. "Preciso ficar de pé sem a canja".

"Uma pena". Tirou o charuto da boca e o agitou em minha direção. "Dê uma passada em casa para tomar um pouco da que Bettina faz. Ela gostaria de engordá-la e arranjá-la um marido".

"Como levar um cordeiro para ser abatido". Sorri de verdade pela primeira vez desde que entrara no prédio.

"Até agora, tem fugido sempre, cordeirinho", riu, piscando os olhos cor de cinza.

"Corro rápido".

"Mas tem que correr sempre?" Pôs o charuto de volta entre os lábios e tragou. O cheiro era mais forte que o de cigarros, dava para entender por que Bettina detestava. "Kommissar Lang me perguntou de você. Ele é um bom homem, e talvez esteja um pouco apaixonado".

"Ele é da SS", disse eu, um pouco mais alto do que gostaria.

"Muitos homens são". Ele mastigou a ponta do charuto. "E outros tantos aderem a cada dia. Logo, não haverá mais ninguém para namorar, se você não namora nazistas".

"Prefiro ficar sozinha".

Ele sacudiu a cabeça em reprovação. "Qual o real motivo de estar aqui, além da minha pessoa irresistível? Ou talvez uma chance para ver o Kommissar Lang?"

"Estou fazendo uma reportagem sobre overdose de drogas e prostitutas", respondi. "Algum caso recente?"

"Outras garotas vêm até aqui perguntando sobre família e amigos", disse ele. "Com você, sempre reportagens".

"Garotas precisam comer".

"Canja de galinha, se possível". Ele andou de volta até os arquivos e retirou algumas pastas de cor cinza. Fritz tinha uma habilidade incrível para encontrar os casos certos para mim. Quando ele saía de férias, eu nunca conseguia nada de útil na delegacia.

"Alguns desses são velhos". Ele distribuiu as pastas no balcão à minha frente. "Mas nunca sei qual deles terá os melhores detalhes para você".

"Você nasceu para o jornal, Fritz". Abri a primeira pasta, ciente de que ele me observava. Era sobre uma garota de 14 anos, chamada Gretel, que morrera de overdose de heroína. Suspirei e dei uma lida nos detalhes. Tinha de parecer interessada em todos os casos, mas também queria ir embora dali antes que o Kommissar Lang aparecesse. Apaixonado ou não, ele não era nada bobo. Deveria ter identificado a fotografia de Ernst como aquela que eu estivera observando.

Depois de quatro pastas, encontrei. Pseudônimo: Docinho de Coco. Nome: desconhecido. Parecia-se com a mulher que eu havia visto com Francis na noite anterior, mas não tinha certeza, pois estava escuro.

Coloquei a pasta no balcão e peguei meu bloco de anotações. Li o restante do relatório. Idade: vinte e poucos anos. Isto significava que ela teria entre 14 e 18 quando dera à luz Anton. Causa da morte: overdose de cocaína. O corpo havia sido encontrado nos banheiros públicos da Wittenbergplatz. Meus joelhos fraquejaram e agarrei o balcão. Eu tinha sido uma das últimas pessoas a vê-la com vida.

Não havia coincidências, costumava dizer Paul. Apenas repórteres que não eram inteligentes o suficiente para enxergar o cenário por completo. Francis havia estado com ela na noite passada e entregue a ela o dinheiro para comprar as drogas que a matariam. Mas por que?

Ocupação: prostituta. A polícia não sabia de nenhum nome, de onde ela vinha, não conhecia nada próximo de um parente, ou endereço. Como ela conseguira exercer seu ofício por todos esses anos sem que ninguém soubesse seu nome verdadeiro? Se Rudolf sabia algo mais sobre ela, havia omitido da polícia. Em nenhum lugar, fora mencionado que o corpo havia sido identificado por Rudolf von Reiche, portanto concluo que aquilo teria lhe custado uma pequena propina. Ela fora citada como solteira e sem filhos.

Dessa forma, Anton tornava-se órfão. Um órfão invisível.

Virei a pasta de ponta cabeça para que Fritz pudesse ler. "Conte-me sobre este aqui".

Fritz olhou para o relatório. "Uma pessoa deplorável, essa", disse ele. "Eu estava aqui quando a trouxeram hoje de manhã. "Apinhada de doenças, imagino. Feridas por todo lado. Era só pele e osso".

Concordei com a cabeça e massageei minhas têmporas. Anton não tinha pai nem mãe. Seus únicos parentes éramos eu e Ursula, considerando que a falecida Docinho de Coco fosse sua mãe verdadeira e Ernst seu pai verdadeiro. Olhei para a fotografia e pensei: que tipo de infância Anton tivera até aqui?

Fritz levantou a fotografia. "Nunca olho", disse ele. "Felizmente, não é o meu trabalho".

Tomei-a de suas mãos e a examinei. A mulher estava deitada no chão de ladrilhos brancos de uma cabine de banheiro, presa entre o vaso sanitário e a parede. Seus cabelos pretos serviam de almofada para sua cabeça. Usava botas de couro de cano alto, amarradas até em cima, e meias calças escuras rasgadas acima do joelho. O rasgão me chamou mais a atenção do que seu rosto pálido, artificialmente virado para a câmera. Fiquei feliz de não ver nenhuma semelhança entre ela e Anton.

"Não há muita informação sobre ela".

Fritz concordou com a cabeça. "Talvez não seja daqui. E nem todas as garotas locais têm um histórico conosco".

"Parece tão velha para estar na casa dos 20 anos".

"Esse estilo de vida acaba com elas ainda jovens". Fritz olhou para a fotografia. "Também não acho que ela tenha tomado muita canja de galinha".

"Ou tenha feito para alguém".

"Acha que ela teve filhos?", perguntou, surpreso. "Garotas desse tipo os arrancam fora antes mesmo que nasçam".

Era verdade. A gravidez atrapalhava o trabalho delas, e uma criança era um fardo pesado. Por que, então, ela levou a gravidez adiante? Talvez tenha sido antes de sua vida nas ruas? Talvez seus pais a tivessem posto para fora de casa por causa da gravidez? Pobre Anton, perdeu pai e mãe em apenas alguns dias. Uma coincidência, ou algo ainda mais sinistro? Será que ele estava em perigo? Será que eu estava em perigo?

Coloquei o relatório de volta na pasta com os dedos tremendo.

"Você está levando este caso um pouco a sério demais", observou Fritz. "Já vi você analisar coisas piores que isso antes. Você a conhecia?"

"Não", respondi, contente de não precisar tentar mentir para Fritz quando ele fizesse uma pergunta direta. "Amolecendo com a idade".

"Tem um longo caminho a percorrer antes de ficar mole", disse ele. "Mas está amolecendo. Li sua matéria sobre as garotinhas

naquele caso de estupro. Foi uma novidade ver alguém escrever sobre as vítimas em vez de analisar o pobre e triste perpetrador".

"Obrigada". Estudei o restante dos arquivos para disfarçar meu interesse em Docinho de Coco. Nunca prestei atenção em prostitutas antes, a menos que tivessem sido assassinadas. Elas morriam de muitas outras maneiras também, desnutrição, tuberculose, sífilis. A maioria tinha nomes, nomes reais, algum parente próximo e um endereço. Mas Docinho de Coco não era a única sem nenhuma conexão.

Tentei fazer algumas anotações para Anton, mas não havia nada que eu quisesse contar a ele sobre como sua mãe havia vivido e morrido.

"Informações úteis?", perguntou Fritz.

Devolvi-lhe os relatórios com um sorriso. "Não muito. Mas quem sabe consigo transformá-las em uma matéria?"

"Precisa de algo mais?"

Respirei fundo e procurei acalmar minha voz. "E aqueles corpos boiando que você mencionou no outro dia? Quantos vocês tiveram, digamos, nas últimas duas semanas?" Com certeza, Ernst seria incluído naquele grupo. Concentrei-me em manter a calma, mas mesmo assim meu coração estava disparado e minha respiração, cortada e apressada. Doía me referir a Ernst como um corpo boiando.

Fritz se virou e foi até os armários. "Vou dar uma olhada".

Fingi fazer anotações sobre os arquivos de prostitutas que tinha visto, tentando me distrair enquanto Fritz abria os armários e remexia nas pastas.

"Aqui está". Fritz colocou mais algumas pastas à minha frente. "Uma leitura mais leve".

"Obrigada". Forcei-me a acalmar minhas mãos e abrir as pastas amassadas uma de cada vez, com os olhos fixos nas fotografias. A primeira não era de Ernst.

"Vou deixá-la com o seu trabalho", disse Fritz. Tenho alguns relatórios para preparar. Avise-me quando acabar. E, Hannah, tire um dia de folga. Não parece estar muito bem".

Ele atravessou a sala, até a máquina de escrever preta brilhante. Era tão firme e relaxado, que me senti desolada, de repente.

A pasta seguinte era a de Ernst. Coloquei meu bloco de anotações verde em cima dela, como se tomasse notas, e enfiei a fotografia entre as páginas. Imaginei que Fritz não notaria a falta da fotografia. Não era o trabalho dele. Copiei detalhes do relatório no meu bloco mecanicamente, tentando não ler.

Mas li. Agora, eu era Peter Weill, o destacado repórter. Ernst fora assassinado com uma única facada no peito. É raro uma pessoa morrer com uma facada apenas. Seria um assassino com treinamento militar, talvez? Ou um médico? Um policial? Ou um golpe de muita sorte? Parecia mais provável que a pessoa tivesse treinamento militar, mas isso não ajudava muito, já que quase todo homem na casa dos 35 anos havia recebido treinamento militar para a guerra.

Era difícil acreditar que Ernst tivesse deixado um homem armado chegar tão perto dele; ele não era bobo. Mas não havia ferimentos no seu corpo que indicassem que ele reagira. Nenhum hematoma, nenhum corte nas mãos. À exceção da facada, não havia marcas em seu corpo. Será que ele conhecia o assassino?

Ele fora encontrado nu, portanto o assassino deve ter tirado suas roupas antes de jogá-lo no rio. Mas por quê? Ernst usava roupas especiais, feitas sob medida para seus shows. Elas levariam a polícia diretamente ao seu alfaiate e, depois, ao homem que pagava suas contas, Rudolf von Reiche. Tremi. Mesmo que o assassino fosse um desconhecido, ele saberia que não se compram vestidos de noite para um homem de dois metros de altura na loja de departamentos Wertheim.

Ele ficara na água por algumas horas, quando um barco turístico o encontrou. Os turistas puderam ver um lado de Berlim pelo qual não haviam pago.

O gosto de sangue em minha boca me assustou. Estava mordendo as bochechas por dentro. Tentei relaxar os músculos do meu maxilar. Depois de fechar a pasta de Ernst, folhee as outras sem ler.

Enfiei a pasta de Ernst de volta na pilha e coloquei-as no balcão.

"Obrigada, Fritz", falei.

"É sempre um prazer poder ajudar". O corredor estava cheio de gente correndo para os achados e perdidos ou para o setor de passaportes. Abri caminho contra a corrente naquela maré humana. Meus olhos se encheram de lágrimas. Lágrimas por Ernst. Lágrimas por Anton. Lágrimas por mim mesma. Lágrimas por uma prostituta que nem cheguei a conhecer. Duas pessoas mortas e outras duas soltas à deriva. O único porto seguro de Anton era eu, e eu estava afundando também. Mas eu iria resolver o que fazer com ele. Limpei a garganta e engoli em seco. A temporada de lágrimas chegara ao fim, agora era tempo de agir. Eu iria descobrir quem matara Ernst e levá-lo à justiça.

Um homem muito pequeno, vestido com roupas de montaria, estava parado próximo às fotografias na ala dos mortos não identificados, analisando as imagens, uma a uma. Parecia familiar para mim, com cabelos cacheados e pele de tom exótico. Quando se aproximou da fotografia de Ernst, percebi quem era.

"Francis", chamei.

Sem se virar, ele saiu em disparada, como uma flecha, pelo corredor e desapareceu em meio à multidão. Nunca havia visto alguém tão ágil.

Andei o mais depressa que pude, evitando chamar a atenção, mas quando cheguei à porta de trás, ele já havia sumido. O que estaria fazendo ali? Segui caminhando pelos quarteirões que levavam até o jornal, com a imagem de Francis na cabeça, pensando se meus olhos não haveriam me enganado.

Dentro da redação, fui recebida pela batida dos teclados, o som de redatores datilografando furiosamente, orgulhosos a cada vez que soava a campainha no final de cada linha. Apressei-me para servir uma xícara do maldito café. Até aquilo era melhor do que o gosto de sangue na minha boca.

Com a xícara na mão, andei em meio à fumaça que pairava no ar e fui abrir as janelas. Inalei o ar que vinha fora; cheirava a estrume misturado a escapamento automotivo, mas era um verdadeiro buquê, se comparado à fumaça de cigarro. Sentei-me a uma mesa que estava desocupada e procurei por Paul ou Maria, mas eles não estavam à vista. Não era normal que os dois já tivessem ido embora tão cedo. Será que haviam reatado o romance? Nos seus tempos áureos, eles raramente vinham trabalhar. Naquele tempo, estava feliz por Paul ter encontrado alguém, mas agora preferia que tivesse sido qualquer pessoa, menos Maria.

Sentei-me diante de uma máquina de escrever surrada e enrolei o papel, saboreando o barulhinho peculiar que ela fazia quando eu girava o tambor. Eu não tinha nenhuma história sensacional de tribunal. O caso do estuprador havia se encerrado cedo. Pela

primeira vez em anos, Peter Weill não tinha nada para contar. Eu tinha passado o meu tempo de apuração conversando com Rudolf e checando sua história, o que podia ser bom para minha curiosidade, mas péssimo para meu trabalho como jornalista.

Ainda assim, eu tinha diante de mim uma máquina de escrever e papel, o que não podia ser desperdiçado.

Caro Fritz,

Sei que pode parecer surreal, mas você apenas estará recebendo esta carta se minhas suspeitas tiverem algum fundamento.

Em seguida, escrevi detalhes da minha conversa com Rudolf, minhas suspeitas de que ele havia matado meu irmão, de que ele havia matado a mãe de Anton, e de que iria me matar. Até para mim, aquilo soou um pouco insano. Embora eu entendesse a raiva que Rudolf sentia por causa da infidelidade de Ernst e acreditasse na sua capacidade de cometer um crime passional, tinha dificuldade de aceitar que ele tivesse assassinado meu irmão com um único golpe. Ele não havia recebido treinamento militar, e eu duvidava que ele levantasse qualquer coisa que pesasse mais do que uma caneta-tinteiro na maior parte do tempo. E, mesmo que tivesse assassinado Ernst, teria feito o mesmo a Docinho de Coco? Aquilo não seria um crime passional.

Escrevi tudo o que sabia e acrescentei uma observação pedindo que Anton fosse entregue a minha irmã, Ursula. Má notícia para o menino. Ela não correspondia ao ideal de mãe carinhosa, mas seria seu único parente vivo. Por mais difícil que fosse, viver com ela era melhor do que em um orfanato. Por fim, assinei meu nome. Lacrei o documento em um envelope e escrevi: "No caso de minha morte, entregar a Fritz Waldheim, na Delegacia de Polícia da Alexanderplatz, em Berlim". Eu me senti paranóica, mas Ernst estava morto, Docinho de Coco estava morta, e eu era a única pessoa que tinha feito uma ligação entre as duas mortes, por enquanto.

O cheiro de fumaça de cigarro e café queimado já estava quase esquecido quando mergulhei no mundo da minha matéria. Escrevi sobre uma mulher visível apenas no breve momento em que um homem a escolhera na rua. Então, ela se tornou desejável, ganhou dinheiro e atenção, até voltar às ruas novamente. Morta, Docinho de

Coco deitou-se sozinha, sem nome, segurando o cartão de um amante aristocrático, um homem que identificou seu corpo na delegacia de polícia, mas que se manteve fora dos relatórios oficiais, um homem com um nome importante, rico.

Torci para que Herr Neumann não tivesse tempo de ler a matéria inteira. Ele classificaria aquela parte como difamação, embora eu soubesse bem como usar o nome de Rudolf. "Acidentalmente", escrevi com a inicial maiúscula a palavra *Rico*, para fazer menção a von Reiche[5]. Apenas um compositor de texto preguiçoso deixaria passar, mas arrisquei uma tentativa mesmo assim.

Talvez aquilo fosse desencadear uma investigação, caso Fritz relacionasse a matéria com a minha carta, se eu fosse morta. Suspirei. Agora, tudo o que eu tinha a fazer era morrer, e Rudolf teria do que se arrepender. Senti-me uma garota de 12 anos, visualizando mentalmente as pessoas que iriam ao meu enterro, e imaginando o que eles iriam sentir por terem me tratado tão mal.

"Parece bem estranha", disse Paul. Olhei em volta procurando por Maria, mas ela não estava à vista. Ele me entregou uma xícara de café, pois o meu havia esfriado há tempos.

"Eu tento". Tomei um gole do café e fiz uma careta. "Pode ficar com isso para mim?" Entreguei a Paul o envelope.

Ele se debruçou sobre minha mesa, com suas pernas longas e elegantes viradas para a janela. Apoiou-se para a direita, colocando o peso na perna que não fora machucada.

"O que é isso?", perguntou, lendo o exterior do envelope. "'No caso de minha morte?'"

"Talvez nada", respondi. "Paranóia".

"Não faz o tipo paranóico", disse Paul, analisando meu rosto. Depois, levantou-se e caminhou para trás da minha mesa.

"Qualquer um pode ser, sob certas circunstâncias". Levantei-me também.

"Não Peter Weill", argumentou.

"Preciso ir".

Paul colocou a mão no meu braço, por cima dos hematomas disfarçados pelas mangas longas. "Hannah?"

"Fique fora disso, Paul", pedi. "É o único jeito de poder me ser útil".

Ele tirou a mão de cima do meu braço e inclinou a cabeça. "Prefiro lhe ser útil enquanto ainda está viva".

"Nem sempre podemos escolher, não é mesmo?"

Pude ver sofrimento em seu rosto, mas ele logo o substituiu por uma delicadeza calculada. "É mesmo".

"É um ótimo amigo", disse eu. "Mas—"

"Paul!", gritou um repórter do outro lado da sala. "Preciso de você aqui".

Paul levantou um longo dedo. "Só um instante".

"Não posso explicar", falei.

"Tem algo a ver com o caso de estupro?", perguntou. "E aquele novo homem com quem você está saindo?"

Neguei com a cabeça. "Primeiro, não estou mais saindo com ele. Segundo, não tem nada a ver com ele". Lembrei de seu convite para sexta-feira. Não vou sair de barco com ele. Não, mesmo. Não tinha tempo para frivolidades.

Paul abaixou o tom de voz e perguntou, sussurrando: "Com Sarah?"

"Apenas indiretamente", respondi. "E isso é tudo o que vai ouvir de mim".

"Paul", chamou o repórter. "Só vai levar um segundo".

"É tudo o que vou ouvir, por enquanto", avisou Paul. "Não pense que irei desistir".

Enfiou o envelope no bolso do paletó e atravessou a sala para falar com o repórter. Antes que ele voltasse, escapei pela porta lateral da redação.

Precisava ir buscar Anton antes que Fritz voltasse do trabalho.

Mal comecei a bater à porta da casa de Bettina, Anton a abriu.

"Voltou da caça". Largando o ursinho no chão, jogou-se às minhas pernas. "O guerreiro está contente".

Abaixei-me e o abracei. Bettina havia feito um corte de verdade nos cabelos dele e trocado suas roupas por shorts e uma camiseta. Parecia um menino como outro qualquer. Pequeno e pálido, talvez,

mas nada parecido com o maltrapilho imundo que aparecera à minha porta na noite anterior.

"O chefe voltou", disse Bettina, sorrindo, da porta. "Uma bela recepção".

"Normalmente, não tenho ninguém para me receber quando chego em casa, a não ser pela gata". Peguei Anton nos braços. "Precisamos ir", avisei. Não queria encontrar Fritz depois que ele descobrisse sobre Anton. Ele faria perguntas duras sobre Ernst. Saber que a certidão de nascimento era falsa, e exigiria explicações. Não seria tão fácil me livrar dele como tinha sido com Paul.

"Por favor, podemos levar o depósito secreto de biscoitinhos?", perguntou, agarrando minha mão. "Eu fiz tudo sozinho, não fiz, tia Bettina?"

Ela sorriu e o levou até a cozinha. "Fez, sim, Pequena Águia".

Bettina enfiou um pote cheio de sopa dentro de uma sacola de tela e acrescentou uma fatia de seu pão especial e duas maçãs. Finalmente, embrulhou alguns biscoitinhos em um pano de prato aquecido e colocou por cima. "Pode levar para casa para um jantar de verdade, caso tenha esquecido de almoçar", ela disse. "Anton adorou".

"Adorei", disse o menino. "Tia Bettina disse que é como o ensopado que os índios costumavam fazer".

"Não fazia ideia". Meu estômago roncou, lembrando-me de que eu pulara o almoço. Não tinha tomado nada além de café desde que Bettina me servira os bolinhos naquela manhã.

"Canja de galinha com massinha", disse Bettina, piscando para mim. "Um clássico dos campos".

"Obrigada, Bettina", falei. "Não sei o que faria sem você".

"Nem eu, sem você, Hannah". Ela me abraçou. "E, agora, não sei o que faria sem você também, Anton".

Ela acariciou seus cabelos e colocou um livrinho ilustrado em suas mãos. "Para a hora de dormir", disse. "Caso Hannah não tenha nenhum livro bom".

Anton caiu no sono no ônibus, segurando seu ursinho e o livro. Ele insistira em dizer que um guerreiro deve carregar seus próprios

materiais. Observei a vizinhança mudar, passando dos apartamentos neo-barrocos de Wihelminian, o mundo de Bettina, para o distrito do jornal, com sua coleção de edifícios modernos e modestos, e, finalmente, para os cortiços de tijolos enfarruscados, amontoados de maneira confusa nos arredores de Hallesches Tor, e minha casa.

Puxei a corda para sinalizar que o ônibus parasse e juntei tudo, inclusive o garoto adormecido. Estava mais pesado do que gostaria, e Mitzi fez de tudo para ficar no meu caminho quando entrei no prédio, mas não conseguia acordar Anton. Ele era um órfão agora, assim como eu.

Quando me virei para fechar a porta com o pé, dei uma olhada para fora. Uma pequena figura passou graciosamente pela porta da casa do outro lado da rua. Seria Francis? Bati a porta e corri para cima, trancando cuidadosamente a porta do meu apartamento.

Levei Anton no colo e coloquei-o deitado na cama. Ele nem se mexeu, e eu encostei meus dedos abaixo do seu nariz para ter certeza de que estava respirando, como fazia com Ernst quando era um bebê.

Fiquei olhando para fora, pela janela da cozinha, com a luz apagada, por alguns minutos. Não havia ninguém esperando na rua. Mitzi passou se enroscando pelos meus tornozelos, miando para pedir seu leite. Estava apenas imaginando coisas, disse a mim mesma, com firmeza. E então acendi a luz e dei-lhe comida.

Acariciei Mitzi enquanto ela tomava o leite, sentindo seus pelos quentinhos e macios sob meus dedos. O ronronar de sua garganta era o único som na cozinha. Faminta, parti o pão de Bettina e abri o pote de sua preciosa sopa de massinha. A sopa ainda estava morna, e o cheiro de cebola e galinha tomou conta da cozinha. Humm, um verdadeiro tesouro.

Tesouro.

A caixa de jóias de mamãe, lembrei-me. Ela a chamava de seu baú do tesouro secreto, por causa de um compartimento especial, onde ela guardava suas peças mais valiosas. Coloquei a caixa em cima da mesa, tentando lembrar como funcionava o compartimento secreto, que mamãe me mostrara quando eu era uma garotinha. Como ele funcionava? A caixa tinha um fundo falso que só podia ser

aberto quando a pessoa a fechava, inclinava para a frente, dava uma batida do lado esquerdo, abria novamente e puxava uma argolinha dourada no canto esquerdo.

Segui todos os passos, agarrei a argola dourada e levantei o fundo falso de veludo vermelho. Penas de cores vibrantes recheavam o compartimento. Muito inteligente, pois aquilo servia para abafar o som, caso alguém sacudisse a caixa. O que Ernst teria, que valesse a pena esconder ali?

Levantei as penas. Primeiro, achei duas das gargantilhas de mamãe: uma, com um pingente de diamante; e outra, com um pesado medalhão de ouro. Ele deve ter roubado essas peças antes que Ursula as encontrasse. Senti um arrepio ardido de orgulho. Muito bem, Ernst, pensei. Era maravilhoso ver aquelas peças novamente, depois de já tê-las dado por perdidas.

Mas Ernst era mais esperto que eu, e tinha escondido as gargantilhas no fundo do baú. Um fundo que Ursula nunca havia notado, talvez porque não tivesse nenhum interesse em mamãe, querendo apenas ser a preferida de papai.

Abri o medalhão com o polegar. Havia uma fotografia de Ernst aos dois anos de idade, e um cacho de finos cabelos loiros. Ele fora uma criança linda. Lembro-me do dia ensolarado em que o levava ao fotógrafo e de como se sentara, levando aquilo tudo a sério, e querendo sair bem na foto, já naquele tempo. Beije o medalhão, e as lágrimas tomaram conta dos meus olhos. Respirei fundo, ainda tremendo. Precisava manter a cabeça fria, para o caso de alguma coisa poder me dar uma pista que me indicasse o assassino de Ernst.

As duas gargantilhas eram valiosas e poderiam ser vendidas em uma situação de emergência para comprar comida, embora eu detestasse ter de fazer isso. Senti o peso do medalhão em minhas mãos. Não queria ter de me separar dele novamente, mas alimentar uma criança faminta era mais importante do que o sentimento. Coloquei as jóias na minha surrada mesa da cozinha e retirei mais penas da caixa.

Escondido no canto esquerdo, havia um anel em estilo masculino. Levantei-o e fiquei embasbacada, era maravilhoso. Duas

cobras de ouro com as pontas entrelaçadas formavam as costas do anel. Em suas presas, elas seguravam um quadrado enorme de rubi, que brilhava na luz. Com uma luz vermelha hipnotizante, a pedra emanava poder. Sacudi a cabeça e pensei: que absurdo.

Não podia ser verdadeiro, eu nunca havia visto uma pedra tão grande como aquela, a não ser no cinema. Gargalhei alto. Não tinha certeza de que tivesse visto nem no cinema. O tamanho era absurdo. Apenas a realeza poderia ostentar algo como aquilo. Mas era exatamente o tipo de anel que alguém em busca de status, como Ernst, usaria, ainda que fosse falso. Mitzi pulou no meu colo e amassou meu vestido. Acaricieei sua cabeça de neve sem prestar atenção.

De onde teria vindo aquele anel? Não era o estilo de Rudolf. Aposto como ele dera a Ernst as peças mais decorosas de ônix e diamantes. Modernas e quase masculinas, mas nem tanto. Além disso, se ele dera o anel a Ernst, por que meu irmão o esconderia?

Quem mais poderia ter-lhe dado? O soldado rico? Se fosse real, não há dúvidas de que Ernst o esconderia, mas aquilo extrapolava o orçamento de um soldado. Pensei que outros admiradores ele teria. Minhas mãos começaram a ficar frias. E se ele o tivesse roubado? Imaginei-o fugindo do quarto de algum homem rico, servindo-se do conteúdo da mesinha de cabeceira no caminho.

Eu me sacudi, coloquei Mitzi no chão e me levantei. O anel era falso, era grande demais para ser verdadeiro. Mas, ainda assim, virei-o várias vezes no meu dedo. Havia uma inscrição dentro dele, mas era pequena demais para ser lida. No dia seguinte, iria levá-lo a um joalheiro, amigo meu e de Sarah. Levaria também os anéis de ônix e diamantes que estavam fora do compartimento secreto. Queria ver o que ele poderia fazer com eles, e de onde eles vinham. Talvez eu pudesse rastrear o homem ou homens que teriam dado a Ernst as peças mais valiosas.

Mas, se eram valiosas, por que Rudolf teria entregue a caixa a mim? Ele também não deveria saber sobre o compartimento secreto. Não podia imaginar nenhum motivo sinistro pelo qual ele tivesse me dado as jóias caras.

Retirando mais penas, encontrei uma pulseira de rubi e diamante, e um crucifixo encravado de rubis em uma corrente de ouro delicada. Se fossem reais, seriam o suficiente para sustentar nós dois - Anton e eu - durante meses. Observei as jóias de vários ângulos, analisando como elas reagiam à luz, e fiquei me sentindo como uma criança brincando de pirata, com a diferença de que eu havia descoberto um baú do tesouro de verdade. Eram coisas tão lindas, as jóias. Nunca na minha vida, um homem me dera uma jóia. Walter havia me dado apenas uma aliança de noivado simples, prometendo trocá-la por algo melhor quando a guerra acabasse. Mas ele nunca teve a chance. Ernst tinha várias peças. Ele, provavelmente, já tivera e empenhara mais.

Diamantes e rubis eram perfeitos para ele. Ele adorava o luxo dos diamantes, e o vermelho era sua cor. Na infância, ele sempre quis roupas vermelhas. Se pudesse, comeria apenas alimentos vermelhos - maçãs, carnes mal-passadas, beterrabas, batatas de casca vermelha, sorvete de morango. A cor importava mais do que o sabor.

Felizmente, papai aprovava o vermelho. Afinal, o debrum do seu uniforme era vermelho. Mas e se Ernst gostasse de cor de rosa? Desejando ter uma lente de aumento, peguei novamente o grande anel de rubi tentei mais uma vez identificar a inscrição.

"É o anel de cobra do meu pai", soprou uma vozinha vinda da porta do quarto.

Virei-me e perguntei: "É mesmo?"

"Eu vi no dedo dele", respondeu, entrando na cozinha, sonolento. "Estou com fome".

"O que sabe sobre seu pai?" Enchi uma tigela com sopa aquecida para ele.

"O nome dele é Ernst", disse Anton.

Anton pensava que Ernst era seu pai, o que fazia com que parecesse ser verdade, então. Senão, por que Ernst agiria como tal?

"E ele irá cuidar de mim". Anton subiu em uma cadeira da cozinha. "Ele é rico".

Nunca havia pensado em Ernst como uma pessoa rica, mas da perspectiva de Anton, acho que ele era mesmo.

"E a sua mãe?", perguntei, colocando uma colher próxima à tigela.

"Você é a minha mãe", disse ele, sentando-se à mesa e pegando sua colher. "Tia Docinho disse que um dia me levaria até a minha mãe e ela me trouxe".

Abri a boca para negar o parentesco, mas não saiu nenhuma palavra. "Deixe-me pegar um pão para você", disse, e passei manteiga em uma fatia de pão. Observei-o comer, enquanto girava o anel no meu dedo. Eu era o mais próximo de uma mãe que ele poderia ter agora, pobrezinho.

E se Docinho de Coco também não fosse a sua mãe? Talvez tivesse falado a verdade quando disse ser apenas sua tia, e talvez ele tivesse uma mãe, em algum lugar.

Depois de colocar Anton de volta na cama, voltei à cozinha, coloquei as jóias no meio das penas e fechei o compartimento secreto. Mesmo que somente as peças de mamãe fossem verdadeiras, já seriam valiosas. Coloquei a caixa de jóias de volta dentro da caixa de papelão e cobri com jornal velho. Com meu tesouro enterrado, também fui para a cama. Fazia muito tempo que não tinha objetos de valor dentro de casa, portanto fiquei me virando de preocupação na cama. Tinha de descobrir o valor das jóias, para ver se elas precisariam de mais segurança do que tinha em casa. Peguei no sono pensando em figuras sinistras entrando sorratamente no apartamento, uma porta atrás da outra.

"Índio dá bom dia", disse Anton quando cheguei à cozinha na manhã seguinte. Migalhas oleosas dos últimos biscoitinhos de Bettina caíram de seus dedos sobre da mesa vazia.

"Bom dia. Estou contente de ver que você achou seu próprio café da manhã hoje".

"Um guerreiro aprende a lição de primeira".

"Devíamos ser todos sábios assim".

Cortei as maçãs de Bettina em barquinhos e dei uma parte para Anton. Comi a outra parte, junto com uma larga fatia do perfumado pão.

Após o café, pus um vestido verde-escuro simples e passei as jóias de Ernst para dentro da minha bolsa-carteiro. Não tinha nenhuma matéria para entregar, portanto poderia ir receber meu pagamento e depois cuidar de afazeres como descobrir mais sobre as jóias e talvez comprar umas roupas usadas para Anton de um vendedor de rua. Por enquanto, ele vestiria as mesmas roupas que Bettina tinha lhe dado na véspera.

No caminho para a casa de Bettina, Anton me presenteou com suas histórias de bravura indígena. Falou sobre montar cavalos rápidos pelas campinas, embora os únicos que estivessem à nossa vista puxassem carruagens e usassem antolhos. Andamos de ônibus pelas sombras de altos edifícios de pedra e ele me contou sobre tendas indígenas e o sol forte nas terras dos Apaches. Tagarelou por todo o caminho, até chegarmos à casa de Bettina e bater à sua porta.

"Bom dia", disse Bettina ao abrir a porta. "Desencontrou de Fritz".

"Dê a ele meus cumprimentos".

Ela levantou uma sobrancelha e falou, "Entre, Anton. Tem mingau de aveia e maçãs".

"Ele já tomou café", avisei, entrando pelo corredor que cheirava a canela.

Anton passou se espremendo por nós duas e caminhou em direção à cozinha.

"É um menino em fase de crescimento", disse ela, rindo. "Pode tomar café da manhã duas vezes. Talvez até três. Não se preocupe, eu o manterei alimentado".

Com que dinheiro eu iria comprar comida para Anton? Não era certo depender da caridade de Bettina. Se o menino fosse como Ernst, comeria mais que um adulto. Antes de sair da casa de nossos pais, eu sempre passava um pouco do meu jantar para Ernst, quebrando as regras rígidas de papai sobre o controle das porções.

"Obrigada, Bettina. Não precisarei trazê-lo este fim de semana; assim, você pode ter uma folga".

"Não preciso tirar folga dele, Hannah". Ela esticou o braço e ajeitou a gola do meu vestido com um gesto eficiente. "Mas acho bom que você passe o fim de semana com ele".

"Posso te pagar pela comida que deu a ele—"

"Bobagem", exclamou, e, com o dedo em riste, avisou, "Mais um comentário sem sentido como esse e eu entrego você para Fritz".

"Me entregar para Fritz?", perguntei, tomando o cuidado de manter um tom de voz neutro.

"Ele está muito interessado em saber sobre Anton e sobre como ele veio parar aqui". Seus olhos brilharam. "E não entendeu por que você não mencionou o assunto quando o encontrou na delegacia ontem".

"Esqueci".

"Eu disse a ele que você não quis explicar em uma delegacia de polícia, o que eu acho que é quase verdade". Bettina sacudiu a cabeça em reprovação. "Tão cedo e você já está mentindo para sua velha amiga".

"A que horas ele chega em casa hoje?"

"Para que você possa evitá-lo?" Bettina inclinou a cabeça e deu um sorriso malicioso. "Por volta das seis".

Quando cheguei ao jornal para receber meu pagamento, Rudolf estava no saguão do prédio, olhando para seu relógio.

As pessoas desviavam dele como a água correndo ao redor de uma pedra na correnteza. Virei-me para sair, mas já era tarde.

"Hannah", gritou ele, cruzando o ambiente. "Temos algo para discutir".

"Não temos nada para discutir", apressei-me para chegar ao elevador.

Ele agarrou meu braço e cravou os dedos em mim com violência. Nos cinco anos em que nos conhecíamos, foi a primeira vez que me tocara. "Escute o que eu tenho para dizer agora, ou vai se arrepender profundamente mais tarde".

Eu parei e disse em voz alta: "Solte o meu braço". Xavier, o ascensorista, olhou em nossa direção, curioso. Rudolf me soltou, mas permaneceu bem perto. Resisti à tentação de massagear meu braço, pois não queria mostrar que ele me machucara.

"Diga a seu irmão que ele precisa entregar o pacote sobre o qual conversamos no outro dia", avisou, com voz baixa mas demonstrando urgência.

As pessoas passavam apressadas por nós, atravessando o elegante saguão a caminho do elevador, mas não vi nenhum rosto conhecido. Era como se estivéssemos do lado de fora do escritório de Rudolf, e não do meu.

"Não faço ideia do que quer dizer". Será que estava falando do anel? Se Rudolf soubesse da existência dele, Ernst não o teria escondido no compartimento secreto.

"Eu acho que você sabe, mas, mesmo que não saiba, Ernst sabe. E ele conhece os riscos de se recusar a entregar". Rudolf se inclinou sobre mim, cheirando a suor azedo. Qualquer que fosse o motivo que o tirara do sério, não podia ser nada bom.

Mantive a calma; não me deixaria intimidar por ele. "Sabe, mesmo?"

Rudolf agarrou meu ombro e foi me empurrando até o canto, para longe da multidão que se aglomerava perto do elevador. Fiquei com medo de me afastar muito das pessoas, mas queria saber por que Rudolf tinha vindo atrás de mim, então fiquei quieta.

Ele abaixou o tom de voz. "Primeiro, eles irão matar Ernst; depois, a mim. Enfim, provavelmente até você. Ele sabe que eles têm experiência com tortura, e vão encontrar o que querem. Diga a ele para facilitar as coisas".

Minhas mãos tremiam. Agarrei uma na outra para que Rudolf não notasse. Será que ele conseguia farejar meu medo, como um cachorro? "O que ele tem que devolver? E onde?"

"Ele sabe. E sabe onde. Domingo, no apartamento dele. Em três dias".

"Devolver a quem?" Quando soou a campainha do elevador, virei-me, pronta para fugir.

"Se ele não contou a você com quem ele está lidando, Hannah, não sou eu quem vai contar", respondeu, abaixando-se para sussurrar no meu ouvido. "Pergunte a ele".

Permaneci calada. Rudolf se esticou novamente e continuou, com seu tom de voz normal: "Você é boa em fazer perguntas, não é? E em anunciar as respostas para os outros. Eu li a matéria no jornal ontem. Aquela escrita por seu amigo, Peter Weill".

Ele não sabia que eu escrevia com o nome de Peter Weill. Pensava que eu trabalhava vendendo poemas e desenhos. Sua antiga indiferença à minha existência tinha sido útil, afinal. Esforcei-me para manter uma expressão neutra e respondi: "Realmente".

Ele fungou e passou a mão pelos cabelos espessos. "Tive uma conversa muito pertinente com o editor do jornal. Ele irá cuidar de Herr Weill".

"Que bom para ele".

"Ele está demitido, Hannah". Ele estalou a língua. "Pobre homem. Talvez você possa encontrá-lo e contar a ele antes que o editor o faça. O editor não quis me dizer o nome dele, mas prometeu que Peter Weill será escrito por outras mãos".

"Peter é crescido", disse eu, embora sentisse um frio na barriga. "Sabe se cuidar sozinho".

"Quer dizer mais? Quer contar a ele como Docinho de Coco morreu? Como paguei a ela para que conseguisse algo para mim? E como, em vez de entregar o que deveria, ela gastou o dinheiro todo com drogas?"

"O que você precisava que ela conseguisse?"

"Meu mensageiro pagou demais a ela, agora eu vejo. Ela gastou tudo em um único lugar, contrariando as velhas regras. Comprou cocaína o bastante para matar uma vaca".

"Por que está me contando isso?" Rudolf não me daria informações sem que tivesse um objetivo.

"Para que você possa contar ao seu amigo Weill onde ele se enganou".

"Se é que ele se enganou".

Rudolf agitou a mão. "Ela não me é útil morta. Viva, ela tinha uma função a desempenhar. Uma que não posso conseguir com garotos".

"Que sorte a dela".

"Diga a Ernst que não pode confiar no rapaz nazista para tirá-lo desta".

Ele se virou e saiu do prédio, e seus sapatos de couro macio não fizeram qualquer barulho ao tocar o piso de mármore.

Tomei o elevador até a redação, atordoada. Peter Weill tinha sido minha identidade por tanto tempo. Herr Neumann cumpriria sua promessa e me demitiria. Estava impressionada por ele não ter dado meu nome a Rudolf. Mostrara mais integridade do que eu esperava.

Peter Weill garantiria minha comida quando eu passei fome. As correspondências dos fãs que eu recebia em seu nome faziam-me sentir uma escritora de verdade. Agora, eu era apenas mais uma entre os cinco milhões de desempregados na Alemanha. E, além disso, não tinha documentos para mostrar quando fosse me candidatar para empregos. Pelo menos, tinha as jóias para vender. Mesmo sem o anel, as jóias nos sustentariam por um tempo.

E depois, havia outros jornais. Peter Weill não era o único repórter policial em Berlim. E eu iria receber meus documentos de volta em breve, assim esperava.

"Seu andar, Fraulein Vogel", disse Xavier. "É aqui que vai ficar... hoje?"

"Sim, obrigada, Xavier". Desci do elevador e respirei fundo para me acalmar. Por força do hábito de tantos anos, atravessei a redação e abri a janela. A fumaça escapou para o sol da manhã.

"Hannah", gritou Maria, do outro lado da sala. "Preciso falar com você". Seu tom de voz feliz mostrou que ela já sabia que eu estava demitida.

"Olá, Maria". Virei-me e olhei para ela, com uma mão ainda apoiada no peitoril molhado da janela.

"Herr Neumann lhe dirá oficialmente, mas eu queria lhe avisar antecipadamente". Ela colocou a mão próxima da minha, no peitoril, sem tocá-la de fato. "Para que você não chorasse na frente dele".

"Não consigo pensar em nada que você ou Herr Neumann possam me dizer que me faça chorar", disse eu, com um tom de voz gelado.

Sequei minha mão úmida na minha saia e cruzei os braços na frente do peito, contente por já ter sido avisada por Rudolf.

"Sinto muito", disse ela, sem parecer sentir nada, "mas você está despedida do jornal".

"É o que posso concluir".

Suas sobancelhas bem cuidadas levantaram-se em surpresa. Eu havia roubado seu furo de reportagem. "Tem alguém ameaçando com processo por causa de sua matéria sobre a prostituta. Alguém poderoso".

"Rudolf von Reiche, o advogado".

"É mesmo?" Ela parecia pronta a sacar seu bloco de anotações e me entrevistar. "É ele o homem rico da matéria?"

"Por que quer tanto saber?", perguntei. "De verdade?"

Uma sombra passou por seu rosto. "Por nada".

"Posso ver por sua felicidade mal disfarçada que você é o novo Peter Weill". Eu me estiquei e fechei a janela, fazendo um estrondo. Deixe que eles se sufoquem em sua própria fumaça, enfim. "Parabéns".

"Não queria que acontecesse desta forma", defendeu-se, soando quase verdadeira. "Mas seria uma boba se não aceitasse".

"E você, Maria, não é nada boba", respondi. "Peça a Paul para pegar minha correspondência para mim".

O dedo ossudo de Herr Neumann tocou meu ombro. Quando me virei, ele sorriu.

"Tem sorte de eu não a processar", disse ele. "Por expor o jornal".

"A quê? À verdade?"

"A um processo. Herr Neumann bufou como um sapo. "Por que ___"

"Então, me demitir é o pior que pode acontecer?", eu o interrompi.

Ele pareceu surpreso com o meu tom. "Bem. Sim".

"Graças a Deus". Deixei a redação do jornal pela última vez, parando no setor financeiro para pegar meu pagamento final. Pela primeira vez em minha vida adulta, eu estava sem emprego. Fiquei pensando em como iria fazer para comer e para alimentar Anton. Depois, ri. Pelo rumo que as coisas estavam tomando, já teria sorte de permanecer viva tempo suficiente para passar fome.

Tomei o ônibus para a Alexanderplatz e passei, caminhando, pela delegacia de polícia, até chegar ao coração do bairro judeu. Sarah morava lá, assim como nosso amigo joalheiro, chamado Mordecai Klein. Como Sarah, ele tinha suspeitas obscuras sobre o que poderia acontecer aos judeus se o partido nazista ganhasse poder.

Uma velha mulher, com o corpo dobrado pela idade e pelo peso de sua maleta, tentou me vender cadarços de sapatos. Respondi que não com a cabeça quando ela tentou falar comigo em um polonês gutural, que eu não entendia; e, depois, em iídiche, que eu entendia, por ser próximo do alemão. Mas eu não precisava de cadarços em nenhuma língua, e não estava em condições de comprar nada de que não precisasse. Enfim, ela foi embora, com seu lenço de cabelo preto dançando com a brisa.

Um jovem judeu ortodoxo estava parado na calçada. Os cachos escuros dos seus cabelos balançavam enquanto ele conversava com outro rapaz, que usava roupas de trabalho modernas. Outro homem empurrava um carrinho de mão cheio de maçãs verdes rua abaixo, ignorando os automóveis e um ou outro cavalo que passava. Senti o cheiro das maçãs frescas em meio ao venenoso escapamento automotivo. Pechinchei antes de gastar algumas das minhas últimas moedas, e comprei uma maçã para Anton. Poderia levar um bom tempo até que Anton ganhasse uma maçã novamente. Enfie-a na minha bolsa carteiro.

Eu me sentia em casa no bairro judeu. Durante anos, frequentara a região com Sarah, e as pessoas confiavam em mim. Hoje em dia, isso era uma dádiva. Muitos deles tinham passado por muitas dificuldades, perdido suas casas e suas famílias na Rússia e na Polônia. Agora, esperavam por uma chance de deixar Berlim e se estabelecer em algum lugar de forma permanente; algum lugar seguro. Sentia medo por eles. Sarah estava certa em partir. Se os nazistas chegassem ao poder, não se podia imaginar o que fariam.

Parei na loja de Herr Klein. Barras de ferro batido cobriam as janelas brilhantes. Bati à porta de madeira espessa e esperei

enquanto alguém abria um olho mágico e analisava meu rosto. Pesadas trancas rangeram ao ser abertas.

"Hannah!", exclamou Herr Klein, puxando-me para dentro e depois fechando a porta rapidamente. "Faz semanas que não a vejo". Colocou as trancas de volta no lugar antes de se virar para mim. "Você está bem?"

Era tão bom vê-lo inteiro e com saúde, que eu quase esqueci dos meus próprios problemas.

"Estou, obrigada", respondi, sorrindo para seu rosto velho e enrugado, feliz de que ele não tivesse emigrado ainda. "Como vai aquela tosse?"

"Me acompanhando", respondeu. "Acho que em breve estará tão alta a ponto de quebrar as janelas".

Olhei ao redor da sala minúscula. Havia dois bancos de pinho, próximos a uma velha mesa da mesma madeira. Sobre ela, havia um quadro de veludo preto e uma luminária potente. Ele removera os estojos com jóias em setembro passado, depois que as eleições fizeram dos nazistas o segundo maior partido no Reichstag.

Uma espessa porta de carvalho quase desaparecia na parede preta. Atrás dela, estava a sala onde Herr Klein cortava pedras preciosas. Embora eu já o visitasse há mais de dez anos, nunca havia visto o que havia por trás daquela porta.

"Tenho algo para você", disse eu, aliviada ao ver que a loja estava vazia. "Perguntas".

"Talvez eu tenha respostas, embora seja difícil dizer". Ele apontou para os bancos simples e sentou-se, ele próprio, em um deles, como um corvo bonzinho. "Como vão Sarah e Tobias?"

"Espero que estejam bem ocupados", respondi, sem olhar nos seus olhos. Com a vida que eles tinham, não podia confiar nem mesmo em Herr Klein. Eu tinha me recusado a saber o destino final de Sarah. Se algo desse errado, não teria nada a revelar à polícia.

"Espero que sim". Herr Klein olhou-me por cima de seus óculos sem aros, e limpou a garganta. "Quais são suas perguntas?"

"Tenho muitas", respondi, retirando as jóias, exceto o anel de rubi, de dentro de minha bolsa carteiro, e coloquei-as em cima da

mesa. O ônix pareceu sem brilho naquela luz, mas os diamantes e os rubis cintilavam. "Pode me dizer o valor dessas peças?"

Herr Klein pegou cada uma das peças e as examinou com sua lupa, com mãos ágeis e confiantes, virando uma a uma de todos os lados, para observar como reagiam à luz. Rapidamente, fez duas pilhas. "Esta pilha", apontou para o monte de peças que estavam no topo da caixa de jóias, e que eu presumira que tinham vindo de Rudolf; ou seja, a gargantilha de ônix e diamante, as pulseiras de diamante, e também a de ônix e diamante. "São todas falsas, como eu disse ao seu irmão da primeira vez que ele me trouxe".

"Ernst veio aqui com elas?", perguntei, surpresa. Então, Rudolf pensou que estava roubando de volta suas jóias sem valor. Talvez ele fosse mais sentimental do que eu pensava.

"Muitas vezes". Herr Klein riu. "Ele quer que eu ponha glamour nesta sala", disse, apontando para as paredes de madeira vazias. "Diz que parece a casa de um mascate velho e pobre. E que eu preciso comprar uma poltrona de couro, uma mesa antiga e um serviço de chá de prata".

"Mas daí, todos que passassem em frente saberiam que você tem itens de valor aqui dentro. O seu serviço de chá, no mínimo".

Herr Klein concordou, balançando sua cabeça grisalha. "Foi o que disse a ele, ao que ele respondeu, 'Um guerreiro entende o valor da camuflagem' como alguém saído de um livro de Karl May".

Eu sorri. Aquilo soava como algo que Anton diria. Fiquei contente em saber que ele e Ernst haviam passado tempo juntos. "Então, ele pediu que verificasse a validade das peças?"

"Seu irmão aprendeu a identificar peças falsas ele próprio, minha cara", respondeu. "Passamos um bom tempo em meio a essas peças, e também outras, verdadeiras, aprendendo a identificar sua autenticidade. Essas são peças falsas de ótima qualidade, e valem um bom dinheiro".

Sorri, surpresa e orgulhosa de Ernst. Ele sabia que as peças de Rudolf eram falsas, e aprendera a identificar e a esconder as verdadeiras.

"Essas", continuou, apontando para a outra pilha, aquela que Ernst escondera, e que incluía as peças de mamãe e as de

diamantes e rubis. "São todas verdadeiras. Posso dizer o valor de cada uma delas separadamente".

Ele pegou um bloco de papel e escreveu uma breve descrição de cada peça. Toquei o lenço vermelho que embrulhava o anel de rubi.

"Vamos lá", disse. "Agora, podemos conversar sobre o valor das peças".

"Antes disso, tenho mais uma coisa para mostrar". E retirei da bolsa o anel de rubi de Ernst. Ao colocá-lo sobre a mesa, fez um barulho. "O que pode me falar sobre este anel?"

"Oh, um enigma!" Ele segurou o anel por trás, onde as caudas das duas cobras se entrelaçavam, e o examinou com sua lupa de joalheiro. "Adoro o inexplicado".

"Sempre às ordens", respondi, e olhei ao redor da sala, enquanto ele examinava o anel. Estava escura, mas impecavelmente limpa. Nem mesmo Ursula seria capaz de encontrar sujeira ali.

Herr Klein tossiu, e cuspiu num lenço de linho fino. Parou por um momento, para recuperar a respiração.

"É parte de alguma de suas reportagens?", perguntou, sem fôlego.

"Talvez", respondi. "Sabe que não posso lhe contar".

Ele ficou observando o anel, em silêncio, por alguns minutos, sem parecer notar a minha presença. Deveria ser uma cópia benfeita, e ele deveria estar imaginando quem a fizera, pensei.

"Hannah", disse ele. "Este anel não tem preço".

"É mesmo?" Procurei em seu rosto um sinal de que estivesse brincando, mas encontrei apenas sinceridade e um toque de medo.

"É de Ernst?"

"Não posso falar", respondi. "Como sabe que não tem preço?"

"Está vendo a cor? Esse vermelho profundo e intenso é de uma raridade incomum. Chama-se rubi sangue de pombo".

"Consegue dizer de onde vem?"

Ele virou o anel de ouro de um lado para o outro em suas mãos, como se estivesse chocado com sua autenticidade. A luz faiscava das presas das cobras, prontas para jogar veneno para dentro do rubi.

"Quase não se tem notícia de rubis deste tamanho e desta qualidade. Eu nunca havia segurado um deste tamanho em toda

minha vida, e veja que trabalho com pedras preciosas desde antes de você nascer". O ronco dos automóveis passando lá fora de repente me lembraram de que estávamos protegidos por barras espessas nas janelas, e me senti agradecida por elas.

Podia escutar as batidas de meu coração, de tão fortes. "De onde ele vem?"

"Vem de Burma", respondeu, com um sorriso de horror. "Mas tenho certeza de que não está interessada nisso. É uma pedra antiga. Veja como é cortada. Chama-se corte nativo, quando se corta o rubi com o objetivo de obter a maior pedra possível, sem preocupação com as propriedades óticas da peça".

"Sabe a quem pertence?"

"Como não saberia?", perguntou de volta, e depois fez uma pausa dramática. "Essa pedra é famosa. Chama-se Píton de Burma, e foi desenhada com inspiração no nome da cobra".

"A pedra tem um nome?"

"Todos os rubis deste tamanho têm nome". Tossiu novamente. "São profundamente raros. Como chegou até essa peça?"

"Não posso lhe contar".

Ele balançou a cabeça, e os cantos de seus olhos se apertaram com preocupação. "Hannah, esse anel pertence ao Conde von Heinberg da Bavária. Já ouviu falar nele?"

"Claro que sim". Era um dos homens mais ricos da Alemanha, nobreza de centenas de anos. Sua família vivia em um castelo digno dos contos de fadas, que havia sido retratado na revista *Berliner Illustrierte Zeitung*, alguns meses atrás. Claro que eu sabia quem ele era. Mas o que ele tinha a ver com Ernst? Meu irmão não conhecia os von Heinbergs. Até onde eu sabia, ele nunca havia estado na Bavária. Mas havia o anel.

"A inscrição diz 'Para Bootsie, de Ernst, com amor'. E, ao lado, há uma minúscula suástica. Sabe o que isso significa?"

"Não". Será que Ernst era nazista? Nisso, eu não podia acreditar.

Herr Klein suspirou, perdendo o fôlego, e suspeitei que fosse ter mais um acesso de tosse. "Está envolvida em algum tipo de enrascada, Hannah? Devolva o anel a Ernst. Diga a ele para escondê-lo. Deixe-o no Museu Pergamon. Livre-se dele".

"Por que? É roubado?"

"Eu teria ouvido falar se algo assim estivesse desaparecido". Segurou-o contra a luz novamente. "O conde teria acionado o seguro. Acredito que tenha um seguro de um milhão de dólares americanos".

Apesar de meu ceticismo jornalístico, fiquei de boca aberta. "Não pode ser possível".

Não era possível que Ernst tivesse um anel de um milhão de dólares no fundo da caixa de jóias de mamãe. E aquele anel de um milhão de dólares estava há dias largado no meu reles apartamentinho. Herr Klein só podia estar brincando.

"É verdade, Hannah", disse ele, com tamanho ar de convicção, que não tive como duvidar. "O conde é um poderoso nazista. Não vai me contar como entrou em contato com isso? Estaria envolvida em algo ilegal?"

"Não pode ser possível", repeti, como boba.

"Vou buscar um pouco de chá para você", disse ele.

Colocou o anel em cima da mesa e bateu na porta de trás, usando um ritmo complicado. Segundos depois, os ferrolhos se abriram e Herr Klein escapou pela lateral. A porta se fechou silenciosamente.

Segurei o anel na palma de minha mão. A pedra era de um vermelho profundo, como uma poça de sangue. Será que alguém havia assassinado Ernst para pegar o anel de volta? Coloquei o anel no centro da mesa e limpei as mãos no meu vestido.

Herr Klein apareceu da sala de trás, trazendo uma xícara de porcelana cheia de chá forte adoçado com mel, do jeito que eu gostava. "Obrigada". Segurei o chá com a mão tremendo.

Ele balançou a cabeça e não disse nada enquanto eu tomava o chá. Nós dois olhávamos para o anel, sinistro, colocado em cima da mesa de madeira. Uma verdadeira fortuna.

"Ernst precisa se livrar dele", disse ele, em tom professoral. "Se for pego com esse anel, precisará explicar sua procedência, e ele não terá como, correto?"

Concordei com a cabeça e tomei mais um gole do chá doce.

"Tem algumas coisas que você pode fazer".

"Quais são"?

Ele enumerou minhas opções com os dedos. "Entregar a um museu".

"Não". Não era meu, para entregar em doação.

Levantou mais um dedo. "Enviar, pelo correio, para os von Heinberg, anonimamente. Coloque um endereço qualquer, como Hotel Adlon, no remetente. Embrulhe muito bem e envie. Tenho certeza de que consegue descobrir o endereço deles no seu jornal".

"Não quero ainda me livrar dele", disse, embora ele tivesse conseguido me assustar. Este deveria ser o pacote que Rudolf queria de volta tão desesperadamente.

Herr Klein suspirou e ficou olhando pela janela por um longo tempo. Observei as partículas de poeira dançando na luz. Enfim, ele voltou a falar. "Se irá deixar você e seu irmão em segurança, posso pegar a pedra e cortá-la em dois rubis menores". Ele balançou a cabeça. "Seria como desfigurar um tesouro".

"Um tesouro nazista", disse eu.

"Mas, mesmo assim, um tesouro". Segurou o anel de rubi entre o polegar e o indicador. "Posso vendê-los para você. Não ganharia um milhão de dólares, mas ganharia centenas de milhares de dólares. Poderia deixar a Alemanha e juntar-se a Sarah. Seria rica para sempre".

Fiquei imaginando como ele sabia sobre Sarah, mas não cheguei a ficar surpresa. Embora raramente soubesse de sua loja, Herr Klein sabia de tudo.

"Não quero deixar Berlim", disse. "É minha casa". Berlim era o único lugar em que consegui criar raízes depois de passar boa parte da minha infância mudando de uma base para outra. Aqui, havia gente vinda de vários outros lugares. Não se importavam com o passado dos outros, quem eram seus pais, infrações que tivessem cometido na infância. Era um lugar para se começar, para se testar a si próprio. Aqui, eu havia me estabelecido como escritora. O mundo vinha até Berlim, não havia necessidade de se sair para o mundo. Em qualquer outro lugar, eu estaria sozinha, começando tudo de novo.

"É minha casa também", disse Herr Klein calmamente. Limpou a garganta com uma tosse encatarrada. "Minha família vive aqui há duas centenas de anos. Mas vou partir em breve. Tenho mais um lote de pedras a cortar antes de partir". Ele sorriu. "Naturalmente, não pode contar isso a ninguém".

"Não tenho nada para contar".

"Tenho contatos no ramo das pedras preciosas. Lugares para onde posso ir".

Nova York. Ou Bélgica, imaginei, e perguntei: "Longe daqui?"

"Longe o bastante", disse. "para não temer por minha vida pelo fato de ser judeu".

"Pode ficar com a pedra aqui?"

Ele apertou o anel gelado na minha mão. "Isso, minha caríssima Hannah, eu não posso fazer. É perigoso demais". Uma buzina tocou lá fora, e nós dois pulamos, e depois rimos. Peguei o anel.

"E essas peças?", perguntei, apontando para a pilha das jóias verdadeiras. "Quanto valem?"

"Algumas valem muito". Herr Klein escreveu uma quantia para cada uma delas próximo à sua descrição no bloco de papel branco. "Venda-as logo", disse ele. "O preço das jóias está caindo, e, se Hitler se tornar o primeiro-ministro, todo mundo irá vender as suas para fugir. Isso irá derrubar os preços no chão. Já ouvi falar de coisas desse tipo na Rússia após a queda do czar".

Vendi a ele uma gargantilha. Durante a época de inflação, aprendi a vender objetos preciosos aos poucos, pois o dinheiro que se consegue com eles perde o valor rápido demais. Deixei com ele o restante das peças verdadeiras para que guardasse em seu cofre. Herr Klein tinha uma reputação de segurança impecável.

Ele me entregou um recibo com uma descrição detalhada de cada peça no seu cofre.

"Confio em você", disse, e joguei as jóias falsas de Rudolf na minha bolsa carteiro.

"Posso não estar aqui quando voltar para buscá-las", disse ele. "Se você voltar".

Derrubei uma pulseira no chão com um estalido. "Perdão, como disse?"

"Esse anel é perigoso", respondeu. "Se você for pega com ele, é uma sentença de morte".

Pisquei. "É uma extrema—"

Herr Klein balançou a cabeça. "Pedras como essa são um chamado à morte. Por que você acha que tantas delas têm históricos de sangue? E você não sabe de onde ele veio, caso alguém, incluindo a polícia, venha a perguntar".

Continuei olhando para ele.

"Hannah, me desculpe, mas se você pretende ficar com ele, precisa entender que corre esses riscos".

"Eu entendo", respondi, entorpecida.

Ele sacudiu a cabeça, tristemente. "Que isso não se confirme, mas, considerando que o pior aconteça, o que devo fazer com as peças restantes?"

Ainda estava pensando na hipótese de ser morta por causa do anel, mas forcei meus pensamentos de volta à pergunta de Herr Klein. O que deveria fazer com o dinheiro das jóias? Pensei nas pessoas que ele poderia ajudar. E depois pensei em um garotinho que poderia ser obrigado a ir viver com minha irmã mais velha. "Coloque em custódia, para um garoto chamado Anton Vogel. Para pagar uma escola interna".

Ele concordou com a cabeça. "Se chegar a esse ponto, conheço advogados que poderão cuidar para que o dinheiro seja usado com esse propósito".

Segurei sua mão cheia de protuberâncias com as minhas duas mãos. "Obrigada, Herr Klein".

"Não há por que me agradecer. Apenas lhe avisei sobre o peso que está carregando. Mas não o aliviei".

Embrulhei o anel no lenço vermelho de Ernst e o enfiei bem no fundo do bolso esquerdo do meu casaco. Peguei emprestado um alfinete de segurança e preendi no bolso, para fechá-lo. Óbvio que não era o suficiente, mas tentei caminhar calmamente, como se não estivesse carregando um milhão de dólares. E como se meu futuro inteiro não pudesse mudar em apenas um instante.

Fui buscar Anton. O peso do bolo de notas no meu bolso esquerdo, além do anel, e a carga ainda maior de moedas de ouro no meu outro bolso forçavam meu casaco para baixo. Eu não via tamanha quantidade de dinheiro desde o fim da inflação. Ter dinheiro novamente me fez sentir animada, apesar das minhas preocupações com o anel e com o fato de que, pela primeira vez desde que deixara a casa dos meus pais, eu estava sem emprego.

Subi a escada pulando os degraus e bati à porta de Bettina.

"Chegou cedo", disse Bettina ao abrir a porta. "Ainda é dia".

Sorri e respondi: "Posso voltar".

Ela fingiu fechar novamente a porta, brincando.

"Ei", retruquei, empurrando-a para abrir novamente.

"O que é isso no seu rosto?", perguntou quando entrei pelo seu corredor.

Olhei no espelho e vi que meu rosto estava um pouco corado, mas nada de mais. "Nada", respondi.

"Acho que é um sorriso, mas faz tanto tempo que não vejo isso, que não deve ser verdade". Ela secou as mãos em uma toalha de chá listrada. "Experimente franzir o rosto para eu ter certeza de que é você mesma".

Ri.

"Está apaixonada?", perguntou. "Ou achou um monte de dinheiro na rua?"

"Está mais quente do que pensa", respondi. "Onde está o garoto?"

"O nome dele é Anton", ela disse. "Está brincando com Sophia no quarto de trás. Ele é um índio, quanta surpresa, e ela é uma senhora

índia, que fica mandando nele e o fazendo cumprir desafios que estão me deixando louca. Mais cedo, ele venceu batalhas ao roubar biscoitinhos da prateleira do alto na cozinha. Mas não deixou que ela comesse nenhum, pois tinha de devolvê-los, já que é errado roubar. Um verdadeiro drama".

Fomos até o quarto de Sophia. A saia de Bettina farfalhava enquanto ela caminhava pelo corredor com seu corpo largo. Passei os olhos pelas poucas fotografias que ela tinha emolduradas nas paredes. Seus filhos sorriam para mim. Pensei nas imagens da ala dos mortos não identificados e estremeci.

Quando abrimos a porta do quarto, Anton estava agachado em cima do guarda-roupa, a três metros de altura. Procurei por uma cadeira que ele pudesse ter usado para subir até ali, mas não havia nada por perto.

Sophia virou-se para mim e disse, "Olá, tia Hannah, o guerreiro Anton está de guarda no paredão do cânion".

"Estou vendo", respondi. "Mas por que ele está só de cuecas?"

"Estou de tanga", disse Anton, do alto do guarda-roupa, com sua melhor voz de índio. "Um guerreiro não precisa de mais nada".

Pensei no estado de suas roupas - desajustadas e emprestadas dos filhos de Bettina. "Que alívio", respondi. "Agora, desça até aqui neste instante".

Anton pulou do guarda-roupas, e suas pernas pálidas pareciam um relâmpago no ar. Tentei alcançá-lo, mas sabia que era tarde demais para agarrá-lo. Ele pousou nos meus pés, fazendo um estrondo abafado. Bettina berrou, e meu coração disparou.

Fiquei imóvel, presa ao chão, enquanto ela se debruçou em cima dele imediatamente. "Está machucado?", perguntou.

Ele respondeu que não com a cabeça, e eu fiquei surpresa por ter sentido tanto medo quando ele pulou.

"É muito alto para pular", Bettina o ensinou.

"O guerreiro consegue pular de grandes distâncias", exclamou Sophia. "Ele é bem durão".

"Não o incentive", corrigiu Bettina, e examinou os pés e pernas de Anton.

"Anton", falei, finalmente, ao recuperar minha voz. "Por favor, vista-se como um homem branco. Vamos sair".

Anton levantou-se e foi até suas roupas. "Um guerreiro entende o valor da camuflagem".

Sorri, lembrando-me de que Ernst usara exatamente as mesmas palavras ao conversar com Herr Klein. Ele havia passado tempo com o filho.

"Para onde será nossa jornada?", perguntou o menino, lutando para entrar nas calças curtas. Sophia ajeitou a cintura e entregou a ele a camiseta, comportando-se já como uma mãe.

"Wertheim", respondi. "Precisamos comprar roupas para você".

Ele parou. "Minha tia Docinho foi posta para fora da Wertheim".

"Por que?"

"Ela pegou botas emprestadas".

"Ah", respondi. "Roubou".

"Ela pretendia devolvê-las".

"Eles não vão nos pôr para fora", expliquei. "Pagaremos por aquilo que levamos".

Eu me senti muito confiante, com meu anel de um milhão de dólares.

Bettina me lançou um olhar analítico. Sabia que eu não podia me dar ao luxo de ir às compras na loja de departamentos Wertheim em circunstâncias normais.

"Surgiu uma novidade, Bettina", justifiquei.

Ela concordou com a cabeça, mas não se convenceu.

Foi uma rápida viagem de ônibus do bairro rico de Bettina até o caro distrito comercial da Leipziger Strasse. A Wertheim era a maior loja de departamentos do mundo; até o Kaiser comprava lá, antes da guerra. Havia sido construída antes da virada do século, e sua fachada havia sido reformada alguns anos atrás, em 1925.

Anton agarrou a minha mão, enquanto subimos as imponentes escadas. Sólidos pilares sustentavam cada um dos quatro arcos na entrada da Leipziger Strasse; eu me senti pequena como uma formiga. Sabia que deveria me sentir rica e importante de poder comprar em um prédio tão grandioso, mas, na verdade, eu me sentia acanhada. Havia estado lá uma vez antes, com Bettina, mas,

na ocasião, não tinha dinheiro para comprar nada. Hoje, seria diferente.

Muitas lojas de departamentos eram claras, limpas e estocadas com muito mais do qualquer um pudesse precisar, mas escolhi ir até lá porque Herr Wertheim tratava seus empregados de forma justa. E também por ele ser judeu. Não sabia de nenhum boicote formal à loja, mas sabia que os nazistas mais estridentes e seus defensores mais discretos, porém não menos anti-semitas, estavam expressando com a carteira sua repulsa pelos negócios de propriedade dos judeus.

Empurrei a pesada porta-giratória de metal e vidro. Anton grudou nos meus joelhos, andando a passos minúsculos. Entramos no barulhento e agitado primeiro andar. O cheiro de peixe e outros frutos do mar reinava, e Anton torceu o nariz. Bacalhaus alinhados sobre uma base de gelo reluziam como prata. Anton agarrou ainda mais a minha mão e olhou em volta, tentando disfarçar, mas notei que provavelmente estava procurando pela segurança da loja.

"Não precisa ter medo", procurei acalmá-lo. "É um lugar seguro para quem pode pagar".

"E nós podemos?"

"Sim, podemos. Estamos em segurança".

Anton relaxou, mas não soltou a minha mão, quase sem olhar para os arranjos exuberantes de comida, enquanto caminhamos até as escadas rolantes, que ficavam no meio da loja. Subimos até o departamento de roupas infantis, enquanto ele contava os degraus de que desapareciam diante de nós.

"Para onde vão?", quis saber.

"Amontoam-se porão", respondi, sorrindo.

"E então de onde vêm?"

"Eles voltam para o outro lado. É um cinturão imenso de degraus de metal", expliquei-lhe, rindo.

Hávamos quase chegado ao topo, quando ele se virou para olhar para baixo.

Segurei sua mão ossuda. "Podemos pular juntos o último degrau. Um, dois, três".

Pulamos com segurança e chegamos ao segundo andar, sob o olhar de desaprovação de uma senhora usando um chapéu bávaro verde-oliva. Resisti ao impulso de pedir desculpas por nosso comportamento tempestuoso. Éramos clientes e pagávamos, e, por isso, tínhamos direito a uma pequena dose de frivolidade.

Anton me contou que nunca tivera uma roupa nova. Analisou cada artigo depois que lhe passei a responsabilidade de escolher cores e tecidos. Comprei para ele três calças, três camisas, três camisetas de baixo, três cuecas e uma camiseta de dormir. Carregando nossas sacolas cada vez mais pesadas, fomos até o departamento de calçados, e compramos um par de sapatos de couro que ele garantiu serem da mesma cor dos mocassins indígenas. Já havíamos usado todo o pagamento do jornal, mas eu ainda tinha o dinheiro da venda da gargantilha.

Quando chegamos ao café para tomar um chá, Anton arregalou os olhos para o carrinho de sobremesas.

"Pode escolher alguma coisa", disse a ele. Abri seu guardanapo de linho, colocando-o no seu colo. "O que gostaria de pedir?"

"O guerreiro deseja...", sua voz fraquejou.

Pedi um copo de leite, um bule de chá quente e um pedaço de torta de ameixa com uma bola de creme chantilly.

Ele continuava olhando para o carrinho de sobremesas, hipnotizado.

"Seu pai adorava a torta de maçã".

"Torta de maçã", decidi.

Olhei para o quadrado de torta de ameixa. Pedacos de ameixas vermelhas em formato de meia-lua, envoltos em uma fina camada de geléia transparente, cobriam a torta. Eu não comia torta de ameixa há pelo menos dois anos. O chantilly ao lado era pesado e firme. Batido à perfeição, teria dito mamãe.

"Pode começar a comer quando quiser", disse a ele.

Ele provou sua torta de maçã. "Deliciosa!", exclamou, surpreso.

Ri e mordi um pedaço da minha, saboreando cada ameixa. Provei uma garfada de chantilly e engoli com um gole de chá quente e forte, adoçado com mel. Tinha o gostinho da terra prometida.

Anton e eu comemos em uma cumplicidade silenciosa, saboreando os refinados doces. Era maravilhoso fazer aquela extravagância com ele, da forma que sempre desejara ter feito com Ernst. Anton estava esplêndido em sua nova elegância. Comprara também um casaco cor-de-vinho para mim; Ernst teria aprovado. Guardei meu casaco velho na sacola de compras, com o anel ainda dentro do bolso fechado pelo alfinete.

O tempo passou sem que eu percebesse, e já era início de noite quando saímos da loja com nossas compras, satisfeitos e preguiçosos. A loja já estava fechando, e as portas se trancaram atrás de nós.

Debaixo dos arcos, olhei para o céu escuro e carregado. Chovia forte.

Anton apertou minha mão e gritou: "Soldados".

Um mar de uniformes marrons cercava a entrada da loja. Os rostos dos homens brilhavam em tom de laranja diante das chamas de suas tochas. "Soldados, não", respondi, forçando-me disfarçar o medo em minha voz. "Nazistas".

Abaixei-me para olhar dentro dos olhos azuis amedrontados de Anton. "Não solte minha mão, a menos que eu caia. Se eu cair, corra. Tome um táxi para a casa de tia Bettina. Eu irei encontrá-lo".

"Um guerreiro não abandona um amigo que cai".

"Um guerreiro deve obedecer seu chefe", respondi.

"Não sei o caminho".

Escrevi o endereço de Bettina em uma nota de vinte Reichsmarks e enfiei no bolso de suas calças novas. "Dê isto ao motorista de táxi e ele saberá chegar".

Anton assentiu com a cabeça e, juntos, saímos da proteção dos arcos. Segui em frente, segurando a sacola pesada onde estavam as compras e o meu casaco com o anel e o dinheiro. A chuva fria molhava o meu rosto.

Pelo menos uma centena de nazistas estavam a postos, fazendo uma barreira entre nós e a rua. Eles empunhavam cartazes com slogans nazistas cuidadosamente impressos, com frases como "Não compre de judeus" e "Alemães, protejam-se". Bandeiras nazistas,

vermelhas com um círculo branco e uma suástica preta no centro, tremulavam ao vento. Marchei pela multidão, de cabeça erguida.

Um homem redondo, vestido com um terno de vendedor de loja, veio até nós. "Não sabe que os alemães precisam desse dinheiro?", questionou, cuspidando saliva em meu rosto. Meu ombro esbarrou no dele, e eu caí no piso molhado de pedrinhas. Recuperei o equilíbrio e continuei andando. Anton agarrou minha mão suada.

"É judia, ou apenas simpatizante?"

Estávamos na metade do caminho para chegar à rua. A única forma de sair dali era atravessar a multidão, que entoava a "Canção de Horst Wessel", hino extraoficial do nazismo. "Levante alto a bandeira", eles bradavam. Pelo menos, não ouvia mais zombarias individuais. A rua estava livre à frente, estávamos quase a salvo.

Uma mão forte tomou a sacola da minha mão, e eu gelei. O anel estava naquela sacola.

"Anton", gritei para ele. "Corra. Eu preciso voltar".

Tentei me soltar de Anton, mas ele continuava agarrando a minha mão. Olhou-me com seus olhos redondos e sacudiu a cabeça, recusando-se a ir.

"Anton", disse novamente. "Solte e vá para a casa de tia Bettina".

A multidão se fechou à nossa volta, cantando. E Anton não soltava a minha mão.

"É uma ordem do chefe", gritei, em meio à cantoria. Se ele não iria para a casa de Bettina, tinha de mandá-lo a algum outro lugar, pensei. "Corra até aquele pilar com palavras vermelhas".

Anton soltou a minha mão e correu em disparada por entre as pernas dos homens à nossa volta. Perdi-o de vista instantaneamente.

"Prove que é alemã", gritou uma voz dura. "Mostre os documentos".

Pensei nos meus documentos, viajando para a América em segurança.

Será que Anton estava livre? Uma muralha marrom de homens se aproximava de mim. "Alemães, protejam-se", eles bradavam.

Bettina cuidaria dele, mas ele teria de chegar até lá. Levantei os braços para proteger meu rosto.

"Parem", gritou uma voz. "Ela é alemã, e não deve ser tratada dessa forma".

Virei-me em direção à voz, mas não conseguia identificar quem falara.

"Hannah", disse uma outra voz, em meu ombro. "É Wilhelm".

Wilhelm, o amigo de Ernst, do El Dorado. Que testemunhasse em meu favor, pelo menos.

Ele segurava minha sacola de compras, usava um uniforme nazista, e tinha no rosto um sorriso reconfortante. Fiquei tonta, de tão aliviada, e, se houvesse espaço suficiente, teria caído. Ele me tiraria da multidão e me levaria de volta para Anton. Wilhelm passou sua mão pelo meu cotovelo.

Um homem alto, musculoso, com o cabelo quase raspado, gritou, "Chega".

Com uma precisão militar mais amedrontadora que o comportamento desordenado de momentos antes, a multidão que cantava afastou-se de nós. Wilhelm e eu caminhamos até o outro lado da rua, sem ser incomodados, enquanto a turba esperava que uma próxima vítima saísse pela porta da loja.

Anton saiu em disparada de trás do pilar e jogou seus braços em volta dos meus joelhos. Abaixei-me e segurei seu corpo que tremia, acariciando seus cabelos. "Estamos em segurança agora", disse-lhe. Seu coração batia forte contra o meu peito, acelerado como o de um passarinho.

Espiei por sobre sua cabeça e vi o homem vestido de marrom que havia feito a multidão parar. Era o mesmo homem com aparência de valentão que socara Wilhelm e o arrastara para fora do El Dorado naquela noite.

"Estamos em segurança", repeti e me levantei, segurando Anton em meus braços. Ele passou seus braços em volta do meu pescoço e escondeu o rosto em meu ombro.

"Claro que estão", disse Wilhelm. "Não machucamos mulheres ou crianças".

"Obrigada, Wilhelm", respondi. "Por nos ajudar. Quem foi aquele homem que gritou?"

"Meu pai", disse. "Ele é o responsável pela manifestação. Tem um posto alto na SA".

"Estou grata que ele nos tenha liberado". Acariciei novamente os cabelos de Anton. Seu coração batia mais devagar. Ele levantou a cabeça e olhou para Wilhelm.

"Com certeza, Hannah". Wilhelm tomou a outra sacola da minha mão e disse, "Por favor, deixe-me acompanhá-los até que estejam seguros, em casa".

"Tomaremos um táxi". Eu nunca havia andado de táxi, pois era caro demais. Mas agora eu tinha dinheiro. Ainda que fossem apenas alguns quarteirões, em meio a lojas elegantes, até chegar à estação de metrô na Potsdamerplatz, eu queria escapar dos nazistas imediatamente. Examinei a rua larga, procurando por um automóvel preto com uma conhecida listra xadrez na lateral. Um carro passou como um raio vermelho e bege. À exceção dele, a rua, normalmente cheia, agora estava deserta. Ninguém queria chegar tão perto de um protesto nazista.

Caminhei, carregando Anton pela rua.

"Tem muita coragem". Wilhelm estendeu a mão para que Anton a apertasse. "Sou Wilhelm".

"Um guerreiro tem a coragem de que necessita". Anton não soltou os braços do meu pescoço para apertar a mão de Wilhelm.

"Mas para quê precisamos?", perguntei. "Para comprar roupas e comer tortas?"

Wilhelm teve o bom senso de se mostrar envergonhado. "Não queremos assustar bons cidadãos alemães".

"Mas assustam". Levantei a mão para chamar um táxi. Anton apertou ainda mais os braços no meu pescoço. Um táxi passou, mas não parou. Xinguei em voz baixa.

Wilhelm levantou a mão, e um táxi parou na nossa frente, com a capota levantada, por causa da chuva. Ele se sentou no banco da frente e se virou para nos ver. Informei meu endereço ao motorista e entrei atrás, ajeitando Anton próximo a mim. Ele apertou minha

mão. Olhei pela janela, vendo os automóveis passarem por nós, e me senti estranha por estar dentro de um. Extravagante.

"Você não devia comprar dos judeus", disse Wilhelm. "Não enquanto tantos comerciantes alemães estão passando fome".

"E os judeus? Eles não precisam comer?"

"Eles acharão um jeito", argumentou. "Sempre acham".

"Você é um soldado?", perguntou Anton, ainda segurando a minha mão, mas agora mais de leve.

"Sim", respondeu Wilhelm, sorrindo.

"Não", disse eu, ao mesmo tempo.

"Eu uso uniforme", explicou Wilhelm, ignorando-me. "E faço parte de uma unidade. Estamos tentando recuperar a superioridade da Alemanha".

"Sem se importar com os custos disso". Puxei Anton para mais perto de mim.

"Sempre haverá um custo".

"E nenhum custo é alto demais quando são os outros que pagam".

Wilhelm virou-se para Anton. "E eu tenho armas. Gostaria de ver a minha faca? É um punhal da SA. Apenas soldados especiais podem ter uma delas". Ele procurou em sua cintura.

"Onde está?", perguntou Anton, animado, tentando espiar sobre o encosto do assento de Wilhelm, ainda sem soltar a minha mão.

"Não estou encontrando", respondeu Wilhelm. "Deve estar em casa".

Anton pareceu não se convencer, mas sentou-se novamente.

"Como vai seu irmão?", perguntou Wilhelm, virando-se para mim. "Ainda viajando com o soldado dele?"

"Não o vi hoje". Observei as ruas molhadas de chuva. Uma luz fantasmagórica vinha dos altos postes da rua, mas era mais reconfortante que as tochas cor-de-laranja dos nazistas.

"Sabe onde ele está?"

"Talvez você esteja certo, e ele esteja com o soldado com quem disse que ele foi se encontrar", respondi, pensando no anel. "Esse soldado era nazista?"

"Talvez seja nazista, talvez seja integrante do exército convencional", disse, esticando o lábio inferior. "Ernst não me dava detalhes. Dizia que seria muito perigoso me contar".

Meu coração se acelerou. "Você acreditou nele?"

"Acho que ele estava só jogando, mas não sei, nem quero saber. Ele sente minha falta?"

"Imagino que sim". Eu despenteei os cabelos de Anton com a mão, e ele me olhou, surpreso.

"Então, ele não fala em mim?"

"Não o vejo com frequência".

"Mais do eu, aposto". Ele ficou olhando pela janela, com um músculo do rosto pulsando em sua bochecha.

"Sinto muito, Wilhelm".

"Pensei que fôssemos tão próximos na época da escola", disse ele. "Ele lhe contou?"

"Não muito".

"Ele costumava me defender dos outros garotos. É um lutador forte. Já enfrentou até o meu pai, uma vez".

"O que aconteceu?"

"Meu pai bateu—", Wilhelm parou de falar e olhou, hesitante, para Anton. "Ernst fez o melhor que pôde, mas meu pai é muito mais forte que ele".

Ernst chegava da escola machucado com frequência. Fiquei pensando se uma dessas surras tinha vindo do pai de Wilhelm. Meu irmão jamais me contaria de quem havia apanhado, era uma das regras do código de honra do estudante.

"Mais uma vez, obrigada", disse eu. "Por ter nos ajudado".

Ele olhou para mim e encolheu os ombros. "Pode confiar que nunca deixarei que nada de mal lhes aconteça".

"É uma pessoa de confiança".

Ele deu um sorriso torto e disse, "Ao contrário de seu irmão, eu tento".

"Escolha seus amigos com sabedoria", completei. "Ou irá violar essa confiança".

Seguimos em silêncio pelo restante do caminho até em casa. Quando chegamos, Wilhelm insistiu em pagar o táxi, e eu deixei.

Que seu dinheiro nazista nos levasse para casa em segurança. Afinal, se eles não tivessem me assustado tanto, eu teria tomado o metrô.

Senti os olhos de Wilhelm em mim, enquanto eu e Anton subíamos os degraus até a porta do prédio. Mitzi marchou, imponente, em nossa direção, enrolando o rabo e mantendo um passo de distância de Anton.

"Foi uma aventura", disse eu ao menino. "Vamos verificar a correspondência".

Soltei a mão de Anton para abrir a porta da rua.

"Estamos em segurança agora", falei.

Andamos pelo corredor até a caixa de correio. Eu não checava a correspondência há alguns dias. Às vezes, recebia um cheque por algum poema ou desenho que tivesse enviado para revistas diversas. Quando abri minha caixa de correio, um pacote do tamanho de um tijolo caiu. Anton pegou e o entregou para mim.

Eu não esperava por um pacote. "Obrigada", disse a ele, e olhei o endereço escrito em papel marrom simples. Estava endereçado a mim com a escrita enfeitada de Ernst. Do lado de fora, estava escrito: "Guarda até eu chegar".

Oh, meu Deus. Mais um pacote de Ernst. Depois de descobrir o anel, não poderia suportar mais uma surpresa vinda dele. Porém, esse pacote não poderia ser mais perigoso do que o anel de um milhão de dólares. Ou poderia?

Tive um forte impulso de jogar o pacote de volta na caixa de correio e fugir. Mas, em vez disso, joguei-o em uma das sacolas de compras e levei Anton e Mitzi para cima.

Enchi a banheira para Anton. Enquanto ele brincava na água, guardei suas coisas novas. Ele estava menos interessado no sabonete do que da última vez, mas havia aprendido a se esfregar sozinho. As picadas de pulga estavam sarando, e não havia mais piolhos em seus cabelos. Eu poderia não ser uma mãe perfeita, mas, pelo menos, ele estava um pouco melhor do que quando chegou.

"Uma nova camiseta de dormir para você", disse, após secá-lo e ajudá-lo a escovar os dentes.

"É tão branca", disse ele. "Como a neve quando acaba de cair".

"Irá deixá-lo quentinho também".

Lemos "O Patinho Feio", do livro de histórias de Bettina. Quis parar após alguns minutos e abrir o pacote de Ernst, mas Anton ainda estava com medo, e então fiquei ao seu lado na cama, lendo até que pegasse no sono. Quis conversar sobre o incidente na Wertheim, contar a ele mais uma vez que estávamos em segurança, mas será que estávamos, mesmo? Eu não tinha emprego. Os nazistas se fortaleciam a cada dia. E os seus pais estavam ambos mortos.

Retirei o casaco de dentro da sacola e soltei o alfinete que prendia o anel e o dinheiro no bolso. Por pouco não os perdera. Só então pensei se fora Wilhelm quem puxara a sacola das minhas mãos, ou se a havia resgatado de outra pessoa que o fizera. Embrulhei o anel e o dinheiro em uma toalha de chá usada e escondi dentro de um pote de ferro antes que me permitisse olhar o pacote de Ernst.

Se meu irmão estivesse vivo, jamais o teria aberto, como ele devia saber. Eu o teria guardado até que ele chegasse, seguindo sua instrução. Observei a data de postagem: 29 de maio de 1931. Era a véspera de sua morte. Deveria ser algo que ele queria manter em segredo. Poderiam ser inofensivas cartas de amor que ele

trocara com Wilhelm nos tempos de escola; ou, talvez, fosse um presente para mim e ele quisesse ver meu rosto quando eu abrisse. No meu coração, eu sabia que não era nem uma coisa, nem outra. Era algo que o assustava de tal forma, que ele não podia deixar guardado em sua própria casa.

Olhei para o pacote, com medo de descobrir o que havia dentro. Ernst havia deixado um anel de um milhão de dólares em seu apartamento, mas tivera tanto medo do conteúdo daquele pacote, que resolvera enviá-lo para mim. Cortei o barbante com uma velha faca de cozinha.

Um forte perfume de almíscar exalou do pacote. Retirei um bolo de envelopes, amarrados com um laço de seda vermelho, já amassado. Relaxei os ombros, aliviada. Eram cartas de amor.

Observei o remetente: E. Röhm. Larguei os envelopes em cima da mesa, em choque.

Ernst Röhm era o chefe da Sturm Abteilung, imprescindível a Hitler e, se os rumores fossem verdade, seu melhor amigo. O homem que era o braço-direito de Hitler estivera escrevendo para meu irmão.

Toquei novamente as cartas com a mão tremendo. Röhm tinha os corações e mentes de mais de cem mil homens. Era famoso por seu militarismo, sua brutalidade, e sua homossexualidade flagrante. Meu Ernst deveria tê-lo conhecido, e bem. Uma aventura com um adolescente de uniforme nazista, como Wilhelm, era uma coisa; mas um caso com um dos mais poderosos do partido era outra completamente diferente. Como Ernst poderia ter se entregue a um homem tão terrível?

Peguei a carta que estava por cima. Röhm provavelmente queria aquelas cartas de volta. Se fosse esse o caso, seus homens fariam qualquer coisa para pegá-las. Eles percorriam as ruas como bem queriam, surrando e matando os oponentes de Hitler. Não pensariam duas vezes em destruir meu apartamento e me matar. Talvez até a Anton. Derrubei a carta de volta na pilha.

Pensei em queimá-las sem ler, mas e se Röhm estivesse procurando por elas? Será que ele teria discutido com Ernst? Era tão típico de meu irmão enfurecer o líder do exército paramilitar mais

poderoso da Alemanha. Ele lançaria um comentário rude e esperaria pelo resultado. Era o que aprendera com papai - como não ter medo da dor física ou da morte. Com apenas uma resposta espirituosa. No fundo do meu coração, senti orgulho de sua audácia, mas, sendo prática, gostaria que ele tivesse sido mais cauteloso. Daí, talvez sua fotografia não estivesse pendurada na parede da ala dos mortos não identificados. E Anton e eu não estaríamos neste meu velho apartamento, esperando alguém chegar para nos matar por causa do anel ou desses pedaços de papel ainda mais explosivos.

Respirei fundo, tremendo. Precisava ler aquelas cartas. Parte de mim dizia que eu precisava saber o que estava escrito nelas, para que pudéssemos ficar seguros. Mas uma outra parte suspeitava que isso seria apenas uma curiosidade jornalística. Eles haviam começado no início do ano, logo após Röhm ter retornado da Bolívia, e continuavam juntos até duas semanas atrás. Cerca de seis meses. Nesse mesmo período, aproximadamente, Ernst havia se distanciado de mim. Eu ordenei as cartas pela data de postagem. Parecia importante para mim lê-las na mesma ordem em que haviam sido postadas. Para entender melhor a história deles.

Querido Bootsie,

Agora, eu sabia de onde tinha vindo o anel. Fiquei ainda mais assustada, se é que isso era possível. Röhm dera a meu irmão um anel de um milhão de dólares. Eles deviam ser amantes. Amantes muito próximos.

Como sinto falta de vê-lo marchando à minha volta com as minhas botas, balançando seus longos cabelos e seu pau pra frente e para trás.

Soltei a carta, cobri o rosto com as mão e respirei fundo. Sabia que Ernst adorava homens, mas jamais soubera desses detalhes. Peguei novamente a carta e voltei a ler. Nem mesmo meu lado jornalístico queria saber daqueles detalhes. Pulei as partes sobre sexo. Concluí que Röhm havia conhecido meu irmão no El Dorado e rapidamente se apaixonara por ele. Uma das cartas continha um soneto chamado "Ode ao pau de Bootsie", que exaltava o incansável comprometimento de Ernst com o pênis e com o país.

Röhm dizia amar tudo em Ernst, desde à sua aparência física, incluindo os mínimos detalhes, passando pelas suas apresentações na boate, até suas posições políticas. Eu nem sabia que Ernst tivesse alguma posição política, quanto mais uma que o homem que era o número dois na escala de poder nazista fosse admirar. Não gostei de pensar naquilo, embora parecesse que Ernst havia falado em socialismo. Isso, depois de ter passado todos aqueles anos me provocando por meu idealismo. Ele me ouvia mais do que eu imaginava.

Uma das cartas falava sobre o anel, a Píton de Burma, que Röhm ganhara de um conde por ter saldo sua vida na Grande Guerra. Na verdade, Röhm enviara o anel a Ernst pelo correio. Um milhão de dólares americanos confiados a cada um dos funcionários dos correios de Munique até Berlim. A ingenuidade era impressionante, como ele poderia ter sido mais inocente? Mas talvez Röhm não soubesse o valor do anel quando o enviou. E, de fato, havia funcionado, afinal, pois o anel chegara ao destino.

Cartas mais recentes falavam de encontros em trens, cabanas, salas escuras, quartéis do partido. Haviam passado um bom tempo juntos. Será que Rudolf sabia? Eu achei que não, pois Röhm com certeza era uma ameaça maior do que Wilhelm.

Passei para as cartas do final. Röhm citou todos os homens em seu batalhão que não haviam sobrevivido à guerra e descreveu a forma como eles morreram. Ninguém nunca havia me contado o que acontecera na frente de batalha, não daquela maneira. Homens sem rosto, homens sem cabeça, sangue jorrando de amigos, de amantes. Apesar de seu comportamento guerreiro, esses detalhes incomodavam a Röhm, ainda que ele repetisse o quanto eram importantes para a pátria. No entanto, mesmo hoje, 13 anos após o fim da guerra, ele ainda tinha dificuldade para dormir. E, quando não conseguia dormir, escrevia para Ernst.

Mitzi pulou na mesa. "O que está fazendo?", exclamei.

Peguei-a no colo e acariciei seu pelo macio. Meu coração desacelerou.

Coloquei-a de volta no chão e fui até a janela. Espiei pela cortina e vi a rua deserta. Se os homens de Röhm estivessem à espreita,

estavam todos bem escondidos. Não havia como voltar atrás. Anton e eu estávamos no meio daquilo tudo, até que eu conseguisse pular fora.

Olhei para as cartas espalhadas pela minha mesa simples de madeira. Nenhuma delas continha uma palavra atravessada, eles não haviam discutido. Na carta mais recente, Röhm pedia para encontrar-se com Ernst no apartamento dele no próximo domingo. Era o mesmo dia que Rudolf havia me falado para levar o pacote para o apartamento de Ernst. Rudolf e Röhm deveriam estar ligados. Será que essas cartas eram o pacote que ele queria?

Essas cartas poderiam mandar Röhm para a cadeia, por desobediência ao parágrafo 175 do código penal. Quando Ernst tinha quinze anos, li para ele a lei, com o objetivo de impressioná-lo sobre a gravidade de suas escolhas. "A lei proíbe o ato sexual não natural entre pessoas do sexo masculino e prevê pena de prisão; a perda dos direitos civis também poderá ser aplicada".

Röhm com certeza também conhecia a lei. Seu histórico de um herói de guerra poderia salvá-lo de um julgamento, mas a publicidade seria pavorosa. Todos sabiam que ele era homossexual, mas alardear tantos detalhes! Eu me arrepiei. Ernst poderia ter derrubado o líder da tropa de assalto com aquelas cartas.

Peguei o soldadinho de chumbo pintado de dentro da minha bolsa carteiro, e desembrulhei-o da seda vermelha. "Por que ele me enviou essas cartas?", perguntei ao soldado, como se ele tivesse a resposta. Ernst deveria temer que alguém as encontrasse, talvez Rudolf, ou o próprio Röhm.

Uma pessoa racional as teria queimado, é claro. Mas Ernst provavelmente adorava ler as cartas. Ou, quem sabe, ele planejasse usá-las para chantagear Röhm, seja por dinheiro, seja por sua própria segurança no caso de os nazistas chegarem ao poder. Apesar do que Wilhelm havia me dito, eu sabia que os nazistas iriam acabar destruindo os homossexuais. Homens arianos deveriam produzir mais arianos, assim como as mulheres arianas. E um homem ariano não deveria se submeter, com certeza não sexualmente, nem a outro homem ariano.

Enterrei o rosto nas mãos, que cheiravam a torta de ameixas, um resquício do meu deleite inocente com Anton. O que eu deveria fazer? Se publicasse as cartas, elas provavelmente derrubariam Ernst Röhm e talvez até arranhassem Hitler. Mas onde eu as publicaria? Quem sabe meu amigo Ulrich, do *Münchener Post* pudesse fazer isso para mim? Eles ainda resistiam ao nazismo. Herr Neumann não se arriscaria; as cartas eram muito perigosas. Mas, moralmente, eu podia destruir Röhm pelo crime de amar meu irmão? Por sentimentos e ações que não eram errados?

Mas Röhm era cruel, ajudava Hitler a ganhar eleições. Seus capangas espancavam judeus, homossexuais e qualquer um que eles bem entendessem, todos os dias. Se o jornal me tivesse permitido, eu teria escrito uma reportagem por semana sobre um comunista ou um judeu espancado até a morte por um grupo de nazistas. Agora, aquela simples pilha de papéis nas minhas mãos poderia ser uma forma de expor Röhm. Será que os fins justificavam os meios? Eliminar o mal antes que ele se espalhasse se justificava a qualquer preço. Se a Sturm Abteilung desmoronasse, o partido nazista teria condições de seguir em frente? Sem eles, Hitler era apenas um homem que gritava e incomodava, com seu bigodinho e sua paixão pela cor marrom. E ele sabia disso, tanto que trouxera Röhm de volta da Bolívia, pois não encontrara mais ninguém que conseguisse controlar a SA.

Embaralhei as cartas na minha mesa de tampo surrado. Mas os meios eram horríveis: expor Röhm ao ridículo por algo que não deveria ser crime. Eu destruiria o nome de nossa família, causaria uma reação que poderia atingir todos os homossexuais na Alemanha. Os capangas de Röhm me matariam quando descobrissem de onde tinham saído as cartas. Aonde isso levaria Anton? Röhm não era burro, era um soldado implacável. Quando chegasse, no domingo, iria querer de volta suas cartas.

Empilhei cuidadosamente as cartas e as amarrei com o largo laço de fita vermelho. Coloquei-as dentro da minha bolsa carteiro, ao lado do meu bloco de anotações com a foto de Ernst morto, e fui para a cama. Como essas cartas poderiam estar relacionadas à morte de Docinho de Coco? E à de Ernst? Não eram coincidências.

Ernst deveria ter um motivo para ter me enviado essas cartas logo antes de ser assassinado.

Eu precisava tomar uma decisão, e tinha de ser logo: queimá-las, publicá-las, ou devolvê-las a Röhm. Poderia enviar a ele na sede do partido. Minha mente me mandava publicá-las, mas meu coração não tinha tanta certeza. Eu me revirei tanto na cama, que Mitzi me lançou um olhar maligno e correu para a porta da frente.

Cada rangido que eu ouvia no prédio soava como botas de soldado marchando escada acima. Esperei que os homens de Röhm viessem me matar em minha cama. Olhei para Anton, dormindo em paz. O que seria dele? Será que o matariam também? Se não o matassem, Ursula provavelmente nem iria levá-lo com ela. E Bettina tinha razão sobre os orfanatos. Tantas crianças morriam naqueles lugares. Mas onde eu poderia colocá-lo para que ficasse seguro? Dormi muito pouco naquela noite.

Quando o céu ficou prateado, ao amanhecer, deixei Anton dormindo na cama e preparei uma xícara de água quente com mel para mim. Eu me acostumara ao chá sem chá durante a época da inflação e agora preferia assim. Ou, pelo menos, era o que tinha dito a mim mesma.

Despejei a água restante na chaleira dentro de uma bacia, para poder me lavar e também lavar meus cabelos. Penteei cuidadosamente as mechas molhadas. Era sexta-feira, o dia que Boris havia me convidado para encontrá-lo no iate clube. Não havia planejado ir; mas, pensando bem, por que não? Talvez hoje eu pudesse ser alguém diferente. Uma pessoa pensando apenas em um homem atraente e um convite atraente. Sabia que era uma bobagem egoísta, mas se eu estava ameaçada de morte, queria um dia para viver.

Enfiei um vestido de algodão azul-claro, que, segundo Ernst me dissera uma vez, trazia de volta o azul já gasto dos meus olhos. Ele também dissera que meus olhos eram a melhor qualidade em meu rosto, e, portanto, eu devia realçá-los para distrair a atenção dos homens da covinha de aparência masculina em meu queixo. Ele mesmo usava maquiagem pesada nos olhos para que ninguém notasse seu próprio queixo masculino. Abotoei meu vestido, imaginando o que Ernst acharia de Boris e o que Boris acharia de Ernst. Meu irmão ficaria animadíssimo com o fato de eu estar saindo com um homem. Qualquer homem é melhor que nenhum, ele adorava me lembrar. E como Boris reagiria a Ernst? Ele não era nazista, mas parecia bem burguês, e Ernst provavelmente estava longe de ser alguém com quem ele estava acostumado a lidar em sua vida confortável de banqueiro.

Sacudi a cabeça e terminei de me arrumar rapidamente. Tinha dois dias para decidir o que fazer com as cartas. Dois dias antes de confrontar Ernst Röhm no apartamento do meu irmão morto e tomar uma decisão que poderia mudar o futuro da Alemanha. Esperava poder descobrir, naquele encontro, quem havia matado Ernst. Ou

antes, se pudesse. Um passo à frente era sempre melhor que um passo atrás.

Até lá, precisava manter as cartas em segurança. Embrulhei-as com papel marrom e depois amarrei com barbante. Elas pareciam inofensivas novamente. Enderecei o pacote a mim mesma e coloquei-o no centro da mesa, segurando-o pelas bordas, como se fosse pão quente. Juntei tudo o mais que precisava esconder: o anel, eu prendi com alfinete no bolso do meu vestido; o dinheiro e as moedas, deixei na minha bolsa. Por fim, joguei as cartas na bolsa também.

"Índio diz bom dia", falou Anton, da porta.

"Bom dia para você", respondi. "Pronto para tomar café da manhã?"

"Um guerreiro não atrapalha seu chefe".

Peguei farinha de trigo e ovos de dentro do armário. Depois, cortei a maçã que havia comprado para ele na véspera, antes de visitar Herr Klein e descobrir sobre o anel. "Estou fazendo fatias de maçã empanadas".

"Um guerreiro gosta de ganhar sua recompensa".

Peguei um pote velho de ferro, coloquei-o, de cabeça para baixo, ao lado do fogão, e disse a Anton, "Suba aqui".

Ele, obedientemente, subiu e pegou a peneira que lhe entreguei. "Primeiro, peneiramos a farinha".

Enquanto ele peneirava a farinha, acendi o fogo e joguei um punhado de manteiga na frigideira. Era uma extravagância usar tanta manteiga. Era assim que seria minha vida se Anton fosse meu filho, talvez com um pai como Boris para pagar as contas e fazer o papel de pai. Mas, com certeza, as coisas não eram simples assim.

Anton mergulhou cada fatia da maçã na massa, extremamente cuidadoso. Não deixou pingar uma gota sequer no fogão. Fiquei imaginando qual seria a pena por desperdiçar comida, na casa de Docinho de Coco. Algo bem doloroso, pensei, e me abaixei para acariciar sua cabeça inclinada.

Ele levantou a cabeça e me olhou, surpreso. "Meu cabelo está em ordem?"

"Está muito bonito".

Fui colocando as fatias de maçã na panela e, juntos, observamos como elas crepitavam ao serem fritas. A cozinha cheirava divinamente bem, quase igual à de Bettina. Ela não iria poder cuidar dele caso eu morresse; Fritz não permitiria. Anton provavelmente iria acabar com minha irmã Ursula, o filho que ela não pôde ter.

Despejei em um prato todo o açúcar e a canela que tinha em casa, e deixei que ele passasse suas fatias de maçã na mistura até que não restasse mais nada. Anton comeu em silêncio, com uma expressão de profunda satisfação.

Após o café da manhã, limpei o apartamento, como fazia a cada duas semanas, desde muito tempo. Anton me ajudou a esfregar o chão e a passar pano na mesa. A última vez que trocara os lençóis, Ernst ainda estava vivo. Antes disso, Sarah ainda morava em Berlim e meus documentos estavam bem guardados no meu bolso. Como estaria a minha vida na próxima vez em que trocasse os lençóis novamente?

Após a faxina, vesti Anton com uma de suas novíssimas roupas, e tomamos um carro até a Hirten Strasse. Passamos em frente à casa de Herr Klein e seguimos adiante até o apartamento de Sarah. No caminho, comprei coisas de cada vendedor de rua que encontramos. De início, Anton teve medo de comprar dos judeus, lembrando-se do protesto da véspera, mas expliquei-lhe que deveríamos comprar deles, para evitar que os nazistas vencessem.

Gastei meu dinheiro, pois, assim como em 1923, ele estaria valendo menos no dia seguinte. Melhor usá-lo agora do que esperar até que ele desaparecesse. Chegamos ao apartamento de Sarah carregando cadarços de sapato, maçãs, leite e pão. Verifiquei sua correspondência e depois entrei no apartamento usando a chave extra que ela havia deixado comigo para que eu pudesse lhe enviar suas coisas, caso viesse a me pedir.

O apartamento de Sarah tinha o cheiro dela; um perfume leve de rosas e leite, que me trouxe a lembrança de abraçá-la na estação de trem, semanas atrás. Naquela época, emprestar meus documentos a ela tinha me parecido um risco pequeno, antes de tudo acontecer.

"Esta é sua outra cabana?", perguntou Anton.

"Eu tenho apenas uma casa", respondi. "Esta é de uma amiga".

Sarah era minha amiga, minha melhor amiga. Bettina também era uma amiga, mas eu precisava lhe esconder tantas coisas, a fim de protegê-la.

O apartamento vazio era tão solitário. Eu não tinha voltado lá desde que Sarah e Tobias tinham viajado, e não podia acreditar que jamais fosse vê-los novamente. Ela havia me ajudado a superar a morte de Walter. Ainda que a ideia de me casar com ele parecesse um dever, eu o amara. Ele era um homem gentil, diferente de papai e de qualquer outro soldado. Tinha sido generoso comigo e me oferecido segurança, e não merecia morrer em meio a lama e sangue, com um tiro da baioneta de outro homem, que talvez também fosse generoso e gentil fora do campo de batalha. Duas vidas foram perdidas naquele instante; a de Walter e a vida que eu teria tido como esposa e mãe.

Sarah me ajudara a criar Ernst, sempre me aconselhando com paciência e amor. Essa parecia ser sua solução para tudo, menos para com os nazistas.

Vi a mesa arrumada, coberta com uma toalha limpa e passada, como se Sarah pudesse entrar pela porta a qualquer momento e receber convidados para o jantar. Cada cadeira estava posicionada perfeitamente em seu lugar.

Peguei Anton pela mão e o guiei pela sala de estar. A luz da manhã, filtrada pelas cortinas bordadas, refletia-se no sofá de crina de cavalo. "Sente-se aqui e não toque em nada".

Ele se sentou e levantou os pés para se colocar em posição de índio.

"Nada de sapatos no sofá", avisei.

Voltei à cozinha e desembulhei minhas compras absurdas. Não tinha tempo de voltar até em casa para deixá-las lá; por que havia comprado?

Olhei ao redor da cozinha, tentando decidir onde iria esconder as cartas de Röhm. Claro que ninguém pensaria em vir procurar por elas ali, mas onde esconderia? Abri uma gaveta para guardar a correspondência de Sarah e vi um pacote um pouco maior do que aquele que precisava esconder. Sorri.

Cuidadosamente, desamarrei o barbante que envolvia o pacote e abri a embalagem de papel marrom. Depois, passei o papel em volta do pacote com as cartas de Röhm e do envelope com o dinheiro que recebera do joalheiro. Por fim, amarrei novamente o barbante.

Voltei à sala e vi Anton sentado no sofá com as pernas cruzadas, com suas meias curtas marrons. Seus sapatos estavam cuidadosamente alinhados ao lado da elegante mesa de centro.

"Está procurando alguma coisa?", perguntou. "O guerreiro tem olhos apurados".

Fui até o armário no canto da sala e peguei uma caixa, que guardava esboços em que Sarah estava trabalhando, retalhos de feltro, penas de pássaros e um molde de chapéu. Ela não iria precisar mais daquilo, mas eu conhecia alguém que poderia usá-los.

"Sapatos de volta nos pés", afirmei. "Vamos embora".

Lá embaixo, abri a caixa de correspondências de Sarah, vi que não havia ninguém no corredor, e coloquei o pacote dentro da caixa. O carteiro iria reconhecê-lo como um pacote que ele mesmo havia entregue, e o deixaria lá. Torci para que ninguém pensasse em ir procurar minhas preciosidades dentro da caixa de correio de Sarah.

Livre da correspondência, segui para o Wannsee para encontrar Boris, disposta a aceitar o convite que ele me fizera em sua carta. Aquilo também fora inesperado. Mas, se me restavam apenas alguns dias de vida, eu bem que podia passar um deles velejando no lago com um homem bonito, qualquer que fossem suas intenções.

Parei no escritório da Berolina para verificar a programação do barco turístico que havia encontrado o corpo de Ernst na água. Não havia mais passeios programados para aquele trecho hoje. Então, seria assim: hoje, eu relaxaria com Boris em seu iate; amanhã, tomaria o barco da Berolina, para ver o local onde meu irmão havia sido encontrado. Quem sabe alguma coisa no local pudesse me levar até o assassino, antes de me encontrar com Röhm?

Presenteei a mim mesma e a Anton com salsicha e pão de uma barraquinha de rua, pois não queria que o menino estivesse tão faminto quando encontrássemos Boris. Queria que ele soubesse que eu havia alimentado Anton direito, e que não era eu a responsável por sua magreza extrema. Feliz da vida, Anton mergulhava sua salsicha em uma montanha de mostarda. Como mamãe havia me ensinado, comi primeiro a salsicha e por último o pão. Dessa forma, podia limpar as pontas dos dedos engorduradas no pão. A salsicha estava saborosa e firme; era muito bom poder comer tudo o que queria novamente.

Bem alimentados e felizes, caminhamos até o Potsdam Yacht Club, fincado na beira do lago, como um chalé de lua-de-mel. Vidros transparentes e madeira bem encerada brilharam quando abrimos a porta.

"Olá", falei, ao me aproximar do pequeno balcão, onde uma garota não muito mais velha que Trudi lixava suas unhas.

"Seu nome é?", perguntou a garota, mal-impressionada pelo meu vestido azul surrado e pela camiseta manchada de mostarda de Anton.

"Hannah Vogel", respondi. "Viemos encontrar Boris Krause".

"Vou verificar se ele está esperando por vocês". Ela parecia convencida de que ele não estaria. Exalava saúde, energia e dinheiro. Suas panturrilhas bronzeadas e musculosas desfilaram ao sair da sala.

"Ela não gostou de nós", disse Anton. "Porque somos pobres".

Abaixei-me e segurei sua mão. "Pode ser. Mas não me importo nem um pinga com o que ela pensa de nós".

"Isso não deixa você brava?"

"Talvez deixasse ontem", respondi. "Mas hoje, não. Hoje, vamos nos divertir".

"Hannah", disse Boris, caminhando em nossa direção com a mão estendida e um sorriso encantador. Seu rosto era sincero e sem malícia. "E quem é este rapazinho?"

"Este é Anton", respondi, resolvendo não descrever minha relação com Anton.

"Como vai?", falou Boris, apertando a mão de Anton como se ele fosse um homem adulto. O menino ficou radiante. Boris usava uma camisa de mangas curtas e calças de linho. Estava ainda melhor, se é que era possível, do que na sala do tribunal. "Trudi está guardando nosso almoço no barco. Venham comigo".

Anton e eu o seguimos até um lindo veleiro de madeira. Eu não sabia nada sobre barcos, mas aquele parecia ser caro. A luz brilhava ao se refletir no metal e mogno encerado. Calculei que o barco tivesse mais de dez metros de comprimento.

Trudi surgiu de uma abertura no convés. "Fraulein Vogel", disse ela. "Estou tão contente que veio".

"Eu também, Trudi", respondi. "Este é Anton. Anton, Trudi".

Anton abaixou-se com um joelho no cais. "O guerreiro está encantado em conhecê-la".

Ela respondeu com uma reverência e riu. "Eu, que me sinto honrada". E virou-se para mim. "E você trouxe alguém com excelentes modos".

Boris subiu com facilidade no barco e estendeu a mão para me ajudar a embarcar. A palma de sua mão estava quente, mas fiquei surpresa que estivesse áspera, provavelmente por estar velejando. Segurei meus dedos mais demoradamente que o necessário; não foi imaginação minha. Olhei dentro de seus olhos com brilho dourado e puxei minha mão devagar.

"Vamos lá, Anton". Boris se virou e estendeu a mão para o garoto, mas ele pulou do cais para o barco como um gato.

"Trouxe algo para você, Trudi", disse eu, entregando-lhe a caixa. "São retalhos, mas achei que seria interessante experimentar".

Ela abriu a caixa e soltou um grito de satisfação. Uma pena roxa flutuou em direção ao convés, Anton agarrou-a e entregou a ela.

"O que é?", perguntou Boris.

"Materiais para produzir chapéus", Trudi respondeu, com os olhos brilhando. "E também um molde e alguns desenhos de chapéus".

"Minha amiga chapeleira pensou que você poderia aproveitá-los melhor do que ela".

"Obrigada", respondeu. "Eu irei".

Ela fechou a caixa e carregou-a até o fundo do barco. Anton a seguiu como um cachorrinho.

"Vamos achar alguma coisa para você comer". Trudi e Anton desapareceram pela portinhola do barco.

"Ele acabou de comer", gritei para eles.

"É um garoto em fase de crescimento", argumentou Boris, com os lábios grossos se curvando em um sorriso. "Provavelmente irá comer um segundo almoço e também o seu, se não tomar cuidado".

"Ele precisa mais do que eu e será bem-vindo se o fizer". Olhei para o cais, agitada.

"Obrigado pelo presente atencioso para Trudi. Ela e suas amigas ficarão bem ocupadas à noite". Boris ligou o motor.

"Fico contente que seja útil".

Ele desamarrou as cordas que nos prendiam ao cais. "Meu comportamento no tribunal foi imperdoável", disse ele. "Peço desculpas".

"Imagino que tenha ficado muito contrariado". Os músculos de seu antebraço se contraíam e relaxavam à medida em que ele desamarrava as cordas e as enrolava no convés. Músculos fortes para um banqueiro.

"O que não é desculpa para atacá-la". Ele se levantou e me olhou nos olhos. Colocou sua mão quente no meu braço nu e se inclinou para perto de mim.

"Não precisa se desculpar". Tentei não gaguejar, consciente do quão próximo seu corpo estava do meu.

Ele manobrou o barco para fora do ancoradouro, conduzindo-o para águas abertas. Prendi minha respiração e o observei pelo canto dos olhos. Seus movimentos eram ágeis e eficientes, ele conduzia o barco com uma delicadeza confiante.

"Mas eu preciso", disse ele, enfim, virando-se para mim.

"Então, eu aceito". Àquele ponto, eu o teria desculpado de qualquer maneira, se ele continuasse parado ao meu lado.

Ele sorriu. "Fico contente".

Anton trombou nas minhas costas. "Trudi tem um esconderijo cheio de suprimentos", disse ele. "Podemos viajar durante uma lua

inteira".

"Uma lua inteira?", exclamou Boris. "Precisarei de alguém que me ajude a governar o barco, enquanto eu durmo à noite". Sentei-me na proa e senti o sol me aquecer enquanto Boris explicava a Anton como conduzir um veleiro. O menino segurou o leme enquanto Boris e Trudi levantaram as velas. Era maravilhoso observar como ele se movimentava com facilidade, balançando junto com o barco. Quando Boris segurou novamente o leme, Trudi mostrou a Anton algo complicado de se fazer com as cordas e as velas, e ele se concentrou com todo o seu corpo.

Virei-me em direção à praia. A água estava de um adorável azul-claro, e o ar soprava meus cabelos. Nem me lembrava de quando tinha sido a última vez em que me sentira tão relaxada assim. Tentei lembrar a mim mesma de que estava no olho de um furacão, mas nem me importei.

Na areia dourada, banhistas se acomodavam em toalhas ao sol, com suas roupas de banho e seus bonés preto-e-branco. Alegres guarda-sóis listrados de cor-de-laranja e branco faziam sombra para mães com bebês gordos, de pele clara. Um vendedor de balões caminhava pela praia com as esferas dançando sobre sua cabeça, à procura de pais indulgentes. Quando uma criancinha mais arrojada disparava em direção à água, segurando uma pá e um baldinho com suas mãos gordinhas, e sua fralda pesando, a mãe corria atrás, com seus cabelos longos e fora de moda caindo em cascata pelas costas.

Virei-me para observar as ilhas cobertas de árvores passarem por nós. Um bando de estorninhos giravam e mergulhavam, como pontinhos dançando no céu.

"Nada se compara à sensação de estar na água". Boris sentou-se ao meu lado.

Fiquei tensa. "Quem está dirigindo o barco?" Virei-me e vi Anton segurando o leme, com Trudi ao seu lado.

"Velejando o barco", Boris me corrigiu. "As crianças são capazes de fazer isso. Trudi poderia levar esse barco sozinha se eu a deixasse".

Eu estava bem consciente de sua camisa aberta e dos pelos escuros e encaracolados de seu peito. Espiei por apenas um

segundo e depois decididamente desviei minha atenção para a água banhada pelo sol diante de nós. Outros veleiros deslizavam pelo lago, e suas velas brilhantes pareciam enormes pássaros pré-históricos.

"Ainda está na defensiva comigo?", perguntou Boris. Do canto do olho, vi seu sorriso relaxado, que parecia sair de uma alma tranquila e feliz.

"Não, de forma alguma", menti. Ele pensava que eu temia que ele fosse gritar comigo novamente, como fizera em frente ao tribunal. Mas o que eu temia era que eu fosse me inclinar e beijar aqueles lábios, na frente das crianças e de uma centena de banhistas. Desviei o olhar, esperando que Boris não fosse notar o rubor subindo pela minha nuca. O que tinha dado em mim?

"Fico contente em saber".

Boris colocou o chapéu de palha na cabeça, abaixando-o para ficar logo acima dos olhos, e observou a água.

Velejamos em silêncio por um bom tempo. Ouvei apenas o barulho da água batendo no casco do barco e, ocasionalmente, uma batida da vela.

Depois, conversamos sobre a vida e sobre política. Assim como eu, Boris era social-democrata, e eu brinquei com ele por ser o único banqueiro socialista da Alemanha.

"O banco é meu trabalho", argumentou. "Não define quem eu sou".

"Você é um homem complicado".

"Assim como você", disse ele, sorrindo. "Peter Weill".

Sei que devia contar a ele que havia sido demitida, mas não queria falar sobre nada triste hoje, e então apenas sorri de volta. Boris tinha um sorriso preguiçoso maravilhoso.

Abaixamos as velas no meio do lago e nadamos. Boris e Trudi nadavam como lontras, lisos e rápidos. Eu era uma nadadora cautelosa, pois havia aprendido quando papai me jogou do cais para a água, na infância. Anton nunca estivera na água antes, mas Trudi prendeu um colete salva-vidas nele, e o garoto ficava saltitando como uma rolha, espirrando água em todos nós quando Boris mergulhava para fazer cócegas nos dedos dos seus pés.

Foi um dia maravilhoso. Anton dormia, com a pele rosada, queimada pelo sol, quando retornamos ao cais. Nem parecia mais o rapazinho pálido e magro que chegara ao meu apartamento três noites atrás.

Quando desci do barco e pisei no cais, balancei, e Boris agarrou meu cotovelo.

"Estou sempre caindo perto de você".

"E eu, sempre segurando você", respondeu, sem soltar meu cotovelo. Fiquei vermelha e estiquei a mão para pegar a enorme cesta de piquenique que Trudi trazia para fora do barco.

"Eu levo isto". Boris soltou meu cotovelo e pegou a cesta das mãos dela. "Aceita uma carona para casa?"

Abri a boca para recusar, mas Anton gritou. "Sim. Ah, sim. Trudi disse que seu automóvel é rápido como o vento".

"Então, vamos. Que tal vocês dois irem correndo na frente?", perguntou Boris.

Trudi lançou-lhe um olhar curioso, depois segurou a mão de Anton e seguiu em frente.

Comecei a andar logo atrás deles, mas Boris segurou meu braço. "Vamos deixar que eles sigam um pouco à frente, pode ser?"

Eu me virei, surpresa. Ele se inclinou e me beijou. Tinha gosto de sal e vento, e eu me rendi à sua boca. O tempo parou, e eu quis ficar ali para sempre. Quando Boris se afastou, estávamos os dois tremendo.

Quando recuperei a respiração, estiquei o braço e contornei seus lábios com um dedo. "O que há entre nós?", perguntei.

"Não sei", respondeu, com a voz rouca. "Mas queria muito descobrir".

Aproximei-me dele, mas ele se afastou. "Não aqui", disse. "Acho que não conseguiria mais parar".

Sorri. "Seria um vexame sermos presos por atentado ao pudor".

"E passar em revista pelas crianças".

Caminhamos juntos pela trilha que levava até o carro. Eu me sentia feliz como não acontecia há muito tempo.

"Imagino que você faça bastante pesquisa para suas reportagens", disse Boris, com uma voz constrangida.

Concordei com a cabeça. "Para algumas, mais do que para outras, mas tento ser constante".

"Como faz sua pesquisa?", perguntou, mudando a cesta de piquenique para a outra mão e andando mais perto de mim.

"Faço perguntas, faço buscas". Acelerei o passo, com meus sapatos esmagando o cascalho pela trilha. Precisava me comportar até chegar ao automóvel. "Na maior parte do tempo, é monótono".

"Não acho que seja monótono. Eu trabalho em um banco; isso, sim, é monótono. Todos os dias, a mesma coisa".

"Meus dias não são exatamente todos iguais", disse eu, olhando para seus cabelos escuros desalinhados pelo vento. "Mas havia uma mesmice neles".

"Havia?"

"Eu...", olhei para o chão, surpresa com meu forte sentimento de perda. "Não trabalho mais no jornal".

"Por opção própria?", perguntou ele, chegando mais perto e demonstrando preocupação.

Eu me afastei e respondi, "Não. Fui dispensada. Este Peter Weill agora está aposentado".

"Sinto muito saber disso", exclamou. "Depois de superar a raiva, gostei de sua matéria sobre aquele homem. E também da outra, sobre a prostituta morta, foi você que escreveu?"

"Foi minha última reportagem". E limpei a garganta.

"Imagino que o homem rico com o cartão que você mencionou na matéria tenha feito uma retaliação."

"Como sabe disso?", quis saber, e parei de andar, surpresa.

"Apenas suspeitei, Hannah", respondeu. "Sou um homem poderoso, e sei como homens poderosos pensam".

"É triste—", comentei, e corri para o automóvel. "Também sei".

"O que vai fazer com sua pesquisa?" Ele aumentou o passo para me alcançar, com sua pernas longas e fortes. "Escrever um livro, talvez?"

Não tinha pensado nisso. "Ideia interessante", comentei, desacelerando o passo.

Ele se inclinou para a frente, animado. "Eu poderia ajudá-la. Conheço alguns editores".

"Minhas anotações ficaram no jornal", menti. Não tinha certeza do motivo, mas não queira contar mais nada a ele. "Toda a minha pesquisa é confidencial".

"Mesmo as informações sobre o estuprador?" Ele parou em frente a mim, bloqueando minha passagem. "Você o protegeria?"

"Para você", disse eu. "Essas informações são especialmente confidenciais".

Ele apertou os olhos dourados. "O que quer dizer com isso?"

"Você pretende sair à caça dele, Boris?", perguntei. "Fazer justiça com as próprias mãos?"

"Que ideia mais indecente", ele protestou. Mas eu sabia que estava certa.

"Não vou ajudá-lo a se tornar um assassino".

"Para um homem, há coisas piores. Durante a guerra—"

"Matar em uma guerra é diferente". Imediatamente, percebi que devia ter ficado calada.

"O que sabe sobre isso?", perguntou, em voz baixa, e segurou meus braços. "Quantos homens você já matou?"

"Nenhum", sussurrei, pensando na fúria assassina que senti da segunda vez que vi a fotografia de Ernst morto. "E você, quantos já matou?"

Ele sorriu com crueldade, sem responder minha pergunta, e soltou meus braços. "E há coisas piores para se fazer a um homem além de matá-lo".

Encolhi os ombros e me afastei dele na trilha.

Boris se aproximou novamente, com o rosto contraído e duro, sem mais nenhum sinal daquele velejador relaxado. "Se não faria isso por justiça, que tal fazer por dinheiro?"

"Não pode me comprar". Esforcei-me para manter o tom de voz e disfarçar meu medo. Estava sozinha em uma trilha com um homem que eu mal conhecia.

"Não era você que eu queria comprar". Boris virou em frente e seguiu adiante, com sua camisa branca brilhando à sombra das árvores.

Fiquei para trás no caminho até o carro. Se não tivesse de pegar Anton, teria feito meia-volta para tomar o metrô e ir embora para

casa. Mas eu tinha responsabilidades.

Boris estava recostado sobre seu automóvel quando cheguei. Um Mercedes, como era de se esperar. Anton estava dando saltos mortais na grama para impressionar Trudi. Sua camisa nova estava acabada.

"É um bom garoto", disse ela, quando me aproximei. "Mas diz coisas esquisitas".

"Ele teve uma vida esquisita", expliquei.

"Isso não é bom para uma criança", disse Boris, friamente.

Olhei em seus olhos furiosos. "Não tem sido".

"Vati", Trudi interrompeu nosso silêncio tenso. "Veja os saltos mortais de Anton. Ele consegue fazer três seguidos".

No caminho até meu apartamento, Boris e eu conversamos apenas com as crianças. Quando me virei para descer do carro, ele agarrou meu braço.

"Não quis insinuar que você ou suas informações estivessem à venda", disse ele, em uma voz baixa para que as crianças não escutassem. "Sinto muito".

"Você não insinuou", puxei meu braço para me soltar. "Você disse em alto e bom som".

Ele tirou um cartão de visitas do porta-luvas do carro. "Pode me chamar se precisar, ou se mudar de ideia sobre qualquer coisa".

Olhei para o cartão: Boris Krause, diretor de banco. "Não vou mudar de ideia", respondi. Mas guardei o cartão na bolsa mesmo assim, depois de descer do carro. "Obrigada. Anton se divertiu muito".

Cerrei os dentes e acenei até eles sumirem de vista, e então me virei e segui para meu prédio de apartamentos. "Vamos, Anton".

Ele correu para me alcançar, tagarelando sobre o passeio de barco. Disse que tinha sido o melhor dia de sua vida, e foi narrando o que havia aprendido sobre velejar.

Fui concordando com a cabeça, sem prestar atenção ao que ele dizia. Antes de Boris tentar me subornar para que lhe desse as informações, o dia havia sido adorável para mim também. Boris era bem parecido com Walter, forte, atencioso e gentil. Era um pai maravilhoso para Trudi, o tipo de homem com quem Bettina se

casaria. Anton sentiria falta dele. Sacudi a cabeça; eu sentiria falta dele.

Apertei o passo. Não podia sentir falta de um homem que queria me usar para ferir ou matar alguém que o tribunal havia declarado livre. Um homem que tentara me enganar e me subornar. Procurei minhas chaves na bolsa.

Pelo menos, ele não tinha tirado as informações de mim. Minha avaliação sobre os homens estava piorando ao longo do dia. Eu pensava que tivesse uma ligação com Boris, mas, em vez disso, estava perdendo tempo, velejando em seu barco em vez de procurar pelo assassino de Ernst.

Mitzi miou no degrau perto de mim.

"Já ouvi você", respondi. "Quase achei a chave".

"E, daí, Herr Krause disse—", Anton continuava falando.

"Hora de ir para a cama, Anton".

Ele concordou com a cabeça sem interromper sua corrente de palavras.

Assim que enfiei a chave na fechadura e abri a porta, uma mão dura apareceu por trás e agarrou meu pulso.

A mão de um homem. Alguém vestido com uniforme nazista marrom.

Com a minha mão livre, empurrei Anton para dentro do prédio. Ele escorregou no corredor, caiu de joelhos no chão de ladrilhos e olhou para mim em choque. Eu bati a porta pesada com tanta força, que todas as suas partes rangeram. Estava trancada novamente, e Anton estava em segurança do lado de dentro. Mitzi desapareceu como um raio branco.

Rodopiei para ver quem era meu agressor, levantando meu pulso livre. Surpreso, ele deu um passo atrás.

"Hannah." Era Wilhelm. Ele levantou as duas mãos na altura dos ombros. "O que está fazendo? Sou eu, apenas".

Soltei o ar devagar e me recostei na porta pesada. Meus joelhos tremiam. Wilhelm chegou mais perto e esticou as mãos, pronto para me segurar, como se temesse que eu fosse desmaiar. Schmidt, o jornalista, veio em nossa direção em seu carrinho improvisado, seus braços girando as rodas rapidamente. Acenei para ele e disse: "Não precisa se preocupar".

Schmidt parou na base da escada, e eu fiquei pensando como ele teria conseguido subir para me ajudar. "Tem certeza, Fraulein?"

Assenti com a cabeça. "Eu me assustei, mas conheço este garoto".

O jornalista olhou para Wilhelm e, depois, para mim, indeciso.

"Não sou um garoto", disse Wilhelm, indignado.

"Obrigada pela ajuda, Herr Schmidt", disse eu. "É bom saber que está tomando conta de mim".

"Não posso deixar que nada aconteça à minha melhor cliente". Schmidt sorriu e voltou em direção à sua banca de jornal, dando impulso no chão com as mãos usando luvas sem dedos.

Virei-me para Wilhelm. "Por que veio até aqui?"

"Vim para alertar Ernst", respondeu. "Vamos entrar".

Destranquei novamente a porta e corri para dentro. Anton estava parado em pé, com os lábios apertados e os joelhos sangrando.

"Desculpe-me".

Abaixei-me para olhar seu joelho esfolado. Tinha o empurrado com força demais, sem pensar. "Não queria machucar você". Pobre criança, ele merecia uma mãe de verdade.

"Um guerreiro não sente dor". Seus olhos estavam marejados.

"Não, mesmo", disse Wilhelm, tirando um lenço do bolso. Especialmente um guerreiro durão como você". Ele limpou o sangue do joelho do menino e o cobriu com o lenço.

Eu fiquei lá parada, sem ação. "Eu estava assustada quando empurrei você", justifiquei. "Não foi minha intenção machucá-lo".

Anton ficou olhando para o chão de ladrilhos sujos, e eu me lembrei de ter dito a ele que não machucava crianças. Mais uma promessa quebrada.

Wilhelm carregou Anton do chão como quem pega um gatinho e o colocou nas costas. "Vou carregar o guerreiro pelas escadas".

"Um guerreiro pode andar com seus próprios mocassins".

"Claro que pode", disse Wilhelm. "Mas um soldado deve ouvir o médico. O médico mandou ir a cavalo". Ele subiu as escadas atrás de mim, trotando e relinchando como um cavalo.

Lá em cima, coloquei água para ferver para fazer um chá e esquentei leite para Anton. Lavei seu joelho e o beijei. O menino lançou um olhar envergonhado para Wilhelm, que piscou para ele e disse, "Os beijos são um remédio mágico, Anton, até mesmo para soldados".

Wilhelm conquistou Anton, era uma delícia observar os dois juntos. Wilhelm fez de conta que o leite com mel de Anton era o chá da cerimônia da irmandade, e os dois tomaram juntos. Ele sentou Anton no seu colo e contou a ele histórias de acampamento no mato e batalhas imaginárias com os amigos. Wilhelm havia lido mais livros de caubóis e índios do que Anton, e contou a ele uma história inteira. Anton ouvia atentamente, mas mesmo assim pegou no sono nos braços de Wilhelm antes do fim da história. Eu me lembrei que o próprio Wilhelm era pouco mais do que um garoto.

Ele levou Anton no colo até a cama, e eu tirei sua camisa nova, meias e sapatos. Ele parecia tão inocente, ali deitado, com a pele queimada do sol e o joelho machucado. Eu o cobri com minha colcha. Quantas vezes havia coberto Ernst na infância? Mais do que eu pudesse contar; porém, muito poucas após um dia tão feliz.

"Ele gosta de você", disse eu, ao voltarmos à cozinha. Enchi novamente sua xícara de chá.

"Também gosto dele", respondeu. "Sempre quis ter um irmão mais novo".

"Tem irmãs?"

Ele fez que não com a cabeça. "Sou filho único. Minha mãe morreu no parto, e meu pai jamais se casou novamente".

"Sinto muito".

"Tenho um presente para Ernst", disse ele. "É de Francis". Ele me entregou um envelope pesado. Eu não queria mais nenhum envelope surpresa para Ernst. "Eles são amigos?"

"Sim, mas ninguém pode saber. Ernst me contou, mas acho que era segredo para a maioria das pessoas".

"Por que?" Se a hostilidade que ele expressara em relação a Ernst em nossa conversa no El Dorado era fingimento, tinha sido bem convincente.

"Ernst dizia que Winnie não gostava que seus artistas fossem amigos. Dizia que assim eles não se esforçariam tanto. Por favor, entregue isso a ele".

Virei o envelope, estava lacrado com cera dourada e não havia nada escrito. Coloquei-o sobre a mesa e tomei meu chá. "Por que você não pôs no correio?"

"Francis me pagou para ter certeza de que Ernst receberia o envelope. Disse que eu deveria entregá-lo em mãos". Wilhelm encolheu os ombros. "Mas acho que entregá-lo em suas mãos já é o suficiente".

"Por que Francis não entregou ele mesmo?"

"Ele foi embora para a América".

"Por que?"

"Não sei. Não abri a carta, não está endereçada a mim, lembra?"

"Quando a recebeu?"

"Ontem à noite".

Foi quando eu achei que tinha visto Francis em frente ao meu prédio. "Foi por causa da carta que veio?"

"Este é um dos motivos". Wilhelm segurou sua xícara com tanta força, que pensei que fosse quebrar.

Limpei a garganta. "Conte-me os outros motivos".

"Você sabe onde está Ernst?" Wilhelm me olhou impaciente. Dava para perceber no ar o quanto ele precisava de Ernst.

"Sim". Levantei-me e atravessei a cozinha até a pia. Seu olhar me deu medo, e não queria continuar sentada perto dele. Aquele

tipo de necessidade poderia rapidamente se transformar em raiva.

"Ele está com raiva de mim?" Wilhelm perdeu o interesse em mim e ficou olhando para dentro de sua xícara. "Eu não fui o que ele esperava?"

"Onde ele está não tem nada a ver com os sentimentos dele em relação a você", disse-lhe, calmamente. Parte de mim queria acariciar suas costas e dizer a ele que tudo iria ficar bem, mas outra parte queria manter distância, por precaução. Afinal, ele era nazista. Encostei-me na fria pia de porcelana, esperando.

Wilhelm começou a chorar. "Eu o amo desde criança, Hannah. Aquela noite que passamos juntos, ele disse que me amava também. Mas desapareceu, nunca mais me chamou ou enviou uma carta. Nada".

Quis contar a ele que Ernst estava morto.

"Pode me dizer onde ele está? Pode pedir a ele que venha me encontrar?"

"Não... Eu... Você sabe que ele não ouve ninguém, a não ser ele mesmo".

Wilhelm assoou o nariz em um lenço simples de algodão branco, diferente do outro, de seda vermelha. "Queria dizer a ele pessoalmente, mas vou falar para você. Vim para alertá-lo".

"Por que não foi ao apartamento dele?"

"Estive lá", disse ele. "Fiquei lá à espera a maior parte do dia, mas ele não apareceu. Então, decidi vir até aqui".

"Alertá-lo sobre o quê?"

"Rudolf", disse ele, sem me olhar nos olhos. "Está furioso com Ernst por ele ter desaparecido. Tem perguntado a todo mundo onde Ernst está".

"Perguntou a você?"

Wilhelm se contorceu. "Ele me perguntou. A noite passada, no Silhouette, após o protesto na Wertheim. Agora, tenho que ir à boate Silhouette, pois meu pai sabe sobre o El Dorado. Encontrei Francis lá também, mais cedo".

Fiquei em silêncio. "Você foi para casa com Rudolf?"

"Sim". Wilhelm abaixou a cabeça e ficou olhando para as próprias mãos. "É o mais próximo que posso chegar de Ernst agora".

"Por que Rudolf pediu isso para você?"

"Ele pensa que vejo Ernst o tempo todo. Pensa que estou mentindo. E pediu que eu avisasse a Ernst que ele está com algo que eles querem. E que eles irão matá-lo se não devolver o que eles querem. Até domingo".

O mesmo dia que Ernst estava marcado para encontrar Röhm. Ele deveria saber que Ernst guardava suas cartas. Será que Ernst e Rudolf tinham a intenção de chantagear Röhm com as cartas? Ernst faria uma coisa dessas? A resposta, eu sabia, era sim. Ernst não tinha nenhum problema em usar as pessoas com quem não se importava. Se ele achasse que eram más pessoas, era capaz de tirar o que pudesse delas. Será que ele achava que Röhm era má pessoa? Eu achava. Mas as cartas pareciam indicar outra coisa.

"O que eles querem que está com Ernst?"

"Rudolf não fala", respondeu Wilhelm, balançando a cabeça. "Mas me avisou que se eu não mandasse Ernst devolver a ele, iriam me matar também".

Concordei com a cabeça, lembrando-me da minha conversa com Rudolf. "Ele está tentando assustar você".

"Você acha?"

"Sim", menti. "Rudolf está sempre fazendo coisas desse tipo, para se sentir importante".

Wilhelm pareceu tão aliviado, que fiquei pensando se eu tinha ou não lhe feito um favor. Ele deveria ficar na atento? Mas ficar atento não iria funcionar como proteção se Röhm quisesse matá-lo.

"Ele me pareceu tão sério". Wilhelm tomou o restante de seu chá e continuou: "Se você encontrar Ernst, dará a ele meu aviso?"

"Claro que sim".

"E dirá o que sinto por ele"?

"Ele sabe, Wilhelm", respondi.

"Então, acho que ele irá me encontrar quando estiver pronto".

Recolhi nossas xícaras sujas.

"Desculpe-me por tê-la assustado na porta", disse ele.

"Depois de Wertheim, fiquei um pouco nervosa", justifiquei, embora o real motivo do meu medo não tivesse nada a ver com o protesto.

"Você parecia um urso defendendo sua cria".

Suspirei. "Uma mãe urso machucaria sua cria?"

"Se fosse preciso", disse ele. "Sim".

Logo depois, ele foi embora, e eu abri o envelope que Francis enviara. Havia um par de brincos de ouro com cavalinhos e também uma carta.

"Meu caro", começava a carta. Francis havia sido mais cauteloso do que Röhm.

Estou partindo para Kentucky! Isso mesmo, Kentucky, onde a grama é azul. Falando sério, parei com a bebida e tudo o mais. Sabe por quê? Por sua causa, meu caro amigo. B. é tudo. Ele tem uma fazenda em Kentucky e está me levando com ele, para participar de corridas de cavalo. Mais uma chance de me tornar um jóquei! E os cavalos dele são lindos. Ele me mostrou fotografias e suas linhagens sanguíneas. Até um macaco poderia vencer montado neles. E eu serei esse macaco. Obrigado por ter nos apresentado. E obrigado também por ter me arrumado o emprego na boate e ter me ensinado a cantar. Não sei se você tinha ideia de como eu estava no limite. Mas agora estou de volta. De volta às baias, aos cavalos e ao cheiro de estrume que você tanto odeia. Mandarei uma carta para o seu apartamento assim que chegar lá. Até mais, parceiro.

Espertamente, a carta de Francis não tinha assinatura. Ernst o ajudara, pensei, orgulhosa, mesmo que Francis fosse seu concorrente no El Dorado.

Quando virei a carta, marcas apagadas de lápis chamaram minha atenção. Segurei o papel contra a luz e vi que estava escrito de trás para a frente. Ernst e eu fazíamos isso com frequência quando ele era um garoto. Segurei a carta de frente para o espelho para ler com mais facilidade.

Estou assustado. O. diz que você está morto, mas não acredito nele. Entreguei um pacote para D.C., de R. Ela apareceu morta no dia seguinte, e eu não sei o que tinha no pacote. Alguém me seguiu até lá, mas escapei de táxi. Tome muito cuidado.

O. seria Oliver? Como ele sabia que Ernst estava morto? Parecia que apenas o assassino e eu poderíamos saber. Li novamente. D.C. era Docinho de Coco. R. era Rudolf. E Francis tinha me visto seguí-

lo. Um pensamento ainda pior passou pela minha cabeça. E se ele não tivesse me visto? E se outra pessoa estivesse lá e tivesse visto nós dois?

O estômago de Anton roncou quando entramos na fila para comprar os ingressos para o passeio de barco no Lago Wannsee na manhã seguinte. Estava frio e enevoadado, e fiquei preocupada que a orla não estivesse visível de dentro do barco.

"Está com fome?", perguntei.

"Um guerreiro pode passar dias sem comer".

"Bem, eu não posso", respondi, sorrindo. "Acho que servem *pretzels* no barco, talvez até pasteizinhos".

Compramos passagens para o primeiro barco do dia. O arquivo policial de Ernst afirmava que ele fora encontrado às 7:45 da manhã, pelo comissário deste mesmo barco. Senti um frio no estômago, de tanta ansiedade. Não queria ver a margem de onde ele fora retirado da água. Mas precisava ver. Precisava estar onde ele tinha morrido e prestar minha homenagem. Ele já estava enterrado, e eu não tinha visto seu túmulo.

Anton arregalou os olhos quando viu o enorme barco, com as laterais planas levantando-se para fora da água como uma casa. "É bem maior que o barco de Trudi", sussurrou.

"Acho que poderíamos colocar o barco de Trudi no convés e nem perceber sua presença".

Anton observou o piso de madeira do convés como se estivesse calculando onde o barco de Trudi poderia se encaixar.

"Ahoy", exclamou um dos tripulantes, vestido com uma roupa preta de tecido grosseira. Recolheu nossos ingressos e embarcamos. "Temos poucos passageiros nesta manhã de sábado".

Apenas uma meia-dúzia de passageiros circulavam pelo convés. Levei Anton até a proa, onde ele segurou na amurada de metal e espiou a água lamacenta do rio Spree abaixo de nós. Eram um dois metros de altura do convés até a superfície do rio. "Não se debruce sobre a amurada", avisei a ele.

Caminhei de volta até a cabine. O comissário estava atrás de um balcão de madeira, servindo café. A frente de seu uniforme estava

coberta por duas fileiras de broches de metal bem polidos, que brilhavam na luz amarela de dentro do barco.

"Um café e dois *pretzels*", pedi. Ele concordou com a cabeça, olhando em meus olhos demoradamente.

Sentei-me em um dos bancos altos fixos no convés e tomei meu café, observando-o trabalhar. Ele ficava me olhando. Sorri e esperei que os outros passageiros comprassem seus lanches e saíssem, para que eu pudesse ficar sozinha com ele.

Casas luxuosas passavam por nós, com algumas luzes acesas brilhando através da névoa remanescente. Anton veio correndo, pegou seu *pretzel* e saiu correndo de volta para a proa.

"É animado aqui no rio?", perguntei, desabotoando meu casaco cor-de-vinho.

"Às vezes", respondeu ele, com um brilho no olhar. "Espero que hoje, não".

"Por que não? Não suporta um pouco de animação?" Tomei um gole do café e sorri. Ele era exibido, meu tipo preferido de fonte.

"Semana passada já tivemos bastante animação". Ele inflou seu peito esguio.

"O que aconteceu?" Abaixei meu tom de voz e dei uma olhada em Anton, que continuava grudado na amurada, seus cabelos voando com a brisa. E provavelmente congelando, apesar do casaco novo.

"Não tenho permissão para falar disso com os turistas", sorriu, querendo parecer importante. "Não queremos estragar sua impressão de Berlim".

"Não sou turista", respondi. "Moro em Berlim. Estou dando uma volta com o meu sobrinho, para dar uma manhã de sossego aos seus pais". Tirei o casaco e o apoiei no colo.

"Mesmo assim, é ruim para a empresa". Ele deu uma olhada em volta, verificando se havia algum outro tripulante por perto que pudesse escutar. Estava claramente disposto a compartilhar sua aventura com alguém.

"Você encontrou alguma coisa? Alguém se machucou?", perguntei, em um tom de preocupação.

"Nada desse tipo", disse ele, balançando a cabeça. "Não, mesmo".

"Então, foi o quê?"

Ele se aproximou e passou um pano na mesa, como se me desafiasse a fazer a próxima pergunta.

Sorri, tentando encorajá-lo. "Aposto que foi alguma coisa que você fez, que ninguém mais teria feito, e você só está sendo modesto demais para contar".

Ele se sentou no banco ao meu lado e disse: "Vi uma pessoa na água".

"Você ajudou a resgatá-la?"

Ele balançou a cabeça com um ar trágico e importante. "Eu ajudaria. Mas ele já estava morto bem antes de eu o ver".

"Um homem morto estava flutuando lá no meio do rio?", perguntei, boquiaberta.

"Não no meio", corrigiu, irritado. "Qualquer um o teria visto lá. Mais para o lado, preso a alguns arbustos".

"Você deve ter olhos de águia—", olhei dentro de seus olhos cinza molhados. "—para ver algo desse tipo".

Ele se inclinou para perto de mim. "Sempre tive. Minha mãe costumava me chamar de O Falcão".

"Como ele foi parar na água?", perguntei, tomando um gole do café.

"Não sei". Ficamos olhando a água cor de caramelo passar pela janela da cabine, e temi que a história tivesse terminado. "Acho que ele foi atirado na água já morto. Não muito longe daqui".

"Meu Deus. Como pode dizer uma coisa dessas", arregalei os olhos, com ódio de mim mesma por tentar arrancar a informação dele dessa maneira. Eu não era melhor do que Boris. "Você estudou medicina?"

Ele pareceu envergonhado, mas, ao mesmo tempo, lisonjeado. "Nem um pouco. Mas já vi pessoas afogadas antes. Ele não parecia ter-se afogado. Não estava na água há muito tempo, dava para perceber".

"Como?"

"Os peixes normalmente...", respondeu, tossindo. "Experiência".

"Você contou à polícia onde acha que ele caiu na água?"

Ele respondeu com desdém, "Eles nem perguntaram".

"Como não?", perguntei, indignada. "Provavelmente você tem mais noção do assunto do que alguns tiras de terra firme".

"Devo ter". Ele coçou o queixo retraído e me observou, tentando organizar as ideias para me contar.

"Claro que tem; um homem com a sua experiência". Aproximei-me mais dele, para não perder nem uma palavra.

"Está vendo aquela fábrica lá na frente? Produz garrafas", falou, apontando para um conjunto de quatro chaminés, cujas bocas desapareciam em meio à névoa. "Imagino que ele tenha entrado na água em algum ponto entre aquela fábrica e o local onde o encontramos. A não mais do que algumas centenas de metros de distância".

"Por que acha isso?"

"Há um cano acima da fábrica, que aspira água. Ele teria sido sugado para dentro desse cano se tivesse caído n'água antes dali".

"Onde o encontrou?"

"Eu mostro quando chegarmos lá", disse. Um jovem casal falando animadamente em italiano tentou pedir algo de café da manhã. Meu latim do ginásio me sugeria que eles queriam café e um dos pasteizinhos em formato de caracol que já pareciam azedos, apesar de tão cedo. O comissário voltou para trás do balcão, relutante. Vesti meu casaco de volta, deixei-o livre para atender o pedido e fui até a proa, para perto de Anton. Olhei para a fábrica que se aproximava e tremi.

"Não está sentindo frio, Anton?"

"Está vendo como os barcos cortam a água?" disse ele, com os olhos brilhando. "Já vi dois ratos e um tronco de árvore gigante".

"Interessante", respondi. "Não perca a conta".

Voltei para encontrar o comissário quando passamos da fábrica. Retirei minha xícara da mesa e entreguei a ele. "Já chegamos?"

"Está vendo aquelas árvores?", perguntou, apontando para um pequeno grupo de chorões, com os galhos tocando a superfície da água. "Ele estava ali. Nu como veio ao mundo. Tinha cabelos longos também, como uma mulher. Nós o arrastamos para a costa. Eu tive de esperar pela polícia e o navio teve de partir".

"Claro". Marquei com os olhos o grupo de chorões. Em algum lugar entre aquele ponto e a fábrica, alguém tinha arrancado as roupas do meu irmãozinho e o jogado na água como se fosse um saco de lixo.

"Cinco ratos", gritou Anton da proa.

"Ele tem olhos bons, seu sobrinho". O comissário lavou e enxaguou minha xícara, secou-a cuidadosamente e a colocou em uma fileira junto com as outras limpas.

Quando o barco chegou à parada seguinte, desembarcamos. Não usaríamos o restante de nossos ingressos.

"Só contei oito ratos", disse Anton. "O guerreiro quer achar dez".

"Da próxima vez", disse eu.

Chamei um táxi e indiquei-lhe a fábrica de garrafas. Ficava fechada aos sábados, e o portão estava trancado. Caminhei em direção ao rio.

"O que estamos fazendo?", perguntou Anton, revolvendo a lama atrás de mim quando cheguei até a margem.

"Estamos buscando sinais". Procurei no chão molhado à minha frente sinais da presença de Ernst.

"Como a pista de um animal?"

"Qualquer coisa fora do comum". Pensei nas roupas preferidas de Ernst. "E também qualquer coisa vermelha".

Caminhamos rente à margem, o mais próximo possível da água. Não sabia o que procurar enquanto me arrastava em círculos, afastando-me da margem, e olhando para o chão. A chuva recente teria apagado qualquer marca. A lama encharcava nossos sapatos à medida em que prosseguíamos. Eu não iria encontrar nada ali.

Percorri em sentido contrário a rua de pedrinhas que ia da fábrica de garrafas à margem do rio. Talvez ali encontrasse algo. Vasculhei o chão procurando qualquer coisa que chamasse a atenção.

Estávamos não muito longe dos chorões onde o comissário havia achado o corpo, quando Anton gritou: "Mãe, achei uma coisa".

Corri até ele, tão ansiosa para ver o que havia encontrado, que nem me preocupei em explicar-lhe que eu não era sua mãe.

Ele retirou um objeto que estava preso entre duas pedrinhas. Provavelmente uma tampa de garrafa, pensei, ou um pedaço de rato morto, o que elevaria sua conta de ratos do dia para nove.

"É um soldado", exclamou. "Mas está usando um vestido".

Deitado em sua mão suja de lama, estava um soldadinho de chumbo, pintado de mulher. Os olhos apurados de Anton viram o que os meus não conseguiram. Minhas mãos começaram a suar.

Lágrimas embaçaram meus olhos quando tomei o soldado de suas mãos e o virei de um lado para o outro, pensando no dia em que Ernst o vestiu de mulher. O dia em que o tirei de perto de papai por uma semana e criei o Código da Masculinidade. Ele havia carregado aquele soldadinho com ele por todos esses anos, até o momento de sua morte.

"Soldados não usam vestidos", disse Anton.

"Este aqui, sim", respondi. Enfiei a mão na minha bolsa carteiro e tirei o irmão gêmeo do soldadinho, embrulhado no lenço de seda de Ernst. Senti o perfume de água de colônia, contrastando com o cheiro de lama e folhas caídas na viela. "E este aqui também".

Anton perdeu o interesse e caminhou de volta à rua.

Fiquei olhando os dois soldados, resistindo ao impulso de fugir dali, sair correndo e nunca mais olhar para trás. No metade do caminho para a rua, Anton batia nas pedrinhas com um graveto que encontrara.

Imaginei Ernst deitado nesta rua, sangrando até morrer. Será que ele conhecia seu assassino? Queria que fosse um estranho, um acidente, para que ele tivesse sentido apenas surpresa naqueles últimos minutos, e não traição. Mas a ideia de Ernst morrendo sozinho, ou na frente de um estranho que nem se importava com ele, nem para odiá-lo, pareceu-me triste também.

Ajustei meu casaco cor-de-vinho novo no corpo, protegendo-me ainda mais do frio, e travei os dentes, evitando que eles batessem enquanto me aproximava de Anton.

"Achei alguma coisa", exclamou novamente. "Embaixo da lata de lixo".

Era como uma caça ao tesouro para ele.

Suas mãozinhas seguravam um punhal. "Está enferrujado".

Tirei-o de suas mãos. O punhal tinha um cabo de madeira encerada, com curvas que pareciam as de uma mulher usando um vestido longo justo. Uma águia de níquel carregando uma guirlanda em volta de uma suástica saltava logo abaixo da curva que parecia o traseiro de uma mulher. Sangue, não ferrugem, cobriam as palavras gravadas na lâmina: "Tudo pela Alemanha". No outro lado, as iniciais *W.L.* Pensei imediatamente em Wilhelm, o garoto que havia visto Ernst em sua última noite de vida. Wilhelm Lehmann.

"Por que suas mãos estão tremendo?", perguntou Anton. "Está com frio?"

"Sim", respondi. "Muito frio".

Um círculo no topo do cabo, onde estaria o rosto, se o punhal fosse uma mulher, exibia as iniciais *SA* rúnicas. Um punhal da Sturm Abteilung, como o que Wilhelm disse que havia perdido. Milhares de homens tinham um daqueles; certamente haveria outros com as iniciais *W.L.*, mas Wilhelm havia me dito que morava próximo à fábrica de garrafas. Quantos outros *W.L.s* com punhais assim moravam perto de uma fábrica de garrafas? E quantos deles estiveram com Ernst em sua última noite de vida?

"Mas eu não estou com frio", afirmou Anton. "Não preciso do casaco".

Eu me ajoelhei e olhei dentro de seus olhos azuis transparentes. "Estou com frio por dentro", expliquei. "No meu coração".

"A faca machucou você?" Anton tentou pegá-la.

"É um punhal". Enfiei-a na minha bolsa carteiro. Não queria responder à sua pergunta.

Segurei sua mão quente, e caminhamos juntos até a beira do rio. Percorri todo o caminho até os chorões onde o corpo de Ernst fora encontrado, pensando nele pulando a janela da casa de Wilhelm, feliz e apaixonado, provavelmente a apenas alguns quarteirões de onde estávamos andando agora. Será que Wilhelm o seguiu? Talvez eles tivessem discutido. Ou talvez eles nem tivessem chegado à casa de Wilhelm. Eu tinha apenas a palavra de um garoto nazista.

"Está com medo?", perguntou Anton.

"Estou com medo, Anton". Um rato morto apareceu boiando no rio. "Aí está seu décimo rato".

"Nove", ele me corrigiu. "Algum homem vai machucá-la? Isso Aconteceu com tia Docinho".

Claro que aconteceu. Ela era paga para deixar os homens baterem nela. "Espero que não dessa forma", respondi.

"Posso mantê-los longe", disse ele. "Com aquele punhal".

"Você é muito forte e muito esperto. Mas eu também sou", expliquei. "Eu fico com o punhal".

Eu teria de entregar Wilhelm para Fritz assim que recuperasse meus documentos. Depois de todas as minhas preocupações sobre Rudolf, Ernst havia sido morto por alguém que amava e em quem confiava. Alguém em que eu havia confiado. E eu sabia que a polícia provavelmente o deixaria livre. Eles tinham apenas a minha palavra sobre tudo aquilo. Mas eu sabia.

"Lá está o décimo rato", gritou Anton.

Caminhei me arrastando. O rio seguia seu curso da forma como fizera toda a manhã, da mesma forma como continuaria fazendo muito tempo depois que eu mesma morresse. Mas Anton precisava almoçar. Pensei em preparar um omelete para ele, e depois tirar um longo cochilo. Detestava acreditar que Wilhelm fosse o assassino, depois de suas lágrimas e preocupações. Será que a morte de Ernst teria alguma relação com as cartas, o anel, ou o pacote misterioso que Röhm esperava receber amanhã? Talvez Wilhelm também estivesse envolvido com Röhm.

Segurei a mão de Anton e não a soltei até chegar em casa. Normalmente, ele tagarelava, mas desta vez ficou quieto como nunca. Eu só pensava em me trancar no banheiro sozinha, para poder chorar sem que ele me visse. Apesar de querer muito protegê-lo de tudo aquilo, não achava que pudesse manter uma fachada de tranquilidade por muito tempo.

Conferi a correspondência, para ver se Ernst havia me deixado mais alguma bomba pronta para explodir. Uma carta caiu, sem selo de postagem. Deveria ter sido entregue pessoalmente por alguém. Fiquei tensa, mas logo relaxei, quando reconheci a escrita. Era de Boris. Enfiei a carta dentro da bolsa.

Em silêncio, subimos as escadas.

A porta do apartamento estava entreaberta. Um feixe de luz percorria o batente da porta e iluminava o chão sujo. Fiquei imóvel, tentando escutar. Nenhum som vinha de dentro do apartamento.

Eu me abaixei, pus a mão sobre a boca de Anton e avisei, apenas com o movimento dos lábios: "Silêncio".

Ele concordou com a cabeça, e eu afastei a mão de sua boca. Ele fez uma respiração curta.

"Suba mais um lance de escadas", sussurrei para ele. "E espere por mim. Um guerreiro deve ser silencioso".

Ele saiu caminhando na ponta dos pés, e eu esperei até que o som de seus passos alcançassem o alto da escada, antes de abrir a porta do meu apartamento.

Todos os pratos da cozinha estavam esvaçados pelo chão. O pote de ferro onde eu havia escondido antes o anel de rubi estava caído ao lado. A gaveta onde eu guardava minhas anotações de reportagens também estava no chão, vazia.

Peguei o punhal da SA de dentro de minha bolsa carteiro e entrei. Minha intuição gritava para me avisar que era uma tolice entrar no apartamento, mas eu estava furiosa de ver que alguém tinha destruído o meu lar. Se era o assassino de Ernst, então eu queria encontrá-lo.

Não havia ninguém na cozinha. Fui até o quarto, na ponta dos pés, e abri a porta. Não havia ninguém lá, mas minhas roupas estavam jogadas no chão.

Alguém havia rasgado o colchão e arrancado o enchimento.

Apertei o punhal e abri a porta do banheiro. O corpo de Mitzi estava pendurado para fora do vaso sanitário, com o rabo estendido para o chão. Tive um calafrio. Enfiei o punhal de volta na bolsa e saí correndo do apartamento.

Antes que eu pudesse bater a porta, uma voz estridente conhecida me chamou: "Fraulein Vogel?"

Tremendo, virei-me e vi Kommissar Lang. O que ele estaria fazendo ali? Seria ele o responsável por aquilo?

"O que aconteceu em seu apartamento?", perguntou, passando por mim, para entrar.

"Não sei", respondi. Alguém entrou enquanto eu estava fora".

Cruzei as mãos uma na outra e o segui pela cozinha. Ele levantou uma das cadeiras e segurou para que eu me sentasse.

"Aonde estava indo?", perguntou.

"Procurar um policial", disse. Só sabia que eu estava saindo dali. "Por que veio aqui?" Tentei disfarçar minhas suspeitas no meu tom de voz, mas foi em vão. Será que ele havia saqueado o meu apartamento? Por que ele tinha meu endereço? Afastei-me dele.

"Vim para falar com você", respondeu, "e talvez combinar um encontro".

"Que bom que veio". Percebi que ele era inocente. Se quisesse me atacar, teria fechado a porta do apartamento. Como um homem inocente, esperava me ver indefesa, horrorizada com o que acabara

de acontecer. Como se eu mesma fosse inocente. "O que devo fazer?"

"Você deu uma olhada pela casa?", perguntou.

"Tive medo de fazer isso", menti.

"Teve razão de ter medo", disse ele. "Espere aqui".

Ele passou pelos cômodos rapidamente, enquanto eu fiquei sentada sem saber o que fazer.

"Não tem ninguém aqui", disse ele, calmamente. "Vamos passar pelos cômodos juntos para que você veja se tem alguma coisa faltando". Ele me ajudou a levantar da cadeira, como se eu fosse velha e frágil.

Pensei em fugir, mas teria de subir as escadas para pegar Anton, e jamais conseguiríamos passar por Kommissar Lang no caminho de volta. Eu o segui pelo quarto.

"Não tenho nada de valor".

"Nenhuma jóia?"

Na loja de Herr Klein, felizmente, pensei. Respondi que não com a cabeça e justifiquei: "O ano de 1923 foi difícil".

Ele sorriu em solidariedade. Todo mundo na Alemanha sabia que a maioria das pessoas havia sido obrigada a vender tudo para sobreviver durante os anos de inflação. "Especialmente para uma mulher sozinha".

Observei os prejuízos no meu quarto. O rasgo no colchão se abria como uma ferida.

"Seja quem foi que fez isso, estava furioso", disse ele, olhando ao redor. "Acho que foi uma ameaça a você. Por acaso, está envolvida com algum homem que...".

"Não. Não tenho ninguém". Meu coração bateu acelerado. Minha visão embaçou, e me sentei no colchão destruído.

"Deixe-me buscar um pouco de água para você". Kommissar Lang desapareceu no banheiro. Felizmente, não precisei olhar novamente para Mitzi lá dentro.

Ele voltou com meu copo de escova de dentes cheio de água. "Você tem um gato?"

Bebi a água e respondi que sim com a cabeça. "Por que?"

Ele se sentou ao meu lado na cama e colocou a mão sobre o meu joelho. "Eu-"

"Mãe?", gritou Anton, entrando no quarto.

"Aqui, Anton".

Kommissar Lang olhou para mim e depois para Anton. Pude ver sua mente trabalhando. Ele se lembrava que Fritz havia lhe dito que eu nunca me casara. E ainda assim eu tinha um filho - que devia ser ilegítimo. Ele arrancou a mão de cima do meu joelho, como se tivesse sido pego em flagrante. Levantou-se e deu alguns passos atrás para se afastar de mim.

"Preciso ir chamar um policial da área", disse ele, sem me olhar nos olhos. "Espere por nós na cozinha. Não saia, Fraulein".

Sua voz mostrava que ele esperava que eu o obedecesse.

Concordei educadamente, como se toda sua atitude em relação a mim não tivesse mudado. "Obrigada".

Segurei a mão de Anton. Ele olhou para o apartamento e seus olhos se arregalaram.

Esperei alguns minutos para que Kommissar Lang chegasse ao andar térreo. Quando ouvi a porta da rua bater, puxei Anton comigo escada abaixo, e escapamos pela porta dos fundos.

Tudo o que tinha comigo era o anel, as cartas e Anton. Mais que o suficiente.

Chamei um táxi. "Vire aqui", ordenei.

O motorista xingou e fez a volta.

"Agora, à esquerda".

Disse a ele para fazer mais alguns retornos e depois curvas rápidas para a direita e para a esquerda, olhando para trás para ter certeza de que não estávamos sendo seguidos. Por fim, encostei-me no meu assento e dei a ele o endereço de Ursula.

"Mãe", disse Anton, calmamente. "Posso falar agora?"

"Sim, Anton", respondi, olhando para ele.

"Por que me fez subir ao andar de cima?"

Não confiava no motorista de táxi. Curvei-me e sussurrei em seu ouvido. "Achei que o apartamento não estava seguro, e não estava mesmo".

"Para onde vamos agora?", sussurrou.

"Para a casa da minha irmã".

"Por que está tremendo?"

"Não estou", menti.

"Está sim".

"Estou", admiti. "E não posso explicar o motivo".

Aquilo pareceu satisfazê-lo, e ele ficou olhando pela janela.

Tentei recuperar o controle. Com certeza, não poderia ir ver Ursula naquelas condições. Acalmei minha respiração, fechei e abri as mãos. Ajudou um pouco, mas ainda ficava me lembrando da imagem de Mitzi, pendurada para fora do vaso sanitário.

Uma lista de suspeitos passou pela minha cabeça, pessoas capazes de ter feito aquilo no meu apartamento. Em primeiro lugar, Röhm. Talvez ele ou seus homens tivessem destruído meu apartamento atrás das cartas ou do anel. Cartas que certamente poderiam destruir sua ambição de vida e um anel de um milhão de dólares justificavam aquela busca. Talvez seu objetivo fosse o de me intimidar, fazer-me perceber que ficar com as cartas poderia me trazer sérias consequências.

Em seguida, na minha lista, vinha Wilhelm. Ele sabia onde eu morava, e tinha estado no meu apartamento dias atrás. Estivera lá sozinho comigo e com Anton, era fácil imaginá-lo procurando por algo que o ligasse ao assassino.

Boris também poderia ter estado lá, procurando pelas informações sobre o estuprador. Imaginei-o como alguém que procuraria com cuidado, como banqueiro que era. Mas que sabia do que era capaz, especialmente se estivesse enfurecido pelo homem que fizera mal a Trudi. E minhas anotações de reportagens tinham desaparecido.

Rudolf também estava ansioso para encontrar seja o que for que Ernst deveria entregar. E talvez ele tivesse ciúmes do amor de Ernst pela gata. O táxi passou por uma lombada e eu pulei, alarmada.

Chega, disse a mim mesma, olhando para as costas do chapéu preto do motorista. Isto não vai resolver seu problema imediato: como manter você mesma e Anton em segurança.

Toquei a campainha da imponente porta da casa de Ursula. Ela morava em um prédio de apartamentos caros, com grades de ferro

forjado e um portão. Seu apartamento não era tão grande, mas, assim como Ursula e o marido, passava a ideia de riqueza.

"Hannah", exclamou Ursula ao abrir a porta. Ela saiu e fechou o portão atrás de si. Seus cabelos tingidos com perfeição formavam um halo dourado em volta de sua cabeça. Não nos falávamos desde sua festa de aniversário, seis meses atrás. Não havíamos discutido além do normal naquela ocasião, mas nenhuma de nós duas tentava manter uma relação mais próxima.

"Olá, Ursula", disse eu, sorrindo. "Podemos entrar?"

"Quem é este aí com você?", perguntou, olhando para Anton como se farejasse algo desagradável.

"Anton, senhora", disse ele, fazendo uma pequena reverência de soldado.

"Do que está precisando?" Voltou o olhar para mim, seus olhos duros como pedra.

"De um lugar para ficar".

"Existem hotéis para isso", respondeu, com a voz dura.

"Ursula", exclamei, com meu tom de voz mais chocado, embora não estivesse surpresa. "Somos família".

Ela tomou ar e disse: "Você deixou de ser família quando decidiu ficar do lado daquele degenerado".

"Ernst não é—é um degenerado", discordei. "E eu agradeceria se você não—"

"Por favor". Ela virou os olhos. "E o vi saltitando por aquela boate dele. Ele está humilhando a todos nós".

"Perante quem? Seus amigos frequentam o El Dorado?"

Ursula apertou os lábios.

"Estou em apuros". Apontei para Anton. "Estamos em apuros. E somos sua família".

"Somos todos da mesma família?", perguntou, apontando para Anton, com um tom irônico.

Concordei com a cabeça, sem querer dar mais detalhes.

"Então, suponho que é um bastardo", disse Ursula, adivinhando a verdade, como fazia com frequência. Ela era desagradável, mas muito esperta. "E não vou deixar que você traga seus problemas para minha porta. Sou uma mulher de respeito".

"O que é um degenerado?", perguntou Anton.

Ursula olhou para ele e disse para mim: "Acho que é sua função explicar isso. Tem mais experiência no assunto". Ela se virou e caminhou de volta para a porta do prédio, com as costas tão eretas quanto as de Papai no desfile militar.

"Um degenerado", disse eu, em voz alta, "é alguém que não cumpre com seus deveres".

"Entendi", respondeu Anton.

Segurei a mão de Anton e começamos uma longa caminhada até o ponto de ônibus. Queria que ela tivesse nos deixado entrar, e os nazistas saqueassem sua casa, destruindo as louças de nossos pais, sua mobília antiga, e sua preciosa respeitabilidade. Na verdade, queria invadir sua casa e fazer isso pessoalmente. Se a situação fosse inversa, eu a teria ajudado, por ela ser toda a família que tinha no mundo. Agora, eu não tinha família. À exceção de Anton, talvez.

Respirei fundo. Para onde iríamos?

"Está machucando a minha mão", disse Anton. E eu soltei.

"Desculpe-me".

Enquanto esperávamos pelo nosso ônibus, pensei nas minhas opções. Não queria colocar em risco Bettina e seus filhos, portanto não poderia ir para lá. Se a pessoa que matara Mitzi sabia onde eu morava, talvez também soubesse o endereço de minha família e amigos. A ideia de alguém machucando Sophia me fez estremecer.

Um automóvel preto diminuiu a velocidade ao passar por nós. Fingindo interesse em um gato malhado que atravessava cuidadosamente uma floreira de gerânios, analisei o automóvel com o canto do olho. O motorista usava um chapéu de feltro com uma pena cinza na aba, enfiado na cabeça de modo que apenas seu queixo indefinido aparecia. Ele acelerou e virou a esquina.

"Vamos andar até o próximo ponto", avisei a Anton. Sem reclamar, ele pôs-se a caminhar, e aceleramos o passo.

"Anton", disse eu, olhando por cima do meu ombro, sem ver qualquer sinal do carro. "Homens ruins estiveram no apartamento hoje".

"Eu sei".

Caminhamos pelas largas calçadas sob frondosas tílias. Um esquilo subiu em um poste de telefone, e paramos para admirá-lo. Com seu longo rabo peludo, ele parecia ter escapado de um livro de histórias infantis.

"Queriam me encontrar e me machucar", expliquei a Anton, soando ridícula naquele lugar cheio de paz e tranquilidade. "São muito perigosos".

Anton segurou a minha mão.

"Acho que preciso levá-lo para um lugar seguro". apertei sua mão.

"Sem você?", perguntou, sem tirar os olhos do esquilo, que corria pelo cabo telefônico, ágil como um acrobata.

"Sem mim, pelo menos por um tempo".

Seus olhos se encheram de lágrimas, ele me olhou e falou com uma vozinha doce: "Não vou deixar isso acontecer".

"Anton", procurei falar com a voz tão doce quanto a dele. "É para o nosso próprio bem. Vou encontrar um bom local".

"Um orfanato", disse ele, sem demonstrar qualquer emoção, e puxou sua mão para soltá-la da minha.

"Por que disse isso?"

"Tia Docinho me mandou para lá algumas vezes". Ele bateu os pés com força no chão e disse: "Eu não vou".

"Anton", tentei explicar-lhe, calmamente. "É uma criança. Precisa ir".

Ele balançou a cabeça. "Meu nome é Anton Vogel. E eu sei o seu também: Hannah Vogel. E também o seu endereço", e o recitou.

Olhei para ele, chocada.

"Direi isso a eles no orfanato, e não vai deixar você me largar lá. A polícia irá encontrar você. Já fiz isso antes". E cruzou os braços.

"É um rapazinho esperto", ri.

"Um guerreiro deve ter presença de espírito e flechas bem afiadas".

Andamos pela rua vazia até o próximo ponto de ônibus em silêncio. Anton estava caindo de cansaço, mas não reclamou. Era um soldado corajoso.

Suspirei. Ele era jovem demais para ser um soldado, para ser corajoso, ou para qualquer outra coisa. E era minha função zelar por sua segurança. Amanhã, eu devolveria as cartas ou o anel, o que quer que aquelas pessoas quisessem. E então eles nos deixariam em paz. Ou me matariam. Mas não a Anton. Precisava mantê-lo em segurança.

Levei-o para o apartamento de Sarah, o único lugar em que consegui pensar. Röhm ou Wilhelm não relacionariam esse endereço a mim. Preparei um almoço atrasado para nós, grata por ter comprado toda aquela comida na véspera. Pensei que estava comprando para ajudar os vendedores ambulantes, mas será que já estava prevendo que precisaria de um esconderijo?

Mais para acalmá-lo do que porque ele precisasse, aqueci um pouco de água e dei um banho em Anton. Ele brincou com o

sabonete e me deixou esfregar suas costas enquanto falava sobre os três porquinhos. Fiquei pensando em que tipo de casa estávamos. Minha casa era feita de palha, mas será que a de Sarah era segura, feita de tijolos? Ou será que o lobo-mau a derrubaria também?

Vesti Anton com uma das camisas de dormir de Tobias; as mangas passavam dos seus dedos como um quimono chinês, e a barra tocava o chão. Ele parecia tão pequeno e indefeso como um bebê.

Coloquei-o na cama de Sarah; dormiríamos juntos. Pelo menos, nossos destinos estariam entrelaçados, caso fôssemos encontrados. Não podia suportar a ideia de Anton assustado ou machucado, sem alguém que o amasse ao seu lado para confortá-lo. Ernst morreria dessa maneira. Eu não o protegera; e, agora, não sabia também se conseguiria proteger Anton. Abracei-o tão apertado, que ele se remexeu enquanto dormia.

Voltei à cozinha e bebi do excelente chá de Sarah. Teria de ir me encontrar com Röhm no apartamento de Ernst, para entregar-lhe o anel, ou as cartas, ou ambos, em troca de nossa segurança, minha e de Anton. Quanto ao anel, eu não me importava; era dele, por direito. Mas as cartas eu não queria entregar. Elas poderiam ser peça chave para pôr fim a todo o mal que havia mandado Sarah para longe. Talvez fossem a chave para uma porta de saída.

Eu acreditava que, no fim, o povo alemão iria reconhecer a maldade existente no anti-semitismo nazista e votar contra eles. Sarah sempre discordara de mim, mas, observando agora seu apartamento em perfeita ordem, com tudo devidamente embalado, era como se ela também esperasse retornar um dia e retomar sua própria vida.

Queria que tudo estivesse pronto para aguardá-la. Freneticamente, fui passando pelo apartamento, tirando a poeira dos objetos de Sarah. Suas taças vermelhas de vidro lapidado e seus pratos mais simples. Um bibelô Hummel da figura de uma pastora com uma ovelhinha, que ela ganhara de presente de sua sogra. Seus castiçais com globos de vidro e pendentives de cristal lapidado.

Um grunhido gutural fez-se ouvir de repente. Apaguei a luz para evitar que a sombra de minha silhueta fosse vista da janela da

frente. Tomando o cuidado de não movimentar o tecido, espiei por entre as cortinas. Dois homens chutavam um terceiro, encolhido no chão, que grunhiu novamente.

"Judeu imundo", gritou uma voz grossa. Seus uniformes nazistas cobriam a luz que vinha de um poste de rua.

O assoalho rangeu atrás de mim e me virei sobressaltada. Era Anton, em sua enorme camisa de dormir, no canto da sala de estar.

"O que foi aquele barulho?", perguntou, esfregando os olhos com as mãos fechadas.

"Nada que possamos evitar", respondi, atravessando a sala para perto dele. "Homens maus fazendo maldades".

Carreguei-o para levá-lo de volta à cama. Ele envolveu minha nuca com seus braços e falou: "Não se preocupe, ficarei em segurança".

"Se eu pudesse".

Quando estava quase pegando no sono, lembrei-me da carta de Boris. Saí de mansinho da cama e fui para a sala.

Cara Hannah,

Sei que o que lhe pedi para fazer, e da forma como pedi, não tem perdão. Mas sei também que Trudi não dorme uma noite inteira há meses. E, agora, que ele está livre, andando pelas mesmas ruas, minha governanta ou eu precisamos levá-la e buscá-la na escola todos os dias. Ele está livre; ela, não.

Você sabe um pouco sobre crianças traumatizadas. Anton é uma criança com um passado também. Sei que ele não é seu, apesar de chamá-la de mãe. Você o acolheu, afastou-o do que quer que o tenha moldado e está tentando oferecer-lhe algo melhor. Admiro isso em você, e como você o faz em silêncio. Você me julgaria por querer fazer o mesmo por Trudi?

Temos uma ligação, você e eu, não apenas fisicamente, mas também por causa dos danos provocados a nossas crianças, e tudo o que desejamos fazer para repará-los.

Se você puder superar nosso desentendimento e me perdoar, sabe como me encontrar.

Com carinho,

Boris

Inclinei a cabeça sobre a carta. Boris havia me enxergado em mais profundidade do que eu supunha. Eu não podia entregar-lhe o endereço do estuprador, mas tampouco podia continuar o culpando por querer obtê-lo. Talvez, depois de me resolver com Röhm, poderia tentar um novo começo com Boris. Fiquei segurando a carta por um bom tempo antes de voltar para a cama.

O som metálico de uma chave na porta da frente me acordou em sobressalto de um sono leve.

Com o coração acelerado, pulei da cama. Precisava de uma arma; o punhal estava na cozinha. Saí sorrateiramente do quarto, fechando a porta sem fazer barulho. O intruso não podia descobrir a presença de Anton.

Entrei silenciosamente na cozinha escura e remexi na minha bolsa à procura do punhal que matara meu irmão. Agarrando seu cabo acetinado, atravessei a cozinha engatinhando.

Ouvi passos fortes entrando na cozinha.

Levantei o braço. A luz se acendeu, refletindo-se na faca quando eu a abaixei.

Uma mão agarrou meu punho, e o punhal caiu no chão.

"Hannah?"

"Paul?", nossas vozes estavam em choque.

Ele me abraçou. "Que bom que está viva".

Eu me soltei. "Que bom que eu não o esfaqueei".

Quando me dei conta do que acabara de acontecer, desmontei sobre uma cadeira da cozinha. Por alguns segundos, Paul e eu ficamos apenas olhando um para o outro sob a luz fraca da cozinha.

Paul pegou o punhal do chão. "Tem sangue nisto".

"Não fui eu que coloquei", respondi. "Embora eu provavelmente tivesse acrescentado o seu sangue a ele, se você não tivesse..." Minha voz sumiu. Detestava a simples menção do fato de que eu quase ferira Paul, mas tinha estado a centímetros de esfaqueá-lo.

Paul ficou segurando o punhal, provavelmente sem confiar em mim. E eu não o culpei por isso.

Pensando no que quase tinha feito, comecei a tremer e me levantei para disfarçar. "Vou preparar um pouco de chá", disse.

Paul esticou a mão para me confortar, mas me afastei, fui até a pia e abri a torneira. Nenhum de nós disse uma palavra. Enquanto a água caía na chaleira, tentava parar de tremer. Educadamente, Paul manteve o olhar desviado de mim até que eu conseguisse parar. Ficou observando a cozinha de Sarah, provavelmente lembrando dos tempos alegres que nós três havíamos passado ali.

"Fui até o seu apartamento", disse ele, finalmente. "Está uma bagunça".

"Eu sei". Esqueci que ele ainda tinha a chave do meu apartamento e também do de Sarah. Paul, o homem das chaves. E eu quase o esfaqueara. Apertei os dentes e tentei pensar em outra coisa.

"Fiquei com a esperança de que você pudesse estar aqui. Se—", ele engoliu em seco e continuou. "Se ainda estivesse viva".

"Oh". Se Paul pensou que eu poderia estar aqui, quem mais pensaria?

"Abri a sua carta", disse ele, colocando-a sobre a mesa. Apoiei a chaleira no fogão e acendi a chama.

Quando voltei para a mesa, li o exterior do envelope. "No caso de minha morte, entregar a Fritz Waldheim, na Delegacia de Polícia da Alexanderplatz, em Berlim". Parecia que eu tinha escrito a carta em dias mais inocentes.

"Por que não entregou ao policial da Alexanderplatz?", perguntei, tentando não demonstrar a raiva na minha voz. Não era da sua conta ler a carta.

Paul virou a carta em suas mãos elegantes. "Depois que foi demitida, e vi seu apartamento, temi o pior, mas não tinha certeza de que estava morta".

"E não estou, portanto é melhor você continuar com ela". Pensei que ele fosse mais confiável. Virei-me para o fogão.

Paul se levantou e ficou de pé atrás de mim, tão perto, que podia sentir o calor de seu corpo. Desejei me recostar nele, sabendo como me sentiria ao encostar meu corpo mais uma vez contra o dele. "Sinto muito pelo seu irmão".

Quis me virar para a proteção dos seus braços e chorar, como fizera tantas vezes no passado, mas não o fiz. Não quis envolvê-lo

em nada daquilo. Sabia bem o que significava envolver um homem meio-judeu em um assunto da SA. Eles o matariam sem pensar duas vezes, o que ninguém jamais questionaria. E se ele contasse a Maria? Com seus últimos comentários anti-semitistas, sentia que ela própria se aproximava dos nazistas.

"Estou preocupado com você, Hannah". Senti a proteção em seu tom de voz e me coloquei na defensiva, pois era capaz de cuidar de mim mesma.

"Não é problema seu". O forte aroma de chá preto fez-se sentir assim que espalhei as folhas dentro do bule azul e branco de Sarah. Agora, não havia nada a fazer a não ser encarar Paul. Passei por ele depressa e sentei-me à mesa.

"Quem é a criança, Anton, que você mencionou na carta? E como você descobriu que seu irmão estava morto?", perguntou Paul, o eterno repórter. Ele não desistiria até que eu lhe desse alguma explicação, mas eu precisava ser cuidadosa o bastante para não falar demais.

Com a voz trêmula, contei a ele sobre como encontrei a fotografia de Ernst, assim descobrindo que ele estava morto.

A chaleira apitou, e fui despejar a água fervendo no bule, aliviada pelo momento de distração e por poder manter a distância de Paul.

"O que aconteceu desde que você escreveu a carta?", perguntou, com a voz calma e os olhos cheios de preocupação comigo. Desviei os olhos e servi o chá.

Resumi o que havia descoberto sobre Rudolf e Anton. Não mencionei Röhm, ou qualquer coisa relacionada a ele, o rubi, as cartas, ou o encontro do dia seguinte.

Quando acabei de falar, bebemos o chá em silêncio por alguns momentos. Balancei minha xícara morna e observei Paul enquanto ele pensava, com seus olhos escuros olhando sem nenhum ponto fixo para dentro da xícara de chá.

"Interessante", disse ele, e depois tomou mais um gole. "Agora, me conte o resto".

"Não tem nenhum resto", respondi. "Não, ainda".

Sabendo que eu estava mentindo, ele sacudiu a cabeça impacientemente, como se um mosquito estivesse zunindo no seu

ouvido. "Por que não vai à polícia?"

"Não posso colocar Sarah em perigo". Mas aquilo era apenas parte da verdade. Se Röhm estivesse envolvido nisso, a polícia não poderia me dar proteção.

"O preço por você ajudar Sarah não deveria jamais ser a sua própria vida", disse ele, levantando a voz.

"Psst". Dei uma espiada no quarto, preocupada que ele pudesse acordar Anton. "Sei o que estou fazendo".

Paul soltou a respiração fazendo um som de irritação que eu ouvira uma centena de vezes antes. Nós dois rimos.

"Não sei o que é pior", disse ele. "Você parecer louca, ou que você realmente acredite que sabe o que está fazendo".

"É melhor você ir", falei, tentando evitar que ele descobrisse que, na verdade, eu não sabia mesmo. "Antes que Maria perceba que você saiu".

Paul olhou o relógio e xingou.

"Vai ficar atento para o caso de chegar uma carta de Sarah no jornal?", perguntei, enquanto o acompanhava até a porta. "E guardá-la para mim?"

"Claro que sim", respondeu. "Parece que é só o que posso fazer".

"É seguro voltar para casa sozinho, a esta hora da noite?", perguntei, ignorando o fato de que ele estava magoado.

"É mais seguro voltar para casa agora do que ter de explicar para Maria porque estive fora a noite toda. Ou ficar aqui, com você armada".

"Cuide-se", pedi. E depois tranquei a porta atrás dele.

Depois de lavar as xícaras na cozinha, levei o punhal para o quarto e coloquei-o na mesa de cabeceira.

Era melhor mantê-lo por perto.

Na manhã seguinte, nos vestimos com as roupas de Sarah e Tobias, que não nos caíram nada bem. Mais parecíamos dois espantalhos do que a dama e o rapazinho elegantes que aparentávamos ser após nossa visita à Wertheim na sexta-feira. Anton parecia nem se importar com a mudança. Deixei o punhal e meu bloco de anotações na mesa da cozinha de Sarah.

Antes de sairmos para nos preparar para o nosso grande dia, retirei uma das cartas de Röhm e algumas notas do envelope de dinheiro que havia deixado na caixa de correspondências de Sarah. Fomos a uma papelaria, onde ponderei por um bom tempo antes de comprar um espesso papel sulfite, uma caneta Parker cara, e um frasco de tinta roxa. Comprei para Anton um quadradinho de brinquedo com uma esfera metálica para rolar e tentar encaixar nos furinhos que eram os olhos e a boca do palhaço.

Em seguida, corremos até uma tabacaria, onde acrescentei dez pacotes de cigarros Ravenklau aos nossos suprimentos. Custavam mais do que qualquer outra marca, mas era deles que eu precisava. Pensei melhor, e resolvi comprar também alguns pacotes mais baratos.

O jogo manteve Anton ocupado enquanto viajamos de bonde em direção norte, até Tegel. Quando os solavancos movimentavam sua bolinha para fora dos buracos, ele se concentrava, pondo a língua para fora no canto da boca, tentando manobrá-la de volta para dentro.

A bolsa carteiro pesava no meu ombro quando descemos do bonde e caminhamos em direção ao nosso destino pela sombra salpicada das árvores enfileiradas na calçada. Vi uma mulher com um carrinho de frutas, parada no canteiro de grama no meio da rua e comprei bananas para nós, um luxo que Anton nunca havia experimentado antes.

Dois guardas marchavam em frente a um alto muro de tijolos aparentes. Usavam uniformes na cor cinza e quepes cinza e pretos. Atrás do muro, ficava um imponente prédio com fachada de tijolos.

"O que é isso?, perguntou Anton, mastigando sua banana com uma expressão de surpresa. Ele parecia não saber se gostava ou não, mas continuava comendo.

"O presídio de Tegel". Saboreei a textura macia da banana, que não comia há muito tempo, e pensei em quando voltaria a comer.

"Não me deixe aqui", pediu Anton, com uma voz alta e cheia de medo. "As pessoas entram e nunca mais saem. Por favor, serei bonzinho".

Parei de andar e peguei-o no colo. Ele tremia, e seus músculos estavam tensos sob a camisa. "Não vou deixá-lo, prometo".

"Então, por que viemos até aqui?" Os olhos de Anton fitaram as torres gêmeas da igreja do presídio, emolduradas pelo límpido céu azul.

"Preciso visitar um homem que conheço".

Ele balançou a cabeça, concordando e mostrando que conhecia o assunto.

Nos aproximamos dos guardas, que deviam estar marchando em frente ao portão de aço pesado, mas um estava contando ao outro uma história complicada sobre um cavalo.

"Posso entrar com você?"

Respondi que não com a cabeça. "Não é permitida a entrada de crianças".

"Você vai voltar?"

"Vou", respondi. "Do mesmo jeito que volto quando você fica na casa de Bettina".

Ele pareceu satisfeito com a resposta.

"Bom dia, Herr Berndt", cumprimentei o guarda da esquerda.

"Fraulein Vogel". Ele tirou o chapéu, respeitosamente, e segurou-o nas mãos. "Há quanto tempo não a vejo. Gostei da sua reportagem sobre o julgamento de Düsseldorf".

"Obrigada".

Ele falou com alguém através de uma minúscula janela gradeada, e o portão se abriu, fazendo um rangido. Anton e eu passamos por cima da borda metálica saliente onde o portão se apoiava, e atravessamos para o lado de dentro do muro. Frondosos olmos sombreavam o amplo pátio da prisão. Embora os muros vermelhos e

altos parecessem fazer parte mais de um castelo do que de um presídio, o próprio funcionamento do prédio não deixava dúvidas. A fuligem cobria as paredes espessas de tijolos, e grades fechavam cada uma das janelas de arcos. Alguns rostos espiavam através das grades, e o som de apitos cortou o ar quando levei Anton até a guarita localizada próxima ao portão.

Lá dentro, convenci o guarda a deixar Anton me esperar ali até que eu voltasse da visita. Custou-me um pacote de cigarros, mas não os Ravenklaus.

Minha bolsa carteiro foi revistada, mas eu escondera a carta de Röhm no meu sutiã. O procedimento de praxe mandava que o visitante passasse por uma revista corporal, mas eles nunca me fizeram antes, assim como não fizeram dessa vez. Não deram atenção aos cigarros, pois sabiam para que serviam. E presumiram que o papel e tinta seriam para que eu fizesse minhas anotações.

Trabalhando no jornal, eu vinha ao presídio com frequência, portanto estava acostumada às cantadas dos homens de dentro das celas e as ignorava ao cruzar o longo corredor marrom que levava à sala de visitas. As cadeiras de metal eram duras e desconfortáveis, como sempre, mas tentei negociar uma sala com mesa para um encontro privativo com um prisioneiro, em troca dos cigarros baratos restantes. Quando o guarda saiu para buscar o presidiário, peguei a carta de Röhm e coloquei-a junto com o papel novo. A sala cheirava a mofo, que era visível nos cantos das paredes. A única janela era a da porta. O ambiente era opressivo e frio. Passei a mão sobre os papéis repetidas vezes para esticá-los, enquanto esperava.

O guarda trouxe um homem com uma aparência acabada. Era mais baixo do que eu e tinha os cabelos castanhos perfeitamente penteados. Uma camisa de algodão grosseiro substituía a de linho bem passada que ele usava quando o conheci. Eu me levantei.

"Fraulein Vogel". Ele me cumprimentou com as mãos manchadas de tinta. "É sempre um prazer vê-la".

"Obrigada, Herr Silbert", respondi, soltando a mão. "Parece bem".

"Quem dera", disse ele, com um sorriso galanteador, porém sofrido.

Lancei um olhar expressivo para o guarda, e ele saiu, fechando a porta atrás de si. Se corrêsemos com o assunto, teríamos tempo suficiente.

"Tenho algo para você", disse eu, tirando da bolsa um pacote de cigarros.

"Ravenklau", exclamou, com um brilho nos olhos castanhos. "Uma dama jamais esquece os cigarros preferidos de um cavalheiro".

"Tenho um pedido", falei. "Mas esses cigarros são para você, independente de qualquer coisa, por ter concordado em me receber".

"É sempre um prazer receber uma linda dama", disse ele, com voz de seda, enquanto enfiava os cigarros no bolso. "Até mesmo para alguém com agenda tão cheia quanto a minha".

Ri de sua ironia. A prisão o entediava. Conversamos longamente sobre isso uma vez, quando eu o entrevistara para uma reportagem.

"Tenho uma carta".

"Um documento jurídico?", perguntou, sacudindo a cabeça e fingindo surpresa. "Sabe que não posso fazer nada em relação a isso".

"É uma carta pessoal", expliquei. "De um soldado para outro".

"Eu conheço esses cavalheiros?" Ele tinha uma brilhante habilidade para reconhecer a escrita das pessoas.

"Duvido".

"Nesse caso, o que quer que eu faça com a carta?"

Nós nos sentamos nas cadeiras desconfortáveis. Herr Silbert cruzou as pernas, como o cavalheiro que fora criado para ser.

"Gostaria que fizesse uma cópia para mim, por segurança".

"Por que eu?", perguntou, apontando para o próprio peito.

"Sua escrita é muito bonita", respondi. "E precisa".

Ele riu, pois sua escrita era o motivo pelo qual ele estava ali; fora preso por falsificação. "Sou um calígrafo".

"A carta tem uma página apenas", expliquei. "E vou pagá-lo 50 marcos e mais cinco pacotes de seus cigarros".

"Se eu estiver correto sobre o tamanho da embalagem, tem nove pacotes aí", disse ele, observando a sacola de papel.

"Talvez alguns sejam para mim". Ele adorava regatear, portanto eu não deveria ceder de imediato.

"Você não fuma, minha cara, conforme me lembro".

"Então, os quatro pacotes restantes", sacudi a cabeça como se tivesse caído na armadilha de entregar-lhe os cigarros, embora nós dois soubessemos que eu havia trazido todos para ele.

"Deixe-me ver a carta". Ele estendeu a mão magra e manchada de tinta.

"Escolheu o papel perfeito", disse ele. "E a tinta também está correta. Seria um perigo à sociedade se você descesse do seu pedestal de moralidade e assumisse minha antiga profissão".

"A atenção ao detalhe é sempre importante".

"O cuidado em tudo o que se faz". Ele começou seu trabalho de cópia. Debruçado sobre a mesa, cada gesto seu era delicado e preciso. Era um prazer observá-lo trabalhar; um artista extraordinário. Se eu não tivesse deixado uma pequena marca de batom no canto da carta original, seria impossível notar a diferença. Apenas depois que consegui relaxar os ombos, é que percebi o quanto eles estavam tensos. Tudo indicava que meu plano iria dar certo.

"Tem a ver com chantagem?", perguntou, ao terminar. "Não leio muito enquanto estou copiando, mas há detalhes gráficos aqui. Ilegais também. O homem está apaixonado, pode-se perceber por sua escrita.

"Realmente". Dobrei a nova carta dentro da original de Röhm e enfiei-as no meio do papel em branco. Herr Silbert já havia analisado escritas para mim antes; era capaz de adivinhar detalhes impressionantes em um simples sinal nas cartas.

"Não tenho nada a ver com isso", disse, inclinando a cabeça. "Mas acho que mereço uma parte dos lucros".

"Não haverá lucro", respondi. "O assunto é político".

"Um político?", inclinou-se para a frente. "Ele é rico?"

"Pobre", menti. "Mas que agora me deve um favor".

Herr Silbert me examinou. "Nunca sei se você está mentindo ou não", disse ele. "Mas posso afirmar que esta carta coloca você em perigo. Estou preso, mas ainda sei o que se passa lá fora".

"Isto é meu seguro", argumentei. "Irá me manter em segurança".

"Fraulein Vogel". Esticou sua mão por sobre a mesa e segurou a minha. "Sei que não sou mais um grande cavalheiro, mas preste atenção no que estou lhe dizendo: esta carta não poderá mantê-la em segurança. Livre-se dela e de qualquer outra parecida".

Ele tinha razão sobre as cartas, da mesma forma como Herr Klein estava certo sobre o anel. E eu desejava profundamente poder seguir seus conselhos, mas não tinha escolha. Precisava usar as armas de que dispunha, não importa quão perigoso fosse o resultado. Não podia mais me dar ao luxo de fugir. Eu o agradei, mas sabia que teria de ignorar seu alerta.

De volta ao apartamento de Sarah, arrumei minha bolsa carteiro com muito cuidado. Prendi o anel no fundo da bolsa e enfiei as cartas, colocando a cópia no meio delas. No bolso exterior, enfiei a fotografia de Ernst morto e o punhal de Wilhelm. Escondi a carta original, da qual Herr Silbert havia feito a cópia, na caixa de correspondências de Sarah, juntamente com a maior parte do ouro e do dinheiro.

Pensei em deixar Anton com Paul, mas sabia que o garoto recusaria. Sem tempo para discutir, levei-o comigo para o apartamento de Ernst, esperando conseguir convencer a senhoria a tomar conta dele para mim. Se desse tudo errado e eu fosse morta, ela o levaria para um orfanato, pois era uma mulher prática. Encolhi os ombros, desejando não precisar pensar naqueles termos.

Quando chegamos ao prédio de Ernst, a senhoria estava lá fora, lavando as escadas. Jogou um balde de água limpa nos degraus que davam na porta de entrada e os esfregou com um pano de chão enrolado em um rodo, como as empregadas costumavam fazer, e como eu fazia agora.

"Olá, Frau Müller", cumprimentei-a.

"Hannah", disse ela, contente em me ver. Ela adorava Ernst. "Onde está aquele seu irmão? Não o vejo há uma semana, acho. Com certeza, arrumou um novo amigo". Sorriu maliciosamente, mostrando o buraco no lugar do dente da frente. Eu pensava que ela

fosse uma ativa senhora de 70 anos, mas Ernst achava que era uma cinquentona mal-conservada.

"Não sei", respondi. "Mas gostaria de ver se está em casa agora, ou talvez esperar um pouco por ele".

"E quem é o pequenino?", perguntou, observando Anton. "Parece com você. É seu primo?"

"O nome dele é Anton", respondi.

"Olá, Anton", exclamou. "Ernst está esperando receber vocês dois?"

"Ele não está esperando por Anton", respondi, e, pensando bem, era verdade.

"Vou buscar minhas chaves". Foi mancando ao seu apartamento e nós a acompanhamos impacientemente. Sabia pouco sobre sua história. Ernst dizia que ela nunca havia se casado, não tinha filhos, nem parentes próximos. Era uma boa senhora e mantinha as escadas sempre impecáveis. Recolhia o pagamento de seus inquilinos sempre no primeiro dia do mês, ao meio-dia. Mas Rudolf sempre pagava adiantado e em dinheiro; acho que ele não queria ninguém atrás de Ernst.

"Obrigada por me deixar entrar", disse a ela. "Poderia tomar conta de Anton para mim por algumas horas? Gostaria de conversar com Ernst em particular".

"Encrocado mais uma vez, seu irmão?"

"Sempre", respondi. "E esses pequeninos têm grandes ouvidos".

"O pequenino pode ficar comigo, vou arrumar trabalho para ele".

Anton se jogou no chão e agarrou minhas pernas com os dois braços. "Não", berrou ele. "Não me abandone, mãe! Senti tanto a sua falta da última vez".

Frau Müller olhou para mim apreensivamente.

"É só por algumas horas". Soltei seus braços de minhas pernas.

"Foi o que disse da última vez", ele chorava de verdade. "E ficou fora por semanas e mais semanas".

"Semanas e mais semanas?", espantou-se Frau Müller.

"Ele está inventando", respondi sorrindo, para parecer convincente.

"Por favor, não vá", Anton soluçava.

Puxei-o para que se levantasse do chão. "Você fica aqui. Até eu voltar".

Ele ficou de cabeça baixa.

"Não vou ficar com ele se vai me dar trabalho", avisou Frau Müller. "Ou se houver alguma dúvida sobre quando você volta".

"Estarei de volta em algumas horas".

"Ela sempre promete isso", choramingou Anton. "Mas nunca vem".

"Vou deixá-la entrar na casa do seu irmão, mas não vou ficar com o garoto", disse a mulher. E subiu as escadas à nossa frente, balançando as chaves.

Lancei um olhar enfurecido para Anton, mas ele sorriu presunçosamente para mim, enquanto Frau Müller destrancava a porta.

"Eu lhe pago", tentei negociar. "Preciso de privacidade para ter essa conversa".

Ela me olhou, desconfiada, e Anton começou a chorar novamente.

Entreguei a ela uma nota de dez marcos e o salame que eu havia embrulhado para o almoço. Ela pegou Anton pela mão e desceu as escadas o arrastando.

"Você pode rastelar as folhas no pátio dos fundos", disse ela ao menino. "Até ela voltar para buscá-lo".

Esperei até que ela estivesse fora de vista antes de abrir a porta. O apartamento de Ernst havia sido saqueado, como o meu. Corri para ver os cômodos. Alguém tinha feito um buraco no fundo do seu guarda-roupa, rasgado suas roupas e espetado um vestido vermelho coberto por lantejoulas na cama com uma faca de cozinha, deixando um rasgo enorme no colchão. Um aviso, assim como fizeram com Mitzi. Mas por que se importariam em avisá-lo se sabiam que ele estava morto?

Provavelmente eles tinham vindo ao apartamento depois que Ernst saíra pela última vez. Meu irmão não iria cantar na boate, beber e sair com Wilhelm se seu apartamento estivesse naquele estado. Ele jamais deixaria suas roupas jogadas pelo chão, amarrotando.

Limpei o grosso da sujeira na cozinha, para passar a impressão de que Ernst voltara, como se ele mesmo tivesse arrumado. Recolhi uma coleção de roupas íntimas rendadas, espalhadas no chão da cozinha, que faziam minhas próprias roupas parecerem algo que minha avó usaria. Trabalhei com mãos ágeis, concentrando-me na faxina, e tentando afastar o medo que sentia. Logo, tudo estaria resolvido.

Escondi o anel de Röhm sob as cinzas no fogão. Caso ele me revistasse, não queria estar carregando seus tesouros. As cartas, escondi no fundo do enchimento do colchão, no quarto. Imaginei que a pessoa que o havia rasgado não se daria ao trabalho de procurar ali novamente. Estiquei o tapete oriental de Ernst, notando como era lindo; devia valer metade de um ano de trabalho meu.

Ernst não tinha chá em casa, por isso corri até a mercearia, para comprar o chá verde forte que ele adorava, deixando a porta do apartamento entreaberta, para não precisar incomodar a senhoria quando voltasse. Eu não queria enfrentar mais uma cena com Anton.

Preparei um bule de chá e me sentei a uma mesa redonda com tampo de mármore que antes ficava na antessala da casa de nossos pais. Como Ernst conseguira arrebanhá-la de Ursula, eu mal podia imaginar.

Cruzei e descruzei as mãos repetidas vezes, pulando da cadeira a todo instante para lustrar um vaso que já estava limpo ou passar um pano no chão impecável mais uma vez. Estava morrendo de medo, mas não ousava pensar no assunto, ou aquele sentimento iria tomar conta de mim, tornando-me incapaz de fazer o que precisava ser feito para garantir minha liberdade e minha vida.

Precisava ser fria como jamais fora, nem como Peter Weill, para passar por isso e continuar viva. Röhm era um adversário extraordinário, mas era apenas um ser humano, e eu tinha muito mais informações do que ele próprio sobre tudo o que estava acontecendo. Seria capaz de sobreviver. Por Anton, eu precisava sobreviver.

Alguém bateu à porta. Alisei minha saia com a mão, tentando me acalmar e abri a porta para Ernst Röhm.

Ele era a própria imagem de um herói de guerra golpeado. Tinha um corpo troncudo, atarracado e forte, vestido com seu uniforme de capitão. A jaqueta impecável estava firme no lugar, ajustada por um largo cinto de couro. Seus cabelos pretos e brilhantes estavam repartidos exatamente ao meio sobre o rosto quadrado. Mas o que me chamou a atenção, como deveria acontecer com todos os que olhavam para ele, foi o nariz. Em um de seus muitos ferimentos de guerra, estilhaços de bomba haviam cortado o osso do seu nariz, deixando uma cicatriz cor-de-rosa, que lhe atravessava as bochechas. O fato de ele ainda estar vivo era como um atestado de bravura. Röhm examinou a sala atrás de mim, com seus prudentes olhos azuis. Minha boca ficou seca; como eu poderia enganar este homem?

Atrás dele, estava o tenente musculoso que reconheci do El Dorado e da Wertheim, o pai de Wilhelm. Ao lado, Rudolf von Reiche. Então, eles estavam, *sim*, relacionados. Eu esperava que Röhm chegasse sozinho, e não planejara discutir sobre as cartas na frente dos outros.

"Olá, Hannah", disse Rudolf, parecendo pronto para me dar um tapa.

Dei um passo atrás. Com as mãos suando, falei apenas com Röhm. "Entre e tome um chá. Sou Hannah Vogel, irmã de Ernst".

Röhm bateu os calcanhares um no outro e se inclinou. "Você é a cara dele". Segurou minha mão suada com a sua branca e carnuda e a beijou, como o velho soldado que era. "Capitão Ernst Röhm. E vejo que você já conhece o meu advogado, Rudolf von Reiche. Deixe-me apresentá-la o meu assistente, o tenente Josef Lehmann".

"Olá, Fraulein Vogel", exclamou o tenente Lehmann, inclinando a cabeça em minha direção. Ele não me reconheceu, mas eu já o tinha visto duas vezes; primeiro, quando ele arrastou Wilhelm para fora do

El Dorado, e depois, quando ele mandou a multidão nazista parar, na frente da Wertheim.

"Ernst está?", perguntou Rudolf olhando em volta. "Não vamos ficar muito tempo".

"Ficaremos até que aquilo que é meu me seja devolvido", afirmou Röhm, de forma direta. "Como você bem sabe".

Rudolf ficou calado. Eu teria achado graça, se a situação não fosse tão assustadora.

"Fiz um pouco de chá", disse eu, conduzindo-os até a cozinha. Depois, peguei mais duas xícaras, com as mãos tremendo. "Pois acho que temos muito o que conversar".

"Onde está o seu irmão?", perguntou Röhm. "Gostaria de vê-lo. Não consigo entender por que ele não me devolve o que é meu, se é verdade o que Rudolf diz".

Olhei para Rudolf e falei: "Pouco do que ele diz é verdade".

Rudolf bufou e retrucou: "Comentário interessante, vindo de alguém como você".

Röhm levantou a mão, e nós dois ficamos em silêncio, como se ele fosse nosso comandante.

Servi chá para todos. Röhm e seu tenente se sentaram, enquanto Rudolf ficou em pé, ao meu lado.

"Isto não é um jogo", sussurrou Rudolf em meu ouvido, sem que Röhm pudesse escutar. "Haverá consequências reais para todos nós".

Uma batida forte soou da porta da frente.

"Com licença", disse eu, e fui atender. Não esperava mais ninguém. De qualquer forma, pensava antes que apenas Röhm viria, portanto o que de fato eu sabia sobre quem participaria desta reunião?

Diante da porta, estava Wilhelm, usando seu uniforme nazista. "Vim para proteger você e Ernst", sussurrou. "De Rudolf".

Agarrei o batente da porta. "Você quer me proteger?"

Ele confirmou. "Vocês dois".

Minha primeira reação foi de querer mandá-lo ir embora, enquanto era seguro. Lembrei-me de seu punhal, cheio de sangue, encontrado onde Ernst morrera.

"Nos proteger?", repeti.

"Claro", respondeu, confuso. Parecia ser um excelente ator.

Um lenço vermelho aparecia de dentro de seu bolso. Puxei-o e entreguei a ele, para que ele o segurasse e pensasse no que havia feito. Que hoje ele ficasse sabendo das consequências.

"Entre", disse eu, engolindo minha raiva. "Deixe-me servir-lhe uma xícara de chá".

Ele me seguiu até a cozinha, com os ombros para trás, como alguém que não tem nada a temer. Sorri maldosamente da ingenuidade da juventude. Ele era quem mais deveria temer aquela reunião.

"Wilhelm?", exclamou Rudolf, com uma expressão de choque que era maravilhosa de se observar.

"Filho", disse o tenente Lehmann. "Isto não lhe diz respeito. Vá embora para casa".

Röhm examinou Wilhelm de cima a baixo, como mamãe costumava fazer com a carne no mercado. Enfim, sorriu, e disse: "Sente-se, garoto".

Wilhelm se sentou, e eu me sentei ao seu lado.

Röhm virou seu rosto marcado para mim e falou: "Agora, Fraulein Vogel, deixe-me falar com o seu irmão. Ele vai me devolver aquilo que é meu".

Limpei a garganta. "Que garantia eu terei de segurança depois que for devolvido?", perguntei, pensando comigo se ele falava do anel ou das cartas.

"Alguém a ameaçou?", questionou Röhm, olhando ao redor da mesa antes de fixar o olhar em Rudolf.

"Eu me sinto ameaçada". Apertei as mãos sob a mesa; nunca me sentira tão ameaçada em toda minha vida. Aqueles homens poderiam me matar tranquilamente.

"Por que?". Röhm sorveu delicadamente seu chá, sem tirar os olhos de Rudolf.

Os músculos da mandíbula de Rudolf enrijeceram-se, mas ele não disse uma palavra; não esperava que eu estivesse presente a esta reunião.

"Destruíram meu apartamento ontem. E mataram minha gata", revelei, olhando também para Rudolf.

"Mademoiselle Zee?", perguntou Röhm, com um tom de voz frio. "Ernst adora aquela gata".

"Não mais", eu disse, recordando-me de como Ernst reclamava dos ciúmes de Rudolf. Ele me contara uma vez que Rudolf sentia ciúmes de tudo e todos de quem ele gostasse.

Röhm olhou para Rudolf, que estava ainda mais pálido do que quando chegara. "Explique-se".

Rudolf deu um sorriso falso. "Não tenho certeza do que—"

"Será pior para você se não me contar agora", avisou Röhm. "Não seja tolo a ponto de me forçar a fazer algo desagradável".

Ele inclinou a cabeça para o lado, esperando uma resposta, com o olhar frio fixo em Rudolf.

"Eu c-contratei alguém para fazer o serviço", gaguejou Rudolf, reclinando-se na cadeira, aterrorizado, olhando para Röhm. "Para incentivar Hannah e Ernst a encontrar o que procura, capitão Röhm. Não sabia nada sobre a gata até este momento. Eu juro".

Röhm desviou o olhar de Rudolf para mim. Rudolf afundou-se na cadeira, sem qualquer expressão no rosto. Röhm não deixaria sua atitude passar impune. Senti um calafrio.

"Faça seu irmão sair do esconderijo", ordenou Röhm. "Garantirei pessoalmente a segurança dele, e a sua, até que este assunto seja resolvido".

Abri a boca, mas não saiu nenhuma palavra. Havia preparado inúmeros discursos para este momento, mas tudo se apagou em minha mente. O poder de Röhm era muito mais concreto e aterrorizante do que eu esperava. Eu nunca passara por nada parecido antes.

Fazendo um sinal com a cabeça para o seu tenente, ele afirmou: "O tenente Lehmann irá acompanhá-la a buscar o seu irmão".

O tenente Lehmann pulou da cadeira e pôs-se em pé, com os músculos rígidos sob a camisa. "Sim, senhor".

Eu continuei sentada, sem confiar nas minhas pernas. Era a minha deixa; respirei fundo e disse: "Ele não poderá encontrar Ernst; e alguém aqui nesta mesa bem sabe por quê".

Röhm sentou-se novamente, mas seu tenente continuou em pé. "Prossiga", disse ele.

Com as mãos geladas, peguei a fotografia de Ernst morto, de dentro da bolsa carteiro e entreguei a ele.

Röhm largou a foto sobre a mesa, com uma expressão cinzenta no rosto. A cicatriz que atravessava seu rosto pulsou e ficou de um tom de rosa escuro e feio. A brisa que entrou pela janela aberta soprou a foto sobre a mesa.

Rudolf agarrou a foto no ar. Wilhelm olhou por cima de seu ombro e soltou um berro.

"Alguém o assassinou", contei, recuperando força na minha voz. "Oito dias atrás".

"Quem?", perguntou Röhm, com a voz sob controle. "Irei vingá-lo".

Rudolf manteve o olhar fixo na fotografia. Wilhelm enterrou o rosto nas mãos e soluçou. O tenente Lehmann continuou em pé, atrás de Röhm, e não fez nenhum movimento para confortar o filho. Era um soldado como meu pai, que não abandonava seu posto, nem para confortar seu próprio filho chorando.

"Quem?", soluçava Wilhelm. "Por que?"

Olhei para Wilhelm clinicamente. O que faria Röhm se eu revelasse? Ele o mataria. E outra vida jovem seria perdida.

"Não sei", respondi. Não consegui entregá-lo; Ernst não aprovaria. Mas o que deveria fazer, então?

"Onde? Quando?", perguntava Wilhelm, sua voz tomada pelas lágrimas.

"Bem cedo, na manhã do dia 30 de maio", respondi.

"Por que alguém faria isso?", questionou Rudolf, com o olhar perdido. "Ernst não era uma ameaça para ninguém". Ele se virou para Röhm e perguntou: "Seus homens fizeram isso?"

"Meus homens não fizeram uma coisa dessas". Röhm se levantou, ficou em pé próximo a Rudolf e colocou as mãos de leve em seus ombros. Rudolf se encolheu. "Será que os seus fizeram? Os mesmos que mataram a gata?"

Rudolf sacudiu a cabeça em movimentos rápidos. "Nunca. Eu amo... amava Ernst. Tivemos nosso—"

"Onde ele morreu?", perguntou Wilhelm, interrompendo os outros com sua voz histérica. Estranhei que ele quisesse se expor dessa forma.

"Próximo a uma fábrica de garrafas às margens do Spree". Fechei os olhos, pensando nos duros pedregulhos em meio aos quais havíamos encontrado o soldadinho de chumbo e o punhal. Vi o sangue de Ernst escorrer pelas pedras, enquanto uma figura sombria o observava em silêncio.

"Mas fica a apenas alguns quarteirões da minha casa", gritou Wilhelm. "Alguém provavelmente o assassinou logo—"

"Alguém", disse eu, abrindo os olhos. "Provavelmente". Por que eu o protegi? Era um mentiroso e um assassino. Mas um mentiroso e um assassino que Ernst amava.

O rosto de Wilhelm caiu sobre a mesa e ele soluçava. Seus ombros subiam e desciam.

Seu pai deu-lhe um tapa no lado da cabeça, e o som ecoou pela sala. Dei um pulo, lembrando-me de que meu pai batia em mim e em Ernst daquela maneira com frequência.

"Soldados não choram como crianças", disse o tenente Lehmann, seus dentes cerrados de fúria.

Wilhelm continuou soluçando, como se seu pai nem o tivesse tocado. Coloquei a mão nas costas de Wilhelm, e o tenente lançou um olhar para nós dois. Como ele podia sentir tanta repulsa por seu próprio filho? A fraqueza de Wilhelm era um desgosto para ele, assim como o fato de seu filho gostar de homens. Meu próprio pai reagiria da mesma forma.

Um pensamento esfriou minha mente. E se o tenente Lehmann estivesse lá, naquela noite, quando Wilhelm levou Ernst para sua casa? E os tivesse escutado, talvez até visto? Tinha acesso ao punhal. E já batera em Ernst uma vez, quando ele e Wilhelm eram estudantes.

Imaginei-o seguindo Ernst depois de ele ter escapado pela janela. Talvez ele até tivesse caminhado com ele e conversado sobre Wilhelm, enquanto o afastava para um beco deserto, onde ninguém os visse. E então o esfaqueara e o observara morrer. Tirara as roupas do corpo do meu irmão morto e o jogara no Spree,

acreditando que ele fosse ser levado para longe e nunca encontrado. E, de fato, ele poderia jamais ter sido descoberto, se eu não tivesse passado por aquele corredor e visto a sua foto.

Wilhelm soluçava.

"Você", gritei, com a garganta contraída de dor. Apontei para o tenente Lehmann. "Você".

Röhm girou a cabeça para olhar. "Por que ela está apontando para você, tenente?"

O tenente deu um passo para trás, olhando para Röhm e depois para Wilhelm.

"Josef", Röhm vociferou. "Me responda".

O tenente Lehmann gaguejou, "E-eu não sei".

"Você estava lá naquela noite", eu disse. "Na última noite do meu irmão".

A voz de Röhm ficou estranhamente calma. "Josef".

O tenente Lehmann ficou paralisado, olhando para Röhm.

"Esse garoto". Röhm limpou a garganta. "Esse garoto tinha o segredo para o meu futuro, para o futuro da Sturm Abteilung, em suas mãos. Você sabia disso?"

Um instante de vacilação passou pelo rosto do tenente Lehmann, que admitiu: "Precisava proteger meu filho".

"Deixando o punhal dele para qualquer um encontrar?" Tirei o punhal de dentro da bolsa carteiro e bati com ele na mesa. Wilhelm observou, em choque, em silêncio absoluto.

Röhm limpou a garganta. "Este assunto é maior que o seu filho. O garoto que você matou era a chave para me proteger das acusações atuais. E agora ele não pode mais. Você prestou um desserviço para o Reich", afirmou Röhm. "Para mim. Um desserviço do qual eu posso nunca me recuperar. Os inimigos do Terceiro Reich se juntam contra mim até hoje, como você bem sabe".

Ele olhou dentro dos olhos do tenente Lehmann e continuou falando. "Está entendendo?"

O tenente parecia consternado. Arrependia-se do dano que causara a Röhm, mas não de ter tirado a vida de meu irmão.

A fúria cresceu em mim e pulei para cima dele. Sem se virar, Röhm agarrou meu punho e o torceu para trás das minhas costas.

Fiquei tomada pela dor e caí de joelhos.

"Você sabe o que deve fazer", falou Röhm, dirigindo-se apenas ao tenente Lehmann.

O tenente bateu os calcanhares, prestou continência à moda prussiana antiga, inclinou a cabeça e saiu.

Röhm me soltou, e eu me levantei, massageando meu punho. "Desculpe-me por tê-la machucado, Fraulein Vogel", disse ele. "Quis apenas evitar que começasse um confronto que não teria como vencer".

"Para onde ele foi?", Wilhelm perguntou a Röhm.

Nem precisava perguntar. Se o meu pai tivesse passado por circunstâncias semelhantes, haveria apenas uma saída honrosa.

"Fazer o que deve ser feito. O que todo soldado em desonra deve fazer", respondeu.

Wilhelm correu para a porta. Minha mente me dizia para ir atrás dele e ajudá-lo a salvar seu pai. Mas meu coração queria ver seu pai morto. Foi o que senti naquele momento, e não me orgulhei disso. Sentei-me à mesa e enterrei o rosto em minhas mãos, esperando.

Röhm ficou andando de um lado para o outro, pensando no seu próximo problema.

Ouviu-se um tiro vindo da porta do prédio. Rudolf estremeceu. Será que o tenente Lehmann havia encerrado sua vida como um bom soldado? Ou Wilhelm conseguira impedi-lo? Dei um passo em direção à porta.

Röhm, no entanto, pareceu não se importar com o tiro. Para ele, provavelmente, o tenente Lehmann estava morto no instante em que mandou que saísse.

Ele pôs a mão no meu ombro e perguntou: "Você está com aquilo que eu vim buscar?"

"O que veio buscar?", perguntei, sentindo-me entorpecida. Se ele ordenara a seu tenente de confiança que acabasse com a própria vida, não teria nenhum escrúpulo em me matar.

"Ela não sabe de nada", disse Rudolf, com falsidade na voz. "Ele não teria pensado em contar a ela". E inclinou a cabeça, olhando para a mesa.

Se eu mesma não estivesse com tanto medo, até poderia sentir pena dele.

Röhm me olhou fixamente, como se quisesse ler as respostas diretamente da minha mente, sem se incomodar com as palavras. Mantive o queixo erguido e não pisquei. Depois de alguns segundos aterrorizantes, ele se virou, e eu me sentei novamente.

"Quer dizer então que ele está perdido", disse Röhm a Rudolf. "Você o perdeu".

Aquilo não fazia o menor sentido para mim; ele estava falando de Ernst? Ou do tenente Lehmann?

Rudolf levantou a cabeça. Estava pálido, mas seus olhos agora estavam atentos novamente. "Eu não sabia da morte de Ernst".

Röhm andava de um lado para o outro, mas Rudolf e eu continuamos sentados, como se estivéssemos presos a nossas cadeiras. Eu evitava chamar a atenção, por isso permaneci imóvel. Não fazia ideia de sobre o que eles falavam. Tinha medo de dizer alguma coisa que me condenasse à morte.

"Já faz uma semana, Rudolf", disse Röhm, com seu sotaque carregado do sul da Alemanha. "Sete dias, e o meu filho está sozinho, desaparecido. Um garoto de cinco anos".

Um garoto de cinco anos. As palavras ecoavam nos meus ouvidos, mas não faziam qualquer sentido na minha cabeça.

Röhm e Rudolf andaram até o quarto, e eu fiquei olhando para o punhal sobre a mesa da minha mãe. Um garoto de cinco anos.

Como se estivesse sonhando, levantei-me e fui atrás deles.

"Eu lhe disse", Röhm gritava com Rudolf, socando-lhe o peito a cada palavra, "para cuidar dele até que eu voltasse da Bolívia. Mande-lhe dinheiro para que cuidasse dele caso eu precisasse do garoto. E você o perdeu".

Rudolf olhava para ele sem falar nada.

"Quero meu filho", vociferou Röhm. "Agora".

"Estou aqui, pai", disse Anton, saindo de dentro do guarda-roupa, com Winnetou agarrado à sua mão.

"Anton", gritamos, Röhm e eu, simultaneamente.

Anton andou para o lado de Röhm. "Ele é meu pai. Você é minha mãe".

Ele deve ter entrado escondido quando saí para comprar o chá.
"Seu pai?"

O quarto girava ao redor de mim. Era outro Ernst. Ernst Vogel não era seu pai; Ernst Röhm, sim. Röhm não queria nem o anel, nem as cartas. Queria apenas o que importava.

"Ela não é sua mãe", respondeu Röhm, abraçando Anton e levantando-o como se fosse um brinquedo. Depois, virou-se para Rudolf. "Que tolices você colocou na cabeça do menino?"

O som de Wilhelm soluçando entrava pela janela da frente, mas nem consegui prestar atenção.

"Tolices dela", respondeu Rudolf, covardemente, apontando para mim, com sua mão fina.

Eu hesitei. Poderia apresentar a certidão de nascimento falsa e comprometer Rudolf, mas me segurei e raciocinei. Por que Rudolf falsificara a certidão? Será que tinha sido a mando de Röhm, para o caso de vir a precisar negar a paternidade de Anton?

"Há quanto tempo está cuidando dele?", Rohm me perguntou, e o momento passou.

"Ele apareceu alguns dias após a morte de meu irmão. Não estou cuidando dele há muito tempo". Não mentiria para Röhm se pudesse evitar.

Rudolf atravessou o quarto e foi até a janela.

"Nem muito bem", disse Rudolf, sarcástico, virando-se de frente para nós. "As pessoas com quem você se mistura".

Ele queria me culpar pela infância que Anton tivera até aqui. Não queria que Röhm soubesse que seu filho estava sendo criado por uma prostituta viciada em drogas.

"Estou com ele há apenas uma semana", eu me defendi. "Nada mais que isso. Não sou a responsável por ele ter sido criado por uma garota de botas da Wittenbergplatz".

Röhm caminhou em volta de Rudolf, com uma expressão de fúria no rosto. "Uma garota de botas? Minha Elise se tornou uma garota de botas?"

"Por causa das drogas", justificou Rudolf, andando de um lado para o outro do quarto. "Não pude fazer nada".

"Poderia ter me contado". Röhlm parecia morder cada palavra. "Eu mesmo teria comprado drogas para ela, em vez de deixá-la viver aquela vida. Em vez de deixar meu filho viver aquela vida".

"Posso explicar—", disse Rudolf, levantando a mão, "primeiro—"

"Você tem muito o que explicar", disse Röhlm, com a mesma voz calma que usara para falar com o tenente Lehmann. "Mas não na frente do meu filho. Não aqui".

"Tem certeza de que ele é mesmo seu filho?", perguntei, olhando para os dois. Não enxergava qualquer semelhança entre o rosto quadrado e forte de Röhlm e o de Anton, pontudo. Se a mãe era uma prostituta, qualquer soldado poderia ser o pai.

Röhlm confirmou com a cabeça. "Eu o via com frequência antes de partir para a Bolívia, e deixei-o aos cuidados de Rudolf, para escondê-lo e tomar conta dele".

"Esta criança?" "Eu mal podia respirar. "Esta mesma?"

"Ele é meu", sorriu Röhlm, cheio de orgulho. "É um guerreiro nato. E sua existência irá responder as acusações que estão se tornando espinhosas para o partido. Ter produzido um herdeiro macho irá mostrar virilidade suficiente para afastar as investigações em curso".

"Investigações?", perguntei.

"Parágrafo 175", ele respondeu. "Tolices políticas".

"Podemos encontrar uma mãe adequada para o garoto", disse Rudolf.

"O que há de errado com a minha Elise? Podemos ajudá-la a melhorar. Existem—"

"Não na frente do garoto", eu intercedi, recuperando meu bom senso. "Pergunte a Rudolf mais tarde, em particular".

"Eu não sei nada sobre o paradeiro da mãe dele", adiantou-se Rudolf.

Röhlm o ignorou. "Diga adeus para sua tia Hannah".

Anton chorou no ombro do pai.

"Agora, vamos". Röhlm levantou o queixo do garoto e secou suas lágrimas com os dedos atarracados. "Não é tão ruim assim, poderá vê-la nos feriados, talvez".

"Para onde irá levá-lo?" Minha mente funcionava devagar, e eu tinha dificuldade para falar.

"Assim que puder, eu o matricularei na Escola de Cadetes de Wahlstatt. Depois, o *Royal Prussian Military Preparatory College*, em Potsdam. São as melhores escolas da Alemanha".

Concordei com a cabeça; eram mesmo. Papai falava dos ex-alunos, com grande respeito em sua voz. Paul Hindenburg, Barão von Richthofen. O futuro de Anton agora estava garantido. Ele se tornaria um guerreiro como o pai. Se os nazistas mantivessem o controle do governo, ele teria acesso a mundos que eu jamais poderia lhe oferecer.

Tirei da bolsa o lenço vermelho de seda e disse-lhe, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto: "Para você, para que se lembre de mim".

Anton balançou a cabeça e pegou o lenço. Röhm abaixou a cabeça para conversar com ele.

Rudolf veio por trás de mim e agarrou meu braço, bem no local em que me machucara antes, no jornal. "Diga adeus", sussurrou no meu ouvido, e encostou um objeto metálico com a ponta redonda nas minhas costelas. "Deixe o garoto ir embora sem fazer escândalo".

Virei a cabeça para atrás e olhei para ele. Seus olhos brilhavam. Meus joelhos tombaram, mas Rudolf me segurou para que ficasse em pé.

"A bala atravessaria seu corpo e o atingiria", sussurrou mais uma vez. "Ou talvez a segunda".

Não achava que ele tivesse a ousadia de atirar em Röhm, mas não poderia arriscar, não com a vida de Anton. Portanto, acenei e disse: "Adeus, indiozinho". Mas minha voz não parecia ser mesmo a minha.

Röhm não parecia perceber que Rudolf estava encostado tão próximo às minhas costas. "Adeus, Fraulein Vogel. Obrigado por ter cuidado dele".

Anton acenou para mim com a pata de Winnetou. O garoto parecia tão chocado quanto eu me sentia.

"Amanhã, Rudolf", avisou Röhm. "Às nove horas, no seu escritório. Irei buscá-lo, caso você se atrase, e não vai gostar disso".

Apertei minha mandíbula, furiosa de perceber que minha morte estava nas mãos de Rudolf. Ele não merecia acabar com a minha vida, não tinha valor para isso.

Röhm foi embora. O som dos seus passos foram desaparecendo no corredor e, com eles, minhas chances de sobreviver a este encontro. Esperei que Röhm não deixasse que Anton visse o corpo do tenente Lehmann se ele estivesse morto na escada em frente ao prédio.

Rudolf soltou meu braço, e eu me virei. Ele apontou a arma para o meu coração.

"Não deixarei que você me destrua", disse ele. "Vou encontrar uma explicação para a garota de botas".

"Podemos conversar sobre isso", respondi, dando um passo para trás. Talvez eu pudesse pular a janela.

"Ela já era uma prostituta quando ele a conheceu. Ele sabe disso", argumentou Rudolf, como se quisesse convencer a si próprio. Seu nariz começou a sangrar.

"Quem sabe ele não se importará em saber que ela trabalhava na Wittenbergplatz?", sorri, tentando apaziguar a situação. "Se ele já sabia que ela era uma prostituta, por que se importaria com a área em que trabalhava?" Se Rudolf se lembrasse da fúria na voz de Röhm quando descobriu que a mulher se tornara uma garota de botas, com experiência em perversões, saberia que ele se importaria e muito com o fato de que ela trabalhava na Wittenbergplatz.

Rudolf limpou o nariz sangrando com as costas da mão esquerda. A arma tremia na sua mão direita. "Ele irá se importar. Ela era uma semiprofissional quando ele a conheceu, trabalhando no quartel. Sexo apenas".

"Uma garota precisa sobreviver". Eu estava a meio metro da janela. Ele era um covarde. Escapara de servir na guerra. Provavelmente, nem sabia apontar uma arma, quanto mais, atirar. Eu sabia que estava tentando me convencer a me lançar pela janela, mas estava insegura. Não achava que conseguiria chegar com vida ao chão, como planejava.

"Ele enviou dinheiro para ela por anos", riu Rudolf. "Não era muito, eu ficava com uma pequena parte como uma comissão".

"Pelo seu trabalho árduo", disse eu. "Röhm irá entender".

"Fiz todo o resto conforme ele pedia", explicou. "Falsifiquei uma certidão de nascimento, para que ele pudesse negar a paternidade do garoto, caso precisasse. Ele e Elise nunca tiveram de fato um relacionamento, para começar. Quem sabe se eles chegaram a fazer sexo alguma vez; qualquer um poderia ser o pai".

"Por que usou meu nome?"

"Entregar o dinheiro era parte do trabalho de Ernst, e ele se apegou ao garoto. Então, sugeri que eu usasse o nome dele como pai. Ao usar o nome dele, você parecia ser a melhor candidata", disse ele. "Além do mais, jamais gostei de você".

A cama estava logo às minhas costas. Talvez eu pudesse passar por trás dela e escapar pela porta, mas Rudolf deve ter visto algo em meus olhos.

"Nunca matei ninguém antes", disse. E puxou o gatilho.

Uma onda de calor tomou conta do meu corpo. Caí na cama de Ernst, cobrindo o buraco que escondia as cartas. O sangue quente brotava do lado esquerdo do meu corpo.

A arma bateu contra a cama quando Rudolf se debruçou sobre mim, sorrindo, e disse: "Nunca fui o responsável pelo seu irmão. Você, sim".

Senti uma forte dor, e pressionei o buraco feito pela bala com minha mão. Rudolf, vencera, afinal.

Ele olhou pela janela, provavelmente tentando ver Röhm.

Ouvi passos à distância, e depois Röhm abriu a porta de repente, com Anton ao seu lado.

Röhm olhou para mim, e depois para Rudolf, que caiu em si e apontou o revólver para ele.

Röhm escondeu Anton sob sua jaqueta do uniforme, como se ele fosse um gatinho, e partiu para cima de Rudolf.

As duas figuras, de repente, pareceram desfocadas, e apertei ainda mais a lateral do meu corpo com as mãos. A dor clareou minha visão, enquanto o sangue escorria entre os meus dedos.

Röhm arrancou a arma das mãos de Rudolf, como um professor confiscando um estilingue de um aluno desobediente. Rudolf empalideceu e se aproximou da janela aberta.

Assim que Röhm levantou a arma, Anton escapou e correu em minha direção. Quando Röhm se virou para pegá-lo de volta, Rudolf pulou da janela. Um gemido distante indicou que Rudolf não tivera um pouso seguro. Melhor assim.

Röhm olhou pela janela ainda segurando a arma. Ele balançou a cabeça e voltou para perto de Anton, que segurava minha mão suja de sangue e Winnetou.

Ouvi sirenes. Alguém devia ter chamado a polícia quando o tenente Lehmann atirou em si mesmo.

Röhm se abaixou, rasgou um pedaço do lençol de Ernst, e amarrou em mim uma bandagem improvisada.

"Curativo de guerra", disse ele. "É o que dá para fazer".

As sirenes ficaram mais altas.

Abri a boca, mas não consegui falar nada.

Röhm soltou a mão de Anton da minha. Anton colocou o urso próximo ao meu rosto antes que Röhm o carregasse no colo. Virei a cabeça sobre a pelúcia macia e fiquei ouvindo os passos de Röhm desaparecerem à distância. O rosto surrado de Winnetou foi a última coisa que vi.

Uma luz forte iluminou minhas pálpebras. Será que eu veria Ernst? Nossos pais? Walter? Tive medo de abrir os olhos, então respirei fundo e esperei.

"Hannah", ouvi uma voz conhecida me chamar. "Você dormiu na minha casa com frequência suficiente, quando éramos garotas, para que eu saiba quando você está fingindo dormir".

Bettina. Abri os olhos. Ela estava sentada ao lado da minha cama, com seu tricô no colo e uma expressão aliviada no rosto. Uma brisa suave soprou da janela aberta.

"Graças a Deus", exclamou. "Agora, posso ir para casa".

"Quanto tempo?", resmunguei. Minha garganta estava seca. Olhei em volta do quarto; estava deitada em uma cama estreita, em um quarto pequeno, de chão brilhante e paredes num tom de amarelo claro. O cheiro de desinfetante se misturava ao perfume de baunilha reconfortante de Bettina.

Ela encheu um copo com a água de uma garrafa que estava sobre a mesinha ao lado da cama, e me ofereceu.

"Beba". Levantando a minha cabeça, encostou o copo nos meus lábios, como se eu fosse uma criança doente. O ato de engolir fez minhas costelas doerem, mas tomei o copo todo, obediente. Ela levantou meu travesseiro, demonstrando prática, e me ajudou a deitar em uma posição quase sentada. A dor subia pela lateral do meu corpo, e minha cabeça estava pesada. Tentei cobrir os olhos com a mão para tapar a luz do dia.

"Que dia é hoje?"

"Segunda-feira", respondeu Bettina, levantando-se para fechar as cortinas. "Você levou um tiro no domingo à tarde. A bala perfurou suas costelas e você bateu a cabeça em alguma coisa, mas não se machucou tanto. Portanto, não espere que eu vá bancar a enfermeira para sempre". Notei alívio em sua voz.

"Onde estou?"

"No hospital", respondeu. Depois, pegou Winnetou, embrulhado na minha echarpe de seda verde com estampa de pavão, que

ganhara de Ernst, e perguntou: "Onde está Anton?"

"O pai dele o levou". Vi uma mancha de sangue na orelha do urso; meu sangue.

"Ernst? Por que ele não ficou para ajudá-la?" Ela me entregou o urso, e eu o encostei contra o meu rosto. Ainda cheirava a querosene, do banho que eu dera nele para matar os piolhos. O cheiro era estranhamente reconfortante.

"Outro Ernst", expliquei. "O pai de Anton é Ernst Röhm".

Bettina se sentou na cadeira, com a boca aberta, em choque. Ouvimos vozes de pessoas discutindo, passando pelo corredor. "Conte-me".

"Rudolf, o namorado do meu irmão, é o advogado de Ernst Röhm. Desde que partiu para a Bolívia, Röhm vinha sustentando o garoto, por meio de Rudolf".

"Tem certeza?"

"Não tenho certeza de nada. Röhm quer criar Anton, mandá-lo para a Escola de Cadetes de Wahlstatt".

"Que sorte, a de Anton", exclamou, afastando do rosto uma mecha de cabelo e colocando-a para trás da orelha. "Um pai poderoso significa um futuro bom".

"Um pai poderoso e nazista? Que o enxerga apenas como uma peça política?", questionei. "Quero Anton de volta".

"Oh, Hannah". Bettina se inclinou para a frente e deu tapinhas de leve nas minhas mãos. "Claro que você quer, mas ele não é seu filho. Nunca foi".

"Tenho uma certidão de nascimento com meu nome como a mãe dele". Abracei o urso.

"Uma certidão falsa. Röhm provavelmente tem uma certidão autêntica, com o nome dele". Bettina balançou a cabeça. "Sabe melhor que eu".

"Eu amo Anton", afirmei, percebendo que aquilo era verdade. Ele era forte, inteligente e engraçado; e era minha família, toda a família que eu tinha, fosse Röhm seu pai, ou não. Sem ele, eu estava sozinha. Como poderia deixá-lo ir embora? "Eu o amo", repeti.

"Eu também", disse Bettina. "Ele é um amor. Mas não é seu filho, não é seu parente".

Alguém bateu à porta, e Fritz entrou no quarto, parecendo exausto. Dois detetives estavam atrás dele, um gordo e um magro. Eles ficaram do lado de fora, Fritz fechou a porta e veio até a minha cama.

"Bettina, você passou a noite toda aqui?", perguntei.

"Com todas as crianças em casa, aproveitei o silêncio", respondeu. "Deixe-me ir buscar seu café da manhã". E saiu do quarto.

"Bom dia", disse Fritz. "Que bom vê-la acordada. É uma garota de muita sorte".

Ri, mas tive de parar, pois doíam minhas costelas e minha cabeça. Minha respiração ficou pesada com a dor.

"Mais alguns centímetros para a esquerda, e você não estaria aqui", comentou Fritz."

"Mais alguns centímetros para a direita, e eu estaria bem".

"Acho que o atirador teria tentado mais uma vez, caso não a tivesse acertado na primeira", argumentou ele, secamente.

"Ficamos mais preocupados com a quantidade de sangue que você perdeu", disse Bettina, entrando no quarto, com uma bandeja contendo uma tigela de mingau de aveia e uma xícara de chá. "Precisa comer e tomar líquidos para recuperar as forças".

Tomei algumas colheradas do mingau de aveia, pois não tinha forças para discutir com Bettina, mas estava frio e pegajoso. O chá, bebi com prazer.

"Agora, minha querida esposa", disse Fritz. "Vou pedir-lhe para ficar bem quietinha, enquanto Hannah conta sua história".

"Como um ratinho".

Ele olhou para ela, com carinho e disse: "Um daqueles ratinhos que fazem barulho a noite inteira, sem me deixar dormir?"

Ela pôs o dedo na frente dos lábios e respondeu que não com a cabeça.

"Ernst está morto". Afastei a bandeja de comida. "Era um daqueles corpos encontrados boiando na semana passada".

Bettina ficou boquiaberta e segurou minha mão. Finalmente, eu podia admitir a verdade. Sentei-me na cama e chorei. Ela me envolveu em seus braços. Mesmo sem ver seu rosto, sabia que ela

estava olhando com doçura para Fritz, avisando-o para que esperasse eu terminar de chorar, antes de fazer perguntas.

Enfim, eu me desvencilhei de seus braços e enxuguei os olhos com o lenço que ela me ofereceu. Assim como o lenço que Fritz me emprestara no dia em que vi a fotografia de Ernst, cheirava a goma de passar. Bettina acariciou meus cabelos, afastando-os dos meus olhos, e puxou sua cadeira para mais perto da cama.

"Então, foi por isso que roubou a foto", disse Fritz.

"Você sabia?", perguntei, em choque por ele não ter feito nada.

Fritz andou de um lado para o outro do quarto minúsculo. "Não sou nenhum bobo, Hannah. Imaginei que você tivesse um bom motivo, e confiei que você me devolveria a foto quando não precisasse mais dela".

"Sabe quem o matou?", perguntou Bettina, apertando minha mão.

"Josef Lehmann", respondi com dificuldade, sabendo que as palavras precisavam ser ditas. "O tenente de Ernst Röhm".

"Ele foi encontrado morto com um tiro, nas escadas do prédio de Ernst", disse Bettina, com os olhos arregalados. "O que aconteceu?"

Então, ele seguiu as ordens de Röhm, e morreu da única maneira que um soldado sem honra poderia morrer. A morte de Ernst fora vingada, mas não senti nenhuma satisfação naquilo.

Fritz virou-se para a esposa. "Bettina, minha querida, precisa sair do quarto agora".

Nunca havia visto Fritz falar naquele tom de voz com ela. Bettina apertou os lábios e saiu do quarto sem dizer uma palavra.

"Continue", disse Fritz para mim. Mas antes que eu pudesse falar, Kommissar Lang apareceu no quarto.

"Eu assumo o comando aqui", disse ele, expressando raiva em sua voz estridente. "Sou o responsável por esta investigação".

Fritz concordou com a cabeça.

"Pode sair do quarto", disse Kommissar Lang, e Fritz me lançou um olhar solidário antes de fechar a porta e sair.

Kommissar Lang me serviu mais um copo d'água e disse: "Não foi totalmente sincera comigo, não é mesmo, Fraulein Vogel?"

Concordei com a cabeça. Afinal, não poderia ter contado toda a verdade a ele.

"Pode começar?"

Sorri, com fraqueza. Agora, era a hora de recordar o que mamãe havia me ensinado sobre o comportamento adequado a uma dama; deveria ser frágil, nessa situação, para que um cavalheiro de verdade quisesse ajudá-la.

"Conte-me o que aconteceu no apartamento onde levou o tiro. Não deixe de mencionar nenhum detalhe".

"Rudolf von Reiche atirou em mim". Minha voz fraquejou. Sentei-me, em pânico, olhando ao redor da sala. O ferimento na lateral do meu corpo doía, e fiquei ofegante. "Ele vai voltar à minha procura".

Kommissar Lang sorriu e tentou me acalmar. "Temos dois detetives do lado de fora da sua porta. Ele não conseguiria passar por eles".

Afundi-me novamente na cama, respirando com dificuldade. Quando me mexia, sentia mais dor do que imaginava que fosse sentir.

"O que Herr von Reiche estava fazendo no apartamento? E você?"

"Era o apartamento do meu irmão, e eu estava lá para me encontrar com Ernst Röhm".

"Por que?"

"Ele e meu irmão eram...". Fiz uma pausa. "Amigos".

"Por que Herr von Reiche estava lá?"

"Wilhelm Lehmann está recebendo proteção?"

"Por que está perguntando sobre ele?", perguntou Kommissar Lang, inclinando-se para a frente, demonstrando interesse.

"Ouvi um tiro", disse eu. "O tenente Lehmann deixou o apartamento muito aborrecido, seu filho o seguiu, e eu ouvi um tiro".

"Talvez fosse melhor começarmos do início". Kommissar Lang apoiou no meu colo a fotografia de Ernst morto. "Que tal começar pelo dia em que viu isto na ala dos mortos não identificados, e mentiu para mim?"

"Perdoe-me", pedi. Talvez, ele pudesse acreditar que a vergonha que eu sentia da vida que meu irmão levava fizera com que eu me mantivesse em silêncio. Não ousei deixar que ele suspeitasse que eu tinha outros motivos para ficar quieta. Emprestar meus documentos a Sarah era um ato criminoso. Em silêncio, amaldiçoei a ele e a seus colegas de partido, por colocarem Sarah em perigo, forçando-me a seguir por aquele caminho. Se meus documentos estivessem comigo, poderia ter deixado a polícia investigar todo o caso. Em voz alta, disse apenas: "Fiquei perturbada. Havia muita coisa sobre o meu irmão que eu não queria que o mundo soubesse. Você, menos ainda".

Kommissar Lang pareceu não estar convencido.

"Meu irmão era—". Minha voz ficou entrecortada. Era um alívio poder falar sobre ele no passado, admitir que ele estava morto, até para Kommissar Lang. "Ele gostava—".

Tomei mais um gole de água e me recompus. Kommissar Lang ficou sentado educadamente, com a caneta repousada sobre um bloco de anotações.

"Meu irmão gostava de homens". Enterrei os olhos nas mãos. "Desde garoto".

Olhei para a luz refletida na água do meu copo. Kommissar Lang prolongou o silêncio.

"Seu amante era Rudolf von Reiche, o homem que atirou em mim". Respirei fundo, pois era difícil para mim contar aquilo a Kommissar Lang. Queria que Fritz tivesse ficado no quarto, que alguém que entendia Ernst e confiava em mim estivesse ali. Não contei a Kommissar Lang sobre o relacionamento do meu irmão com Röhm.

Contei a ele o máximo que pude. Contei-lhe que Lehmann havia matado Ernst por ter um caso com seu filho, Wilhelm. Que Röhm dissera a Lehmann que ele não tinha honra; ele desaparecera; e eu ouvi um tiro. Que Rudolf havia atirado em mim para evitar que eu contasse a Röhm mais sobre a infância de seu filho. Que Röhm levara Anton, e que deveria ser o pai do garoto. Mas que, como a mãe era uma prostituta quando Anton nascera, qualquer um poderia

ser o pai. Expliquei-lhe que Docinho de Coco era provavelmente a mãe, embora eu já não tivesse certeza de mais nada.

Kommissar Lang ouviu tudo com atenção. Quase desabei em alguns momentos, mas me recompus. Precisava passar por tudo aquilo.

"Por que você estava no apartamento do seu irmão com todos eles?"

"Rudolf estava me ameaçando", respondi, sem mencionar as cartas de Röhm. Se contasse à polícia, as cartas seriam confiscadas como prova de que Röhm cometera o crime de sodomia, e ele seria levado a julgamento com base no Parágrafo 175. Mas Röhm e Hitler tinham aliados no tribunal e poderiam destruir as cartas. Röhm sairia em liberdade. Porém, se as cartas fossem publicadas, não importaria se viessem a ser destruídas; o tribunal teria de decidir sob a pressão da opinião pública. "Ele me dizia que Ernst estava com algo que Röhm queria, e que nós deveríamos nos encontrar no apartamento do meu irmão para conversar sobre o assunto".

"Por que não chamou a polícia? Ou conversou com seu amigo Waldheim?"

"Tive medo. Depois do que Rudolf fez no meu apartamento, achei que ele pudesse matar o garoto. E a mim". Dei um sorriso contorcido. "E ele quase me matou".

"O que Röhm queria?"

"Seu filho, embora eu não soubesse ainda".

"O que você pensou que fosse?", perguntou Kommissar Lang, levantando as sobrancelhas.

"Alguma outra coisa. Qualquer coisa". Olhei para as cortinas brancas, que bloqueavam a luz do dia.

"O que mais poderia ser?"

"Onde está Wilhelm?", perguntei. "Ele estava lá quando seus homens chegaram?"

"Estava", respondeu, balançando a cabeça.

"Tem alguém com ele? Não devia ficar sozinho".

"Ele está sob proteção", afirmou. "Conte-me mais sobre a morte do pai dele".

"Sei pouco sobre isso. Ele saiu do apartamento".

Kommissar Lang começou seu interrogatório novamente. Pareceu levar horas. Respondi as mesmas perguntas, com a voz rouca de tanto falar. Não falei nada sobre Sarah, as cartas, ou o anel de rubi. Sobre todo o resto, contei-lhe a verdade, repetidas vezes.

Tive ânsia de vômito, Kommissar Lang me entregou uma tigela e, depois, continuou o interrogatório. Era muito confiar em seu histórico de cavalheirismo.

Enfim, um médico apareceu no quarto, furioso.

Fiquei na cama, tremendo, fraca demais para fazer qualquer coisa. Meu coração se acelerou.

O médico, grande e confiante, verificou meu pulso e me deu dois comprimidos, que tinham gosto amargo.

"Ela está bem o suficiente para continuar?", Kommissar Lang perguntou.

O médico negou com a cabeça e respondeu: "Ela já não estava bem para ter começado. Se eu estivesse aqui, não teria permitido que chegasse perto de sua cabeceira".

Kommissar Lang levantou-se e afirmou: "É assunto de polícia".

"O hospital é assunto meu". O médico segurou meu punho. "Insisto para que saia. Aqui, eu mando mais que você".

Kommissar Lang tentou intimidá-lo, olhando-o de cima a baixo, mas o médico nem se mexeu.

Então, ele se abaixou e sussurrou no meu ouvido: "Espero, para o seu próprio bem, que você tenha me contado toda a verdade. Não quero vê-la na cadeia, da mesma forma que você não iria querer".

Depois, recompôs a postura ereta e saiu do quarto.

O médico soltou meu punho. Tinha olhos bondosos e verdes, como uma floresta no verão. "A medicação já começou a fazer efeito. Descanse. Deverá dormir pelos próximos dias para recuperar as forças".

Queria levantar da cama e sair flutuando pela janela, em liberdade. Flutuando? Que tipo de medicação ele teria me dado? Tentei me sentar, mas não consegui. Mesmo sem querer, dormi. Precisava de mais forças para escapar.

Despertei com a luz suave da tarde. Um médico de aparência conhecida segurava meu punho, verificando a pulsação. Usava um paletó de hospital branco, e estava virado de costas, contando meus batimentos cardíacos. Sua cabeça escura se virou para mim.

"Paul", exclamei, tentando me sentar. O quarto girou, e eu me controlei para não vomitar.

"Não deveria sentar-se, na sua situação, Fraulein Vogel". Paul me ajudou a deitar de volta com a cabeça sobre o travesseiro.

"Por que está usando esse paletó?", perguntei, baixinho.

"Há dois detetives lá fora", respondeu, olhando para a porta. "Ninguém tem autorização para entrar e ver você, embora um belo homem esteja tentando o dia todo".

"Um belo homem", sorri. "Você?"

Ele negou com a cabeça, e disse: "Boris. Não posso ficar muito tempo. Tive de usar toda a minha experiência jornalística para conseguir entrar". Seus olhos brilharam. *Experiência jornalística* era o nosso código para "mentir". "Interceptei uma carta endereçada a você que chegou no jornal. Está sob o seu travesseiro, seu passaporte".

"Eles conseguiram", exclamei.

Ele confirmou: "Sarah e Tobias chegaram a Nova York".

E eu tinha meus documentos de volta. Podia ir embora de Berlim, da Alemanha, e Rudolf não teria como me atacar se eu estivesse longe.

"Não sei o que está acontecendo com você", sussurrou. "Não cubro a área policial, por isso não tenho fontes na delegacia. Mas o que sei é que o homem que exigiu a demissão de Peter Weill—"

"Rudolf von Reiche".

O detetive gordo olhou em nossa direção, e Paul se debruçou sobre mim e levantou uma de minhas pálpebras, fingindo examinar meu olho, com uma expressão séria. "Ele desapareceu. Saiu uma matéria sobre isso hoje de manhã. Maria já entrou em contato com

a família dele, para pegar declarações. Parece que ele era esperado em um importante jantar na noite passada, e não apareceu".

Fiquei pensando se Röhm o matara, ou se Rudolf estava se escondendo, esperando até poder me silenciar. Agora, que eu poderia acusá-lo de tentativa de homicídio, ele tinha mais motivos do que nunca para querer me ver morta. No dia em que atirou em mim, ele só escapou porque Röhm tentou proteger Anton, e depois parou para fechar meu ferimento.

"Eu disse a Boris para esperar você na frente do hospital". Paul soltou minha pálpebra e passou a mão pelos meus cabelos, afastando-os da minha testa. Seu gesto era descontraído, mas pude sentir sua mão tremendo. "Que talvez você possa caminhar, logo mais. Ele tem uma Mercedes preta".

Eu não podia ficar no hospital. Rudolf iria subornar alguém para facilitar as coisas para ele, ou me aplicar uma injeção, ou colocar algo na minha comida. A próxima pessoa que viesse verificar meu pulso poderia fazê-lo parar. Pois eu era a única pessoa que poderia relacionar Rudolf ao tiro que levara, além de Röhm.

"Já está parecendo bem melhor", disse Paul, com seu tom de voz natural. "Mais alguns dias de descanso, e estará em forma novamente".

"Obrigada, doutor", agradeci. "Por tudo".

Apertei sua mão. Paul segurou minha mão entre as suas, e eu olhei fundo em seus olhos escuros. Havia tanta coisa para falar. O policial magro olhou para dentro do quarto, e Paul soltou minha mão.

"Até mais tarde, Fraulein Vogel", disse ele.

Balancei a cabeça e observei-o sair.

Alguns minutos depois, chamei uma enfermeira e pedi que me levasse ao banheiro. Lavei o rosto e as mãos, e escutei um barulho de água vindo de fora. Olhei pela janela estreita do banheiro, e vi adiante uma fonte e alguns bancos vazios. Eu estava no primeiro andar. Precisava ir fazer uma caminhada e, lá fora, tentar descobrir uma forma de escapar. Um forte cheiro de desinfetante exalava do chão, e me deixou tonta.

"Gostaria de sair um pouco para caminhar", pedi.

A enfermeira olhou para os detetives. Um era alto e magro; o outro, baixo e gordo, como Laurel e Hardy, de "O Gordo e o Magro". O gordo suspirou e se levantou, dizendo: "Nós vamos com ela".

Será que eles estavam ali para me proteger de Rudolf? Mais parecia que eles estavam ali para impedir que eu fugisse. E a resposta dependia de saber se eles pensavam que eu atirara no tenente Lehmann, ou se ele próprio o fizera.

Eu me senti instantaneamente melhor ao ar livre. O ar estava puro e limpo, e uma brisa suave tocava o meu rosto. Fiquei parada em pé, pensando no que fazer. E, então, vi Boris no canto do gramado que ficava em frente ao hospital, recostado em seu automóvel. Ele estava mesmo lindo, como dissera Paul. Usava um terno azul escuro, com uma gravata cor de vinho; a aparência exata de um banqueiro.

Caminhei em sua direção, com a enfermeira e os policiais a reboque.

Ele notou que nos aproximávamos e se levantou. Deu um passo em nossa direção, mas eu desviei e ele parou. De canto de olho, o vi recostar-se contra o carro novamente.

"Está vendo aquele pássaro", perguntei à enfermeira, apontando para uma enorme fonte próxima à rua. Vi a cabeça de Boris se mover na direção em que eu apontava. Só queria que ele conseguisse entender que eu queria que ele fosse até lá. Não ousei falar com ele com os policiais por perto.

"Não estou vendo, senhora", ela respondeu. "Mas minha visão não é muito boa".

"Na verdade, não estou me sentindo muito forte", disse eu. "Podemos voltar para o quarto?"

Meu robe do hospital ficou ensopado de suor quando me deitei de volta.

Os detetives reassumiram o plantão do lado de fora do meu quarto.

"Vou chamar o seu médico", afirmou a enfermeira. "Não está perecendo muito bem".

"Vou melhorar".

Ela balançou a cabeça. "Trarei seu médico até aqui assim que ele terminar a ronda", disse ela, fechando a porta.

Escapei da cama e corri para o banheiro, carregando uma trouxinha com minha echarpe, meu passaporte, uma nota de cinquenta marcos que Paul havia atenciosamente enfiado dentro dele, e Winnetou. Precisava escapar antes que o médico chegasse. Não tinha ideia de quanto tempo Boris iria esperar, se é que ele ainda estaria lá.

Tranquei a porta do banheiro, joguei a trouxa pela janela e pulei em seguida. Felizmente, meu quarto ficava no primeiro andar. Da forma como tudo parecia girar, eu não conseguiria chegar lá embaixo se tivesse de descer por algum cano.

O vento soprava por baixo do meu robe fino; eu não tinha roupas no meu quarto. Enrolei a echarpe verde em volta dos ombros. Se Boris fosse um pouco menos esperto do que eu esperava que fosse, eu logo seria capturada e mantida sob uma vigilância tão forte, que nunca mais conseguiria escapar novamente. Respirei fundo, estiquei os ombros, e cruzei o gramado como se fosse normal estar passeando pela frente do hospital, sem supervisão.

Boris estava me esperando no local para onde eu apontara, com o carro ligado. Ele se esticou e abriu a porta do passageiro para mim.

Entrei no carro e escorreguei pelo banco da frente, me agachando no chão, agarrada ao urso. O perfume de notas cítricas e cedro que Boris usava encheu o ar; reconfortante como o cheiro do Natal.

"Não foi o que pensei que aconteceria quando a polícia me ligou ontem à noite", disse Boris, acelerando o carro sem olhar para mim.

"Por que ligaram para você?" Minhas costelas doíam a cada respiração e minha cabeça girava.

"Você tinha o meu cartão, lembra?" Ele dirigia com calma e confiança. "Respondi a eles que você era minha cliente no banco".

"Sério?", perguntei, rindo.

"Não é totalmente mentira", disse ele, olhando para mim, no chão.

Sentei no banco do carro e me enrolei com a echarpe .

"Está com frio?"

"Só não quero chamar atenção".

"Com este camisolão tão charmoso?", brincou, e seus lindos lábios sorriram para mim.

Não respondi.

"Estou acobertando sua fuga de uma custódia policial?", perguntou.

"Não acha melhor não saber a resposta, caso precise negar mais tarde?"

"Acho que esta é a minha resposta".

Chegamos a sua casa, uma grande propriedade no bairro de Zehlendorf, localizada na avenida Kronprinzen. Ele estacionou o carro nos fundos da casa e me cobriu com seu paletó do terno. Imaginei se seria para me esquentar, ou para evitar o olhar dos vizinhos.

Boris passou o braço pelos meus ombros e me ajudou a caminhar até a porta.

"Consigo caminhar sozinha", tentei me desvencilhar.

Mas ele não me soltou: "Se pudesse ver o quanto parece estar fraca, pouparia suas energias".

Segui seu conselho, pois era óbvio que ele tinha razão. Subimos um lance de escadas de degraus de mármore até o quarto. Uma colcha azul-claro cobria a cama com dossel em estilo antigo. Tudo no quarto estava em perfeita ordem e brilhava ao sol. Boris era um homem meticuloso, ou um homem com uma governanta meticulosa.

"Está branca como giz", disse, e me ajudou a sentar na cama. "Precisa de alguma coisa?"

Balancei a cabeça, lutando contra ondas de náuseas. Boris saiu, e depois voltou com um copo d'água.

Quando consegui recuperar minha respiração normal, olhei para ele. Parecia preocupado, mas também um pouco interessado.

"Gostaria de me contar agora por que eu infringi a lei?", perguntou, entregando-me o copo d'água.

"Não infringiu lei alguma". Tomei um gole de água fria, e depois mais um. "Foi apenas buscar uma mulher perto do hospital".

"Uma suspeita em um caso de assassinato, acho". Pegou o copo de minhas mãos e o apoiou sobre a mesinha de cabeceira.

"Foi o que a polícia lhe disse?" Olhei dentro de seus olhos com brilho dourado, tentando perceber o que ele sabia.

Ele respondeu que não com a cabeça. "Disseram que você tinha sido encontrada, coberta de sangue, em circunstâncias suspeitas, com um homem morto no andar de baixo. Sugeriram que você havia atirado nele, em legítima defesa, e que ele se arrastou escada abaixo e acabou morrendo ali. Não faço ideia de qual seja a verdade".

Puxei o paletó apertando-o em volta do meu corpo, com frio.

"Tenho que dizer que você está agindo de forma muito suspeita", afirmou. "Por favor, diga que não vou me arrepender da minha decisão".

"Não posso aconselhá-lo sobre se arrepender depois", respondi.

Boris me analisou antes de falar novamente. "Por que teve de sair do hospital?"

"Tive de fugir do hospital; estou correndo perigo". Até mesmo eu podia perceber que parecia uma atriz de filme ruim falando, e então passei a falar mais rápido. "O homem que atirou em mim irá tentar novamente".

Boris levantou as sobrancelhas. "Então ele não está morto?"

Neguei com a cabeça. "Não está morto. E também não fui eu que atirei no homem que morreu, o que deve ser sua próxima pergunta. Ele se matou".

Ficamos em silêncio por alguns segundos, e depois eu perguntei: "Você tem algumas roupas em casa que possa me emprestar?"

Ele saiu do quarto, e, depois de um tempo, voltou e me entregou uma camisola simples de algodão e um robe feminino. "Aqui estão. São de Trudi, mas acho que vão servir. Espero que sirvam". Ele deu aquele sorriso de ator de cinema, com os olhos brilhando. "Não vou querer mesmo deixar você com raiva, se for verdade o que a polícia disse".

Eu o agradei e me tranquei no requintado banheiro. O chão era de mármore e, no canto, havia uma banheira com pés. Um grande espelho moderno com moldura escura ficava pendurado acima da

pia. Eu estava com uma aparência horrível. Minha pele clara estava ainda mais pálida que o normal, e parecia rígida sobre os meus malarres. Olhos estranhamente vagos, escuros demais, olhavam para mim do espelho. Na parte de trás da minha cabeça, podia ver um calombo do tamanho de um ovo de pato, e uma fina casca se formava no meio.

Meus seios estavam esmagados sob uma faixa grossa que segurava um chumaço de gaze contra o lado esquerdo do meu corpo. Eu parecia um garoto. Um garoto sujo e ensanguentado. Sei que estava sendo tola e fútil, mas comecei a chorar.

Para começar, eu tinha perdido um filho que nunca tivera. Meu irmão estava morto. Um lindo homem, que havia me resgatado da custódia policial sem dizer uma palavra, esperava por mim do lado de fora, e eu estava parecendo uma viciada em morfina recém-saída do hospital após uma overdose.

Sentei-me no vaso sanitário e chorei para desabafar meu sofrimento e auto-piedade.

Finalmente, levantei-me e lavei meu cabelo na pia. Fiquei tonta, mas foi bom sentir os cabelos limpos e molhados. O xampu tinha um perfume forte e sofisticado, e provavelmente custava mais do que meu gasto semanal com comida. Depois de me lavar e me trocar, eu me senti bem, como não me sentia desde que levara o tiro.

Quando saí do quarto, senti cheiro de caldo de carne com cebolas. Desci devagar as escadas, segurando firmemente o corrimão de bronze, em um esforço para manter o equilíbrio.

"Parece bem melhor agora", disse Boris, em pé no chão quadriculado de sua pequena cozinha. Ele usava as calças do terno e camisa branca, sob um avental. "Preparei caldo de carne e torrada para você. Não sabia exatamente o que você conseguiria comer".

O caldo estava delicioso, forte e suculento. Forcei-me a tomar tudo, queria que meu estômago aguentasse.

Enquanto eu comia, Boris falou sobre o tempo, seu barco, qualquer coisa, a não ser o que ele realmente queria saber.

"Obrigada", disse eu, afastando a tigela para o lado.

"Onde está Anton?", ele perguntou, afinal.

"Com o pai", respondi. A luz que entrava pela janela da cozinha refletiu-se nos seus cabelos espessos e iluminou seus olhos de brilho dourado.

"E isso é bom?"

"Oh, Boris", suspirei.

Ele me segurou em seus braços e me abraçou enquanto eu lhe contava tudo o que tinha coragem de dizer. Não mencionei o anel, as cartas, ou qualquer coisa sobre Sarah. Ele também quis saber por que eu não procurara a polícia quando vi pela primeira vez a fotografia de Ernst, e também não acreditou nas minhas respostas, mas não me pressionou.

Quando terminei de falar, Boris disse: "Você é uma mulher de muita força".

"Só faço o que precisa ser feito".

"Há força nisso".

Mudei de assunto e comecei a falar sobre Anton. Sobre como eu sentia sua falta, o quanto ele adorava Winnetou, o guerreiro Apache das histórias de Karl May, e o quanto ele queria se tornar um soldado. Quando me acalmei, Boris falou tranquilamente: "Ele não é seu filho, Hannah; é uma pena".

"Eu sei".

"Ele tem um pai para cuidar dele agora. Um homem rico e poderoso", disse ele, lembrando-me de Bettina ao falar.

"Um homem que me deixou sozinha à beira da morte", respondi. "E ele já estava de volta à Alemanha há seis meses e concordou em deixar o próprio filho sob os cuidados de uma mulher que sabia ser uma prostituta, até que se tornou politicamente necessário reconhecer a paternidade do garoto. Ele não o ama. E talvez nem seja o pai dele".

"Talvez não. Mas tem mais chances de ser o pai de Anton do que você, de ser a mãe", falou, segurando a minha mão de um jeito como se eu fosse uma criança pequena, mas que despertou em mim sentimentos nada infantis. "E ele não é de todo mau. Ele enfaixou seu ferimento, e foi embora antes que pudesse ter problemas com a polícia. Talvez ele soubesse que a polícia poderia cuidar de você

melhor do que ele. Espantou o homem que queria matá-la e protegeu o garoto. Isso deve ser levado em conta".

Eu me sentia extenuada. Não da forma como me sentira mais cedo, mas uma fraqueza insuportável.

"Deixe as coisas como estão, Hannah. Esta briga não é sua". Senti sua mão quente na minha. "Fique aqui até que esteja se sentindo melhor, até que Rudolf seja encontrado. E então, siga com a sua vida".

"Que vida?", perguntei. "Eu não tenho emprego, não tenho família, nada, ninguém".

Ele olhou fundo nos meus olhos, e pude perceber que o magoara. "Não é verdade que não tenha ninguém".

A porta se abriu e ouvi a voz de Trudi chamar: "Vati, chegamos".

Boris me soltou de seus braços e se levantou. "Espere aqui".

Eu concordei com a cabeça.

Ele atravessou a cozinha a passos rápidos, e depois eu o escutei falar em voz baixa. Trudi respondeu, mais alto, soando indignada. E depois uma terceira voz se juntou a eles; a governanta, talvez.

Minha cabeça pesou sobre os meus braços, apoiados na mesa da cozinha, e eu adormeci. A porta da rua bateu e me fez acordar, desorientada, e com o coração acelerado. Onde eu estava? Onde estava Anton? Precisava recuperar o anel e as cartas.

Eu me levantei, tropeçando, e, de repente, Boris apareceu ao meu lado, e segurou meu braço, como sempre.

"Acho que precisa dormir em um lugar um pouco mais confortável".

"Onde está Trudi?", perguntei, percebendo onde eu estava.

"Mandei-a para a casa da avó".

Boris me ajudou a subir as escadas. Depois, puxou a colcha para mim e me ajudou a sentar na cama. Não me lembrava de alguém já ter me ajudado a ir para a cama alguma vez na vida, mesmo quando eu era uma criancinha. Ele me deitou entre seus lençóis finos de linho, beijou minhas pálpebras e disse: "Durma, Hannah. Deixe-me cuidar de você, ao menos por algum tempo".

Sentir a pressão de seu corpo, sentado à beira da cama, me ajudou a ficar tranquila até conseguir pegar no sono. Há anos não

dormia tão bem assim.

As sombras das folhas dançavam pelo teto na luz clara da manhã. Continuei deitada, imóvel, tentando me lembrar onde estava e por que me sentia tão feliz. Minha cabeça pesava, e a lateral do meu corpo ainda doía, mas era suportável. Olhei para a ponta da cama, lembrei-me de Boris sentado lá na noite anterior, e passei a mão sobre o local onde ele estivera.

Cuidadosamente, desci da cama e ajeitei as cobertas. Um vestido simples de Trudi estava pendurado em uma cadeira ao lado da cama. A casa estava vazia, mas Boris deixara um bilhete sobre a mesa da cozinha falando para eu me servir à vontade no café da manhã. Um exemplar do *Berliner Tageblatt* estava cuidadosamente dobrado no meio da mesa.

Tomei um café da manhã reforçado e li o jornal inteiro. Rudolf ainda estava desaparecido, e a polícia suspeitava de crime. O jornal não mencionava meu nome. Havia uma reportagem sobre o reencontro de Ernst Röhm com seu filho, cuja mãe estava desaparecida. Então, eles não quiseram admitir que a mãe do filho de Röhm tinha sido uma prostituta? Ou será que a mãe era outra pessoa, e que realmente estava desaparecida? A fotografia que ilustrava a reportagem mostrava Anton e Röhm vestidos com ternos escuros, sorrindo para a câmera. Anton Röhm parecia uma criança que perdera a mãe.

Passei para a página dos obituários. A nota sobre a morte de Josef Lehmann ressaltava sua importância para o partido nazista e mencionava que ele deixara apenas um filho, Wilhelm Lehmann. Não informava a causa da morte. O enterro estava marcado para dali a três dias, e seria um grande cortejo nazista. Imaginei Wilhelm no centro daquele espetáculo, sozinho. Seu pai dera a vida para protegê-lo e cumprir sua obrigação para com o partido. Fiquei me perguntando o que Wilhelm estaria pensando sobre o nazismo agora.

Depois de me trocar, usei o telefone da casa de Boris para chamar um táxi. Sabia que era uma extravagância, mas eu não tinha

forças para procurar um ponto de ônibus ou enfrentar os solavancos de um trem. Agradei Paul em pensamento pelo dinheiro que ele me dera no hospital. Estava frio lá fora, por isso peguei o paletó de Boris no armário do corredor; mais um item dele que eu usaria e que entraria para minha lista de coisas que eu lhe devia.

Entrei no táxi e segui para a casa de Wilhelm, memorizando o endereço que ele escrevera no porta-copos do El Dorado na primeira noite em que o encontrei. Toquei a campainha várias vezes até que ele viesse atender, com o rosto inchado de tanto chorar e olheiras profundas sob os olhos.

"Hannah", exclamou. "O que mais você pode querer de mim?"

"Vim para saber se precisa de ajuda".

Ele abriu a porta para que eu entrasse e disse, com forte cheiro de álcool no hálito: "Então me ajude".

Ele me conduziu por um corredor estreito e escuro. Uma enorme fotografia autografada de Hitler estava pendurada na parede da entrada. "Para meu caro amigo, Josef, por seu serviço ao Reich. Adolf Hitler". Estava posicionada de forma que fosse vista assim que se entrasse no apartamento.

Virei as costas para a imagem e caminhei até a sala de estar. Sentei-me, sem ser convidada, em uma austera cadeira de couro. Wilhelm se jogou como um saco em cima do sofá à minha frente. Observei o ambiente; a mobília modesta, as paredes sem enfeites, era a sala de um soldado, espartana e simples.

"Quero pedir desculpas por não tê-la ajudado", disse Wilhelm, após alguns minutos de silêncio. "Não sabia que você estava lá em cima, sangrando".

Abri a boca para falar, mas ele levantou a mão aberta, pedindo que eu parasse.

"Não sou o tipo de pessoa que deixaria alguém morrer sem ajudar", prosseguiu. "Mas meu pai estava à beira da morte".

Ele inclinou a cabeça, e as lágrimas escorreram, sem controle, por seu colo. Embora eu sentisse vontade de atravessar a sala para consolá-lo, permaneci imóvel, pois ele não receberia bem tal manifestação.

"Eu não sabia", ele soluçava, e limpava o nariz na manga da camisa. "Você estava lá em cima, sangrando, eu teria ido ajudá-la, se eu soubesse".

"Eu sei", disse, acreditando nele. Wilhelm era uma boa pessoa, apesar de tudo. Não sei quanto tempo duraria sua bondade, à medida em que começasse a lutar e a matar com os nazistas.

"Só soube quando a levaram na maca. Estava ensopada de sangue, pálida como a neve. Mas a polícia disse que você iria sobreviver, e então me levaram".

"Levaram você?"

"Perguntaram-me como meu pai tinha morrido, o que estávamos fazendo ali".

"E o que você disse a eles?"

"Contei que estávamos acompanhando Röhm em uma reunião, mas que eu não sabia de mais nada. Eu não sabia de quase nada".

"O que contou sobre o seu pai?"

Wilhelm ficou olhando para as próprias mãos, cruzadas, enquanto eu escutava o tique-taque de um relógio.

"Disse que ele atirou no próprio peito, quando eu estava a apenas alguns passos de distância".

"Oh, Wilhelm".

Ele me interrompeu: "Que eu segurei sua cabeça, mas ele morreu sem dizer uma palavra".

Atravessei a sala e me sentei ao seu lado. Tentei segurar sua mão, mas ele me evitou.

"Ele me amava", lamentou Wilhelm, com um sussurro, quebrando o silêncio da sala.

"Sim", respondi, suavemente.

"Ernst. Meu pai. Os dois me amavam".

"Sim, eles o amavam".

Wilhelm sentou-se com as costas retas, como se minha presença o fizesse lembrar de que precisava ser forte. "Os dois fizeram o que achavam certo".

"Sim".

"E os dois estão mortos por causa disso. Por minha causa".

"Você não fez o seu pai tirar a vida de Ernst, nem a dele próprio", disse eu, mais duramente do que pretendia.

"Röhm", ele cuspiu o nome. "Röhm o fez tirar sua vida".

"Sim, mas—"

"Você vai defendê-lo?", Wilhelm se virou para mim com os olhos vermelhos de raiva, e eu tive medo do que ele poderia fazer comigo.

"Ele me deixou sozinha naquele quarto para morrer", disse, finalmente. "Ele não é meu amigo".

"E ele levou Anton", completou. "Saíram antes que a polícia chegasse".

"Ele é o pai de Anton". Levantei-me e voltei para a minha cadeira, pois a distância parecia ser a melhor estratégia. "Está no jornal de hoje".

"Eu não li", disse, passando os dedos pelos cabelos amarelados.

"Anton será criado para ser um guerreiro, como ele sempre quis". Respirei fundo. "Como seu pai criou você".

"E como o seu pai criou Ernst".

Wilhelm saiu da sala cambaleando, e eu percebi que ele estava muito bêbado. Eu devia tomar muito cuidado para não o enfiar. Em seguida, voltou segurando um pequeno objeto. Era o terceiro soldadinho de chumbo que Ernst resgatara, anos atrás.

"Ernst me deu isto... naquela última noite". Ele abriu a mão para me mostrar.

"Ele amava você", respondi, embora sentisse que não era o suficiente, mas foi tudo o que consegui falar.

"Ele me disse que o soldadinho iria me libertar do meu pai, da mesma forma como o fizera sentir livre para não se importar com o que o seu pai pensava dele". Ele ficou passando o soldadinho de uma mão para a outra. "Depois do enterro do meu pai, Röhm e Anton vão embora para Munique. Röhm tem um homem lá para cuidar dele. E, assim que possível, irá mandar Anton para uma escola interna. Eu quis saber. Mesmo com o meu pai morto, preocupei-me em saber".

"Uma escola interna parece ser o melhor para ele", concluí, pensando na vida que Röhm levava; quanto menos Anton presenciasse, melhor.

Como se pudesse ler meus pensamentos, Wilhelm disse: "Röhm vai fazer uma festa de aniversário para Anton amanhã. No El Dorado, ao meio-dia, antes de abrirem a casa ao público".

"Ele vai fazer seis anos", exclamei, sentindo meu coração se revirar no meu peito.

"Fui convidado", disse ele, arrancando as próprias cutículas até sangrarem.

"Você vai?", perguntei, esperançosa.

Wilhelm respondeu que não com a cabeça e largou a mão sangrando. "Não quero ver aquele homem novamente".

"Ele não vai ao enterro do seu pai?"

"Sim", suspirou.

"Leve-me com você", pedi, sem conseguir disfarçar o desespero em minha voz.

"À festa?", perguntou, surpreso.

"Sim".

"Mulheres não entram. Röhm é muito rígido nesses assuntos", respondeu, voltando a arrancar as cutículas.

"Mulheres não entram?"

"É o que diz o convite; homens apenas. As festas da tropa de assalto costumam ser assim. Querem manter o efeito enfraquecedor, aliás, civilizador, das mulheres bem longe deles".

"Quero ter certeza de que Anton está bem. Quero dizer a ele que estou viva".

Wilhelm me lançou um olhar avaliador e balançou a cabeça. "Terá de se passar por homem. Passe aqui às dez da manhã, que eu arrumo você".

Fiz um chá e preparei algo para ele comer de café da manhã, antes de chamar outro táxi e partir. Quando cheguei ao meu apartamento, insisti para que déssemos duas voltas no quarteirão, tentando verificar se Rudolf ou algum policial não estariam por perto. Pedi ao motorista que esperasse por mim, e subi as escadas me escondendo. Encostei-me na porta, tremendo, por um minuto, até ter coragem de entrar. Rudolf poderia estar lá dentro. Enfim, cansei-me de ficar parada no corredor como uma criança com medo do escuro, e abri a porta de uma vez.

Meu apartamento, tão especial para mim, ainda estava uma bagunça, totalmente revirado. Peguei minha única mala e arrumei com minhas roupas, as poucas peças de Anton, e as fotografias pequenas de família. Felizmente, a polícia havia retirado o corpo de Mitzi. Será que tinha sido Kommissar Lang? Ele era mais do que meus olhos enxergavam.

De volta ao táxi, pedi ao motorista que me levasse até o apartamento de Ernst, e notei que minha voz saiu trêmula. Desta vez, não ousei esperar na porta, pois a dose extra de coragem para entrar poderia não chegar nunca. Entrei na cozinha a passos fortes e retirei o anel do esconderijo, no fogão, usando uma pinça. Nossas xícaras de chá permaneciam na mesa, pela metade.

Forcei-me a entrar no quarto, sentindo a cabeça rodar. O colchão estava cheio de sangue. Meu sangue. Eu quase morrera ali. Meus joelhos tombaram, um calafrio tomou conta do meu corpo, e lutei contra um impulso quase incontrolável de fugir dali.

Com as mãos tremendo, alcancei o buraco no colchão, atravessando a mancha do meu sangue seco, e retirei as cartas que eu havia escondido lá dentro. O sangue manchava levemente a embalagem de papel marrom, mas não atingira as cartas.

Observei o apartamento de Ernst pela última vez, passando os dedos por seus lindos vestidos. Aquele tinha sido o lugar onde Anton me vira pela última vez; esperava que Röhm tivesse contado a ele que eu estava viva. De volta à cozinha, recolhi as xícaras e passei um pano sobre a mesa de mamãe. Depois, descí aos tropeços, e aos prantos, até o táxi, segurando firme o anel e as cartas em minhas mãos.

Depois, o motorista me levou até a loja de Herr Klein, e bati à porta.

"Hannah", exclamou ele, puxando a mim e a minha mala para dentro, para fechar a porta. "Paul me disse que você estava no hospital, vigiada por policiais".

"Fugi, pois não confio na proteção da polícia", expliquei. "Tem um homem poderoso atrás de mim".

"Por causa do anel?"

"Por estranho que pareça, não", respondi. "Mas é por causa do anel que estou aqui. Gostaria que você o cortasse em dois pedaços. E depois coloque-os em dois botões pintados de preto. Rápido".

Ele me olhou por cima dos óculos. "Está me pedindo para passar a faca na Mona Lisa".

"Sim".

Pegou o anel das minhas mãos com um suspiro. "Tempos desesperadores, esses".

"Quero vender-lhe todas as outras peças. Preciso de dólares americanos. Ou ouro".

Ele concordou com a cabeça. "Tenho um recibo. Vou trazer para você junto com o dinheiro".

Ele desapareceu pela sala dos fundos, levando o rubi. Eu me debrucei sobre a mesa. Um sentimento de total exaustão tomou conta dos meus ossos e da minha cabeça, que doía, mas pelo menos o anel agora estava em segurança dentro do cofre de Herr Klein.

Ele voltou trazendo uma xícara de chá bem forte. Depois que tomei alguns goles, ele contou as notas e me entregou, em troca das jóias.

"Obrigada", disse eu. "Mas tem mais".

"Sempre tem, não é mesmo?"

Entreguei a ele o pacote com as cartas. "Pode ficar com isto para mim por uma semana?"

"E depois?"

"Se não tiver notícias minhas, entregue a Paul".

"E por que você já não entrega a Paul?"

Hesitei antes de falar a verdade. "Não confio que ele não irá abrir o pacote. É perigoso, até mais que o anel. Cuide bem dele".

Ele balançou a cabeça e pegou o pacote. "Em que foi que você esbarrou?"

"Em algo de que agora preciso escapar".

Exausta, voltei ao apartamento de Sarah e recuperei a carta extra, da qual Herr Silbert fizera uma cópia falsificada. Ainda tinha esperanças de ter forças para fazer mais duas paradas: a loja de passagens e o presídio de Tegel. Precisava tomar todos os cuidados

possíveis para conseguir sobreviver por mais um dia; e, mesmo assim, não parecia provável que fosse conseguir. No entanto, minha presença de espírito era tudo o que me restava. E um guerreiro deve manter sua presença de espírito e suas flechas bem afiadas. Olhei para o papel especial que tinha comprado, sabendo que meu futuro dependia dele.

Amanhã, eu iria entrar de penetra na festa de Röhm e mostrar para Anton que eu estava viva. O que viria depois, eu não sei, mas estava disposta a fazer o que fosse preciso.

Abri o portão de ferro da casa de Boris e fui até a porta da frente. Se ele não estivesse em casa, eu me sentaria nos degraus da entrada até que os vizinhos notassem minha presença e chamassem a polícia para me prender. Bati à porta.

"Fraulein?", atendeu uma mulher magra, com nariz fino, secando as mãos em um avental branco impecável. Parecia o avental que Boris usara na véspera.

"Hannah", respondi, sem mencionar meu sobrenome. "Vim me encontrar com Herr Krause".

"Eu sei", disse ela, com uma expressão severa no rosto, de olhos cinza bem apertados. "Ele deixou recado dizendo que viria. Sou a a governanta, Frau Inge".

Ela me fez entrar e me levou para a sala de estar. Insistiu em levar minha mala para o andar de cima e em me servir uma xícara de café e um pedaço de bolo de maçã.

"Herr Krause também me pediu que lhe comprasse um jornal vespertino", falou, me olhando de cima a baixo. De repente, percebeu que eu estava usando um dos paletós de Boris, e não se mostrou nada satisfeita.

Agradei e aceitei o jornal, que li, enquanto saboreava o café excelente e o bolo delicioso. Um fotografia formal de um jovem Rudolf von Reiche cobria um quarto da primeira página. Ele já tinha sido bonito, com seu elegante rosto alongado e a testa alta. Seus olhos escuros pareciam inteligentes e vibrantes.

Desviei minha atenção da fotografia e li a matéria de Peter Weill, percebendo, com satisfação, que Maria não havia capturado meu estilo. Mas, enquanto lia, ponderei o que havia acontecido com Rudolf. Ele havia sido brutalmente espancado, talvez até chicoteado, e jogado no rio Spree, ainda com vida. Ao contrário de Ernst, ele estava vivo o suficiente para se afogar ali. Era a justiça de Röhm.

Rudolf tinha sido açoitado por alguém, assim como Docinho de Coco tinha sido por seus clientes, e então jogado na água, assim como acontecera a Ernst. Observei que ele não levava nenhum tiro como eu levava.

Senti uma piedade inesperada. Eu jamais gostara dele; aquele homem tinha tentado me matar, e o teria conseguido, não fosse a intervenção de Röhm, mas ainda assim ele era um ser humano. E Ernst o amara, embora eu jamais tivesse entendido o porquê.

Sentei-me no sofá de couro suntuoso e li até a hora do jantar, quando ouvi o barulho de chave na porta da frente. Senti uma pontada de dor descer pela lateral do meu corpo quando me levantei de repente e caminhei para o corredor de entrada.

Boris estava parado próximo à porta, retirando suas luvas, quando notou minha presença e seus olhos se iluminaram. "Hannah", disse ele. "Estou contente em vê-la aqui".

"E eu estou agradecida por estar aqui".

Frau Inge apareceu da porta da cozinha e falou: "Deixe-me ajudá-lo".

Ele lhe entregou o chapéu e as luvas. "Só vamos precisar de dois lugares na mesa de jantar, Frau Inge", avisou ele. "Trudi vai ficar na casa da avó por uns dias".

Frau Inge desapareceu, batendo os pratos uns nos outros quando os colocou de volta no louceiro.

"Sua louça não vai durar muito, com minha permanência aqui", disse eu, olhando para a parede que separava o corredor da cozinha.

"Posso comprar mais". Ele caminhou em minha direção e me abraçou. Era a primeira vez, em muitos anos, que me senti bem sendo abraçada por um homem, e relaxei em seus braços. Ele cheirava a limões, cedro e, inesperadamente, charuto.

"Você fuma charutos?", perguntei.

Ele riu e respondeu: "Um dos meus funcionários fuma charuto, minha pequena detetive".

Dei um passo atrás e olhei para ele, que fitou meus olhos por alguns segundos. Sua voz ficou grossa ao dizer: "Não sabia se a

veria novamente. Senti que talvez você pudesse sumir. Como um fio de fumaça".

"Até a fumaça deixa um rastro". Virei meu rosto, sem conseguir olhá-lo nos olhos. Tinha medo de sentir qualquer coisa por ele, medo de que ele estivesse certo e que um de nós pudesse sumir.

Ele segurou meu queixo e virou meu rosto em sua direção, tentando olhar nos meus olhos novamente. "Não é tão garantido assim".

"O jantar está pronto", avisou Frau Inge, da porta, em um tom de voz gelado.

Boris se afastou e me pegou pela mão, conduzindo-me para uma sala de jantar formal. A mesa em mogno bem encerado brilhava como vidro. Feita para grandes encontros cerimoniais, era comprida demais para os dois pratos antigos postos sobre ela.

Frau Inge acendeu as velas com um movimento preciso.

"Eu mesmo tiro a mesa depois, Frau Inge", disse Boris. "Pode sair mais cedo".

"Obrigada, Herr Krause. Boa noite". E me cumprimentou com a cabeça. "Frau Hannah".

Boris e eu comemos o delicioso *sauerbraten*^[6] com repolhos roxos e bolinhos de massa de batata. Frau Inge bateu a porta enquanto estávamos na metade da refeição.

"Frau Inge não está acostumada a ver mulheres em casa?", perguntei.

Boris sorriu e respondeu: "Não dei a ela muita oportunidade para isso. Até agora".

"Sempre o sério banqueiro".

"E o pai ocupado. Tenho me mantido ocupado com Trudi e com o trabalho há muitos anos", explicou, com o olhar distante e amargurado. "Ocupado demais".

"Sei como é".

"Imagino que saiba, Hannah". Ele tomou um gole do vinho e falou, com os lábios umedecidos: "O que pretende fazer depois?"

"Não sei". Cortei um bolinho de batata e acrescentei: "Li hoje que Rudolf está morto".

"Isto faz com que se sinta segura?", perguntou, com o olhar severo.

"Faz com que você se sinta seguro?", devolvi a pergunta, sorrindo. "Ou acha que eu escapei a noite passada e o assassinei?"

"Vou arriscar", respondeu. "Afinal de contas, sou um homem corajoso".

Saboreei mais um pedaço do *sauerbraten*; Frau Inge cozinhava divinamente, bem melhor do que eu. "Acho que Röhm não tem nada contra mim. Em breve, estarei fora do seu caminho".

"Não precisa ir embora". Boris estendeu sua mão sobre a mesa e segurou a minha. Observei seus lábios dizerem aquelas palavras. "Mesmo quando estiver bem".

"Poderia ficar aqui neste castelo, com alguém para me servir, comendo refeições maravilhosas para sempre?", ri, achando a ideia absurda.

"Sim", respondeu, parecendo ofendido, e puxou sua mão de volta. "Quem sabe?"

"Boris", disse eu, esticando meu braço sobre a mesa encerada para segurar o dele. Senti seus músculos rígidos sob o linho fino. "Eu não sei".

"Ninguém sabe nada, Hannah", respondeu, soando aborrecido.

Fiquei olhando para o meu prato.

"Conte-me mais sobre o seu dia", disse ele, retomando o seu tom de voz normal. "Foi até o seu apartamento?"

Respondi que sim com a cabeça. "A polícia removeu o corpo de Mitzi". Respirei fundo. "Todo o resto continua estraçalhado e imundo, mas consegui resgatar algumas fotografias e roupas. E também fui visitar Wilhelm".

"O rapaz cujo pai matou o seu irmão?"

"Sim".

"E?", perguntou, afastando seu prato e tomando um longo gole de vinho.

"Ele está sofrendo pelo pai e pelo meu irmão".

"Ele tem mais alguém na família?"

"Não que eu tenha visto".

Também afastei meu prato, e bebemos em silêncio o vinho caro. Afinal, o dinheiro podia comprar muitas coisas; paz, uma casa maravilhosa e ótima comida.

Quando terminamos o vinho, retiramos a mesa juntos, e tudo parecia perfeito. Sem contar com Ernst, o último homem que eu ajudara a arrumar a cozinha tinha sido Walter, mais de uma década atrás. Esta era a vida que eu poderia ter tido se Walter não tivesse morrido, mas sem uma governanta, e em uma casa bem menor.

Comecei a lavar um prato, mas Boris segurou na beirada e falou: "Frau Inge ficará mortificada se lavarmos a louça. Ela pegaria os pratos de volta e os lavaria novamente".

"Você não pode estar falando sério", ri.

Ele ficou em pé ao meu lado, segurando no outro lado do prato, e eu me virei para olhá-lo. "Ela já fez isso antes".

Antes que eu pudesse responder, ele se inclinou e me beijou. O prato caiu e se quebrou sobre o piso de ladrilho quadriculado da cozinha. Tentei me afastar para catar os cacos, mas ele não deixou. E eu não queria mesmo me afastar.

Como tudo o mais nele, seu beijo era profundo, intenso e sensual.

Quando ele parou de me beijar, me agarrei nele, tonta. Senti meus lábios arderem e meu coração acelerar.

"Desculpe-me pelo prato", sussurrei.

"Como disse, eu posso comprar mais louças", respondeu, com a voz rouca.

Ele me pegou no colo e me levou para o seu quarto, tomando cuidado com as minhas costelas. Nem Walter tinha me carregado no colo antes. Eu me senti como uma princesa adolescente em um conto de fadas, e não uma repórter de 32 anos, que havia levado um tiro.

O quarto dele era impecável, como tudo. Boris me colocou na cama sobre a colcha, olhando para mim com seus olhos escuros. Ele respirou fundo quando passei os dedos por seus cabelos espessos e lindos. Deixei minha mão descer até sua camisa de linho macio, e senti seu coração bater.

Deitei-o sobre a cama, deixando entre nós apenas o espaço suficiente para desabotoar sua camisa. Afastei a camisa de suas costas e senti o cheiro de roupa passada e a maciez quente de sua pele. Ele gemeu, levantou-me cuidadosamente e desabotoou as costas do meu vestido, tirando-o do meu corpo com um único e rápido movimento.

E então senti sua pele nua contra o meu corpo pela primeira vez. Quis cortar a faixa que envolvia meu ferimento, para que não houvesse nada separando nossos corpos, mas logo esqueci completamente que houvesse qualquer coisa entre nós.

Boris era um amante maravilhoso; carinhoso, tomou cuidado com os ferimentos na lateral do meu corpo e na minha cabeça. Não me machucou nem por um momento. Nesse assunto, assim como no vinho, mostrou ser um *connoisseur*, sem se apressar. Se todos os homens fossem como ele, poderia entender por que Ernst tivera tantos.

Depois, fiquei deitada, envolvida por seus braços, satisfeita pela primeira vez em muitos anos.

Pude sentir sua respiração calma e pausada ao meu lado; fechei os olhos e fingi que poderia continuar assim para sempre. Que excitante seria ceder e deixar acontecer. Eu poderia viver no castelo, com o rei. Como se pudesse ler meus pensamentos, Boris me puxou para perto dele. Frau Inge poderia cozinhar e cuidar da casa; eu poderia procurar um outro emprego, sem ter que me preocupar com a remuneração. Alimentação não seria um problema. E eu teria alguém em quem confiar, e muito mais. Suspirei e cheguei mais perto dele. Havia muito em jogo no dia de amanhã.

"Eu nunca tinha feito amor com uma mulher sem seios antes", brincou Boris, passando a mão sobre a faixa que cobria o meu peito.

"Eles estão aí, só que enterrados".

"Como muito mais que existe em você".

Não falei nada.

"O que vai fazer amanhã?", perguntou. "Estará aqui novamente quando eu voltar do trabalho?"

"Wilhelm disse que haverá uma festa de aniversário para Anton amanhã, ao meio-dia. No El Dorado".

"No bar?", perguntou, passando os dedos pelos meus cabelos.

"O bar estará fechado". Inclinei-me contra sua mão como um gato sendo acariciado.

"E?"

"E eu pretendo ir".

Ele passou os dois braços em volta de mim e quis saber: "O que vai fazer lá?"

"Dizer a Anton que estou viva", tremi. "Na última vez em que ele me viu, eu estava deitada sobre uma poça de sangue".

Boris apertou os braços e disse: "Ele merece vê-la viva".

Fiquei deitada ao seu lado, aproveitando o calor macio do seu corpo e da sua cama. Estava quase cochilando, quando ele voltou a falar.

"E depois da festa?"

"Banqueiros precisam saber de tudo, não é mesmo?"

"Apenas das coisas importantes".

Apoiei-me sobre o cotovelo direito e me encolhi; queria ver seu rosto. Ele parecia sonolento e relaxado, mas seus olhos estavam atentos.

"Posso precisar sair de lá correndo".

"Eu posso tirar a tarde de folga e ir esperar por você. Como Anton disse, meu automóvel é mais veloz que o vento".

"Boris", falei, afastando seus cabelos espessos de sua testa. "Não vai querer se envolver nisto".

"Como pode saber o que eu quero ou não?" Ele se inclinou e me beijou mais uma vez, devagar e longamente.

Depois de um bom tempo, eu falei novamente. "Você queria isso?"

Ele sorriu. "Acho que vou querer isso sempre".

Senti o sangue subir até minhas orelhas, mas ainda queria alertá-lo dos perigos. "Você não é um infrator, Boris".

Ele se sentou e perguntou: "Você pretende pegar o garoto?"

"Talvez".

"Sequestrar o filho de um alto integrante do partido nazista?"

Sentei-me ao seu lado e puxei a colcha até o meu peito. "Pode ser".

O olhar de Boris me dizia o quanto meus pensamentos e meus planos eram insanos. Fiquei deitada ao seu lado sem dizer mais nada. O que quer que acontecesse depois, ainda tínhamos aquela noite.

Na manhã seguinte, o outro lado da cama estava vazio e frio quando acordei. Tinha sido a noite mais maravilhosa que eu lembrava ter tido em toda a minha vida, fiquei recordando cada instante dela na minha mente enquanto me trocava, usando um dos vestidos que trouxera na mala. Arrumei de volta minhas coisas, incluindo minha echarpe verde e o urso Winnetou.

Frau Inge estava lá embaixo quando desci com a minha mala.

"Olá", disse ela. "Herr Krause deixou ordens para que eu lhe preparasse o café da manhã".

A forma como ele mencionou as ordens não deixou dúvidas do que pensava sobre elas.

Tomei um rápido café da manhã e chamei um táxi. O anel de um milhão de dólares estava me transformando em uma esbanjadora.

Frau Inge me ajudou a levar a mala. "Partindo tão cedo?"

"Nunca se sabe, Frau Inge", respondi, contendo um sorriso. "Pode ser que eu esteja de volta antes do que imagina".

Tomei o táxi até a loja de Herr Klein e apanhei os botões que ele preparara com o rubi. Tomei emprestadas agulha e linha para costurá-los nos olhos de Winnetou. Herr Klein balançou a cabeça, mostrando-se nada convencido de que aquela fosse uma maneira segura de transportar as jóias.

Quando cheguei à casa de Wilhelm, vi que ele estava pálido e abatido, mas parecia melhor do que na véspera.

"Você está com um brilho hoje", exclamou. "É por causa de um homem", adivinhou, com um sorriso malicioso.

"Este é o único motivo que pode fazer uma mulher parecer feliz?"

"É o único motivo pelo qual eu poderia parecer tão feliz", respondeu. "Mas guarde os seus segredos; temos trabalho a fazer".

Ele me levou ao seu banheiro e me fez sentar sobre o vaso sanitário. "Vou precisar cortar seus cabelos, mas acho que podemos usar um pouco deles para fazer um bigode".

"Faça o que for preciso". Fiquei pensando em como Boris reagiria ao me ver com um corte de cabelo masculino. Já tinha sido demais me ver com os seios achatados por aquela faixa.

Enquanto cortava meus cabelos, Wilhelm reclamava das minhas sobrancelhas ralas. "Um pouco de rímel irá ajudar", disse ele. "Mas são tão delicadas".

"Eu não faço as sobrancelhas", expliquei.

"O que não é nada feminino". Ele passou a mão pelos meus cabelos, demonstrando prática, e os aparou. Mechas de cabelos caíram pelos meus ombros e pelo chão. Tentei não pensar no assunto.

"O cabelo está pronto". Ele saiu do banheiro. "Não se mexa, e, principalmente, não olhe no espelho".

Não queria me enxergar como um homem, por isso segui seu conselho. Aquilo me fazia lembrar das ocasiões em que Ernst insistia em me ajudar com a maquiagem, antes de eu sair para algum encontro, depois da morte de Walter. Meus muitos primeiros encontros, embora tivesse havido poucos segundos encontros.

Wilhelm voltou com um pequeno pote azul. "Cola para o corpo", anunciou. Ele mergulhou a mão no líquido e depois passou logo acima do meu lábio superior. Cheirava a látex. Em seguida, pegou um chumaço do meu cabelo e aplicou no local, fio por fio, grudando-os na cola. Ao final, aparou os fios delicadamente.

"Agora, o espelho!"

Vi Ernst me olhando do espelho, com um corte de cabelo mais masculino e um bigode. Eu era mais baixa e tinha os traços mais delicados, mas poderia me passar facilmente por um rapaz de vinte e poucos anos, a não ser pelo vestido. Quando meus olhos encontraram os de Wilhelm no espelho, os dele também se encheram de lágrimas.

"Você se parece tanto com ele", exclamou. Wilhelm alisou meus cabelos. "Eu não tinha percebido isso, até agora".

Eu forcei um sorriso. "Eu também não. Você produziu um milagre, Wilhelm".

Ele tossiu, e nós nos abraçamos.

"Eu ajudava nas produções escolares", disse ele. "E Ernst me ensinou muito sobre maquiagem, embora na maioria das vezes ele fizesse a transformação de menino para menina, não o contrário".

Fiquei olhando para a minha imagem, sem acreditar. Eu era um homem. Estiquei os ombros e fiz caretas na frente do espelho.

Wilhelm pegou uma meia preta.

Eu levantei as sobrancelhas.

"Seu equipamento, *monsieur*". E então recheou a meia com outras meias e me ajudou a prendê-la sobre minha roupa de baixo, passando pela minha coxa direita.

"Estou me sentindo muito bem dotada". Olhei para a meia. "E essa meia parece feliz".

"Tamanho não é tudo, seu garoto malvadinho".

Depois, ele me ajudou a apertar ainda mais a faixa em volta dos meus seios. Doeu, no local do ferimento, e torci para que não sangrasse.

E então Wilhelm me ajudou a vestir uma camiseta fina e um uniforme nazista grande demais para mim. Nem a minha própria mãe me reconheceria. Era desconcertante, mas também libertador.

Enfiei a carta falsificada no bolso do peito, e seguimos em silêncio até a festa.

Estacionamos atrás de uma figura familiar que estava em uma Mercedes preta observando a porta do El Dorado: Boris! Meu coração pulou, e meus olhos se encheram de lágrimas enquanto eu atravessava a rua correndo, em direção à boate.

"Helmut", exclamou Wilhelm. "Não chore como uma mulher".

"Jawohl", exclamei, segurando a porta para que ele entrasse.

Entreguei minha mala para o rapaz da chapelaria, que não me reconheceu da noite em que eu estivera lá. "Obrigado, Fraulein", disse eu, com uma voz grossa.

"Não tem de quê". O rapaz piscou os olhos, batendo os cílios em minha direção.

"Tente não falar nada", sussurrou Wilhelm de lado, quando atravessamos as cortinas vermelhas para entrar na boate.

A sala estava cheia de uniformes pretos e marrons da Sturm Abteilung, da Schutz Staffel, e de nazistas comuns. Eu nunca havia estado em lugar com tantos homens antes. A única mulher servindo as bebidas era provavelmente um travesti.

Wilhelm me pastoreou até o bar e pediu dois uísques. Oliver arregalou os olhos ao me ver, mas não falou nada. Será que tinha me reconhecido? Virei de costas para ele.

"Todos esses homens aqui sentem atração por outros homens?", perguntei a Wilhelm, sussurrando.

"Quem dera", ele riu. "Muitos dos homens do SA, sim, especialmente aqueles mais próximos a Röhm. A maioria da SS, não. Quanto aos nazistas comuns, nunca se sabe".

Tomei um gole de uísque, como um homem, e olhei ao redor à procura de Anton. Ele estava sentado a uma pequena mesa redonda, ao lado de Ernst Röhm. Segurava um balão branco do El Dorado e parecia completamente perdido. Quis pegá-lo nos braços e levá-lo dali. Ele tinha uma postura de militar, demonstrando ter sido treinado para se portar como o filho de um deles, mas seus olhos estavam distantes. Não vi nenhuma outra criança por perto.

"Não se parece muito com uma festa de criança", cochichei.

"Vou tirar Röhm para dançar", disse Wilhelm. "Daí você pode conversar com Anton".

Wilhelm atravessou a sala em direção a Röhm, com a cabeça erguida e sem demonstrar qualquer expressão no rosto, como se usasse uma máscara.

Assim que os vi na pista de dança, corri para o lado de Anton. Ele parecia tão pálido quanto no dia em que o conheci, tão distante quanto o garotinho que se escondera no meu guarda-roupa, com a porta fechada, pronto para esperar, quietinho, até que o dia de trabalho de sua mãe terminasse.

Toquei seu ombro.

"Olá, senhor", disse ele, educadamente. Ele me olhou, e percebi que não me reconheceu.

"Saudações indígenas, Anton", sussurrei. "É Hannah".

Ele ficou espantado e exclamou: "Você está morta?"

"Viva, porém camuflada", respondi. "Tive de me disfarçar para entrar neste acampamento e ver você".

Ele me abraçou o mais apertado que o seu corpinho conseguiu. Apertei os dentes para suportar a dor que sentia na lateral do meu corpo e o abracei de volta.

"Estava torcendo para que estivesse viva", disse ele. "Winnetou salvou você".

"Salvou, mesmo", respondi. Observei seus braços magrinhos em volta de mim e disse: "Anton, não tenho muito tempo. Você está bem?"

"Meu pai bateu em mim quando lhe disse que eu era um índio", contou-me, com os lábios tremendo e parecendo inchados. Será que Röhm lhe batera no rosto? "Ele disse que os índios são sujos".

"Você quer ficar com ele?" Virei-me e observei Röhm por cima dos ombros. Ele não havia notado que estávamos conversando. "Sei que não deveria perguntar desse jeito, mas não tenho tempo, nem escolha. Então, pense rápido".

Ele balançou a cabeça imediatamente. "Quero ir com você".

"Ainda não sei aonde vamos. E pode ser perigoso".

"Um guerreiro confia no seu chefe". Ele agarrou a minha mão. "E você não é só meu chefe; é também a minha mãe".

Abri a boca para corrigí-lo, como tentara fazer tantas outras vezes, mas, em vez disso, falei: "Sou sua mãe, no sentido mais importante da palavra".

Do outro lado da sala, Röhm se virou em nossa direção e acenou chamando Anton.

"Agora, vá até o seu pai".

"Não", respondeu, apertando ainda mais a minha mão.

"Ouça bem, é uma ordem", expliquei. "Vá até o seu pai agora. E, quando ele não estiver observando, saia pela porta da frente, mas ande devagar, para não chamar a atenção de ninguém".

"Não irei espantar a caça". Ele soltou a minha mão e cruzou as suas sobre o colo.

"Lembra-se do automóvel de Herr Krause?"

Ele respondeu que sim com a cabeça.

"Está parado do outro lado da rua, e Herr Krause está sentado no banco da frente. Entre por trás e deite-se no chão. Eu irei encontrá-los".

Ele concordou.

"Agora, vá até o seu pai".

Wilhelm veio apressado falar comigo, enquanto Röhm levantou Anton e o apresentou a um grupo de integrantes da SS de uniformes pretos.

"Já garantiu a ele que está bem, agora vá. Não é seguro ficar mais". Wilhelm tirou do bolso um lenço de seda vermelho e secou o suor da testa.

"Não vou sem Anton".

Wilhelm empalideceu e enfiou o lenço de volta no bolso. "Röhm irá atrás de você se levar o garoto".

"Anton quer ir".

"Não estará segura em lugar nenhum na Alemanha inteira".

"Anton quer ir", repeti.

Wilhelm arregalou os olhos e eu me virei. Lá vinha Ernst Röhm, caminhando em nossa direção. "Não me apresentou a este franguinho, Wilhelm", disse ele, radiante. "Uma falha imperdoável".

"Capitão Röhm, deixe-me apresentá-lo Helmut Fischer".

"Como vai?", cumprimentei-o, mantendo a voz baixa e rouca.

"Melhor agora". Röhm segurou minha mão e me levou à pista de dança. "Sabe dançar valsa, franguinho?"

Levantei as mãos na posição.

"Que bom que sabe a parte das garotas", disse ele. "Muitos homens aprendem apenas a parte dos garotos, e não dá para os dois dançarem assim".

"Sei dançar de muitos jeitos".

Röhm me puxou para perto de si, abruptamente. "Tenho certeza que sabe".

Segui a linha de sua cicatriz com o olhar, fazendo um esforço para não me fixar em seu nariz mal remendado. Ele tinha o cheiro das cartas que enviara a Ernst. Tentei imaginá-lo despejando colônia naquelas páginas. Será que Ernst de fato amara aquele homem?

Como se pudesse ler meus pensamentos, ele falou: "Você se parece muito com alguém que conheci. Alguém que significou muito para mim".

"Devo me passar por ele?", perguntei. E vi, por trás da cabeça dele, Anton passar marchando em direção à porta, sem olhar para os lados.

Röhm se curvou e me beijou. Foi um beijo confiante e insensível, e seus braços me apertaram como barras de ferro. Senti meu ferimento doer e meus joelhos tremerem. Depois disso, Anton desapareceu do meu campo de visão.

Reagi com um arrepio mas Röhm sorriu. "Você é rápido, hein, franguinho".

Ele pressionou os quadris contra mim, e eu virei minha perna para que ele sentisse a meia, que Wilhelm felizmente havia recheado muito bem.

"Depois desta dança", disse ele. "A sala escura". E acenou com a cabeça em direção aos fundos do salão.

"Como quiser", respondi, apesar de me sentir enauseada. Precisava me livrar dele, e logo.

Valsamos pelo salão, Röhm olhando hipnoticamente dentro dos meus olhos. Era um excelente dançarino. Forte, dono da situação. Um líder natural.

Depois de uma eternidade, a música chegou ao fim. Röhm agarrou minha mão e foi me levando à sala escura. Eu sabia o que poderia acontecer lá dentro se ele descobrisse quem eu era. E também o que aconteceria se ele não descobrisse.

Oliver apareceu, por trás do ombro de Röhm. "Tem uma chamada para o senhor, capitão", avisou. "Acredito que seja do escritório do Führer".

"Espere por mim", disse Röhm. Eu concordei com a cabeça e bati os calcanhares, fazendo a tradicional reverência dos soldados.

"Não fuja", avisou Röhm, beliscando meu traseiro tão forte, que eu soltei um grito. Aquilo iria deixar uma marca.

Depois, ele se dirigiu até o bar, com uma postura arrogante.

"Se for para a sala escura mais à esquerda, Hannah", aconselhou-me Oliver, em voz baixa. "Há uma porta que vai dar nas salas de maquiagem e também na saída dos fundos".

Fiquei chocada e sem saber o que dizer, ao perceber que Oliver havia me reconhecido. E se Röhm também tivesse? Engoli em seco, apenas.

"Hannah?", ele me alertou. "Precisa ser rápida".

"Obrigada", disse eu. "Por tudo".

Ele deu um sorriso apertado e disse: "Eu sabia que você daria um jeito na situação. Seu irmão merecia".

"Quando soube que ele estava morto?"

"Quando ele não apareceu para trabalhar, depois da noite em que foi à casa de Wilhelm, suspeitei que o pior tivesse acontecido. Agora, vá", disse ele, observando Röhm por cima do ombro.

"Eu trouxe uma mala".

"Direi a Wilhelm para deixá-la na porta da frente. Não sei o que está planejando, mas vá de uma vez. Não posso fazer mais nada; Röhm é um homem muito perigoso".

"Obrigada", repeti.

"Seu irmão gostaria de saber que a ajudei".

Fui até a sala escura da esquerda, com as pernas tremendo. Antes de fechar a porta da frente, vi Röhm acenar para mim. Não havia tranca. Na completa escuridão, tateei as paredes tentando

achar o caminho, mas meus sapatos grudaram no chão, e senti um calafrio.

Minha mão encontrou uma maçaneta nos fundos, mas a porta estava trancada. Passei a mão para tentar achar um ferrolho, na esperança de que pudesse destrancar a porta pelo lado de dentro, mas meus dedos molhados de suor escorregavam.

Respirei fundo, tentando me acalmar, e a porta da frente se abriu. Vi a silhueta de Röhm contra a luz. Virei meu corpo rapidamente, escondendo a maçaneta atrás das minhas costas.

Ele acendeu uma vela e a colocou sobre o banco. Naquela luz fraca e tremeluzente, seu rosto marcado pela cicatriz parecia quase normal. Ele atravessou a sala com dois passos ágeis e pressionou a palma da mão contra a porta de trás. Percebi que não haveria como fugir por ali, e soltei a maçaneta.

"Venha", ordenou. "Ajoelhe-se".

Fiquei parada olhando para ele, incapaz de me mover. Se corresse, não conseguiria sair, pois seus homens estavam por todo lado na boate. Mas precisava ir embora dali logo, ou todos os meus planos iriam por água abaixo.

Ele tirou uma capa dos ombros e a estendeu sobre o chão grudento, com um gesto treinado e cortês, típico de uma outra época. A sala era tão pequena, que a capa cobriu todo o chão.

Depois, segurou minha mão esquerda e, delicadamente, me puxou para longe da porta dos fundos. Demos um passo desajeitado e estávamos no meio da capa. Ele se ajoelhou e me puxou para uma posição de joelhos perto dele. Mesmo por sobre o manto, senti a madeira dura sob os meus joelhos.

"Não sou um bárbaro", disse ele. Gentilmente, inclinou-se para a frente e me beijou com delicadeza. Eu não conseguia nem pensar, estava paralisada, enquanto ele segurava de leve o meu punho.

E então ele levantou uma mão e a passou suavemente pelas minhas bochechas, dizendo: "Você se parece com alguém que amei muito".

"Eu... eu... eu...", gaguejei, percebendo, tarde demais, que tinha esquecido de engrossar a voz para fazê-la parecer com a de um homem.

"Mas você sabe disso melhor do que ninguém", afirmou ele, com um olhar triste. "Hannah".

Quando tentei me afastar, ele apertou os dedos em volta do meu punho. "Vim apenas para ver Anton", justifiquei.

"Para vê-lo, ou para levá-lo embora?", perguntou. "Eu o vi sair. Tenho gente o vigiando".

Abaixei a cabeça para que ele não visse minhas lágrimas. Não queria demonstrar fraqueza diante dele; muito menos agora, que eu havia perdido.

"Você é apenas uma mulher, Hannah", observou. "Eu comando muitos homens. Não há vergonha nenhuma em perder para um adversário mais forte".

"Anton diria que o verdadeiro guerreiro pode vencer qualquer inimigo, não importa o quão forte ele seja".

"Ele a ama muito", afirmou. "E pensa que é a mãe dele".

"Eu não disse isso a ele". Até poucos minutos atrás, pensei.

"Garotos precisam de uma mãe". reconheceu. "Eu venerava a minha mãe. Mas Ernst desprezava a de vocês, não é mesmo?"

Olhei para ele em choque, e pude ver pena em sua expressão. "Não sei como Ernst se sentia em relação à nossa mãe".

"Ele amava você como se fosse a própria mãe". Röhm acariciou meu traseiro, e seus olhos observavam meu rosto. "Você se parece tanto com ele".

"Deixe-me ir embora", fiz um esforço para manter minha voz equilibrada e depois segurei sua mão e a afastei do meu traseiro. Ele não impediu.

Sem soltar meu punho, mudou de posição e se sentou. A luz da vela iluminou seu rosto vermelho e suado, ele percorreu meu rosto com os olhos, com uma expressão de desejo, passou a língua pelos lábios e perguntou: "Você me acha repulsivo?"

"Não", menti. Tentei soltar meu punho, mas ele o apertou ainda mais, e eu chorei de dor.

"Você quer o garoto?", perguntou, ignorando meu choro.

Respondi que sim com a cabeça. Ele estava brincando de gato e rato comigo, e eu não iria lhe dar a satisfação de me ver dar o braço a torcer.

"Então, seja a mãe dele", sorriu como se tivesse encontrado a solução para todos os problemas.

"Como?", reagi, sentindo um arrepio na espinha.

"Case-se comigo", disse, puxando-me para o seu colo, com uma mão embaixo dos meus joelhos, e a outra na minha nuca. Senti seu pênis rígido nas minhas coxas. Os botões de seu uniforme pressionavam a faixa ao redor das minhas costelas, e uma dor aguda tomou conta da lateral do meu corpo.

"Será a mãe do garoto, viverá confortável e tranquilamente, e eu terei uma esposa para satisfazer o partido. Você seria uma esposa melhor para o partido do que uma ex-prostituta. E seu irmão gostaria de ver você tomando conta de Anton. Portanto, casar-se comigo resolveria muitos problemas", concluiu.

"Poderia resolver alguns problemas, mas, ao mesmo tempo, criaria outros", respirei fundo. Ursula teria me aconselhado a concordar com a proposta, o que me garantiria dinheiro, poder e o garoto. Mas eu também teria de aceitar Röhm, um nazista cruel. Eu preferia correr os riscos por conta própria, com o dinheiro da venda do rubi.

"Não necessariamente", disse, sapecando minha boca com beijos suados.

Tentei me desvencilhar de seus braços.

"Você se parece tanto com ele", exclamou, como se estivesse sonhando. "Se concordasse em usar esse uniforme algumas vezes, poderíamos até produzir filhos".

"Não concordo com nada disso", respondi. Meus braços estavam colados ao seu peito, como em um abraço entre amantes. Ele era tão mais forte que eu, que parecia nem perceber que eu lutava para me soltar. Então, ele me virou, para que minhas costas tocassem sua barriga, e passou as mãos pela minha cintura, segurando a fivela do meu cinto.

"Não preciso do seu consentimento, franguinho", avisou.

Tentei lutar, mas ele se mantinha firme como uma rocha. Arrancou meu cinto, e eu senti seus dedos fortes no botão das minhas calças. Tomada pelo pânico, gritei. Röhm espalmou sua mão sobre minha boca e meu nariz, impedindo-me de respirar.

"Isto não precisa ser desagradável, mas poderá ser", ameaçou.

Com uma mão, ele tapava a minha boca; com a outra, tirava minhas calças e roupas íntimas. As lágrimas desceram pelo meu rosto, escorrendo em seus dedos.

Ele me virou, e olhou dentro dos meus olhos cheios de pânico. "Posso soltar sua boca se prometer que não vai gritar".

Concordei com a cabeça. Ele soltou minha boca, e eu tentei recuperar a respiração.

Ele passou as mãos de cima a baixo nas minhas pernas nuas e me deitou sobre o manto; senti a lâ espetar meu traseiro. Ele segurou meus dois punhos com uma mão. Com a outra, soltou a fivela do próprio cinto, e o jogou no chão.

Fechei os olhos, tentando não sentir suas mãos ou seu corpo em mim. Por fim, confessei: "Eu estou com as cartas".

Ele me apertou com ainda mais força, deixando-me sem conseguir respirar. Comecei a sentir pontadas no local do ferimento, e minha visão começou a embaçar.

"Onde?", perguntou.

"Não c-consigo falar", gemi.

Ele soltou os braços, e eu consegui puxar um pouco de ar, com o peito ardendo de dor. Retirei a carta do meu bolso e disse: "Aqui está uma".

Röhm arrancou-a da minha mão e passou os olhos por ela.

"E as outras?"

"Estão em um lugar seguro. Com alguém que irá publicá-las, caso eu não entre em contato em uma hora", menti. Na verdade, era uma semana, mas Röhm não precisava saber.

"Tem uma bomba nas mãos, franguinho".

"E também a sua carreira. Talvez até a sua liberdade. 'Ode ao pau de Bootsie' soaria muito bem em um tribunal".

Ele afrouxou as mãos em volta dos meus punhos e disse: "A rima é muito bem pensada".

Sentei-me e encolhi as pernas, tentando cobrir minha nudez.

"Então", sorri maliciosamente. "Como ficamos?"

"Deixe-me ir embora com Anton", respondi, com a voz fraca. "E eu destruo as cartas". Doía-me dizer aquelas palavras; como poderia

conviver com Sarah e comigo mesma, se Röhm ganhasse mais poder?

"Antes, case-se comigo", pediu. "Diante de fotógrafos. Daí, deixo vocês dois partirem".

"Não", sacudi a cabeça. "Não confio em você".

"E eu devo confiar em você?"

"Você tem milhares de homens para me seguir, para me manter sob controle. Eu só tenho a mim mesma".

"E as cartas".

Encolhi os ombros, sem dizer uma palavra.

"Eu preciso ser visto como um pai, um marido, neste momento. Não posso desistir disso".

"Aquelas cartas deixam claro que você não é nada disso".

Ele pôs a mão na minha traqueia e disse: "Com chantagistas, a dívida é eterna".

Forcei a cabeça para trás, ele apertou com mais força, e eu ameacei: "Não tem mais tempo para me impedir; os jornais vespertinos serão impressos em uma hora".

"Uma hora pode ser mais longa do que você imagina". Seus olhos brilharam na luz tremeluzente da vela.

Fechei os olhos.

Ele soltou minha traqueia, balançando a cabeça. "Não consigo machucá-la se olhar no seu rosto. Vejo Bootsie. É como se ele estivesse aqui na sala conosco. Às vezes, na guerra..."

Massageei minha nuca.

"Eu amava o seu irmão", declarou. "Mais do que você é capaz de entender. Ele..."

Eu fiquei em silêncio. Não havia nada para falar. Agora, o jogo era só dele.

"Ele falava em você", contou Röhm, passando a ponta do dedo sobre as minhas sobrancelhas, uma depois da outra. "Ele confiava em você".

"Ele não iria gostar de saber que você me machucou".

Os olhos de Röhm estavam sonhadores novamente. Ele apoiou a mão em concha atrás da minha cabeça e acariciou meus cabelos com o polegar, quase sem perceber. Seus olhos se encheram de lágrimas.

"Ele se foi", lamentou. "Simples assim".

"Sinto a falta dele", desabafei, mudando de posição no áspero manto de lã. Queria me vestir novamente.

"Eu também", lamentou, com o olhar fixo na chama da vela. "Ele confiava em você. Dizia que você era honesta e que não sabia mentir".

Eu sorri.

Alguém bateu à porta e avisou: "Telefone. É urgente".

Röhm virou os olhos e respondeu: "Vá embora". E o homem não voltou a bater.

"Vou deixá-la ir hoje", continuou. Esticou a mão e passou-a pelos meus cabelos curtos. Eu rangi os dentes. "Com um acompanhante. Ele irá ajudá-la a recuperar as cartas; você vai se casar comigo; vai me proporcionar uma semana com os fotógrafos. Quero um casamento, com a noiva vestida de branco. E também uma lua-de-mel no Mar do Norte. Depois disso, poderá levar sua vida longe de mim".

Eu me encolhi.

"Se eu voltar a precisar de você, para fins de publicidade, vou chamá-la e você virá. Em troca, você e Anton poderão viver onde bem escolher".

Ele virou meu rosto e me olhou com seus olhos azuis severos. "Se publicar aquelas cartas, irá destruir a nós três. Eu vou encontrá-la e matá-la. Posso ter a sua palavra?"

"Sim, pode". Arranquei aquelas palavras da minha boca como se as vomitasse.

"Vista-se e vá resgatar as cartas", ordenou. "Meus homens irão segui-la. São em maior número do que você pensa. E do que poderá despistar".

Ele se inclinou e me beijou. Eu sabia que ele desejava que eu fosse Ernst, e que estava fingindo que eu era. Sua boca esmagou a minha, e senti gosto de sangue. Dele ou meu; ou de nós dois.

Limpei da minha boca o beijo de Röhm e me vesti, com as mãos tremendo, enquanto ele me observava. Ele se esquecera do anel de rubi; o anel que poderia me pagar uma nova identidade e a minha própria liberdade. As cartas, eu não iria publicar; manteria a minha palavra nesse assunto. Mas não iria me casar com ele e ficar para sempre acorrentada àquele homem; nem eu, nem Anton. Escaparíamos da Alemanha, fugiríamos tão depressa e para tão longe, que ele nunca nos encontraria. E eu jamais precisaria entrar novamente em uma sala escura com Röhm; fosse por amor, por dinheiro, ou por segurança.

A minha mala, contendo dois preciosos rubis e todo o dinheiro e roupas que eu tinha, estava na porta da frente. Peguei a mala e atravessei a rua correndo, esperando que não fosse tarde demais. Percebi que Boris havia retirado as placas de identificação do seu carro; uma precaução sensata. Boris tinha um dom para trabalhos secretos, e uma sagacidade inesperada.

Um homem com um uniforme da SA estava em pé, ao lado da Mercedes. Presumi que ele tivesse revistado a mala e encontrado as passagens de trem para Hamburgo que eu comprara mais cedo. Imaginei que, preocupado em não me deixar perceber que mexera nas minhas coisas, ele havia rearrumado a mala cuidadosamente.

Ele me cumprimentou, inclinando seu chapéu, e falou: "Fraulein Vogel, estou aqui para acompanhá-la e depois trazê-la de volta".

Eu concordei com a cabeça.

Antes de me sentar no banco da frente, verifiquei que Anton estava deitado, em segurança, no assento de trás. Boris me olhou em choque, e só então me lembrei que estava vestida como um homem.

"Obrigada por ter vindo", agradei, com os lábios inchados pelos beijos de Röhm.

"Você é cheia de surpresas", disse Boris, ligando o motor do automóvel. Ele dirigiu por um momento, e depois falou: "Quem sabe um dia poderemos ir de carro a algum lugar como pessoas normais".

"Estamos sendo seguidos", disse eu, olhando pela janela do fundo. "Pelo homem que estava parado junto ao carro".

Boris olhou pelo espelho retrovisor e completou: "Dois homens. Mas o carro deles não é tão potente quanto o meu".

Continuei observando, enquanto Boris acelerava. "Ainda estão nos seguindo", disse.

"Ninguém me segue", exclamou Boris. Ele começou a acelerar para valer, e o motor do carro parecia rugir de prazer. Anton gargalhava no banco de trás; eu fechei os olhos.

Boris fez uma curva fechada à esquerda e entrou pela contramão em uma rua de sentido único. Um carro buzinou para nós, e Boris subiu na calçada. Ouvi um rangido metálico vindo de baixo do carro, e me segurei firme, torcendo para que conseguíssemos despistar aqueles homens antes que atropelássemos alguém ou batêssemos em alguma coisa.

Olhei para trás e vi que eles estavam com dificuldades de ultrapassar o carro que vinha logo atrás, e que buzinará para nós.

Boris virou a direção para a esquerda, e temi que fôssemos capotar. Bati com o lado machucado do meu corpo contra a porta e soltei um gemido de dor. Anton levantou a cabeça para olhar, eu o mandei abaixar de volta e ele desapareceu atrás do encosto do banco.

Boris acelerou ainda mais e conseguiu entrar em uma estrada. Olhei para trás e não vi nossos perseguidores.

"Eles sumiram", afirmei.

"Vamos garantir um pouco mais de distância", disse Boris. Passamos em alta velocidade por um policial de luvas brancas que acenou e apitou para nós. Anton olhou para o policial; ele e Boris gargalharam.

"Você está se divertindo", eu disse para Boris.

"Qual o problema?", perguntou. "Eu nunca tive a chance de aproveitar esse carro como deveria".

"Mais depressa", gritou Anton, ao que Boris obedeceu.

Rasguei minha camisa nazista, esvaziei os bolsos e a atirei pela janela. Esfreguei o local onde estavam colados os meus fios de cabelo e arranquei o falso bigode.

Boris desacelerou e disse: "Acho que não estamos mais sendo seguidos".

Tirei as calças e joguei-as também pela janela.

"Não sei por que, mas não era assim que eu esperava vê-la nua novamente", disse Boris, me olhando, com um sorriso.

"Não temos muito tempo", justifiquei.

Ele levantou uma sobrancelha e perguntou, surpreso: "Ainda tem mais um compromisso?"

"Esperava que não", mordi o lábio. "Mas tenho".

"Qual o destino?"

Dei a ele o endereço de Sarah, enquanto tirava da mala um vestido e meias-calças, feliz de poder voltar a ser mulher. Como eu esperava, minha mala havia sido remexida. Soube o que os homens de Röhm faziam, no instante em que ele disse o meu nome na sala escura. Portanto, eles sabiam que a mala continha passagens de trem para Hamburgo. Sorri, imaginando-os revistando a estação de trem inteira.

No apartamento de Sarah, resgatei um par de passagens de avião, um visto falsificado para a Inglaterra e dois passaportes falsos, que eu havia escondido mais cedo na caixa de correspondências. Verifiquei as horas no relógio do apartamento; tínhamos pouquíssimo tempo para chegar aonde deveríamos.

Mais uma vez, Boris dirigiu como um louco e, não muito tempo depois, estávamos estacionando no Aeroporto de Tempelhof.

"Obrigada", disse, passando a mão pela mala, onde estavam os documentos falsos que eu criara no presídio Tegel naquela manhã, em troca de vinte pacotes de cigarros e três peças de ouro. Ninguém sabia sobre eles, a não ser eu mesma e Herr Silbert, o falsificador. Anton e eu teríamos de deixar a Inglaterra antes que Röhm nos encontrasse lá, e eu ainda não sabia ao certo para onde iríamos.

Em primeiro lugar, Röhm não pensava que eu tivesse dinheiro para passagens de avião. Além disso, eu imaginava que ele iria perder tempo procurando por nós em Hamburgo, por causa das passagens que eu havia plantado na minha mala, que eu sabia que seus homens revistariam.

Boris se virou e pegou um chapéu que estava no banco de trás. "É de Trudi, mas sei que ela não sentirá falta. Seu cabelo está horrível".

"Pensei que estivesse ousado". Coloquei o chapéu na cabeça e me olhei no espelho. Parecia uma mulher novamente; mas uma mulher sem seios.

"Se fizesse o meu tipo", disse Boris, com um sorriso nos lábios, mas uma expressão triste nos olhos de brilho dourado.

Passsei a mão sobre o seu rosto bem barbeado e respondi: "Ainda bem que não faz".

"Telefone para mim quando chegar lá, para que eu saiba que está bem", pediu. Depois, ficou quieto e passou a língua sobre os lábios. Eu me inclinei e dei-lhe um beijo rápido. Nem ousei prolongar o beijo, pois não poderia ceder à tentação de ficar com ele. "Estarei em Londres em agosto, para participar de uma conferência de Finanças", acrescentou.

"Posso ir encontrá-lo, se ainda estivermos lá", disse, com o coração apertado, pois não poderíamos ficar em Londres por muito tempo.

"Se não estiver, terei uma outra conferência em Nova York, em dezembro".

"É um viajante do mundo", sorri.

Ele passou um braço em torno da minha nuca e me beijou, devagar e delicadamente. Senti dor, por causa da ferida que Röhm provocara na minha boca, mas não quis que ele parasse. "Hannah", disse ele, surpreso. "Seus lábios estão sangrando".

"É uma longa história", respondi, olhando em seus olhos cheios de preocupação.

Anton pulou para o banco da frente e disse: "Adoro histórias".

Boris abriu espaço no assento, e eu entreguei Winnetou a Anton, dizendo-lhe: "Ele sentiu sua falta".

Anton pegou o urso e o abraçou. "O que houve com os olhos dele?", perguntou.

"Eles enxergam coisas mágicas", respondi. "Cuide bem deles".

Anton concordou obedientemente.

Boris olhou para o garoto, que segurava o urso e nos observava, desconfiado. "Tenho um presente para você, pequeno guerreiro", anunciou Boris, pegando do banco traseiro um pacote embrulhado em papel marrom. "Imaginei que você pudesse abrir na minha casa".

Mordi o lábio, e Boris tossiu limpando a garganta. "Abra no avião", disse eu. "Não temos tempo para isso agora".

Atravessamos a plataforma apressados; Boris, de um lado, segurando minha mão e minha mala, e Anton, do outro, agarrando minha outra mão. Como eu queria poder ficar com os dois. Apertei a mão de Boris, de quem eu teria de me separar.

"Precisa de dinheiro?", perguntou Boris. "Para a viagem?"

Respondi que não. "Estamos bem preparados".

Ao chegarmos à base da escada que levava ao avião, Boris me beijou uma última vez, devagar e longamente, apagando qualquer rastro de Röhm. Não queria que ele parasse nunca, mas, enfim, tive de afastá-lo.

Ele acariciou minha bochecha com a mão.

"Se as coisas tivessem acontecido de outra forma", disse eu, tocando seus lábios com o dedo. "Eu ficaria".

"Se as coisas tivessem acontecido de outra forma", ele respondeu. "Eu teria insistido para que ficasse".

"Mas as coisas não aconteceram de outra forma".

"Você conseguirá voltar à Alemanha algum dia?"

"Desconfio que Röhm não desistirá tão cedo de seu filho".

Boris concordou com a cabeça e disse: "Eu também não desistiria".

"Nem eu", respondi, afastando-me de seus braços.

"Não espero que você desista", suspirou Boris.

"Desculpe-me senhorita", anunciou um homem corpulento, vestido com um sobretudo. "Tenho que recolher a escada agora. Precisa subir, se pretende embarcar neste avião".

Concordei com a cabeça e me virei para a escada, dando as costas para Boris, para que ele não me visse chorar. Agarrei no corrimão e subi os degraus. Precisava ser forte.

Do alto da escada, virei para trás e Boris me acenou com a mão. Acenei de volta, com os olhos embaçados pelas lágrimas. Provavelmente, não o veria nunca mais, e não havia a menor chance de construirmos uma vida juntos. Senti como se estivesse perdendo Walter novamente.

Anton pulava para cima e para baixo e agitava seu lenço de seda vermelho. "Até que nossos trilhos se cruzem novamente", exclamava.

O vento arrancou o lenço de sua mão e ele gritou.

"Já foi", disse eu, quando ele fez menção de descer as escadas para ir buscar.

"Mas era a última coisa que você me deu, antes—"

"Não vai mais ser a última coisa, eu prometo".

Anton não parecia totalmente convencido, quando o puxei para dentro do avião. "Você está em segurança agora", garanti. "Nós estamos em segurança, e teremos muitos anos juntos pela frente", disse-lhe, observando a porta do avião se fechar, e esperando estar certa sobre o que falava.

O barulho do motor ficou mais alto e estridente, e eu percebi, pela primeira vez, que estava com medo de viajar de avião. Agarrei os braços do meu assento. Logo, estaríamos deixando o chão e eu estaria deixando para trás tudo o que me era familiar, com um garotinho que eu mal conhecia.

Anton, sem prestar atenção à minha insegurança, encostou o rosto na janela para observar o chão passar por nós. Decolamos e atravessamos as nuvens, para longe de Berlim, de Boris, e da vida que eu poderia ter tido com ele. E para longe também de Röhm, pelo menos por enquanto. Queria saber por quanto tempo conseguiríamos escapar de Röhm, se ele tentasse ir atrás de nós.

Depois de passar alguns minutos observando as nuvens, Anton desembalou o presente que ganhara de Boris. Eram os três volumes da série Winnetou, de Karl May. Cobri o meu colo e o de Anton com a minha echarpe de seda verde com estampa de pavão e me preparei para ler para ele o primeiro volume, que ele já conhecia de cor.

• Glossário

Abitur. O equivalente alemão do diploma do ensino médio.

absinto. Bebida alcoólica amarga à base de erva, que foi proibida na Europa e nos Estados Unidos porque se dizia que causava loucura. Atualmente, seu consumo é novamente permitido em algumas partes da Europa e nos Estados Unidos.

Alexanderplatz. Principal delegacia de polícia em Berlim durante a Segunda Guerra Mundial. Também conhecida como Alex.

Bahnhof. Estação de trem ou metrô.

Berliner weisse. Cerveja de trigo clara produzida em Berlim, normalmente consumida com uma dose de xarope de framboesa ou aspérula.

Berolina. Empresa de turismo de Berlim.

El Dorado. Bar gay em Berlim, popular nos anos 1920 e início dos anos 1930. Foi fechado pelos nazistas e reaberto novamente nos anos 1990.

Ernst Röhm. Um dos primeiros integrantes do partido Nacional Socialista, muito próximo de Adolf Hitler, citado frequentemente como tendo sido o maior responsável por levar Hitler ao poder. Declaradamente homossexual.

Ala dos mortos não identificados. Ala da delegacia de polícia da Alexanderplatz que exibia fotografias emolduradas de corpos encontrados pela polícia sem identificação.

Horst Wessel. Jovem nazista transformado em mártir pelo partido após ter sido morto por um comunista. "A Canção de Horst Wessel", escrita por ele, tornou-se hino nazista.

jawohl. Forma enfática de responder "sim".

Kaiser. Líder da Alemanha antes da fundação da República Weimar. Após a Primeira Guerra Mundial, o último Kaiser, Wilhelm II, abdicou do trono e fugiu para a Holanda.

Kinder, Küche, Kirche. Crianças, cozinha, igreja. Assuntos aos quais as mulheres deveriam ficar restritas, segundo a política do partido nazista.

Kölnisch Wasser. Famosa colônia alemã criada no início dos anos 1700. Literalmente traduzida para o português como "água de colônia". É vendida até hoje.

Kommissar. Categoria hierárquica do departamento de polícia, de grau semelhante ao do tenente.

Mosse House. Prédio sede do jornal *Berliner Tageblatt*, onde Hannah Vogel trabalhava. Foi parcialmente destruído durante a rebelião espartaquista em Berlim, em 1918, e restaurado por Enrich Mendelsohn, famoso arquiteto alemão. Foi novamente atingido durante a Segunda Guerra Mundial e voltou a ser restaurado em 1990.

Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (Partido Nazista). Partido liderado por Adolf Hitler que veio a assumir o controle da Alemanha.

Parágrafo 175. Parágrafo do código penal alemão que classificava o homossexualismo como crime. Esteve em vigor de 1871 a 1994. Durante o regime nazista, as pessoas condenadas por transgredir o Parágrafo 175, o que não dependia de contato físico, eram mandadas aos campos de concentração, onde muitos morreram.

Peter Kürten. Assassino em série de Düsseldorf, preso, levado a julgamento e condenado a execução por guilhotina pouco antes do período em que se passa o romance. Hannah Vogel teria trabalhado na cobertura de seu julgamento sensacionalista.

pfennigs. Centavos do Reichsmark, a moeda alemã da época.

Reichsmark. A moeda vigente na Alemanha de 1924 a 1948. Substituiu o Papiermark, que perdeu o valor em 1923 devido à hiperinflação. Em 1 de janeiro de 1923, um dólar americano valia 9 mil Reichsmarks. Em novembro do mesmo ano, já valia pouco mais de 4 trilhões de Reichsmarks. Fortunas foram perdidas de um dia para o outro. Em 1924, a moeda foi revalorizada e permaneceu razoavelmente estável até 1929, quando aconteceu a quebra da Bolsa de Nova York. No período em que se passa o romance, um dólar americano valia 4,23 Reichsmarks.

Reichstag. Assembléia legislativa eleita para representar o povo alemão.

Schultheiss pilsner. Cerveja clara fermentada e armazenada a baixas temperaturas, produzida em Berlim pela fábrica de mesmo nome.

Schutz Staffel (SS). Organização paramilitar nazista, fundada como uma força de elite para ser usada como segurança particular de Hitler. Era liderada por Heinrich Himmler.

Sturm Abteilung (SA, ou Tropa de Assalto). Organização paramilitar nazista usada para ajudar a intimidar os oponentes de Hitler. Era liderada por Ernst Röhm.

Tempelhof . Famoso aeroporto de Berlim. Foi reformado durante o regime nazista, utilizado na Segunda Guerra Mundial e se tornou centro do transporte aéreo tático em 1948. Atualmente, está desativado.

Wannsee. Nome de um bairro e de um conjunto de lagos. Famoso ponto de lazer em Berlim, com uma das maiores praias de água doce da Europa. No entanto, Wannsee tornou-se famoso principalmente porque foi em uma propriedade no local, em 20 de janeiro de 1942, que os nazistas de alto escalão chegaram à "solução final da questão judaica", ou seja, a decisão pelo extermínio de todos os judeus na Europa.

República Weimar. Nome dado ao governo alemão do final da Primeira Guerra Mundial até a tomada pelos nazistas (1919 - 1933).

Wertheim. Grande rede de lojas de departamentos da Alemanha. No período em que se passa o romance, a loja era a maior de Berlim. Mais tarde, foi tomada pelos nazistas, já que os donos eram judeus. Em 2006, os herdeiros da família Wertheim processaram, com sucesso, uma outra rede que comprou a loja depois da Segunda Guerra Mundial. A propriedade em questão é hoje avaliada em 350 milhões de dólares.

Zehlendorf. Bairro nobre de Berlim, onde fica a casa de Boris, na avenida Kronprinzen, que mais tarde teve o nome alterado para Clayallee, em homenagem ao general americano que ordenou a ponte aérea de Berlim, em 1948.

• Nota da autora

Um Rastro de Fumaça se passa em Berlim, em 1931, o ano em que a Alemanha foi perdida para o nazismo. Embora os personagens sejam, em sua maioria, fictícios, seu mundo é baseado em uma meticulosa pesquisa. Quando morei em Berlim por três anos, entre a metade e o final da década de 1980, fiquei fascinada pela cidade, sua história e pela língua alemã. Lá, concluí o ensino médio e cursei um semestre da faculdade. Ao escolher a Alemanha dos anos 1930 como tópico da minha dissertação final em história na Carnegie Mellon University, lembrei-me da cidade que tanto amava e do triângulo cor-de-rosa que vira no campo de concentração de Dachau, indicando que o local havia recebido prisioneiros homossexuais. Em 1989, comecei a pesquisar o que havia acontecido com eles, tarefa difícil, pois não havia muita literatura sobre o assunto. Quando retornei ao tema, anos atrás, para escrever este romance, tive o prazer de encontrar fontes primárias e secundárias riquíssimas de informações.

Muitos dos locais mencionados no romance existiram da forma como os descrevi. A história tem início quando a personagem principal encontra, na ala dos mortos não identificados, uma fotografia de seu irmão. O local, no porão da delegacia de polícia da Alexanderplatz, em Berlim, foi assustadoramente descrito pelo escritor Joseph Roth, em um artigo publicado em 1923, que faz parte de *Berlim*, coletânea de artigos e ensaios produzidos pelo autor entre 1920 e 1933.

Os jornais atrás dos quais ela quer se esconder e muitos dos detalhes visuais do romance aparecem no filme *Berlim: Sinfonia da Metrópole*, documentário de 1927, que mostra um dia na vida da cidade, retratando pessoas comuns de Berlim em seus afazeres de rotina, desde as primeiras horas da manhã até tarde da noite. O jornal para o qual a protagonista trabalha, o *Berliner Tageblatt*, era editado pela Mosse House, editora que deu nome ao prédio comercial que descrevi no livro. Não sei dizer se eles trouxeram detalhes do julgamento do Vampiro de Düsseldorf, um dos primeiros

assassinos em série de que se tem notícia, mas muitos jornais alemães cobriram o episódio, em meados de 1931.

O apartamento de Hannah é semelhante ao da mãe das cenas iniciais do filme *M., o Vampiro de Düsseldorf*, de Fritz Lang, lançado pouco antes de quando se inicia meu romance. Vi apartamentos semelhantes, no final dos anos 1980, quando visitei colegas de escola em Kreuzberg, bairro de Berlim.

A boate onde o irmão de Hannah canta, o El Dorado, existia de fato em 1931, tornou-se um quartel-general dos políticos nazistas em 1933, e hoje funciona novamente como um bar gay. Tomei contato com o local pela primeira vez, enquanto fazia pesquisas para minha dissertação histórica. Na internet, há inúmeras fotos de sua fachada. Fotos de seu interior, incluindo seus dançarinos, além de cartas da época, descrevendo o que acontecia no local, podem ser vistas no livro de Mel Gordon *Voluptuous Panic: the Erotic World of Weimar Berlin* [Pânico Voluptuoso: o Mundo Erótico de Berlim na era Weimar, em tradução livre].

Quando morei em Berlim, costumava fazer compras na loja de departamentos Wertheim, mas não conhecia sua complicada história, até que decidi mandar minha personagem principal para enfrentar os nazistas lá. A loja, localizada na Leipziger Strasse, foi retratada em inúmeras fotografias, e sua fascinante história está documentada na internet e em matérias de jornais. Foi roubada dos proprietários judeus pelos nazistas, para acabar nas mãos dos comunistas na Alemanha Oriental. Recentemente, foi objeto de uma disputa judicial, aberta pelos herdeiros da família Werttheim.

Ernst Röhm existiu de fato, ajudou Hitler a chegar ao poder e foi um de seus amigos mais próximos. Soldado carismático, condecorado diversas vezes durante a Primeira Guerra Mundial, ele expandiu a Sturm Abteilung (Tropa de Assalto) de 80 mil homens para mais de 4 milhões, em apenas três anos. Era declaradamente homossexual e por isso foi levado a julgamento em 1932, com base em suas cartas, de conteúdo explicitamente sexual, semelhantes àquelas citadas no livro, embora não tão pitorescas. As cartas vazaram para a imprensa durante seu julgamento por transgressões ao Parágrafo 175, e foram publicadas pelo *Munich Post* em 1931 e

1932. Foi absolvido. Eu tive a sorte de encontrar e de poder estudar uma das cópias originais de sua autobiografia, de 1928, na Berkeley's Doe Library. Acredito que o livro não tenha tradução para o inglês, nem tenha sido publicado usando a grafia alemã moderna. Sua tendência de recrutar homens jovens e atraentes para trabalhar ao seu lado foi comentada pela socialite e jornalista Bella Fromm em seu livro *Blood and Banquets* [Sangue e Banquetes, em tradução livre]; e uma visita feita por ele ao El Dorado é descrita por Sefton Delmer em seu livro autobiográfico *O Espião Fantasma*. Não existe qualquer evidência de que Ernst Röhm tenha tido um filho, e todos os encontros que ele mantém no romance são fictícios.

Encontrei muitas fotografias e mapas antigos, incluindo um do metrô, datado do verão de 1931, que a protagonista poderia levar na bolsa, além de fotos do prédio onde ela trabalhava, da Wertheim, da estação de metrô Wittenbergplatz, da igreja Memorial Kaiser Wilhelm, e da boate gay onde o irmão dela cantava. Todos os filmes, jornais e revistas mencionados no romance existiram naquela época. A maioria dos produtos citados, como as meias Elbeo e os cigarros Ravenklau eram anunciados em comerciais na revista *Berliner Illustrierte Zeitung*, em 1931.

Embora o garoto Anton não tenha sido inspirado em uma pessoa real, peguei emprestada sua maneira de falar de um personagem menor do filme *Emil e os Detetives*, rodado e lançado em Berlim em 1931. Karl May, o autor favorito do garoto, foi o escritor alemão mais lido em todos os tempos. Seus livros ambientados no faroeste americano são muito conhecidos e eram admirados na infância por Albert Einstein, Ernst Röhm, Adolf Hitler e muitas outras crianças alemãs dos anos 1890 até hoje.

As informações gerais também vieram de fontes primárias que não cheguei a mencionar, como os diários de Harry Kessler e William Shirer, e uma coleção de 1931 da revista *Berliner Illustrierte Zeitung*. Entre as fontes secundárias adicionais, estão *Ascensão e Queda do Terceiro Reich*, de William Shirer; *When Biology Became Destiny: Women in Weimar and Nazi Germany* [Quando a Biologia Torna-se Destino: As Mulheres na Alemanha de Weimar e do Nazismo, em tradução livre], de Renate Bridenthal, Anita Grossman, e Marion

Kaplan; *A Cultura de Weimar*, de Peter Gay; *The Weimar Republic Sourcebook* [O Guia da República Weimar], de Anton Kaes, Martin Jay, e Edward Dimendberg; *Weimar: A Cultural History 1918-1933* [Weimar: Uma História Cultural], de Walter Laqueur; *Antes do Dilúvio*, de Otto Friedrich; *Marlene Dietrich*, de Maria Riva; e *Lenya: A Life* [A Vida de Lotte Lenya], de Donald Spoto. Li diversos romances maravilhosos ambientados em Berlim, desde *Berlin Stories* [Histórias de Berlim], de Christopher Isherwood, até a trilogia *Berlin Noir* e *Um do Outro*, de Philip Kerr, passando por *O Bom Alemão*, de Joseph Kanon.

• Agradecimentos

Foram tantas as pessoas que me ajudaram a criar *Um Rastro de Fumaça*, que não teria espaço para citar todas elas, mas farei o melhor possível.

Obrigada às minhas atenciosas e eficientes editoras Kristin Sevick e Claire Eddy, por darem vazão às emoções de Hannah, captando-as nos mínimos detalhes e, de uma forma geral, tornando este livro melhor.

Obrigada à minha fiel e talentosa agente Elizabeth Evans, da Reece Halsey North, por não ter desistido nunca, nem por um segundo, e, da mesma forma, à adorável Kimberly Cameron, por se arriscar comigo em Maui.

A todos aqueles que me prestaram consultoria histórica, técnica e de moda: Mysti Rubert, Michael Palmieri, Chris Keane, Brigitte Goldstein, James Bisso (pelo precioso achado, que foi a cópia da autobiografia de Ernst Röhm, de 1928), Richard Friedman, Richard Gorey (pelo maravilhoso book trailer), James Rollins, David Lang, Karen Joy Fowler, Norah Charles, Angela Marklew, Jeannie Bollet, John e Carl McCormick. Qualquer erro que eu possa ter cometido a despeito de toda essa ajuda é culpa da minha teimosia. Um agradecimento especial também para Anthony Stallone, por ter me guiado por um mundo desconhecido. Espero que possam enxergar onde a trilha acabou. Obrigada a Stephen Spittler, meu professor de inglês do ensino médio em Berlim. Será que posso usar fragmentos de frases, agora? Obrigada à inacreditável família Carroll, por ter me deixado viver na casa de Boris em Berlim, muito antes de eu saber o que ela seria. *Vielen dank* a Mirna Stefanovic Derfel e Jörg Derfel, por terem me guiado pela geografia moderna do meu livro, e à edição em Berlim do (dicionário) Duden.

Tenho uma dívida especial de gratidão com a equipe da Kona Ink. Esses escritores maravilhosos me ajudaram a manter meu ritmo de linguagem, argumento, enredo e personagens, à base de muita diet Coke. Obrigada a David Deardoff, Judith Heath, Karen Hollinger,

e Kathryn Wadsworth. Mal posso esperar para ver seus livros impressos.

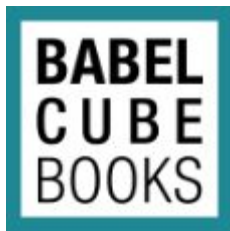
Mas nada disso aconteceria sem o apoio daqueles mais próximos a mim. Um agradecimento especial àqueles que me deram o principal. Ao meu sobrinho Frank, Elsbeth e mamãe, por terem segurado as pontas enquanto eu cuidava do enredo do livro. Ao meu marido, Toby, por ter me garantido o tempo, o espaço e a segurança financeira necessários para concluir o livro, e por ter me deixado ler para ele cada palavra sem nunca reclamar, mesmo quando eu parava para murmurar e assinalar alguma coisa. Ao meu filho, Max, que sempre esperou pacientemente até que eu terminasse de escrever para assumir meu mais importante trabalho, o de ser mãe. Ao meu pai, Ralph Edward Cantrell, por saber desde sempre que eu seria uma escritora. Queria que estivesse aqui para ver.

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação , mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com

[1] Papai, em alemão (N. do T.)

[2] Típica salsicha alemã, composta por uma mistura de carnes bovina e suína (N. do T.)

[3] Os três títulos se referem a produções alemãs da década de 1930. Os dois últimos, em uma tradução livre, correspondem a *Os Três Homens no Posto de Gasolina* e *Tempestade sobre o Mont Blanc*, respectivamente (N. do T.).

[4] *Quatro Anos de Assassinato Político*, em tradução livre (N. do T.).

[5] A autora faz um trocadilho com o sobrenome von Reiche, já que, em alemão, *reich* significa "rico" (N. do T.).

[6] Típica receita alemã de assado de carne, marinado em uma mistura de ingredientes que lhe conferem o característico sabor agridoce (N. do T.)